



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL

DESCRIÇÃO GRAMATICAL DA LÍNGUA ARAWETÉ

ELIETE DE JESUS BARARUÁ SOLANO

BRASÍLIA

2009



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL

DESCRIÇÃO GRAMATICAL DA LÍNGUA ARAWETÉ

ELIETE DE JESUS BARARUÁ SOLANO

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Lingüística do Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Área de Concentração: Línguas Indígenas
Orientadora: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

BRASÍLIA

2009



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL

DESCRIÇÃO GRAMATICAL DA LÍNGUA ARAWETÉ

ELIETE DE JESUS BARARUÁ SOLANO

Banca examinadora:

Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

(Orientadora da tese e presidente da banca)

Prof. Dr. Aryon Dall’Igna Rodrigues

(Membro efetivo interno)

Profa. Dra. Márcia Dâmaso Vieira

(Membro efetivo externo)

Profa. Dra. Dulce do Carmo Franceschini

(Membro efetivo externo)

Profa. Dra. Rozana Reigota Naves

(Membro efetivo interno)

Profa. Dra. Marília Facó Soares

(Membro suplente externo)

BRASÍLIA
2009

‘Como se sabe, o processo de aculturação é irretorquível. Sua condução exigirá muita paciência, sabedoria e bom senso das pessoas em contacto cotidiano com os Araweté: os funcionários do Posto. Para que ele não seja acelerado demasiadamente, a medida preventiva a ser tomada, de imediato, é a demarcação do território tribal. Isto é tanto mais urgente, considerando-se o projeto de construção de uma hidrelétrica no Xingu e a conseqüente inundação de grandes extensões das terras dos Asuriní e Araweté - bem como a valorização das limítrofes’

Berta Ribeiro (1983)

AGRADECIMENTOS

A Deus, presença constante em minha vida.

A meus pais – Arivaldo Pinheiro Solano e Maria das Graças Bararuá Solano, por me amarem e me apoiarem incondicionalmente. Devo a vocês tudo o que sou.

A meus irmãos – Orivaldo, Solano, Graciete, Odete e Clívia – pelo carinho, amor e compreensão que sempre tiveram comigo, mesmo quando estive ausente em vários momentos importantes de suas vidas.

A minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, lingüista competente e dedicada, por ter aceitado a difícil tarefa de orientar a descrição gramatical de uma língua indígena, cuja descrição apenas havia sido iniciada e sobre a qual ainda se sabia tão pouco, e por “ter enlouquecido” junto comigo diante de milhares de dados do Araweté, que embora soubéssemos por onde começar, abriam tantos caminhos de análise, que tornaram difícil saber em que ponto parar; à minha sábia orientadora, que “vive essas línguas indígenas”, meus mais sinceros agradecimentos por ter-me ensinado, em incontáveis horas de orientação, que uma descrição lingüística deve seguir princípios teóricos, mas deve também ter fundamentos estruturais, funcionais e, quando possível, deve valer-se dos ensinamentos que a história das línguas oferecem. Foi esse ensinamento que nos fez ir tão longe na descrição do Araweté (digo “nos fez” porque grande parte dos entendimentos gramaticais vieram da professora, a partir dos resultados de suas pesquisas e de seus conhecimentos de outras línguas) e que me impediu de cometer inúmeros equívocos. De coração, muito obrigada.

Ao Prof. Dr. Aryon Dall’Igna Rodrigues, coordenador do Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, a quem chamo nas conversas informais de “oráculo das línguas indígenas”, por sua sapiência constante e invejável; minha profunda admiração e gratidão, por compartilhar seus ensinamentos lingüísticos de modo simples, mas profundo nas teorias, por discutir aspectos gramaticais da língua Araweté relevantes para a descrição em foco, e pela paciência em revisar e/ou corrigir, em meio a seus tantos compromissos, partes relevantes de minha tese. Continuarei uma de suas fãs.

À etnia Araweté, grande autora do conteúdo desta tese, que me acolheu em todos os momentos da pesquisa, principalmente no período de quatro meses em que vivi na aldeia Ipixuna, e que teve paciência e boa vontade em me ensinar seu patrimônio mais valioso, a língua Araweté. Queridos Araweté, esta tese é de vocês e para vocês!!!

A CAPES pela bolsa de estudos que me foi concedida pelo período de 2006 a 2007.

Ao CNPq pelo apoio ao projeto coordenado pelo Professor Aryon Dall’Igna Rodrigues, Banco de Dados de Línguas Indígenas Brasileiras (LALI-UnB), sem o qual parte importante da pesquisa de campo não teria sido possível.

Às Profa. Dra. Josênia Antunes, que me acolheu no Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de Brasília em 2006 e à Profa. Dra. Heloísa Moreira Salles, atual Coordenadora do mesmo programa, pela compreensão e competente cooperação.

Aos Professores do Curso de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de Brasília, Hildo Honório do Couto, Enilde Faulstich, Danielle Grannier, assim como ao Prof. Wilmar D’Angelis, cujas aulas tive a satisfação de freqüentar.

À Renata de Carvalho Leite, eficiente secretária do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UnB, pelo carinho e competência na resolução de todos os entraves burocráticos que surgiram e que poderiam, sem a sua ajuda, ter interferido no bom andamento do presente trabalho.

Ao Senhor Benigno Marques, administrador da FUNAI em Altamira, por ter-me permitido o acesso à área Terra Indígena Araweté/Igarapé Ipixuna para a realização da pesquisa e pelas cordiais conversas que muito me instruíram sobre o povo Araweté.

Às pessoas da FUNAI que atuam no Posto Indígena Ipixuna – Nivaldo Porfírio Rodrigues Gomes (chefe do posto), Patrícia, Maria Silva e Luciana Santos (técnicas em enfermagem), Alexandra Leite, Neura de Sousa e Silvana da Veiga Pereira (professoras); e também Otacílio Santos, Bem-te-vi e Sr. Eládio, (que me conduziram com tanto carinho em seus barcos), pelo compartilhamento e ensinamento de experiências em área indígena, que me ajudaram a entender a nova experiência que estava vivendo, e pelas conversas cheias de risadas, nos momentos em que a solidão e a saudade (de nossos outros parentes) vinham “bater em nossas portas”.

Agradeço de coração aos grandes professores de línguas Tupí que encontrei nas “ruas de rio” do Xingu – Tapaká’i e Mirá da etnia Asuriní do Xingu, Josenir Xipayá e Maria Xipáya, e Maria Kuruaya e Paulo Kuruaya, estes falecidos no ano de 2006, que com tanto carinho me ensinaram um pouco de suas respectivas línguas nativas e contribuíram com importantes dados para o acervo lingüístico do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília.

Agradeço a Fabrício Amorim por me trazer da área Ipixuna, com tanta boa vontade, os censos relativos ao povo Araweté, assim como pelo esmero com que preparou os mapas usados nesta tese.

Aos meus amigos, queridos do coração, do curso de mestrado e de doutorado em Lingüística da UnB: Ana Dilma Pereira, Décio Bessa da Costa, Sandra Patrícia de Faria, Célia Faria Almeida, Cibele Brandão de Oliveira, Rachel Brandão, Marina Magalhães, Juliana Pereira dos Santos, Andrébio Martins, Juliana Ferreira Alves, Eneida Gonzaga dos Santos, Eduardo Vasconcelos e Edineide dos Santos Silva, pelos momentos em que partilhamos não só saberes acadêmicos, mas experiências familiares, pessoais, momentos de saudades.

Às amigas e conterrâneas de Belém, PA, Raimunda Benedita Cristina Caldas e Tabita da Silva Fernandes, que aceitaram, assim como eu, o desafio de fazer um doutorado em outro Estado - e que me confortaram nos momentos em que pensei em desistir de tudo - minha sincera gratidão pelas horas de apoio moral e pelas orientações acadêmicas que tanto me ajudaram, na rica experiência que vivemos juntas através do rio Gurupí, trabalhando com a língua Tembé, o que contribuiu para que minha pesquisa de campo junto aos Araweté fosse muito bem sucedida.

Às amigas de apartamento da Colina-UnB – Tânia Carvalho, Débora Zocolli e Elza Gabriela Godinho, pela amizade sincera e divertida e pela fraternal convivência.

À Rudá Cabral e a Nicolas Cabral pelo carinho que me deram ao longo dos últimos sete anos, mesmo tendo eu tirado muitas horas de atenção de sua mãe.

Aos amigos Janilson Martins, Tiago Romeiro de Jesus, Thiago Oliveira, Janaína Thaines Moreira, Emília Andrade, Flávia Silva, Simoneide, Glaucy Figueiredo, Ribamar Castro e Lirian Martini, por sempre acreditarem em meu sucesso acadêmico.

Agradeço aos amigos queridos do Laboratório de Línguas Indígenas da UnB pela amizade e cooperativo convívio acadêmico, Sanderson Castro Soares de Oliveira, que conhece parte de minha história e trajetória, Fernando Orphão, meu futuro parceiro de artigos, Lidiane Szerwinsk, que me auxiliou com carinho na formatação dos textos e no uso de programas lingüísticos, Maxwell Gomes Miranda, meu grande ajudante na revisão e formatação de capítulos da tese. Agradeço também a Chandra Viegas, Suseile Andrade Sousa e Ariel do Couto e Silva, os mais jovens pesquisadores do LALI, pelo cordial tratamento.

Um agradecimento especial para Edilson Melgueiro Martins Baniwa, para Joaquim Mana Kaxinawá e Aisanain Paltu Kamayurá, com quem tive o prazer de conviver no Laboratório de Línguas Indígenas da UnB e aprender um pouco de suas ricas experiências étnico-lingüístico-culturais.

RESUMO

Esta tese de doutorado apresenta uma primeira descrição aprofundada da gramática da língua Araweté, que é um dos membros do sub-ramo V da família lingüística Tupí-Guaraní (RODRIGUES, 1985; RODRIGUES e CABRAL, 2002), o qual, por sua vez, é um dos dez ramos do troco Tupí (RODRIGUES, 1985, 1984-1985, 1997, 1999). O Araweté é falado por um grupo de aproximadamente 380 pessoas, as quais se distribuem em três aldeias (Ipixuna, Pakajã, Juafi) situadas à margem esquerda do rio Ipixuna (baixo Xingu), na Terra Indígena Ipixuna, município de Altamira, Estado do Pará.

Este estudo da gramática Araweté parte do princípio de que as línguas servem primordialmente para a comunicação entre seres humanos, o qual não deve ser perdido de vista na descrição lingüística. O estudo foi realizado consoante abordagens funcionalistas das línguas (SAPIR, 1921; TESNIÈRE, 1953; COSERIU, 1972; BENVENISTE 1976; LEHMAN 1981; FOLLEY & VAN VALIN 1984; MITHUN 1984, 1986; BROWN & LEVINSON, 1987; COMRIE, 1989; TALMY 1985; SHOPEN, 1985; JAKOBSON 1990, entre outros), considerando o pressuposto de que são elaboradamente estruturadas e se caracterizam como entidades constituídas de subsistemas (lexical, fonológico, morfológico, sintático e semântico), os quais se inter-relacionam em diversos e diferentes modos (cf. MEILLET, 1925; THOMASON & KAUFMAN, 1986; CAMPBELL, 2000), de forma que nenhum deles pode ser descrito com adequação, seja do ponto de vista sincrônico, seja do ponto de vista diacrônico, se concebido como subsistema autônomo.

O presente estudo desenvolve uma análise gramatical da língua Araweté, que contempla a sua fonologia segmental, as classes de palavras, suas respectivas estruturas internas e os diferentes modos como se combinam no discurso para cumprir as suas funções comunicativas.

O corpus que fundamenta o presente estudo consiste em 90 horas de gravação sonora coletadas durante os últimos 11 anos por uma equipe do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília: Cabral (2008); Cabral e Rodrigues (2009); Cabral, Rodrigues e Solano (2000); Cabral, Rodrigues e Solano (2002); Solano (2002); Solano (2005); Alves (2006) e Solano (2006).

ABSTRACT

This doctoral dissertation presents a first thorough description of the Araweté grammar, which is one of the members of sub-branch V of the Tupí-Guaraní linguistic family (RODRIGUES 1985; RODRIGUES e CABRAL 2002), which is a member of the Tupian stock (RODRIGUES 1985, 1984-85, 1986, 1997, 1999). The Araweté language is spoken by a group of approximately 380 people distributed in three villages located on the left bank of the Ipixuna River (lower Xingu), Altamira municipality, Pará state, Brazil.

The study is founded in the idea that languages serve primarily to the communication of human beings what cannot be disregarded by linguistic descriptions. We have followed functionalist approaches (SAPIR 1921; TESNIÈRE, 1953; COSERIU, 1972; BENVENISTE, 1976; LEHMAN 1981; FOLLEY & VAN VALIN, 1984; MITHUN, 1984, 1986; BROWN & LEVINSON, 1987; COMRIE, 1989; SHOPEN 1985; JAKOBSON, 1990, among others) which presuppose that languages are elaborately structured and that they are characterized as entities constituted of subsystems (lexical, phonological, morphological, syntactic, and semantic), which are inter-related in several and different ways (cf. MEILLET, 1925; THOMASON and KAUFMAN, 1986; CAMPBELL, 2000), so that none of these may be described adequately, either synchronically or diachronically, as an autonomous system.

The study describes the Araweté segmental phonology, word classes, providing a detailed distinction of the internal structure of each class, as well as a description of the ways they combine into the discourse to fulfill their communicative roles.

The corpus on which the present study is based consists of 90 hours of tape recorded linguistic data collected during the last eleven years by a team of researchers of the Laboratório de Línguas Indígenas of the University of Brasília: Cabral (2008); Cabral and Rodrigues (1999); Cabral, Rodrigues and Solano (2000); Cabral, Rodrigues and Solano (2002); Solano (2002), Solano (2005), Alves (2006), and Solano (2006).

SUMÁRIO

RESUMO	ix
ABSTRACT	x
LISTA DE ILUSTRAÇÕES E QUADROS	xx
ABREVIATURAS	xxi
MAPA 1 - Terra Indígena Araweté/Igarapé Ipixuna	34
MAPA 2 - Aldeias Araweté	35
MAPA 3 – Localização da aldeia Araweté (extraído de RIBEIRO, 1983:02)	37
MAPA 4 - Deslocamentos dos Asuriní por conflito com os Araweté	38
CAPÍTULO I	23
1. Introdução	23
1.2 Metodologia	24
1.2.1 Os dados lingüísticos	24
1.3 Fundamentação Teórica	25
1.4 Trabalhos anteriores sobre a língua Araweté	27
1.5 Os Araweté	33
1.5.1 Araweté: a índia vestida	36
1.5.2 Sobre a origem dos Araweté de acordo com Viveiros de Castro (1986)	51
1.5.3 A Onomástica Araweté	54
1.6 Organização interna da presente tese de doutorado	57
1.7 Conclusão	58
CAPÍTULO II	59
2. Esboço da fonologia segmental da língua Araweté	59
2.1 Introdução	59
2.2 Consoantes e vogais: fundamentando contrastes	59
2.2.1 Contrastes que fundamentam a identificação de fonemas consonantais	61
2.2.2 Contrastes que fundamentam a identificação de fonemas vocálicos orais	66
2.2.3 Contrastes que fundamentam a identificação de fonemas vocálicos nasais	69

2.2.3.1	Contrastes entre vogais orais e nasais	69
2.2.3.2	Contrastes entre vogais nasais	70
2.3	Fonemas e distribuição de alofones	71
2.3.1	Consoantes do Araweté – fonemas e alofones	72
2.3.2	Vogais orais do Araweté – fonemas e alofones	76
2.3.3	Vogais nasais do Araweté – fonemas e alofones	79
2.4	Padrão silábico	80
2.5	Observações sobre acento em Araweté	82
2.5.1	O acento em composições e em temas combinados com sufixos	82
2.5.2	Acento em temas flexionados por sufixos	83
2.6	Algumas considerações sobre processos fonológicos do Araweté	83
2.6.1	Queda da vogal /i/ em início de palavra	83
2.6.2	Queda de oclusiva glotal	83
2.6.3	Propagação de nasalidade	84
2.6.3.1	Nasalidade inerente	84
2.6.3.2	Nasalidade adquirida	84
2.6.3.3	Assimilação	85
2.7	Conclusão	86
CAPÍTULO III		87
3.	A língua Araweté: posição na família lingüística Tupí-Guaraní e traços tipológicos	87
3.1	Introdução	87
3.2	O Araweté na família Tupí-Guaraní	87
3.3	Características tipológicas	89
3.3.1	Núcleos dependentes	90
3.3.2	Argumentos	91
3.3.3	Seqüências de predicados e referência alternada	91
3.3.4	Alinhamento	92
3.3.5	Incorporação e reduplicação	92
3.3.6	Ordem de argumentos relativa ao verbo e Topicalização/focalização	92

3.4	Conclusão	92
CAPÍTULO IV		94
4.	Preliminares sobre classes de palavras em Araweté	94
4.1	Introdução	94
4.1.1	Algumas considerações sobre palavra fonológica e palavra gramatical em Araweté	95
4.2	Classes flexionáveis de palavras	95
4.2.1	Prefixos relacionais e classes de temas	96
4.2.1.1	Prefixos Relacionais	96
4.2.2	Temas Independentes	106
4.3	Distinguindo nomes, verbos e posposições	107
4.3.1	Caracterização dos nomes	107
4.3.2	Nomes que atualizam seu referente no discurso	113
4.3.2.1	Dêiticos pessoais	114
4.3.2.2	Pronomes demonstrativos	117
4.4	Verbos	118
4.5	Posposições	120
4.6	Classes de palavras não flexionáveis	120
4.6.1	Quantificadores	121
4.6.2	Advérbios	122
4.6.3	Conjunções	125
4.6.4	Palavras focalizadoras/topicalizadoras	126
4.6.5	Palavras aspectuais	127
4.6.6	Palavras modalizadoras	128
4.6.7	Ideofones	129
4.6.8	Interjeições	129
4.7	Conclusão	129
CAPÍTULO V		131
5.	Classes de palavras em Araweté	131
5.1	Introdução	131
5.2	O nome e o sintagma nominal	131
5.2.1	O nome e suas subclasses	132
5.2.1.1	Morfologia Nominal	132

5.2.1.1.1	Caso Nominal	132
5.2.1.1.1.1	Locativo pontual	134
5.2.1.1.1.2	Locativo difuso	135
5.2.1.1.1.3	Locativo alativo	136
5.2.1.1.1.4	Translativo	137
5.2.1.1.2	Prefixos correferenciais	138
5.2.1.1.3	Morfologia derivacional	140
5.2.1.1.3.1	Atualização nominal	140
5.2.1.1.3.2	Similitude	143
5.2.1.1.3.3	Atenuação e intensificação	144
5.2.2	Nomes genéricos	147
5.2.2.1	O nome <i>-apa</i>	147
5.2.2.2	Nomes usados em perguntas como palavras interrogativas	148
5.2.3	Pronomes pessoais	149
5.2.4	Demonstrativos	152
5.3	Numeral	161
5.4	Modificadores de nomes	163
5.4.1	Quantificadores	163
5.5	Posposições	164
5.5.1	Caso relativo	165
5.5.2	Caso dativo	166
5.5.3	Caso inessivo	167
5.5.4	Caso associativo	168
5.5.4.1	Caso associativo I	168
5.5.4.2	Caso associativo II	168
5.5.5	Caso ablativo	169
5.5.6	Caso instrumental	170
5.5.7	Caso superessivo	171
5.5.8	Caso perlativo	171
5.5.9	Caso direcional	172
5.6	A estrutura de sintagmas nominais e posposicionais	173
5.6.1	Sintagmas nominais	173
5.6.2	Determinação nominal	174
5.6.3	Nomes e numerais	180

5.6.4	Modificadores adjetivos	180
5.6.5	Nomes e predicados nominalizados	181
5.7	O verbo e o sintagma verbal	182
5.7.1	A classe de verbos e suas subclasses	183
5.7.1.1	Verbos intransitivos	184
5.7.1.1.1	Verbos intransitivos com um argumento obrigatório	184
5.7.1.1.2	Verbos intransitivos com dois argumentos obrigatórios	186
5.7.1.2	Verbos transitivos	187
5.7.1.2.1	Verbos transitivos que exigem dois complementos obrigatórios	187
5.7.1.2.2	Verbos transitivos que exigem três complementos obrigatórios	189
5.7.2	Morfologia derivacional verbal	191
5.7.2.1	Voz reflexiva/recíproca	191
5.7.2.2	Voz causativa	195
5.7.2.3	Voz causativa comitativa	196
5.7.3	Sintagma verbal	199
5.7.4	Modo verbal	200
5.7.4.1	Modo Indicativo I	200
5.7.4.2	Modo Indicativo II	201
5.7.4.2.1	Considerações adicionais sobre o modo indicativo II	207
5.7.4.3	Imperativo	207
5.7.4.4	Verbos posicionais e de movimento	209
5.7.5	Aspecto verbal	216
5.8	Classes não flexionáveis de palavras	219
5.8.1	Advérbios	219
5.8.2	Conjunções	223
5.8.3	Palavras aspectuais	225
5.8.4	Palavras modalizadoras	233
5.8.5	Palavras focalizadoras/topicalizadoras	233
5.8.6	Ideofones	233
5.8.7	Interjeições	233
5.9	Conclusão	233

CAPÍTULO VI		236
6. Predicação nominal		236
6.1	Introdução	236
6.2	Sobre a natureza predicativa dos nomes	236
6.3	Predicados existenciais	241
6.4	Predicados identificacionais	243
6.5	Predicados nominalizados por <i>-me?e</i>	246
6.6	Predicados nominais com temas verbais	247
6.6.1	Modo subjuntivo	247
6.6.2	Gerúndio	248
6.6.3	Indicativo II	249
6.7	Conclusão	250
CAPÍTULO VII		251
7. Orações coordenadas e orações subordinadas		251
7.1	Introdução	251
7.1.2	Coordenação de orações independentes	251
7.1.2.1	Coordenação de oração com sujeitos idênticos ou distintos	252
7.1.2.2	Coordenação de orações com sujeitos idênticos	254
7.1.2.3	Orações com predicados existenciais	256
7.2	Orações subordinadas	257
7.2.1	Orações subordinadas no modo gerúndio	257
7.2.2	Orações subordinadas no modo subjuntivo	262
7.2.2.1	Modo subjuntivo de contemporaneidade e condição	262
7.2.2.2	Orações subordinadas de sucessividade	263
7.3	Combinação de mais de duas orações	265
7.4	Conclusão	266
CAPÍTULO VIII		267
8. Negação		267
8.1	Introdução	267
8.2	A negação com <i>ja</i>	268
8.3	As partículas proibitiva e coibitiva	276
8.3.1	A partícula <i>imi</i>	276
8.3.2	A partícula <i>hana</i>	278

8.3.3	A partícula <i>ina</i>	280
8.3.3.1	A partícula <i>ina</i> ~ <i>na</i> com significado de nenhum	282
8.3.3.2	O morfema <i>ina</i> ~ <i>na</i> com negação existencial	283
8.3.5	O morfema <i>-ime?</i>	285
8.4	Conclusão	288
CAPÍTULO IX		289
9.	Perguntas	289
9.1	Introdução	289
9.1.1	A partícula <i>pa</i>	289
9.1.1.2	Perguntas polares	289
9.1.1.3	Perguntas informacionais	290
9.1.1.3.1	O que pode ser questionado em perguntas polares	291
9.1.1.4	Perguntas informacionais	294
9.1.1.5	Sintagmas adverbiais complexos usados para perguntar	305
9.1.1.6	Perguntas retóricas	307
9.2	Conclusão	308
CAPÍTULO X		310
10.	Derivações	310
10.1	Introdução	310
10.2	O morfema <i>-ha</i>	310
10.2.1	O morfema <i>-ha</i> combinado com verbos transitivos	310
10.2.2	O morfema <i>-ha</i> combinado com verbos intransitivos	311
10.2.3	O morfema <i>-ha</i> combinado com nomes de sensações e de qualidades	312
10.3	O nominalizador de paciente <i>-mire</i>	314
10.4	O nominalizador <i>-em?</i>	316
10.5	O morfema <i>-me?</i> / <i>-ime?</i>	317
10.5.1	Nominalizações de predicados que têm por núcleo um nome com referente concreto	317
10.5.2	Nominalizações de predicados que têm por núcleo um nome com referente que corresponde a uma qualidade ou a uma sensação	318

10.6	Nominalizações de predicados que têm por núcleo um verbo transitivo	321
10.7	O morfema <i>-mu</i>	323
10.8	Conclusão	324
CAPÍTULO XI		325
11.	Composição	325
11.1	Introdução	325
11.2	Composição	325
11.2.1	Composição determinativa	326
11.2.2	Composição atributiva	327
11.3	Incorporação	328
11.3.1	Incorporação de um nome a um verbo transitivo, processo de derivação lexical	329
11.4	Conclusão	339
CAPÍTULO XII		341
12.	Reduplicação	341
12.1	Introdução	341
12.2	A reduplicação em Tupinambá, segundo Rodrigues (1953)	341
12.3	Reduplicação em Araweté	343
12.3.1	Reduplicação monossilábica	343
12.3.2	Reduplicação dissilábica	343
12.3	Conclusão	348
CAPÍTULO XIII		349
13.	Hierarquia de pessoa em Araweté	349
13.1	Introdução	349
13.2	Hierarquia referencial em línguas Tupí	349
13.3	A HR vigente no Araweté	352
13.4	Conclusão	362
CAPÍTULO XIV		363
14.	Referência alternada	363
14.1	Introdução	363

14.2	Referência alternada	364
14.2.1	Co-referência entre o possuidor e o sujeito	364
14.2.2	Co-referencialidade entre sujeitos	368
14.3	Predicados seriais	373
14.4	Conclusão	374
CAPÍTULO XV		376
15.	Focalização/topicalização em Araweté	376
15.1	Introdução	376
15.2	Topicalização/focalização de constituintes de natureza nominal	376
15.2.1	Topicalização/focalização de constituintes de natureza adverbial	377
15.3	A partícula <i>ku</i>	379
15.4	Conclusão	386
CAPÍTULO XVI		387
16.	Modalidade	387
16.1	Introdução	387
16.2	Modalidade em Araweté	387
16.2.1	Modalidade de propósito	387
16.2.2	Modalidade intencional	388
16.2.3	Modalidade intencional real	389
16.2.4	Modalidade restritiva	390
16.2.5	Modalidade desiderativa	391
16.3	Modalidade <i>alética</i> e <i>epistêmica</i>	393
16.3.1	Modalidade alética	393
16.4	Modalidade epistêmica	397
16.5	Conclusão	400
CAPÍTULO XVII		401
17.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	401
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	408
	ANEXO A – Textos Araweté	418
	ANEXO B – Glossário Araweté	429
	ANEXO C – Censo Araweté (março de 2007 a março de 2009)	496

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E QUADROS

Ilustração 1- Abertura de roça por famílias Araweté
Ilustração 2- Mulher Araweté debulhando espigas secas de milho
Ilustração 3- Mulher Araweté levando urucum para tingir roupa.
Ilustração 4- Construção de casa Araweté
Ilustração 5- Tatuaru Araweté ralando mandioca
Ilustração 6- Jere'ehi abrindo algodão
Ilustração 7- Mulher Araweté confeccionando saia
Ilustração 8- Índia Araweté com indumentária completa
Ilustração 9- Ajajuhi Araweté com par de brincos de sementes pretas
Ilustração 10- Tatuahi raspando sobancelha de seu esposo Tatuaru
Ilustração 11- Ajajuru Araweté pintando-se para a festa do Jabuti
Quadro 1- Fonemas consonantais e respectivos alofones
Quadro 2- Fonemas vocálicos e respectivos alofones
Quadro 3- Subramo V da família Tupí-Guaraní de acordo com Rodrigues e Cabral (2002)
Quadro 4- Relacionais do Araweté (adaptado por Cabral (2007) com base em Rodrigues (1981))
Quadro 5- Distribuição de temas dependentes com alomorfes dos prefixos relacionais (adaptado de Rodrigues (1981))
Quadro 6- Demonstrativos do Araweté

ABREVIATURAS

1	=	primeira pessoa
2	=	segunda pessoa
3	=	terceira pessoa
123	=	primeira pessoa plural inclusiva
13	=	primeira pessoa plural exclusiva
23	=	segunda pessoa do plural
R ¹	=	prefixo relacional que marca a contigüidade do determinante de um tema dependente
R ²	=	prefixo relacional que marca a não-contigüidade do determinante de um tema dependente
R ⁴	=	prefixo relacional que marca um determinante genérico e humano de um tema dependente
ARG	=	argumento
ASSI	=	associativo I
ASSII	=	associativo II
ATEN	=	atenuativo
AT.OUTRO	=	atestado por outro
CA	=	caso alativo
CAB	=	caso ablativo
CD	=	caso direcional
CAUS	=	causativo
CC	=	causativo comitativo
CI	=	caso inessivo
CINS	=	caso instrumental
CIRC	=	circunstancial
COIB	=	coibitivo
COMP	=	completivo
CORR	=	correferencial
CP	=	caso perlatoivo
CR	=	caso relativo
CNTF	=	contra factual
DESI	=	desiderativo I
DESII	=	desiderativo II
DISQUE	=	conhecimento adquirido de ouvido
DNAC	=	derivador de nomes de agente e de circunstância
DUB	=	dubitativo
ENF	=	enfático
EXC	=	exclusivo
FOC	=	foco
FRUS	=	frustrativo
FRUS.INT	=	frustrativo intencional
GEN	=	genérico
IND.II	=	indicativo II
INC	=	inceptivo
INF	=	inferencial

INTS	=	intensivo
INST	=	instrumento
IR	=	intencional real
LP	=	locativo pontual
MD	=	mediador de determinação
MIT	=	origem mitológica
N	=	nuclear
NEG	=	negação
NO	=	nominalizador de nome de objeto
NP	=	nominalizador de predicado
NPAC	=	nominalizador de nome de paciente
NPP	=	nominalizador de predicados privativos
O	=	objeto
P	=	pergunta
PERM	=	permissivo/mandativo
PL	=	plural
PROB	=	probabilidade
PROIB	=	proibitivo
PROJ	=	projetivo
PROSP	=	prospectivo
R	=	relacional
REC	=	recíproco
RED	=	reduplicação
REFL	=	reflexivo ou recíproco
REIT	=	reiterativo
RETR	=	retrospectivo
RESTR	=	restritivo
S	=	sujeito
SIMIL	=	similitivo
SUJ	=	sujeito
SUP	=	suposto
TOP	=	tópico
TRANS	=	caso translativo
V	=	verbo
VDR	=	verdadeiro

CAPÍTULO I

1. Introdução

Esta tese de doutorado é o primeiro estudo a aprofundar a descrição gramatical da língua Araweté, língua que foi classificada como pertencente ao subramo V da família Tupí-Guaraní por Rodrigues (1984-1985) e por Rodrigues e Cabral (2003), e que é uma das dez famílias do tronco lingüístico Tupí (RODRIGUES, 1964, 1985, 1984-1985, 1999, 2007). Trata-se de uma língua ainda falada como primeira língua por uma população de aproximadamente 380 pessoas, cujo contato com a sociedade envolvente é relativamente recente - 36 anos (data de 1973). Os falantes nativos do Araweté se distribuem atualmente em três aldeias situadas à margem esquerda do rio Ipixuna (baixo Xingu), localizadas na Terra Indígena Ipixuna, no município de Altamira (Pará).

Considerando tratar-se de uma língua que até a década passada havia sido alvo de dois artigos de natureza puramente lingüística, escolhi-a como foco do meu mestrado e do meu doutorado, sobretudo porque não havia outros lingüistas desenvolvendo trabalhos descritivos sobre essa língua.

O estudo que resultou nesta tese de doutorado fundamenta-se no princípio de que as línguas servem primordialmente para a comunicação entre seres humanos e que este princípio não pode ser negligenciado ou despercebido na descrição lingüística. Foram adotadas abordagens funcionalistas das línguas, as quais consideram pressupostos como os de que as línguas são elaboradamente estruturadas e se caracterizam como entidades constituídas de subsistemas (lexical, fonológico, morfológico, sintático e semântico) (SAPIR, 1921; TESNIÈRE, 1953; COSERIU, 1972; BENVENISTE, 1976; LEHMAN, 1981; FOLLEY & VAN VALIN, 1984; MITHUN, 1984, 1986; BROWN & LEVINSON, 1987; COMRIE, 1989; TALMY, 1985; SHOPEN, 1985; JAKOBSON 1990, entre outros), os quais se inter-relacionam em diversos e diferentes modos, de forma que nenhum destes pode ser descrito com adequação, seja do ponto de vista sincrônico, seja do ponto de vista diacrônico se concebido como subsistema autônomo (cf. MEILLET, 1921; THOMASON & KAUFMAN, 1986; CAMPBELL, 1998).

O principal objetivo deste estudo é o de aprofundar o conhecimento da gramática da língua Araweté. Parte-se de uma análise de sua fonologia segmental, seguida de uma análise de suas classes de palavras, focalizando a distinção entre classes abertas e classes fechadas e fornecendo uma descrição detalhada da estrutura interna dos elementos de cada classe, quando é o caso. A descrição leva em conta as categorias gramaticais marcadas na estrutura interna dos elementos dessas classes e o status gramatical dos morfemas por meio dos quais essas categorias se manifestam, contemplando, dessa forma, os processos de formação de palavras. O estudo prossegue com uma descrição da estrutura interna dos sintagmas, dos quais os elementos de cada classe de palavra pode ser núcleo, assim como dos diferentes tipos de orações, de suas respectivas estruturas internas, e das possibilidades de combinação de orações na formação de sentenças complexas. São também contempladas as motivações pragmáticas que as mapeiam e os princípios e restrições que as definem como orações e sentenças diferenciadas. A descrição leva em conta as variações nas expressões lingüísticas descritas e resume princípios gerais da gramática Araweté.

A abordagem analítica é eminentemente descritiva e funcionalista, visando a descobrir e interpretar os recursos gramaticais morfológicos e sintáticos da língua Araweté e a descrevê-los de modo sistemático e coerente.

1.2 Metodologia

1.2.1 Os dados lingüísticos

Os dados lingüísticos sobre a língua Araweté fazem parte do acervo do banco de dados de Línguas Indígenas do Laboratório de Línguas Indígenas (LALI) da Universidade de Brasília e consistem em 100 horas de gravação, coletadas pela equipe deste laboratório que vem se dedicando ao estudo desta língua, seja para fins descritivos, seja para fins histórico-comparativos. Das 100 horas de dados da língua Araweté, 65 foram coletadas por Solano (2006) (em sua estada de aproximadamente 4 meses nas aldeias Ipixuna e Pakanhã /pakaja/). Os demais dados foram coletados por Cabral (2008); por Cabral e Rodrigues (2009); Cabral, Rodrigues e Solano (2000); Cabral, Rodrigues e Solano (2002), Alves (2006), Solano (2005).

Antes de iniciar a coleta de dados do Araweté, já me encontrava familiarizada com os sons e com a gramática dessa língua por ter tido a oportunidade de ouvir as gravações feitas por Cabral e por Cabral e Rodrigues, assim como por ter tido acesso às transcrições fonéticas e anotações gramaticais de autoria desses pesquisadores.

A pesquisa de campo individual foi realizada a partir de um roteiro pré-estabelecido em função do material lingüístico necessário para o estudo comparativo e descritivo da gramática dessa língua. Alguns dos dados coletados por Cabral e por Cabral e Rodrigues foram também registrados por mim e por Alves, para que dispuséssemos de dados que mostrassem diferenças entre falantes de sexos e de idades distintos.

Das 100 horas de gravação que fundamentam esta tese, 65 foram gravadas em sistema digital MD (*Sony Portable MiniDisc Recorder MZ-NH700*) e 35 em fita *cassete* (*Sony Cassette-Corder TCM-5000*). Os dados foram coletados junto a falantes de diferentes faixas etárias, tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino. Os principais colaboradores da pesquisa foram Iwane ru (♂ 23 anos) e Iwane hi (♀ 20 anos), e Jere?e ru (♂ 32 anos), Jere?e hi (♀ 30 anos), Ikaire (♂ 20 anos), Iwapajuru (♂ 27 anos), Iwapajuhi (♀ 25 anos), Marukai hi (♀ 22 anos), Muikatu hi (♀ 24 anos), Nene'a (♀ 21 anos), Tatuawĩ (♂ 42 anos), Taturu (♂ 70 anos), Miranu (♂ 76 anos) e Patxitxi hi (♀ 86 anos aprox.)¹.

1.3 Fundamentação Teórica

A família Tupí-Guaraní é considerada uma das famílias lingüísticas das mais coesas da América do Sul, apesar dos aproximadamente 2500 anos decorridos desde o início de seu desmembramento (RODRIGUES, 1962, 1984, 1986) e das grandes distâncias que hoje separam as línguas meridionais das línguas setentrionais (RODRIGUES, 2000), as quais refletem os longos e freqüentes movimentos migratórios dos falantes dessas línguas (MÉTREAU, 1927; RODRIGUES, 1985, 1999, 2000). O conhecimento lingüístico desenvolvido sobre essa família encontra-se em estado bastante adiantado, de forma que já se conta com teorias sobre vários aspectos gramaticais dessas línguas. Algumas dessas teorias têm sido generalizadas para as línguas Tupí-Guaraní, como a de que os núcleos dependentes são relacionados aos seus respectivos determinantes por meio de flexão relacional

¹ A idade foi declarada pelos próprios informantes ou é uma estimativa aproximada, de acordo com os documentos da FUNAI de Altamira.

(RODRIGUES, 1952, 1953, 1981, 1985, 1996, 1999; CABRAL, 2000). Outras propostas teóricas são adotadas para várias línguas, como a de que as línguas Tupí-Guaraní exibem um sistema ativo-estativo, com uma cisão de verbos intransitivos em ativos e estativos (SEKI, 1990, 2000; JENSEN, 1990; LEITE, 1990). Estes últimos seriam palavras que denotam sensações e qualidades, como ‘frio’, ‘quentura’, ‘bom’, ‘comprido’, ‘lembrança’, analisadas como pertencentes à classe de verbos descritivos ou estativos, essencialmente por constituírem, junto com os verbos, bases de derivações de nomes de circunstância (exemplos: felicidade, saída, matança).

Outra proposta vigente postula que palavras Tupí-Guaraní que designam sensações e qualidades são nomes (RODRIGUES, 1996, 2002; DIETRICH, 1977, 2000, 2001; CABRAL, 1999, 2007, 2009). Esta proposta requer uma modificação na hipótese de que as línguas Tupí-Guaraní são do tipo ativo por distinguirem verbos intransitivos processuais de verbos intransitivos estativos. Alguns dos autores que postulam uma classe de nomes que exprimem sensações e qualidades consideram que o alinhamento em Tupí-Guaraní é um sistema cindido com manifestações de diferentes padrões (nominativo, ergativo, acusativo e absoluto), condicionados por diferentes fatores e princípios (de natureza semântica, pragmática ou gramatical) (cf. CABRAL 2003, 2004; CABRAL e RODRIGUES 2005; CABRAL, RODRIGUES, CORREA DA SILVA, FRANCESCHINI e MONSERRAT, em andamento).

A descrição de uma língua Tupí-Guaraní ainda pouco conhecida não pode ignorar as teorias existentes sobre aspectos da gramática dessas línguas, bem como os critérios usados pelos lingüistas na fundamentação de suas respectivas teorias. Uma pesquisa na literatura sobre o assunto mostra que os defensores da teoria que prediz serem as línguas Tupí-Guaraní do tipo ativo-estativo privilegiam critérios morfológicos derivacionais em suas análises, enquanto que os lingüistas que defendem a idéia de que não há verbos descritivos nessas línguas, mas nomes descritivos, fundamentam-se em critérios morfológicos flexionais e também consideram critérios nocionais e sintático-funcionais (DIETRICH, 2000; RODRIGUES, 1996; CABRAL, 2007). Considerando todos esses fatos, e fundamentados em uma abordagem funcionalista das classes de palavras, adotaremos em nossa análise das classes de palavras na língua Araweté não só critérios morfológicos e distribucionais, mas também critérios semânticos e sintático-funcionais.

Tesnière (1969) e Coseriu (1972) consideram que as classes de palavras podem ser construídas a partir de categorias universais, que são categorias nocionais ou funcionais. Para esses autores, as classes de palavras não são em si categorias lexicais e a associação de

palavras a uma dada classe deverá fundamentar-se principalmente nas funções que desempenham no discurso, embora a morfologia com a qual se combinam, juntamente com a sua distribuição sintática, constituam indicações também importantes para a inclusão de palavras em uma ou outra classe. Todos esses critérios foram considerados na análise que fundamenta a descrição de classes de palavras em Araweté.

É importante salientar que o presente estudo considera que a morfologia é fundamental na distinção de classes de palavras e de suas subclasses; que nem toda morfologia é endocêntrica e que critérios baseados em flexão, mas não critérios derivacionais, são fundamentais nas decisões que atribuem palavras a uma ou outra classe.

A descrição desenvolveu-se sob uma ótica contrastiva e distributiva dos dados, em que foram observadas a complementaridade distributiva e restrições de ocorrência desses dados. Considerou os resultados dos estudos funcionalistas e tipológicos que têm contribuído para o conhecimento de como as línguas se estruturam e o que as suas respectivas estruturas querem dizer no dia-a-dia da comunicação entre seus falantes.

O presente estudo beneficiou-se enormemente de estudos sobre as línguas Tupí-Guaraní, fundamentalmente dos estudos sobre o Guaraní Antigo (MONTROYA, [1639] 1876); o Tupinambá (ANCHIETA [1595] 1990; RODRIGUES, 1951, 1952, 1953, 1985, 1986, 1990, 1996, 2001), o Chiriguano (DIETRICH, 1986), o Asuriní do Tocantins (VIEIRA, 1987, 1995, 1996; CABRAL 1997; RODRIGUES E CABRAL 2003); o Mbyá (DOOLEY, 1982; VIEIRA, 2000, 2002), o Tapirapé (ALMEIDA *et alii* 1983; LEITE, 1977, 1982, 1990), o Kamaiurá (SEKI, 1982, 1990, 2000); o Asuriní do Xingu (MONSERRAT & IRMÃZINHAS DE JESUS, 1988), o Guajajara (HARRISON, 1986), o Eméillon (ROSE, 2003, 2008a, 2008b), o Tapieté (GONZALÉZ, 2005), o Zo'é (CABRAL, 1999, 2005, 2007, 2008) e o Anambé (JULIÃO, 2005). Beneficiou-se ainda de estudos sobre aspectos gramaticais de conjuntos de línguas Tupí-Guaraní como os de autoria de Rodrigues (1985), Monserrat e Soares (1983), Jensen (1990), Dietrich (1977, 1990, 1996, 2000, 2001, 2006), Vieira (2007) e Cabral (2000a, 2000b, 2001).

1.4 Trabalhos anteriores sobre a língua Araweté

Nesta seção comentamos os trabalhos lingüísticos realizados até o presente sobre o Araweté, de forma a melhor situar a contribuição da presente tese de doutorado.

Os primeiros trabalhos realizados sobre a língua Araweté se basearam em um número muito reduzido de dados, pela dificuldade tanto de comunicação, pois durante a primeira década do contato os Araweté permaneceram majoritariamente monolíngües, quanto pelo difícil acesso à região do Ipixuna, em que vivem os Araweté.

Os primeiros trabalhos que trouxeram informações sobre a língua Araweté foram os dos antropólogos Berta Ribeiro (1983) e Eduardo Viveiros de Castro (1986), os quais abriram caminhos importantes para o desenvolvimento dos estudos subsequentes sobre a língua. Nos estudos lingüísticos, dados do Araweté foram utilizados pela primeira vez por Rodrigues (1984/1985). O primeiro estudo dessa língua foi elaborado por Leite e Vieira (1998). Os estudos subsequentes foram Leite *et alii.* (1999), Solano (2004), Cabral e Solano (2003), Cabral e Solano (2006), Alves (2008), Solano (2008).

Viveiros de Castro mostra em seu livro *Araweté, os deuses canibais* (1986) a correspondência fonética dos sons do Araweté com os sons de línguas como o Português e o Inglês. Mostra que [p], [b], [m], [n], [ñ] são pronunciados como em Português; que [k] é pronunciado como na palavra *casa*; que [t] é pronunciado como na palavra *tudo*; [c] é pronunciado como *tch* do português, como na palavra *tio* do falar carioca; [r] é pronunciado como um flepe alveolar fricativizado; [ð] é pronunciado como *th* do inglês, como na palavra *that*; e [d], [y], [w], [h] são pronunciados como em Inglês, respectivamente como em *body*, *yes*, *work*, *home*. Viveiros de Castro representou a oclusiva glotal por espaço entre duas vogais e registrou as vogais [a], [e], [i], [ĩ], [o], [ĩ]. Mostrou que a pronúncia deste último é como o *i* da palavra *bit* do Inglês, e que [o] se pronuncia como o *u* de *but* desta mesma língua. Segundo o mesmo autor todas as vogais orais do Araweté podem ser nasalizadas.

A dissertação de mestrado de autoria de Eliete de Jesus Bararuá Solano (2004) é um estudo comparativo de aspectos fonológicos, morfossintáticos e lexicais de três línguas, o Asuriní do Xingu, o Araweté e o Wayampí, cujos resultados constituíram fundamentos adicionais para a classificação do Araweté no ramo V da família Tupí-Guaraní, como havia sido proposto por Rodrigues (1985), quando os dados disponíveis dessa língua ainda se resumiam a listas de palavras.

Leite e Vieira (1998) apresentaram um primeiro estudo reunindo informações sobre a fonologia e a morfossintaxe do Araweté. Nesse estudo, as autoras descrevem os seguintes fonemas consonantais /p, t, tʃ, k, n, r, w, j, h/ e mostraram as principais tendências de modificação destes sons, tendo como referência o sistema de consoantes do Proto Tupí-

Guaraní. Reproduzimos em seguida as mudanças ocorridas no Araweté, apresentadas por essas autoras:

*pj > tʃ: *epjak > etʃã “ver”

*pw > p: *pwã > pĩ “dedo”; ko-pwer (tup.) > kape “capoeira”

*t > tʃ diante de *i: *kwatiar > kytʃã “pintar”; *kwati > katʃi “coati”

*k > tʃ: diante de /i/ e /e/ *ker > tʃe “dormir”; *akan > atʃi “cabeça”

*kw > k: *kuaracy > kuarahi “sol”

*kw > tʃ diante de e ou i: ok-wer (tup.) > a tʃe “casa velha”

*c > h: *picyk > pihi “pegar”

*j > j em posição de coda silábica em final de palavra; [j] ~ [dʒ] ~ [ɲ]
em onset silábico em início de palavra; [ɲ] em ambiente de vogal nasal.

*b > u: *ebek > ewe “barriga”

Conforme Leite e Vieira as consoantes finais do Proto-Tupí-Guaraní foram canceladas, com exceção de *j. A língua teria perdido seu caráter distintivo e o fonema /r/, em posição inicial e em ambiente de /ə/, realiza-se como um flepe alveolar fricativizado, como uma fricativa dental sonora ou como uma oclusiva alveolar. Registram o som [b] em uma única palavra [biðe]. Essas autoras mostram as seguintes correspondências das vogais do Araweté com as vogais do Proto-Tupí-Guaraní, com base na reconstrução apresentada por Lemle (1971):

*a > ɨ / C nasal #: *akan > atʃɨ “cabeça”

*a > ã / C#: *kãj “queimar”; *epyak > etʃã “ver”

*a > ã / em sílaba final acentuada: *tata > tatã “fogo”

*a > a / nos demais ambientes: *abati > awatə “milho”

*y > i / *pype > pipe “dentro”; *py'a > piã “fígado” *yb > i “árvore”

*i > ə / principalmente em ambiente de *r: *pira > pərã “peixe”; *pir
> pə “pele”

*i > i / nos demais ambientes: *ita > ita “pedra”;

*o > a / em sílaba final de vocábulo e em penúltima sílaba precedendo

*o: *pepo > pepa “asa”; *ok > a “casa”; *o’o > haa “carne”

*o > u ~ o ~ ə ~ y nos demais ambientes

Segundo as autoras, o traço de nasalidade nas vogais deixa de ter um valor distintivo e as vogais nasalizadas podem ser representadas pela seqüência **Vn**. Observam que a representação das variantes [ə] ~ [ɪ] por /ə/ e a variação [u] ~ [o] ~ [ə] ~ [y] por /y/ capta a simetria do sistema e a perda de distintividade do traço [arredondado], mudança privativa do Araweté, foneticamente motivada pela natureza em geral pouco arredondada das vogais posteriores das línguas Tupí-Guaraní (cf. SOARES e LEITE, 1991). Para as autoras, a oposição entre as vogais passa a ser feita em termos da anterioridade positiva ou negativa e o arredondamento, distintivo nas outras línguas da família, se torna um traço redundante. Observam que há, “aparentemente”, um debordamento entre o alofone [ə] de /y/ e o de /ə/, sendo que a diferença é que, “...no primeiro caso, existe a alternância [y], [o], [u] e [ə] e a realização do alofone [ə] é menos breve do que a realização do [ə] do fonema /ə/.” (LEITE e VIEIRA, 1998:10)

Com respeito à morfossintaxe do Araweté, observam que se trata de uma língua *do tipo ativo*, que não possui morfemas cumulativos para expressar a relação de 1ª pessoa sujeito e 2ª objeto, nem morfemas descontínuos indicadores da relação sujeito de 2ª pessoa e objeto de 1ª pessoa. Observam que a expressão da estrutura ativa em Araweté não se manifesta apenas na relação entre a 1ª e 2ª pessoas e a 3ª, quer sujeitos, quer objetos. As autoras comparam o Araweté ao Awetí (MONSERRAT, 1976), observando que nas duas línguas a estrutura ativa se manifesta em todas as relações de pessoa, a ordem dos constituintes determinando as funções gramaticais de sujeito e objeto.

Leite e Vieira identificaram prefixos co-referenciais em Araweté, marca de tempo nos nomes, sufixos temporais e modais, como a partícula *pane* ‘contrafactual’. Descreveram a expressão do aspecto progressivo que ocorre por meio dos verbos que chamaram de “...auxiliares, como os posturais (“sentando”, “deitado”, “em pé”) e os de movimentos (“ir” e “vir”).” Identificaram um processo de reduplicação indicativo do aspecto iterativo, e a expressão do aspecto completivo por meio do verbo “acabar”.

Observaram ainda ocorrem em Araweté as ordens VSO, SOV e OSV, sendo que a primeira dessas ordens é a mais comum em termos de frequência. Observaram a presença do

modo Indicativo II, encontrado em línguas conservadoras da família Tupí-Guaraní, mas ocorrendo em todas as pessoas. Sobre a negação observam que a negação sentencial é feita por meio do acréscimo do marcador negativo *nan* posposto ao verbo principal e por meio de um marcador *ejmi*, que pode se agregar ao verbo principal ou ao verbo auxiliar. Identificaram um morfema *nyné* como sendo uma conjunção aditiva de orações independentes e observam que as conjunções são empregadas quando não há correferencialidade entre os sujeitos das duas orações. Segundo as autoras, quando a correferencialidade é entre um objeto e um sujeito, emprega-se a partícula (*ra*)*me*.

Leite e Vieira identificaram ainda o processo de incorporação nominal ativo em Araweté e observaram que, diferentemente do que ocorre nas outras línguas da família, na incorporação nominal em Araweté o verbo fica marcado com uma forma de sujeito, igual à dos verbos de estado.

O trabalho de conclusão de curso *Classificação da língua Araweté*, de autoria de Zorzetti (1998) propõe o seguinte inventário fonêmico para o Araweté: /p/, /t/ [ts] ~ [t], /k/, /ʔ/, /d/ [dz] ~ [d], /tʃ/, /β/, /h/, /m/, /n/, /ɲ/, /r/, /w/, /y/, e as seguintes vogais: /i/, /e/ [ɛ] ~ [e], /i/ [ə] ~ [i], /a/ [ʌ] ~ [a], /u/ [o] ~ [u], com suas contrapartidas nasais. Neste estudo não são consideradas as principais características da vogal posterior do Araweté, que são as suas variantes deslabializadas. Não são também consideradas as vogais fonêmicas dessa língua.

Leite *et alii* (1999) realizam um estudo de natureza acústica sobre as vogais do Araweté. Observam que, na perspectiva adotada por Leite e Vieira (1998), as representações de /ə/ [ɪ] ~ [ə] e de /y/ [u] ~ [o] ~ [y] ~ [ə] apresentam problemas, pois o fone [ə] ora é uma manifestação do fonema /y/, ora do fonema /ə/. Observam, ainda que “Leite e Vieira contornaram, de maneira pouco ortodoxa, esse problema, dizendo que [ə] deve ser representado com /y/ quando for possível a alternância [u ~ o ~ y ~ ə]. E como /ə/, quando essa alternância não existir.” A análise de Leite *et alii* (1999), desenvolvida a partir do programa *SoundScope* 16, favoreceu a seguinte proposta de representação para as vogais do Araweté: /i, e, y [ɪ, ə, y], o [y, ə, u, o], a/.

Seis estudos comparativos sobre línguas Tupí-Guaraní incluem dados da língua Araweté. O primeiro deles é a classificação interna da Família Tupí-Guaraní de autoria de Rodrigues (1985), em que o Araweté é classificado como pertencente ao subramo V dessa família lingüística. O segundo é o trabalho de Soares e Leite (1991), em que as autoras mostram, no que diz respeito ao Araweté, que as mudanças ocorridas nessa língua em que u >

i (regra 11), o > ə (regra 12), i > ə (regra 13) são caracterizadas como regras sincrônicas que dão conta da flutuação entre [u ~ i], [o ~ ə] e [i ~ ə].

O terceiro trabalho de natureza comparativa que considera dados do Araweté é a “Revisão da Classificação Interna da Família Tupí-Guaraní”, de autoria de Rodrigues e Cabral (2002), em que os autores incluem, no mesmo ramo do Araweté, as línguas Anambé do Cairarí, Ararandewára e Amanajé. Os autores também excluem desse subramo o Kayabí, que passou a ser associado ao ramo VI, junto com as línguas Tupí-Kawahíwa, com o Apiaká e com o Júma.

Cabral e Solano (2003) fundamentam-se em dados lingüísticos do Araweté e de outras línguas Tupí-Guaraní da região para explicar a direção dos deslocamentos populacionais envolvendo povos Tupí-Guaraní. Solano (2005) discute as implicações das semelhanças entre aspectos fonológicos das línguas Asuriní do Xingu, Araweté e Wayampí para apurar a posição do Araweté na família Tupí-Guaraní. Mais recentemente Cabral e Solano (2006) aprofundam alguns aspectos já abordados por Solano (2004), ampliando os fundamentos em favor da hipótese de uma maior proximidade genética do Araweté com o Asuriní do Xingu e com o Anambé do Cairarí, proposta em Rodrigues e Cabral (2002) e defendida por Solano (2004). Cabral e Solano mostram, por exemplo, que o Araweté sofreu algumas mudanças vocálicas não compartilhadas por outras línguas da macro-região em que é falado, mas que, no estágio anterior a essas mudanças, apresentava regularidades fonológicas compartilhadas com o Asuriní do Xingu e com o Anambé e não com as demais línguas comparadas.

Assim, para que o Araweté mudasse os reflexos do PTG *ã em ĩ teria sido necessário que a pronúncia do primeiro fosse, na época da mudança, ɣ, como são as pronúncias atuais desses reflexos em Asuriní do Xingu e no Anambé (PTG *-nupã; Asuriní do Xingu -nupɣ; Araweté -nupĩ, Wayampí -nupã ‘bater’; PTG *-akáɣ; Asuriní do Xingu -akáɣ; Araweté -atfĩ, Wayampí -akã).

As autoras apresentam também indicações morfossintáticas e lexicais que tornam ainda mais nítidas as afinidades entre o Araweté, o Asuriní do Xingu e o Anambé. Das indicações lexicais sobressaem as palavras para ‘esposo’ e ‘esposa’, que nessas línguas são derivadas respectivamente dos nomes do PTG *-er-eko-at /-ccom-estar.em.mov.-NA/ e *-emi-rekó / (RODRIGUES, 1998). Mostram que em Araweté -erekũ é a forma para ‘esposo’ e -emidĩká para ‘esposa’; em Asuriní do Xingu -erakwat ‘marido’, -emirika ‘esposa’; Anambé -erekwã ‘marido’, -emiriko ‘esposa’. Mostram também que a a forma do verbo ‘acordar’, que

é *mĩj* em Asuriní do Xingu e *-mĩ* em Araweté, deriváveis do PTG * *-mĩj* ‘bulir’, ‘mexer-se’, e não do PTG **-pak* ‘acordar’, como em Wayampí e Kajabí.

Solano e Cabral (2005) desenvolvem a hipótese de que a forma *bydé* ou *mydé* do Araweté tem como fonte a palavra *pir* ‘pele’ combinada com o prefixo relacional humano e genérico *m-* e com o sufixo de estado repectivo de uma entidade *-é*, que teria tido uma forma intermediária *mire(r)* ‘pele humana fora do corpo’, mas que com a posterior mudança dos reflexos do PTG **i* para *y* em Araweté, os reflexos do PTG **r* teriam mudado para *d* quando estes precediam ou seguiam os reflexos do PTG **i*. Nesse ambiente, os reflexos de PTG **r* > *d* / __y < PTG **i*. Essa hipótese serve também para explicar o desaparecimento no Araweté da forma de primeira pessoa inclusiva típica da família Tupí-Guaraní.

Solano e Cabral (2008) ampliam a descrição das expressões sobre negação em Araweté e Alves (2008) realiza um estudo sobre a fonologia segmental do Araweté. Neste estudo, Alves contribui para o aprofundamento do conhecimento da fonologia Araweté identificando nesta língua 12 fonemas consonantais: /p/, /t/, /d/, /k/, /ʔ/, /tʃ/, /m/, /n/, /h/, /ɾ/, /w/, /j/ e oito vocálicos, dos quais cinco orais /i/, /e/, /ɨ/, /a/, /o/ e quatro nasais /ĩ/, /ẽ/, /ɨ̃/ e /õ/. Nessa análise não há contraste entre /j/ e /ɲ/ nem entre /a/ e /ã/.

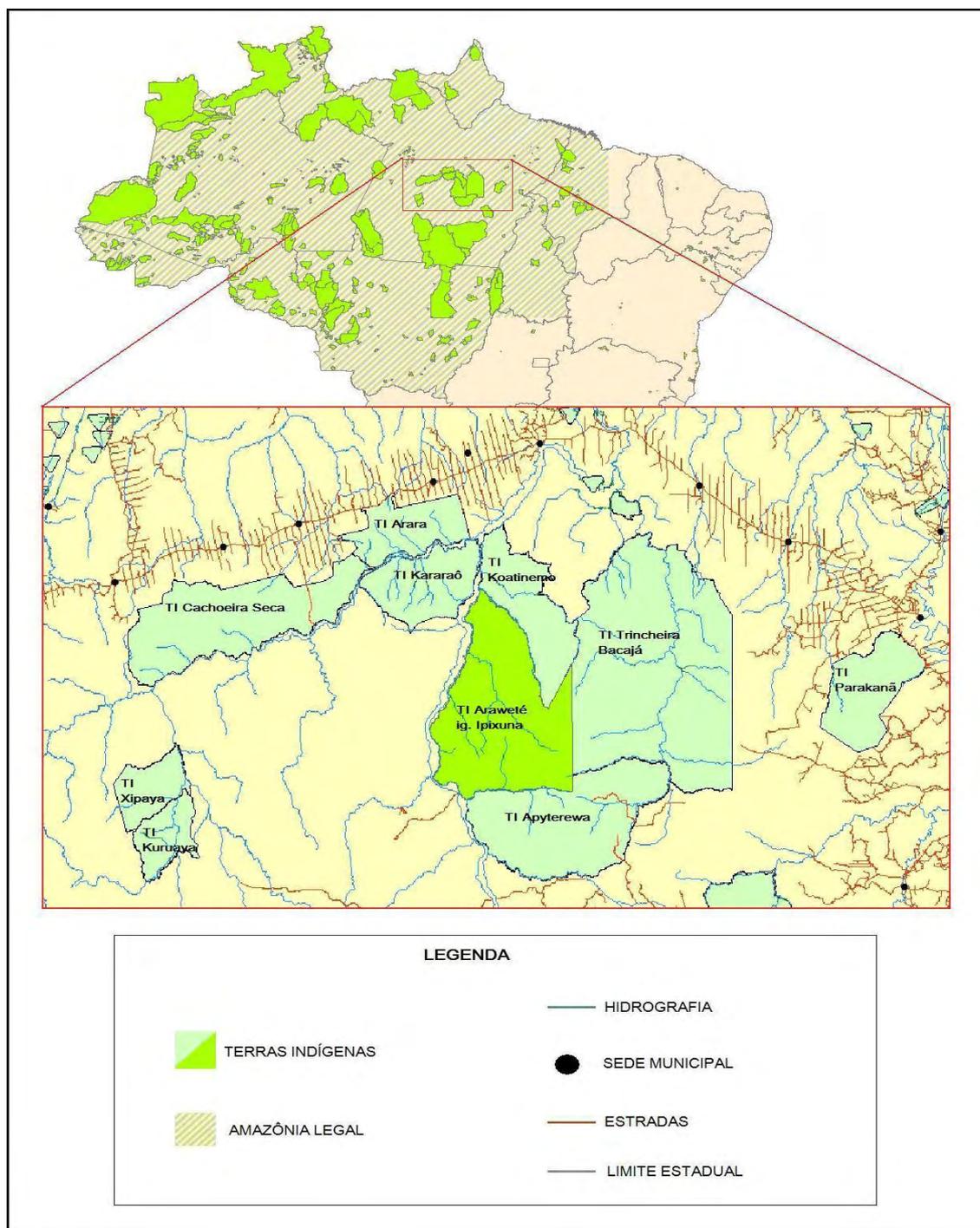
Alves ressalta que historicamente os /ã/s são reflexos de antigos /a/s orais e observa que é possível que em alguns falantes a variante nasalizada esteja se fixando com valor contrastivo, já que a tendência da língua está sendo a de restabelecer antigos contrastes perdidos (RODRIGUES e CABRAL, comunicação pessoal).

1.4 Os Araweté

O povo Araweté vive na Terra Indígena Araweté/Igarapé Ipixuna, localizada à margem esquerda do médio curso do rio do mesmo nome, afluente da margem direita do baixo Xingu, nos municípios de Altamira, São Félix do Xingu e Senador José Porfírio, Estado do Pará.² Essa TI possui uma extensão de 940.901 hectares, que limita-se à oeste pelo Rio

² Para Viveiros de Castro (1986:130) o nome *Araweté* teria sido introduzida pelo sertanista J. E. Carvalho (cf. CARVALHO, 1977), que a interpretara como uma expressão derivada de *awa ete* “humanos verdadeiros”; e consolidada, posteriormente, por Arnaud (1978). Castro (*ibidem*) observa ainda que uma das expressões utilizadas pelos Araweté para se referirem a grupos inimigos é *awĩ hete* “inimigos verdadeiros”, expressão essa que poderia ter sido reinterpretada por Carvalho como Araweté.

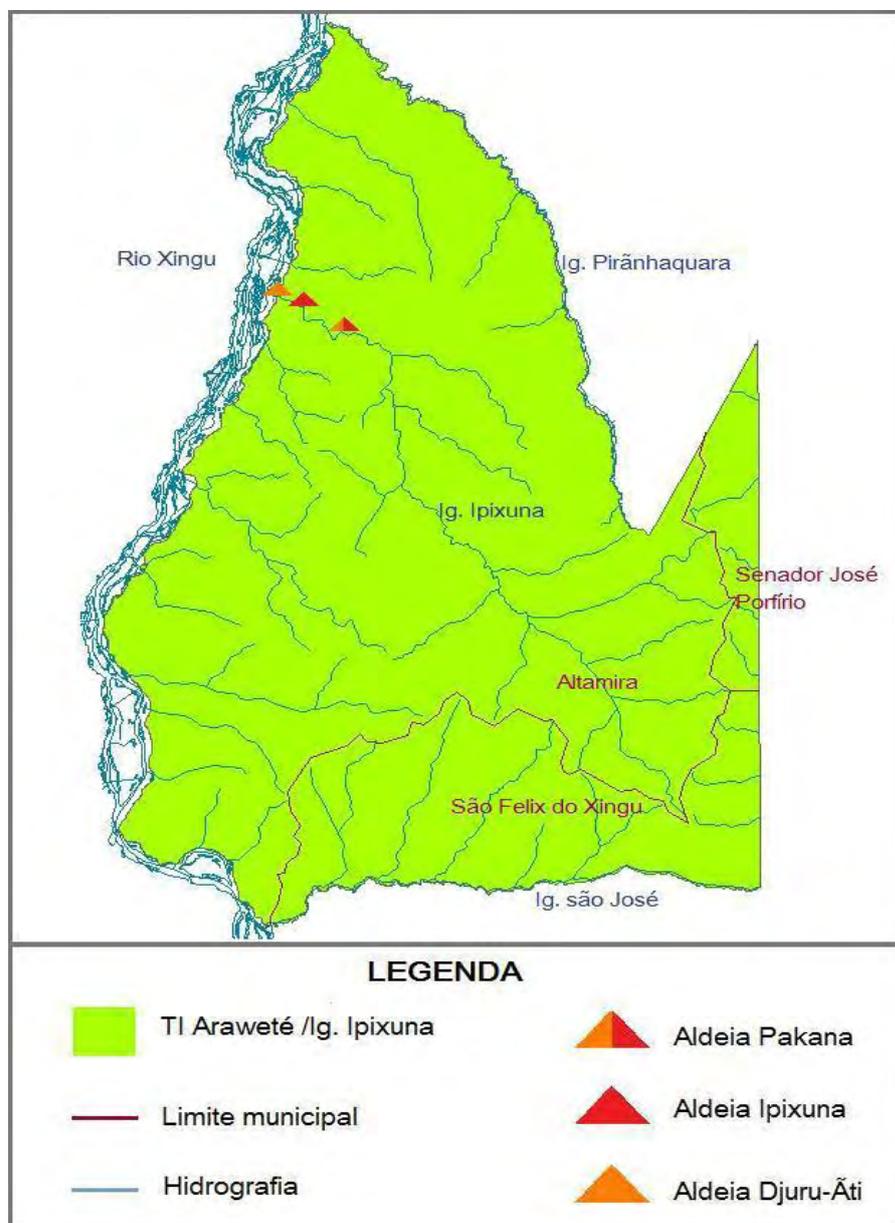
Xingu, ao norte e nordeste com a Terra Indígena Koatinemo, ao sul faz divisa com a Terra Indígena Apyterewa e ao sudeste com a Terra Indígena Trincheira Bacajá³.



Mapa I – Terra Indígena Araweté/Igarapé Ipixuna

³ A TI Araweté/Igarapé Ipixuna foi delimitada em 1992 (FUNAI – Altamira)

Segundo dados do censo de 2009 cedidos pela Fundação Nacional do Índio -FUNAI – da Administração Executiva de Altamira-Pa, a população Araweté é de, aproximadamente, 380 pessoas, divididos em três aldeias (cf. censo, em anexo): a Ipixuna (atualmente com 52 residências) formada pelos Araweté em 2001, devido a uma epidemia de catapora na aldeia que habitavam, cuja localização de difícil acesso, ficava muito acima do Igarapé Ipixuna; a Aldeia Pakaña (Pakaja), formada em 2005 por sete famílias e que, atualmente conta com 12 residências; e a Aldeia Juruati, formada em outubro de 2008, com 25 residências.



Mapa 2 – Aldeias Araweté

1.5.1 Araweté: a índia vestida

Nesta seção faremos uma síntese do trabalho de autoria de Berta Ribeiro (1983), “Araweté: a índia vestida”, por se tratar do primeiro texto publicado sobre o contato dos Araweté com não índios e sobre aspectos importantes de sua cultura.

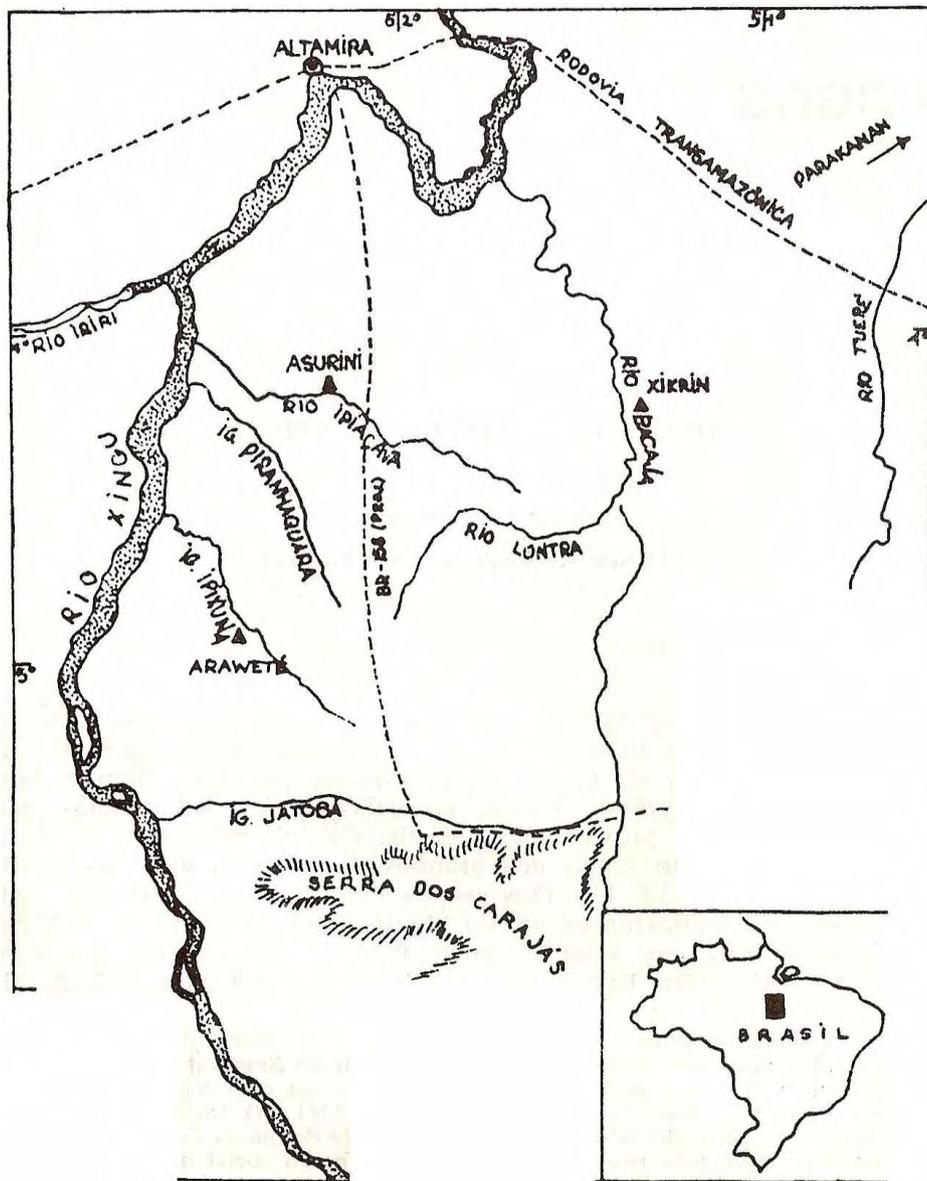
Baseada em sua própria experiência entre os Araweté, assim como em dois diários do indigenista J. Carvalho, (Diário 13/11/76 e Diário 27/5/77), em Arnaud (1978), e em um relatório de autoria de Viveiros de Castro e do Dr. Ribeiro (1982), Berta Ribeiro tece importantes considerações sobre a história do contato dos Araweté, sobre a divisão do trabalho no nível da subsistência e sobre a divisão do trabalho artesanal; informa sobre os deslocamentos, os inimigos, sobre o território tribal, sobre o primeiro recenseamento Araweté, e sobre os gêneros alimentícios, a caça a pesca, e a cultura material.

Sobre a história, Ribeiro (1983) observa que

Na década de 70 inicia-se a ocupação de uma área escassamente povoada à margem direita do médio Xingu (v. mapa 3). Essa região era tradicionalmente o *habitat* de grupos caracterizados por Curt Nimuendaju como tupi impuros (Jurúna, Xipáia, Kuruiaia), pelos Takunyapé, certamente tupi, e os Arara, provavelmente karib. (...) Dos grupos mencionados, os Jurúna, reduzidos em número, deslocaram-se para o Manitsauá-missu, afluente do Xingu, acima da cachoeira von Martius, atual Parque Nacional do Xingu, no começo do século. Os Takunyapé são dados como extintos desde fins do século passado. Dos Kuruiaia e Xipáia há poucos remanescentes vivendo em contato direto com a população de Altamira e arredores. Os Arara estão sendo neste momento atraídos pela FUNAI.

Ribeiro ressalta que, antes do contato com as turmas de atração da FUNAI, os Araweté já se relacionavam com seringueiros e gateiros, “...cujo "patrão", Cícero Maia, mandava que lhes dessem presentes de ferramentas, a fim de não perturbarem seu trabalho” (1983:03).

SUL DO PARÁ

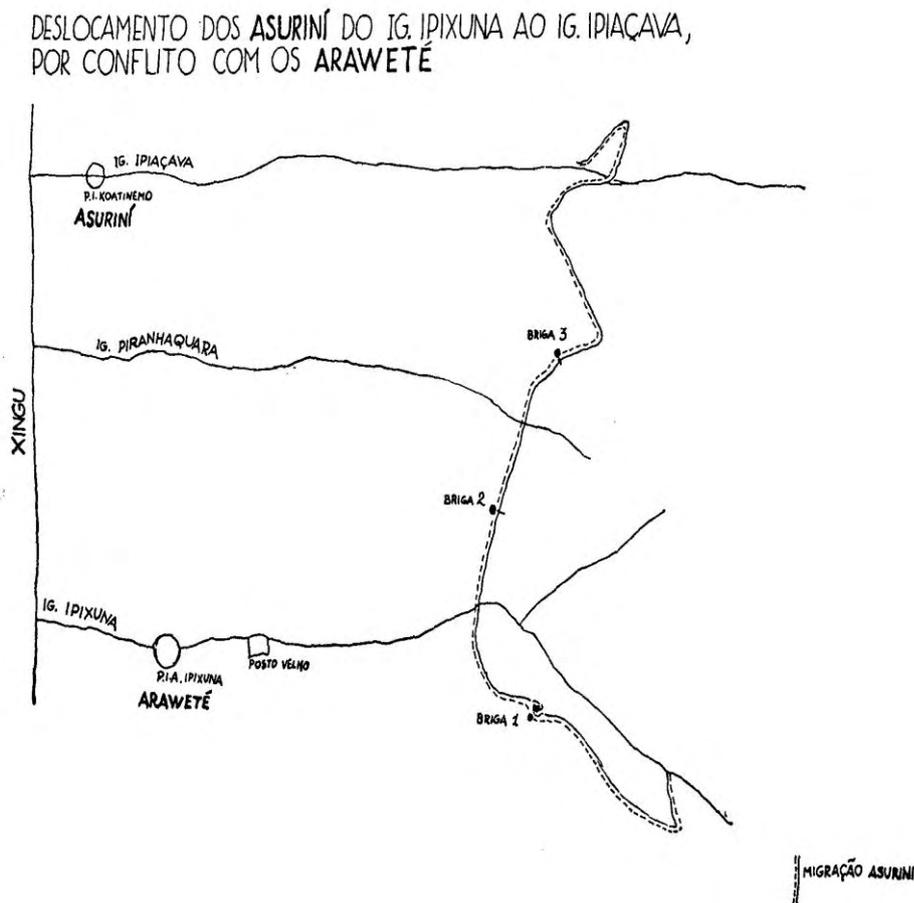


Mapa 3 (extraído de RIBEIRO, 1983:02)

Localização da aldeia Araweté (Ig. Ipixuna). Redesenhado de Arnaud, 1978.

Sobre os inimigos dos Araweté, Ribeiro observa que os mais recentes parecem ter sido os Parakanã e Asurini. A partir de um mapa traçado pelo índio Takamuin, Ribeiro aponta para o trajeto dos Asurini, "...os seus caminhos abertos ao longo das duas margens do Ipixuna, sua

fuga ao Ipiaçava, passando pelo Piranhaquara, e os locais dos combatentes que travaram com os Araweté.” (v. mapa 4)



Mapa 4 – Deslocamentos dos Asuriní por conflito com os Araweté (extraído de RIBEIRO, 1983:06)

Sobre a cultura de sobrevivência, diz Berta Ribeiro que os Araweté se abastecem geralmente de duas a três roças abertas pelo chefe de uma família nuclear, ou mais freqüentemente, de família extensa. Observa que a roça do ano é plantada por volta de novembro/dezembro e tem em média um hectare e meio (100 x 200 metros). Salienta que o cultivo mais importante é o do milho (*watsy*), o qual amadurece em março, “ocupando praticamente toda a extensão da roça”. Observa a esse respeito que, na época em que realizou a sua pesquisa junto aos Araweté, entre maio/junho de 1981, o milho já estava todo maduro, sendo consumido na forma de farinha (*watsy mepí*), e particularmente em forma de mingau (*kān* “... e, cerimonialmente, de cauim fermentado (*kān'idá*), bem como de pirão, isto é, misturado ao caldo de caça e peixe.”



Foto: Eliete Solano (2006)

Ilustração 1- Abertura de roça por famílias Araweté

Berta Ribeiro descreve a produção de farinha como se segue:

‘...debulhando-se as espigas secas, torrando os grãos num tacho de cerâmica (*inã'hein*) e pilando-os até reluzi-los a fubá, sem no entanto peneirá-lo. O mingau é feito pisando os grãos de milho sem torrá-los e, às vezes, peneirando-os. Reduzidos a pó mais ou menos uniforme, este é levado ao fogo com água. Do mesmo modo é elaborado o cauim, que é bochechado para produzir a fermentação. Essa é aumentada, guardando-se o líquido em panelas de alumínio, na falta das de barro, durante cerca de 15 dias. A massa mais grossa e a espuma são retiradas com colher. O cauim é periodicamente provado para ver se está no ponto’ (1983:08)



Foto: Eliete Solano (2006)

Ilustração 2 - Mulher Araweté debulhando espigas secas de milho

Berta Ribeiro salienta que não presenciou o consumo de milho verde, que, segundo a autora deve se dar em março e abril, mas, de acordo com as informações obtidas por funcionários do posto, ficou sabendo que o milho verde é consumido de preferência tostado, e, eventualmente, em forma de mingau. Observa que, entre os Araweté, diferentemente do que ocorre com os Asuriní do Coatinemo, os grãos são pisados no pilão e que a massa é cozida sem peneirar, ao contrário do que fazem esses últimos.

Os produtos secundários dos Araweté são, de acordo com Berta Ribeiro, a batata doce (*dytfi*), o cará (*karãñ*), plantados entre as touceiras de milho e, em menor número, a macaxeira, cujo nome genérico é *madzá*. É também chamada "makatsíra". Berta Ribeira observa que *Madzá* é igualmente o termo genérico com que os Araweté designam a mandioca brava, plantada nos arredores da aldeia pelos funcionários do Posto para uso próprio e dos índios.

Dentre as várias informações etnográficas e lingüísticas oferecidas por Berta Ribeiro sobre a língua e a cultura Araweté, como os termos dos alimentos e instrumentos de trabalho e de preparo alimentar, estão informações como a da existência de um pau de cavouco, simples

vara de madeira com a ponta inferior aguçada, denominada *ii' dá*. Observa que naquela época, a broca, a derrubada e a coivara eram feitas com ferramentas fornecidas pela FUNAI.

Observa que o cará, a batata e a macaxeira consumidos em maio/junho provêm da roça plantada há dois anos e até três, uma vez que os do ano anterior ainda não estão suficientemente maduros.

Sobre a divisão do trabalho entre os Araweté, Berta Ribeiro observa que a mulher, no que diz respeito ao trabalho agrícola, além de participar da colheita, participa do plantio de espécies como o milho, a batata, o mamão, entre as comestíveis; o algodão, o urucu e a *lagenária*, plantas de cultivo permanente e de manipulação exclusivamente feminina.

Observa que o algodão e o urucu são de grande importância para a mulher,

(...) “porque ela é a fiandeira e a tecelã e emprega o urucu para tingir suas roupas e redes, além de usá-lo profusamente na pintura de corpo.” Por essas peculiaridades, dir-se-ia que se trata de plantas “ eminentemente femininas”. Sobre as que chama de “plantas masculinas”, cujo cultivo cabe ao homem, esta o cará, a macaxeira, a mandioca, a banana, o caroá e o fumo. Observa que as três últimas, bem como o urucu são plantados junto às casas, sabendo cada qual a quem pertencem. (1983:11)



Foto: Eliete Solano (2006)

Ilustração 3- Mulher Araweté levando urucum para tingir roupa.

Berta Ribeiro observa que a participação da mulher no preparo da roça é menor do que a do homem. Por meio de informação indireta, destaca que o é homem quem broca, derruba a mata, queima, abre caminhos e constrói pontes (*íriwawãn*). Observou a construção de várias casas pelos homens, que trazem do mato a madeira para o arcabouço, pilastras e travessões, a palha para a cobertura de folha de babaçu, o pecíolo da mesma usado para fazer grade e, ainda, os cipós para os amarrados. Quanto à construção das casas, Berta Ribeiro observa que a mulher “...contribui na abertura da palha, puxando cada pínula para alinhá-las perpendicularmente à nervura. Ajuda também na amarração do gradeado, no barreamento e reboco das paredes.”



Foto: Eliete Solano (2006)

Ilustração 4 - Construção de casa Araweté

Faz a importante observação de que no trabalho doméstico, a participação feminina e masculina quase que se equivalem, mas a caça é preparada, de um modo geral, pelo homem. Observa a esse respeito que a refeição mais forte é feita à noite, depois que o homem volta do mato, com sua coleta de tatu ou jabuti, que é feita a cada dois ou três dias e que, a exemplo dos Asuriní, costumam guardar jabutis vivos dentro das casas, porém em número menor que aqueles.

Berta Ribeiro observa que a farinha de mandioca (*otyn*) é preparada também pelo casal, cabendo ao homem mais que à mulher, ralar a raiz, não estando ela.



Foto: Eliete Solano (2006)

Ilustração 5 - Tatuaru Araweté ralando mandioca

A divisão do trabalho artesanal equilibra a participação do homem e da mulher, embora observe que a mulher ocupa mais horas na atividade artesanal que o homem. A cultura material dos Araweté, segundo Berta Ribeiro compõe-se, aproximadamente, de 53 itens, dentre os quais o formão (paratsy) com cabo de madeira lavrada e ponta de dente de cotia ou paca.

“...esse instrumento é usado constantemente pendente de um cordão posto na cabeça, caindo sobre a nuca, vindo acompanhado de um troço de pau duro para amolar (tatsipé) e um apito de osso de gavião, com que os índios se comunicam quando andam pelo mato e que falta no símile dos Asuriní.” (1983:13)

Berta Ribeiro descreve outro implemento que funciona também como ponta de flecha que é o *atsítsikin*, o qual é feito do fêmur de guariba, é afilado na ponta e com chanfradura na extremidade posterior. Com essa soveia os Araweté perfuram a haste de bambu da flecha, a fim de introduzir no orifício o fio de caroá com que costuram a emplumação tangencialmente à haste. Com o mesmo instrumento fazem o furo na palha do babaçu para atar cada dobra, na

confeção do patuá (patu'ã). Observa que, com o formão alisam o arco depois de esculpido a faca, a fim de tirar-lhe os nódulos e obter a curvatura desejada. Esta é obtida, esquentando a madeira untada com o leite da amêndoa do babaçu mastigada.

Berta Ribeiro observa que depois do contato, devido ao fato de não existir argila apropriada junto às aldeias, as mulheres Araweté praticamente deixaram de fazer recipientes de barro. Entretanto, a autora deixa claro que a razão mais forte foi a introdução maciça pela FUNAI de panelas de alumínio que vieram substituir o antigo vasilhame, exceto a torradeira de grãos de milho, de uso constante.

Sobre o equipamento de casa, Berta Ribeiro descreve-o como constituído de um ou mais jiraus onde se colocam os *pehí* (cestos de carregar e armazenar) com guardados; cochos (*ipé heté*) de diversos tamanhos e formas, feitos da bainha da folha do babaçu (os alongados) e de açaí (*ipé arará* - os mais arredondados e côncavos). A autora informa que nesses cochos “...a mulher acondiciona o algodão a descarregar e as "almofadas" já preparadas, isto é, o algodão aberto em flocos, pronto para ser fiado. Esses cachos são, por assim dizer, "pau para toda obra".”



Foto: Eliete Solano (2006)

Ilustração 6- Jere'ehi abrindo algodão

Segundo Berta Ribeiro esses cochos são também o recipiente em que se colocam o milho debulhado, mingau a ser esfriado, o urucu a ser pisado ou o pó de urucu já preparado e serve ao mesmo tempo de assento e de vasilhame. Servem também para esse fim casco do jabutí (*iaty*) “... onde é geralmente servida a carne desse quelônio”.

Berta Ribeiro (1983:15) observa também que:

Nos jiraus existentes no interior da casa vêm-se, ainda, pontas de flechas de taquara, semi-preparadas, em grande quantidade. O maracá (*arái*) trançado pela mulher com talas de taquarinha preparadas pelo homem e adornos de penas de arara e floco de algodão, é também encontrado em todas elas. Pendentes se vêm dezenas de enfiaduras de colares de contas negras de sementes (*tsifã*). E junto às redes, os fogos para aquecer à noite, ou preparar algum alimento. De um modo geral, porém, o fogo para a cozinha - taras de lenha onde se coloca a panela é armado fora de casa. Uma ou outra tem um moquém.

Berta Ribeiro observa que uma das características mais marcantes dos Araweté, como etnia, é o uso da vestimenta feminina. Diz a autora que “tanto assim é que os Asuriní, a par da designação Ararawa, empregam a de Tsiro tingí (saia branca) para nomeá-las.”

Sobre a indumentária feminina, Berta Ribeiro a descreve assim:

A indumentária feminina completa da mulher adulta é composta de quatro peças:

- a saia-cinta, usada para cobrir a genitália, apertar o terço superior da coxa e as nádegas, acima da dobra; saia propriamente dita;
- a tipóia e o tubo-lenço para a cabeça.

A autora observa que todas as peças são tecidas segundo a mesma técnica “... entrecruzamento da urdidura por torção de dois fios da trama - com carreiras paralelas em sentido longitudinal (tecido entretorcido - *twined*)”. No caso da saia-cinta, observa que essas carreiras são montadas próximas umas às outras formando um tecido compacto (*weft faced*) isto é, com a trama aparente, que se assemelha a uma lona. Observa ainda que a mesma técnica é usada para a confecção da rede de dormir. Utiliza-se um tear horizontal formado por duas varas fincadas no chão.

Chama-se *peheme*, nome da matéria prima: o pecíolo da folha nova do babaçu. A distância entre as mesmas varia de acordo com a largura que se queira dar à saia, ou o comprimento da rede. No vão entre as duas varas, engatadas na chanfradura natural do pedalo, são colocadas duas outras, do mesmo material, em sentido transversal. Assim são firmados os dois postes, que constituem as urdideiras, uma vez que neles é montado o urdume. (1983:16)



Foto: Eliete Solano (2006)

Ilustração 7- Mulher Araweté confeccionando saia

Segundo Berta Ribeiro, o uso dessas quatro peças da indumentária feminina é constante e ininterrupto, mas, nem sempre, a mulher, mesmo quando madura, enverga todas elas ao mesmo tempo. Mais frequentemente usa a saia cinto (*tupã hété* - roupa verdadeira), a saia (*tupã'in*) e a tipóia (*ipotsi hã nehã*), tenha ou não filhos de colo. O tubo-lenço é ao mesmo tempo uma maneira de proteger a cabeça do sol, daí o nome, *dapité nehã* (chapéu), de cobrir com ele a cabeça do filho de colo, ou simplesmente de abanar-se e à criança para evitar a picada dos incômodos piuns.

Finalmente, Berta Ribeiro observa que as meninas, a partir dos 6 anos, começam a usar a saia, “...da qual as maiores de 8 anos nunca se separam...”, e, às vezes, também a tipóia. Segundo Berta Ribeiro, a tipóia tem função multiuso: pode ser posta na cabeça, como enfeite ou para evitar o sol quente, embora a sua serventia maior seja a de bolsa em que se carrega desde produtos da roça até “...qualquer coisa que se encontre no caminho, e,

naturalmente, o filho de colo”.

Berta Ribeiro resume a toalete feminina completa como sendo assim composta e mais de um fio de algodão tinto de urucu amarrado abaixo do joelho e outro no tornozelo, “...do colar de contas de sementes (*tsiftã*) e de um par de brincos (*ftamikã*) constituído de sementes pretas e flores de penas, também de uso masculino.”



Foto: Eliete Solano (2006)

Ilustração 8 - Índia Araweté com indumentária completa



Foto: Eliete Solano (2006)

Ilustração 9- Aajuhi Araweté com par de brincos de sementes pretas

A autora ressalta que, depois de sua saída da aldeia, Iara Ferraz observou a confecção de tornozeleira com agulha de croché, e o uso, de jarreteiras (*takurapy*) e tornozeleiras (*iwikatihã*) "coisa de baixo", por duas mulheres Araweté e que a agulha era de osso de macaco guariba. Segundo Berta Ribeiro, "... E. Viveiros de Castro anotou o uso, pelos homens, de pulseiras (*pã api*) e braçadeiras.". Segundo Berta Ribeiro, o emprego dessa técnica constitui um traço em comum com os Asuriní e também com os Juruna.

Sobre o cuidado com o corpo, Berta Ribeiro observa que:

(...) inclui a remoção das sobrancelhas em ambos os sexos, mas não dos cílios, como entre os Asuriní, e o uso de uma pintura facial e corporal de urucu. A primeira consiste de dois traços partindo da boca para as orelhas, um outro na horizontal, abaixo da franjinha e um terceiro na vertical, dessa linha até a ponta do nariz. Essa pintura é feita com urucu cozido na água até secar. Para torná-la mais firme adicionam-lhe a seiva perfumada de uma árvore (*mea'í*). Com outra seiva fixam a penugem de gavião que colocam no cabelo untado de urucu, em ocasiões especiais (os homens a usam, também, no peito), formando uma linha na horizontal. Mais comumente, homens, mulheres e crianças untam-se de urucu da raiz dos cabelos até a ponta dos pés. Uma ou outra vez pode ver-se uma mulher ou um homem com tracejados simples no corpo feitos a dedo com a mesma tinta. (1983:17)



Foto: Eliete Solano (2006)

Ilustração 10- Tatuahi raspando sobrancelha de seu esposo Tatuaru



Foto: Eliete Solano (2006)

Ilustração 11- Ajajuru Araweté pintando-se para a festa do Jabuti

O estudo de Berta Ribeiro é uma peça fundamental da etnografia Araweté e muito do que ela descreve continua vivo; mas algumas informações não são mais atestadas. Seu trabalho é também finamente importante para a lexicografia Araweté, pelos inúmeros nomes que só uma mente especializada como a dela poderia registrar com tanta minúcia.

1.5.2 Sobre a origem dos Araweté de acordo com Viveiros de Castro (1986)

Eduardo Batalha Viveiros de Castro, em seu livro *Araweté, os deuses canibais* (1986), além da rica contribuição que traz à etnografia dos povos Tupí-Guaraní, focalizando a cosmologia Araweté, descrevendo e interpretando os modos como uma de suas ramificações, manifesta as relações entre pessoa e divindade, é também uma grande contribuição ao conhecimento da organização social e da cultura do povo Araweté. Ao darmos uma visão acerca da literatura lingüística sobre a língua Araweté, fizemos menção à importante contribuição de Viveiros de Castro ao conhecimento dessa língua. Nesta seção, nos limitaremos a considerar as informações oferecidas por esse autor sobre a origem dos Araweté e a sua onomástica.

De acordo com Viveiros de Castro (1986:132), os Araweté são os remanescentes de uma população de caçadores e agricultores da floresta de terra firme, que teriam se deslocado das cabeceiras do rio Bacajá para o Xingu há aproximadamente 40 anos, tendo então ocupado uma “área entre as bacias dos rios Bom Jardim (dito “S. José” em alguns mapas) ao sul, e Piranhaquara ao norte, que inclui os rios Canafístula, Jatobá e Ipixuna”. Sobre a identificação de outros índios pelos Araweté, Castro menciona os Kayapó-Xikrín localizados a leste do rio Bacajá, um dos grupos Parakanã que foi contactado ao sul do Igarapé Bom Jardim, e os Asuriní do Xingu, cujo território se localizava a partir da margem esquerda do rio Piranhaquara. Esses seriam os inimigos tradicionais dos Araweté. Ainda segundo Castro (1986:133), “a área mais densamente explorada pelo grupo, nas condições presentes de dependência do Posto da FUNAI, compreende uma faixa de cerca de 50 a 60 quilômetros para cada lado do Ipixuna, da foz às cabeceiras”.

Para Viveiros de Castro não existe nenhuma referência bibliográfica aos Araweté, ou a qualquer grupo que se possa inequivocamente identificar como “Araweté”, até o início da

década de 1970. A vasta região do interflúvio Xingu-Tocantins, na altura do médio-baixo curso de ambos os rios, era ocupada por diversos grupos Tupí-Guaraní, desde pelo menos o século XVII (NIMUENDAJU, 1948:199-243; NIMUENDAJU/IBGE, 1981). Desde as matas do médio Xingu até as bacias dos rios Capim, Acará, Gurupi e Pindaré estende-se uma região ocupada quase exclusivamente por povos desta família lingüística, limitada ao norte pelo Amazonas, ao sul e a sudeste por grupos Jê (Kayapó e Timbira), e com uma importante intrusão Caribe (Arara). Na região do Xingu e mais a oeste, já na bacia do Tapajós, grandes grupos Tupi de outras famílias lingüísticas (Juruna, Munduruku) interrompem a continuidade dos Tupí-Guaraní, que irão reaparecer no Madeira, com os Tupí Centrais (Kagwahiv).

Viveiros de Castro refere-se à região em que habitam os Araweté como verdadeira “província” Tupi-Guarani do Pará, que corresponde à “área cultural do Pará” de Murdock (1974:32) – a qual se estende do Maranhão até o rio Madeira, contudo – dos Tenetehara aos Cawahib, ignorando as diferenças entre os Tupí-Guaraní e os outros Tupí e “... dissolvendo, igualmente, a unidade histórica provável dos grupos Tupi-Guarani entre o Xingu e o Gurupi”. Para Viveiros de Castro, o recorte de Murdock (1974) é, entretanto, melhor que o de Galvão (1979), que ‘...fragmenta a província Tupí-Guaraní em duas áreas, a Tocantins-Xingu e a Pindaré-Gurupi, sem fundamento claro.’ (CASTRO, 1986:137).

Viveiros de Castro lista uma série de grupos indígenas da área que, segundo ele, corresponde à área dos Araweté, a área do Xingu-Tocantins. São estes os antigos Pacajá (século XVII a 1963), os Tapiraua (fins do séc. XIX), os Kupê-rób (em guerra com os Apinayé; de meados do séc. XIX até 1920), os Anambés – todos nas matas da margem esquerda do Tocantins. Na região do Xingu-Bacajá, os Takunyapé. Dos grupos que existem até hoje, os “Asurini” já eram conhecidos desde fins do século passado na região entre o Xingu e o Bacajá (COUDREAU, 1977); os Parakanã surgem na margem esquerda do Tocantins no começo do séc. XX (NIMUENDAJU, 1948:206-07). Na década de 1920, os Suruí e os Akuáwa-Asurini começam a ser conhecidos pelos brancos, na região do baixo Araguaia, Itacaiúnas e Tucuruí; seu contato definitivo só se dará na década de 1950 (LARAIA & DA MATTA, 1967). Segundo Viveiros de Castro, a estes grupos somavam-se, na porção mais ocidental da área, os Juruna e os Arara (Pariri). Os Juruna, diz Viveiros de Castro (p. 138), provavelmente vindos do Rio Amazonas, dominaram o baixo e o médio Xingu nos séculos XVIII e XIX, e seu movimento migratório, em função de choques com os brancos e os Kayapó, levou-os para o alto Xingu no começo do século XX. Os Shipaya, grupo lingüística e culturalmente muito próximo dos Juruna, parecem nunca ter-se estabelecido na

margem direita do Xingu. Os Arara também são conhecidos desde o século XX, tendo sido identificados em uma vasta região, em ambas as margens, no Pacajá e na margem esquerda do Tocantins. Em 1971 um grupo Arara foi localizado na margem direita do baixo Bacajá; lá combateram contra os “Asurini” (NIMUENDAJU, 1948:224). Ao contrário dos Juruna e Shipaya, tribos canoieiras que sempre se estabeleceram junto aos grandes rios e em suas ilhas, os Arara, como a maioria dos Tupi-Guarani da região, eram um povo da terra firme.

Viveiros de Castro (1986:139) menciona, ainda, outro grupo Tupi-Guarani atual de origem médio-xinguana, os Wayãpi, localizados na confluência do Iripi com o Xingu (margem esquerda) em meados do século XVII, e que iniciaram uma longa migração durante o século XVIII em direção ao norte, cruzando o rio Amazonas e atingindo o alto rio Jari e o Oiapoque, em fuga diante das tentativas de redução missionária (GALLOIS, 1980:55-59).

Para Viveiros de Castro, a origem histórica de todo esse conjunto de tribos Tupi-Guarani do Pará-Maranhão – e que, além dos povos já mencionados, deve verossimilmente incluir os grupos de além-Tocantins: Amanayé, Turiwara, Urubu, Guajá, Tenetehara – é de difícil precisão. Para ele, a reconstrução histórica dos movimentos Tupi-Guarani na região ainda está por fazer e dependerá muito da história oral dos grupos atuais. Considerando as observações feitas por Laraia (1984) sobre os Urubu-Kaapor, os quais teriam estado localizados bem mais a oeste de seu atual território e considerando que os Suruí e os Akuáwa-Asurini afirmam ter vindo de uma região a noroeste de seu sítio atual, cogita a possibilidade de que os Araweté teriam tido uma origem a leste do Ipixuna. Observa ainda a possibilidade de uma situação “originária” do grupo “proto-paraense” no interflúvio Xingu-Tocantins, talvez na área do alto Pacajá de Portel, ou do Anapu.

Viveiros de Castro chama a atenção para a presença Kayapó na região, a qual provocou extensos deslocamentos dos grupos locais, causando neles grandes baixas, sobretudo nos grupos de terra firme, mais vulneráveis que os canoieiros e ilhéus Juruna-Shipaya. Observa que, em 1936, os Gorotire, “em sua expansão para o norte, atacaram e derrotaram os Asurini” (NIMUENDAJU, 1948:225). Observa, também, que data desta época a separação dos Xikrin, e a chegada de um grupo Xikrin ao Pacajá, onde se chocaram com os Asurini, Araweté e Parakanã. Os Xikrin do Cateté, igualmente, guerreavam contra estes grupos (ver VIDAL, 1977).

Viveiros de Castro observa que, a partir da década de 1970, a construção da Transamazônica e a expansão da fronteira para a região do Xingu terminam por enclausurar os Tupí-Guaraní da área, de forma que o contato de todos eles se efetivou – em 1971 os Asuriní, em 1976 os Araweté, e, em 1984, os últimos Parakanã.

Conclui ressaltando que as escassas descrições sobre os grupos Tupí-Guaraní desaparecidos não autorizam nenhuma hipótese sobre ser algum deles ancestral dos atuais Araweté. Ele diz: “refiro-me especialmente ao que se sabe sobre os Takunhapé”. Observa que, no século XVII, a margem direita do Xingu acima de Volta Grande era conhecida como “lado dos Takonhapés”, e o “rio dos Takonhapés” era provavelmente o Bacajá (NIMUENDAJU, 1948:222). Ressalta que os Takunhapé foram aldeados por missionários várias vezes, e uma parte deles, resistindo, fugiu para as bandas do médio Curuá. Foi então que, em 1863, uma epidemia dizimou a então numerosa população Takunhapé; Viveiros de Castro menciona o vocabulário colhido por Nimuendaju em 1919 e observa que o mesmo não mostra nenhuma semelhança especial com o Araweté contemporâneo (NIMUENDAJU, 1932).

1.5.3 A Onomástica Araweté

Viveiros de Castro (1986:367) observa que há poucas restrições quanto ao uso ou menção dos nomes pessoais na fala Araweté, e elas não remetem a posições de parentesco: chama-se pais, sogros, cunhados, cônjuges pelo nome. Salienta que há apenas duas restrições:

- não se evoca o nome da infância de um adulto em sua presença – isso produziria “medo-vergonha” (*čīye*) e “raiva” (*mo-irã*) no nomeado;
- não se diz o próprio nome, em contextos verbais onde o sujeito da enunciação é o sujeito do enunciado: ninguém se auto-nomeia; por outro lado, os nomes de infância (*hadĩ me he re*, “do tempo de criança”) de vários adultos estão embutidos nos tecnônimos de seus pais, e ali não sofrem restrições.

Segundo Viveiros de Castro (1986:368), uma pessoa pode dizer o próprio nome se estiver citando o discurso de outrem – o caso típico é o canto xamanístico, onde deuses e mortos podem interpelar o xamã por seu nome, que assim se “auto-nomeia” (*odĩ nĩ*)

Cada pessoa, segundo o mesmo autor, recebe apenas um nome (*erai*) na infância e o portará (*hereka*, trazer, portar) até que lhe nasça o primeiro filho. Esta é a regra obrigatória para as mulheres, mas os homens podem passar a ser denominados tecnicamente através da esposa, desde o casamento. A forma usada é “X-*pihã*”, “companheiro de X” (nome da mulher), onde *pihã* se analisa *pi-hã*, “que reside junto a”, forma que conhece o pretérito *pi he re*, “ex-companheiro” (de fulana). Quando nasce o primeiro filho, o casal “joga fora” seus nomes de infância e muda para os tecnônimos: “Y-ro” e “Y-hi”, “pai” e “mãe” de Y (nome da criança). Assim, a cada filho que nasce, em princípio, os pais podem ser renomeados conforme nome dele; acumulam assim tantos tecnônimos quantos são, vivos ou mortos, seus filhos.

Viveiros de Castro observa que, na prática, apenas um ou dois tecnônimos (mas há casos de três) tendem a ser empregados pelo resto da vida e após a morte, e em geral o nome do primogênito é o que se mantém. Acrescenta que o primeiro filho é considerado um “nominador” dos pais, razão por que a escolha de seu nome é objeto de maiores cuidados. Para Viveiros de Castro o que se está realmente nomeando são os pais, permitindo que deixem seus nomes de infância e atinjam o status de adulto: os tecnônimos são nomes mais “próprios”: uma vez obtidos, os nomes de infância viram automaticamente fonte de vergonha para seus ex-portadores, “não são bons de se ouvir”, dizem. (cf. CASTRO, 1986:370)

Viveiros de Castro observa que não existe, entre os Araweté, nenhum outro método ou ocasião de mudança de nomes que não seja o nascimento de filhos, e nenhuma outra fonte de nomes: nem a puberdade, nem sonhos, nem homicídio, como é tão comum entre os outros Tupí-Guaraní. Observa, entretanto, é para as mães, mais que para os pais, que o nascimento de um filho é essencial para a troca de nome: enquanto estes podem deixar seus nomes de infância via casamento, aquelas só o fazem quando têm um filho. Viveiros de Castro coloca que o casamento é para o homem o que o filho é para a mulher, e sugere que essa diferença pode ser explicada pelos diferentes momentos e movimentos de cada sexo no romper sua situação “infantil”: num sistema uxorilocal, o casamento tira o homem de sua origem e o transforma num “residente junto à mulher”; para a mulher, é o nascimento do primeiro filho que efetivamente corta o “cordão umbilical” que a liga à mãe; é a partir daí que ela deixa de ser um apêndice da economia doméstica materna, e se volta para a própria casa.

Por outro lado, um homem, embora tenha obtido seu tecnônimo pela paternidade, continua a ser chamado, alternativamente à forma “pai de Y”, pelo tecnônimo “companheiro de X” – ou melhor, “companheiro da mãe de Y”, pois este é agora o nome de sua mulher. Assim, por exemplo, Payikã passou, após seu casamento com Morehã, a ser chamada de Morehã-pihã (ou ainda por Payikã). Nascida Heweye, Morehã virou Heweye-hi; Payihã virou Heweye-ro ou ainda Heweye-hi-pihã (cf. p.370). A forma pihã, assim, é tanto um nome pessoal quanto uma forma “formal” de tratamento entre homens.

Viveiros de Castro (1986:373) acrescenta que a nomeação das crianças, assim como a de seus pais, não é objeto de nenhuma cerimônia pública e não há nominadores pré-determinados, por posição de parentesco ou por outros critérios. Diz, entretanto, que segundo alguns, haveria um ritual de nomeação e que o nominador, fumando, pega a criança, põe-na sobre seu joelho, e após alguns minutos diz a fórmula: “aye te (nome da criança) – lit. “chega, está pronto (e diz o nome)”. Viveiros de Castro ressalta que das várias crianças que nasceram e foram nomeadas entre 1981-1983, apenas uma foi submetida a esse ritual, mas que ele não havia assistido. As outras receberam seus nomes informalmente, fora de qualquer ocasião precisa: foram passando a ser chamadas por seus nomes.

Viveiros de Castro ainda acrescenta que mulheres importantes podem ser consultadas e ser responsáveis por nomes dados. Observa que “...os avós da criança, de sua parte, têm sua palavra a dar na escolha do nome. Mas os pais – que também podem escolher por conta própria o nome – sempre opinam, e podem recusar as sugestões” (1986:373).

Segundo esse autor, só há uma regra sempre seguida e fundamental que é a que proíbe duas pessoas vivas com o mesmo nome na tribo. Para Viveiros de Castro isto se aplica aos nomes de infância dos adultos vivos, “jogados fora”; os quais não podem ser dados a crianças, enquanto seus antigos portadores estiverem vivos. Viveiros de Castro conclui que um nome, para ser conferido, tem de ser ou “inédito”, ou de um morto.

Viveiros de Castro (1986:374) observa, ainda, que o repertório de nomes pessoais em Araweté é extenso e aberto a inovações e que remete a três classes que se recobrem parcialmente, ou melhor, a três critérios. Uma criança pode ser nomeada “conforme um ancestral” (pirowi’hã ne), “conforme um inimigo” (awĩ ne) ou “conforme uma divindade” (Mai de). E há uma classe residual pequena, de nomes inventados por outros critérios que não os dois últimos (os “nomes de ancestrais” formam, por princípio, um repertório fechado).

Consoante Castro, a classe dos nomes conforme um morto é heteróclita e abriga nomes que os Araweté não sabem traduzir e que, para esse autor são “apenas nomes”

personais, muitos dos quais teriam sido inventados, ou remetem a etimologias arcaicas. Entretanto, observou ele que a maioria dos nomes de ancestrais tem significado: nomes de ancestrais míticos (que por sua vez podem ter ou não significado), nomes de animais (sobretudo pássaros), de plantas, de objetos, de verbos (“apagou”, “escanchar”), de qualidades (“vermelho”, “único”), e até termos de parentesco ou classe de idade (“minha avó”, “moça”, “meninota”, “finado pai”) – além dos nomes de inimigos e de divindades. Estas duas últimas classes, juntas, formam cerca de 70 por cento do repertório onomástico Araweté; o que não deve ser confundido, entretanto, com o triplo critério de escolha de nome.

Finalmente, Viveiros de Castro (1986:381) ressalta que, após sua morte, o nome pessoal de um indivíduo é usualmente seguido pelo sufixo -reme (menos comumente, -ami), “finado”, o qual, segundo o autor, segue também os designativos de parentesco. Viveiros de Castro ressalta que, nos cantos xamanísticos em que os mortos se fazem presentes e são nomeados, o sufixo não pode ser usado.

1.6 Organização interna da presente tese de doutorado

Neste capítulo I introduzimos o trabalho, apresentando seus objetivos, metodologia e fundamentação teórica. Nele, é dada uma visão geral do estado da arte do conhecimento lingüístico sobre a língua Araweté e traz importantes informações sobre o povo Araweté, sua origem e sua cultura com base nos escritos pioneiros sobre esse povo, *Araweté: a índia vestida*, de autoria de Berta Ribeiro (1983) e *Araweté: os deuses Canibais* de autoria de Eduardo Batalha Viveiros de Castro (1986).

O capítulo II apresenta observações gerais sobre a fonologia segmental da língua Araweté. O capítulo III oferece uma caracterização tipológica da língua Araweté e a situa no contexto da família lingüística Tupí-Guaraní. O capítulo IV fundamenta a distribuição das palavras do Araweté em 11 classes, três das quais flexionáveis. Neste capítulo são descritas as estruturas internas das classes flexionáveis, assim como a constituição dos sintagmas que encabeçam. Neste capítulo, apresentam-se também os critérios semânticos e sintáticos que contribuem para fundamentar a descrição de 11 classes de palavras em Araweté. O capítulo V descreve cada uma das classes de palavras individualmente, tanto no plano morfológico, quanto nos planos morfossintático e sintático. O capítulo VI descreve os predicados nominais

identificados até o presente na língua Araweté. Mostramos que nomes predicam, mas os predicados dos quais são núcleos são predicados nominais. Mostramos também que verbos podem ser núcleos de predicados nominais. No capítulo VII descrevemos os processos de coordenação e de subordinação identificados no Araweté. O capítulo VIII trata das expressões de negação do Araweté, distinguindo as estratégias usadas para negar constituintes diferentes. O capítulo IX descreve as estratégias morfossintáticas usadas nas perguntas e aponta para uma posição de tópico/foco em que figuram os constituintes interrogados. O capítulo X trata dos processos de derivação e o capítulo XI trata dos processos de composição na formação de novas palavras. O capítulo XII trata do processo de reduplicação, especialmente como recurso para expressar as noções de aspecto e modo de ação na língua. O capítulo XIII trata da hierarquia referencial em Araweté. O capítulo XIV é dedicado ao estudo da manifestação de referência alternada em Araweté, o capítulo XV trata das estratégias de focalização/topicalização e o capítulo XVI descreve as expressões de modalidade nessa língua. Na conclusão, capítulo XVII, apresentamos os resultados do estudo. A conclusão é seguida pelas referências bibliográficas e por três anexos, o anexo A, contendo dois textos analisados, o anexo B, contendo um glossário da língua Araweté e o anexo C, os censos que incluem informações sobre os Araweté, realizados de março de 2007 a março de 2009.

1.7 Conclusão

Neste primeiro capítulo, apresentamos uma introdução ao estudo, explicitando os seus objetivos, a justificativa para o mesmo, a metodologia e a fundamentação teórica utilizadas. Informamos sobre a extensão e natureza dos dados lingüísticos usados e quais os critérios analíticos considerados na análise dos dados. Transcorremos sobre os trabalhos lingüísticos do Araweté, com ênfase no estudo pioneiro de Leite e Vieira (1998) sobre a fonologia e morfossintaxe dessa língua. Apresentamos de forma resumida algumas das importantes informações etnográficas sobre os Araweté contidas no trabalho seminal de Berta Ribeiro (1983) “Araweté: a índia vestida”. Incluímos, também, igualmente de forma resumida, o estudo feito por Eduardo Batalha Viveiros de Castro (1986) sobre a origem e sobre a onomástica Araweté.

Finalmente apresentamos a organização interna da presente tese de doutorado.

CAPÍTULO II

2. Esboço da fonologia segmental da língua Araweté

2.1. Introdução

No presente capítulo tratamos da fonologia segmental da língua Araweté, com base nos estudos desenvolvidos por Rodrigues (1984-85), Viveiros de Castro (1986), Vieira e Leite (1998), Zorzetti (1998), Leite *at ali* (1999), Cabral e Rodrigues (1999), Solano (2004), Alves (2008), mas também considerando o que a experiência com essa língua nos tem ensinado durante os últimos cinco anos de estudo. Salientamos aqui os contrastes entre sons distintivos e as possibilidades de cada um deles realizar-se foneticamente de acordo com fatores condicionantes específicos, as posições que ocupam nas estruturas silábicas, os processos morfofonológicos que os fazem adquirir propriedades de outros fonemas, assim como o padrão acentual no nível da palavra fonológica.

2.2 Consoantes e vogais: fundamentando contrastes

O conhecimento acumulado até o presente sobre aspectos fonológicos da língua Araweté revela a existência de 12 consoantes e de 09 vogais fonêmicas nessa língua. A realização das consoantes dá-se em cinco pontos de articulação – bilabial, alveolar, alveopalatal, velar e glotal - e em quatro modos de articulação – oclusivo oral, oclusivo nasal, fricativo e aproximante. A realização das vogais configura-se como abrangendo dois graus com respeito à altura da língua: +/- alto e três graus com respeito ao avanço e recuo da língua – anterior, central e posterior.

Os quadros seguintes reúnem as consoantes e vogais fonêmicas do Araweté, sendo que o das consoantes apresenta-as caracterizadas quanto ao modo e ponto de articulação em que são produzidas e acompanhadas de suas respectivas realizações fonéticas (Quadro I); o das vogais (Quadro II) as apresenta caracterizadas quanto à posição horizontal e também vertical da língua, o arredondamento ou não dos lábios, a especificação de sua qualidade nasal ou oral, no momento de suas respectivas produções, acompanhadas de suas realizações fonéticas.

Quadro 1 - Fonemas consonantais e respectivos alofones

	Bilabiais	Alveolares	Alveopalatais	Velar	Glotaís
Oclusivas orais sem ressonância nasal	/p/ [p]	/t/ [t] [t ^j] [t ^s] /d/ [d] [d ^z] [ð]	/tʃ/ [tʃ] [tʃ ^j]	/k/ [k]	/ʔ/ [ʔ]
Oclusivas orais com ressonância nasal	/m/ [m] [b]	/n/ [n]			
Fricativa					/h/ [h]
Aproximantes	/w/ [β] [w]	/r/ ⁴	/j/ [j] [j ^j] [ɲ] [ɲ ^j] [dʒ] [dʒ ^j]		

Quadro 2 - Fonemas vocálicos e respectivos alofones

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	Não arredondadas				Arredondadas	
	Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Nasal
Altas	/i/ [i] ~ [ɪ]	/ĩ/ [ĩ]	/ɨ/ [ɨ] ~ [ə]	/ɻ/ [ɻ]		
					/u/ [u] [u] [ʊ] [ʏ]	/ũ/ [ũ] [ũ]
					[o] [ɔ]	[õ] [õ]
Não altas	/e/ [e] [ɛ]	/ẽ/ [ẽ]	/a/ [a] ~ [ã]			
			([ẽ]) ⁵			

⁴ Usaremos no decorrer da tese a letra **r** para representar esse fonema.

⁵ Cabral (notas de campo 1998) observa que as ocorrências de [ẽ] são realizações de [a] antes de silêncio, como demonstrado mais recentemente (Alves 2008). Por comodidade, adotamos o símbolo [ã] como representação fonética do som vocálico médio aberto com ressonância nasal [ẽ].

2.2.1 Contrastes que fundamentam a identificação de fonemas consonantais

/p/ : /w/

/ape/	[a'pɛ]	‘caminho’
/iwe/	[i'βɛ]	‘dentro de’
/irapa/	[ira'pã]	‘arco’
/tarawe/	[tara'βɛ]	‘barata’
/irapa/	[ira'pã]	‘arco’
/iwa/	[i'wã]	‘céu’
/upa/	[u'pã]	‘ele acabou’
/pinuwa/	[pinɔ'βã]	‘bacaba’, ‘pindoba’

/p/ : /m/

/pide/	[pɪ'dɛ]	‘pele’
/mɪde/	[mɪ'dɛ]	‘nós’
/puta/	[pu'tã]	‘querer’, ‘gostar’
/mukũj/	[mo'kuũj]	‘dois’
/pitũ/	[pɪ'tõ]	‘noite’
/mitũ/	[mɪ'tũ]	‘mutum’
/tupe/	[tu'pɛ]	‘esteira’
/deme/	[dɛ'mɛ]	‘agora’

/w/ : /m/

/iwi/	[iβi]	‘terra’
/imi/	[i'mi]	‘faz tempo’ (marca de passado)
/awĩ/	[aβĩ]	‘inimigo’
/amĩ/	[ã'mĩ ~ a'mĩ]	‘chuva’
/jĩwa/	[dzĩβã]	‘braço’
/tama/	[ta'mã]	‘vagina’
/ne rewe/	[nerɛ'βɛ]	‘tua barriga’
/ne reme/	[nerɛ'mɛ]	‘teu lábio’

/t/ : /d/

/pita/	[pĩtã]	‘calcanhar’
/pida/	[pĩdã]	‘peixe’
/peĩ/	[pe'fĩ] ~ [pe'fi]	‘fumo, cigarro’
/pidĩ/	[pĩ'dĩ]	‘vermelho’
/tuřĩ	[to'řĩ] ~ [to'fi]	‘periquito’
/duhĩ/	[do'hĩ]	‘frio’, ‘febre’
/tatetu/	[tate'tɥ]	‘caitetu’
/tadĩmu/	[tad'zi'mɔ]	‘cinza’

/t/ : /r/

/tatu/	[tatu]	‘tatu’
/karu/	[karu]	‘comer’

/puta/	[pu'tã]	'querer', 'gostar'
/iwira/	[iβ'irã]	'madeira', 'árvore'
/jatara/	[ɲata'rã]	'ariranha'
/arapuha/	[arapu'hã]	'veado'
/tupe/	[tu'pe]	'esteira'
/rupe/	[ru'pe]	'este, isso (+/- perto do falante)'

/d/ : /r/

/pida/	[pɨ'dã]	'peixe'
/amira/	[ami'rã]	'mão de pilão'
/adi/	[a'dʔi]	'filha (de homem)'
/uri/	[o'ri]	'alegre'
/pida/	[pɨ'da]	'anzol'
/mara/	[ma'ra]	'mandar'
/imidi/	[imɨ'di]	'mentira dele'
/arakuĩ/	[araku'ri]	'galinha'

/d/ : /n/

/mide/	[mi'de]	'gente'
/kadine/	[ka'di'ne]	'arara'
/padidi/	[pa'di'di]	'banana'
/nima/	[ni'ma]	'linha'

/d/ : /j/

/deme/	[de'me]	‘agora’
/jetfere/	[netʃe're]	‘jacaré’
/pida/	[pi'dã]	‘peixe’
/ja/	[nã] ~ [n ^j ã]	‘onça’
/padidi/	[pad ^z i'd ^z i]	‘banana’
/emiʒi'ka/	[emiðzika]	‘esposa’

/tʃ/ : /j/

/jarutʃu/	[jaro'tʃo]	‘canoa’
/miniju/	[mini'dʒu]	‘algodão’
/tʃurui/	[tʃo'ro'i]	‘surubim’
/juru/	[ju'ru] ~ [dʒy'ry]	‘boca’
/etʃa/	[e'tʃã]	‘veja!’
/eja/	[e'jã]	‘venha!’

/tʃ/ : /t/

/etʃa/	[e'tʃã]	‘ver’
/tata/	[ta'tã]	‘fogo’
/jarutʃu/	[jaro'tʃo]	‘canoa’
/itu/	[i'to]	‘cachoeira’
/tʃipe/	[tʃipẽ]	‘um’
/iputi/	[ipo'ti] ~ [ipo'ti]	‘flor’

/r/ : /n/

/kara ^h i/	[kara ^h i]	‘sol’
/anira/	[ani ^r ã]	‘morcego’
/ka [?] arume/	[ka [?] aru ^m e]	‘ontem’
/pinuwa/	[pino ^w ã]	‘bacaba’, ‘pindoba’
/juru/	[dzo ^r u]	‘boca’
/manu/	[ma ⁿ ũ]	‘morrer’

/tʃ/ : /k/

/kutʃa/	[ku ^t ʃã]	‘desenhar, escrever’
/marakaja/	[maraka ⁿ ã]	‘cachorro’
/jarutʃu/	[jaro ^t ʃo] ~ [jaru ^t ʃu]	‘canoa’
/jaku/	[ja ^k u]	‘jacu’
/atʃa [?] i/	[atʃa [?] i]	‘açai’
/karu/	[karu]	‘comer’

/k/ : /ʔ/

/ka [?] apite/	[ka [?] apite]	‘roça’
/akaju/	[aka ^d ʒu]	‘caju’
/emi ^j ika/	[emi ^d ʒi ^k a]	‘esposa’
/madi [?] a/	[mad ^ʒ i [?] a]	‘mandioca’
/ku/	[ku]	‘marca de fogo’
/ʔu/	[ʔu]	‘comer’

/ʔ/ : /h/

/hewuʔi/	[heβoʔi]	‘minhoca, verme’
/pehi/	[peʔhi]	‘cesto’
/piʔa/	[piʔa] ~ [piʔã]	‘fígado’
/niha/	[niʔha] ~ [niʔhã]	‘rede’
/-aʔi/	[aʔi]	‘filho de homem’
/jahi/	[jaʔhi]	‘lua’
/uʔi/	[oʔi]	‘flecha’
/hahi/	[haʔhi]	‘dor dela’

2.2.2 Contrastes que fundamentam a identificação de fonemas vocálicos orais

/i/ : /e/

/pi/	[pi]	‘pé’
/pe/	[pe]	‘caminho’
/pihi/	[piʔhi]	‘pegar’
/pehi/	[peʔhi]	‘cesto’
/mitũ/	[mitõ]	‘mutum’
/meju/	[mejɣ]	‘beiju’
/he hi/	[ʔheʔhi]	‘minha mãe’
/a he/	[aʔhe]	‘eu vou’

/i/ : /ĩ/

/atʃitʃi/	[atʃitʃi]	‘macaco guariba’
/jatiʔi/	[ɲatʃiʔi]	‘carapanã’
/atipi/	[atiʔpi]	‘bochecha’
/tapiʔi/	[tapiʔi]	‘anta’
/pida/	[piʔda]	‘anzol’
/mide/	[miʔde]	‘gente’
/aʔi/	[aʔi]	‘bicho preguiça’
/ʔaʔi/	[ʔaʔi] ~ [ʔaʔə]	‘fiozinho de cabelo’

/ĩ/ : /a/

/jati/	[ɲati]	‘jabuti’
/puta/	[puʔtã]	‘querer’ ‘gostar’
/kupi/	[koʔpi]	‘cupuaçu’
/dapa/	[ðaʔpa]	‘ovo’
/ita/	[iʔtã]	‘pedra’
/ata/	[aʔtã]	‘andar’
/pida/	[piʔdã]	‘peixe’
/tata/	[taʔtã]	‘fogo’

/i/ : /u/

/aʔi/	[aʔi]	‘reiterativo’
/uʔu/	[uʔu]	‘ele come’

/iʔa /	[iʔã]	‘cabelo dele’
/uʔa]	[õʔã]	‘ele cai’
/jiwa/	[dʒiβã]	‘braço’
/uwa/	[u'wã]	‘rosto’
/ita/	[i'tã]	‘pedra’
/upa/	[u'pã]	‘acabar’
/pi'da/	[pi'dã]	‘peixe’
/pu'hu/	[pu'hu]	‘passear’
/e/ : /a/		
/pe/	[pɛ]	‘chato’
/pa/	[pa]	‘mão’
/pefi/	[pe'fi]	‘fumo’, ‘cigarro’
/pawẽ/	[pa'wẽ]	‘muitos’
/jeʔẽ/	[jẽ'ʔẽ]	‘falar’
/jaʔẽ/	[ja'ʔẽ]	‘panela de barro’
/meʔe/	[mẽ'ʔɛ]	‘o que’
/haʔa/	[ha'ʔa]	‘carne dele’
/ehe/	[e'hɛ]	‘em.relação a esse de que/quem se fala’
/eha/	[e'ha]	‘vai!’

/a/ : /u/

/amara/	[ama'ra]	‘eu mandei’
/umara/	[uma'ra]	‘ele mandou’
/tena/	[te'nã]	‘banco’
/enu/	[e'nũ]	‘ouvir’
/atʃĩ/	[a'tʃĩ]	‘cabeça’
/utʃĩ/	[o'tʃĩ]	‘farinha’
/aha/	[a'ha]	‘eu vou’
/uhu/	[u'hu]	‘grande’, ‘muito’

2.2.3 Contrastes que fundamentam a identificação de fonemas vocálicos nasais

2.2.3.1 Contrastes entre vogais orais e nasais

/e/ : /ẽ/

/pe/	[pɛ]	‘caminho’
/pẽ/	[pẽ]	‘vocês’
/meʔe/	[mɛ'ʔɛ]	‘coisa’
/meʔẽ/	[mɛ'ʔẽ]	‘dar’

/i/ ~ /ĩ/

/iti/	[i'ti]	‘enterrar’
/peĩ/	[pe'ĩ]	‘fumo’ ‘cigarro’

/i/ ~ /ĩ/

/tapiʔi/	[tapiʔi]	‘anta’
/tuʔĩ/	[tuʔĩ]	‘periquito’

/u/ ~ /ũ/

/puku/	[pu'ku]	‘comprido’
/apekũ/	[ape'kũ]	‘língua’
/aku/	[a'ku]	‘quente’
/iwikũ/	[iβĩ'kõ]	‘buraco no chão’

2.2.3.2 Contrastes entre vogais nasais

/ĩ/ : /ẽ/

/tʃiriʔi/	[tʃiriʔi]	‘tristeza’
/meʔẽ/	[meʔẽ]	‘dar’
/uʔi /	[uʔi]	‘está em pé’
/uʔẽ/	[uʔẽ]	‘está sentado’
/juʔi/	[joʔi]	‘rã’
/jaʔẽ/	[jãʔẽ]	‘panela de barro’

/ĩ/ : /ĩ/

/tĩ/	[tĩ]	‘plantar’
/tĩ/	[tĩ]	‘branco’
/nupĩ/	[no'pĩ]	‘bater’
/pĩ/	[pĩ]	‘nuvem’

/mĩ/	[ˈmĩ]	‘acordar’
/pĩ/	[ˈpĩ]	‘nuvem’

/ĩ/ : /ẽ/

/tuĩ/	[toˈĩ]	‘periquito’
/jeĩ/	[jeˈĩ]	‘falar’

/pĩ/	[ˈpĩ]	‘raspar’
/mupẽ/	[moˈpẽ]	‘fazer quebrar-se’

/ĩ/ : /ũ/

/hataĩ/	[hataˈĩ]	‘fumaça’
/ramikũ/	[ramiˈkũ]	‘brinco’

/itapidiĩ/	[itapiˈdiĩ]	‘pedra vermelha’
/tapekũ/	[tapeˈkũ]	‘abano’

/muĩ/	[muˈĩ]	‘miçanga’
/iwikũ/	[iβiˈkũ]	‘buraco no chão’

2.3 Fonemas e distribuição de alofones

Apresentamos, em seguida, os fonemas consonantais e vocálicos do Araweté e seus respectivos alofones, com informações sobre a distribuição destes.

2.3.1 Consoantes do Araweté – fonemas e alofones

/p/ oclusivo bilabial surdo, com uma única realização [p]:

/pi/	[pi]	‘pé’
/puta/	[pu'tã]	‘gostar’
/parani/	[para'ni]	‘rio’
/pa/	[pa]	‘mão’
/puku/	[po'ko] ~ [pu'ku]	‘comprido’
/tupe/	[tu'pe]	‘esteira’
/tapi'i/	[tapi'i]	‘anta’
/ipepa/	[ipe'pa]	‘asa dele’

/t/ oclusivo alveolar surdo; apresenta as realizações fonéticas [t^s] em variação livre com [t^j] diante de /i/, /ĩ/, /i/, /ĩ/, e [i], e [t] nos demais ambientes:

/iwat̃i/	[iβa't̃i] ~ [iβã't̃ĩ]	‘nuvem’
/jati/	[nat̃ĩ] ~ [nat̃i]	‘jabuti’
/iwiti/	[iβit̃ĩ] ~ [iβit̃i]	‘morro’
/iputi/	[ipo't̃i] ~ [ipo't̃ĩ]	‘flor’
/tupa'ĩ/	[tupa'ĩ]	‘roupa’, ‘saia’
/ita/	[i'tã]	‘pedra’
/pitũ/	[pitõ]	‘noite’
/ta/	[ta] ~ [tã]	‘aldeia’

/tʃ/ africado alveopalatal surdo; tem duas realizações, [tʃ] e [tʃ^j], que flutuam livremente:

/etʃa/	[etʃã] ~ [etʃ ^j ã]	‘ver’
/madetʃaka/	[madetʃã'kã] ~ [madetʃ ^j ã'kã]	‘pajé’

/katʃe/	[katʃe] ~ [katʃʲe]	‘café’
/tʃija/	[tʃiʲnã] ~ [tʃʲiʲnã]	‘semente, colar’
/tʃitʃe/	[tʃitʃe] ~ [tʃʲitʃʲe]	‘faca’
/jetʃere/	[netʃeʳe] ~ [netʃʲeʳe]	‘jacaré’

/d/ oclusivo alveolar sonoro; apresenta três realizações fonéticas, [ð], [dʲ] e [d], que flutuam livremente:

/pida/	[pɪdã]	‘peixe’
/diti/	[dɪti] ~ [ðɪti] ~ [dʲɪti]	‘batata doce’
/didi/	[dʲɪdʲɪ] ~ [dɪdɪ]	‘depois’
/demeʔi/	[deʳmeʔɪ]	‘agorinha’
/adiniwu/	[adɪniβo] ~ [adʲiniβo]	‘eu cuspi’
/dinu/	[dɪnũ]	‘deitar’
/duhi/	[dõhɪ]	‘frio’, ‘febre’

/k/ oclusivo velar surdo; tem uma única realização fonética [k]:

/kumeʔe/	[kumeʳʔe]	‘homem’
/karahi/	[karaʰhi]	‘sol’
/kaʔapite/	[kaʔapite]	‘roça’
/kutʃa/	[kutʃã] ~ [kutʃʲã]	‘escrever’
/kumete/	[kumeʳte]	‘hoje’
/pituka/	[pituʰkã]	‘lavar’
/jakamĩ/	[jakaʰmĩ]	‘jacamim’
/takunere/	[takuneʳe]	‘tucunaré’

/ʔ/ oclusivo glotal com uma única realização fonética [ʔ]:

/ʔa/	[ʔã]	‘ele caiu’
------	------	------------

/tapiʔa/	[tapiʔã]	‘velho’
/tuʔi/	[toʔi]	‘periquito’
/meʔẽ/	[meʔẽ]	‘dar’
/ʔu/	[ʔu]	‘comer’
/haʔa/	[haʔa]	‘carne dele’
/iʔa /	[iʔã]	‘cabelo dele’
/kupiʔi/	[kopiʔi] ~ [kɔpiʔi]	‘cupim’

/m/ oclusivo bilabial sonoro com ressonância nasal; possui dois alofones [m] e [b], embora o alofone [b] seja restrito a duas palavra (de acordo com os dados coletados até o presente), em que flutua livremente com [m]:

/mide/	[miʔde] ~ [biʔde]	‘gente’
/mahi/	[maʔhi] ~ [baʔhi]	‘gente’
/meju/	[meʔdʒu] ~ [meʔjɣ]	‘beiju’
/jakamĩ/	[jakaʔmĩ]	‘jacamim’
/he meʔmi/	[he mẽʔmi] ~ [he meʔmi]	‘meu filho (mulher fala)’
/maj/	[maj]	‘cobra’
/pitumu/	[pitõʔmõ] ~ [pitũʔmũ]	‘de noite’
/mukũj/	[moʔkũj]	‘dois’
/tama/	[taʔmã]	‘vagina’

/n/ oclusivo alveolar sonoro com ressonância nasal [n], com uma única realização:

/tena/	[teʔnã]	‘banco’
/nepi/	[neʔpi]	‘teu pé’
/nĩ/	[nĩ]	‘castanha’
/anira/	[aniʔrã]	‘morcego’
/miniju/	[miniʔdʒu] ~ [miniʔjɣ]	‘algodão’
/nanĩ/	[naʔnĩ]	‘abacaxi’
/janu/	[jãʔnõ] ~ [jãʔnu]	‘aranha’

/manu/ [ma'nũ] 'morrer!'

/r/ flepe alveolar sonoro, com uma única realização fonética [r]:

/tarawe/	[taraβɛ]	'barata'
/he rereku/	[heɾere'kũ]	'meu esposo'
/tawerĩ/	[tawe'ɾĩ] ~ [taβe'ɾĩ]	'boneca'
/irikũ/	[iri'kũ]	'urucum'
/urukuku/	[u,ruku'ku]	'surucucu'
/puruʔa/	[puru'ʔã]	'grávida'

/h/ fricativo glotal surdo; com uma única realização fonética [h]:

/haʔiwe/	[haʔi'we]	'amanhã'
/tuha/	[tu'hã]	'remédio'
/he jari/	[hedʒa'ri] ~ [heja'ri]	'minha avó'
/pihi/	[pi'hi]	'pegar'
/tairuhu/	[tajro'ho] ~ [tajɾu'hu]	'criança'
/huwĩha/	[hoβĩ'hã]	'grande'
/hahi/	[ha'hi]	'dor dela'

/w/ aproximante bilabial sonoro; tem duas realizações, [β] e [w], as quais flutuam livremente:

/iwahu/	[iβa'ho] ~ [iwa'hu]	'mel'
/tawe/	[ta'we] ~ [taβe]	'espírito'
/he rewe/	[here'we] ~ [heɾeβɛ]	'minha barriga'
/iwira/	[iβirã] ~ [iwirã]	'madeira', 'árvore'
/jawewi/	[jaβeβi] ~ [jaweβi]	'arraia'
/hewuʔi/	[hewo'ʔi] ~ [heβo'ʔi]	'minhoca'
/hewu/	[he'wu] ~ [heβu]	'doce'

/j/ aproximante alveopalatal; apresenta as variantes [j] [ɲ] [ʝ] e [ɲʲ], que ocorrem livremente diante de fonema nasal, e as variantes [j] [dʲ] e [dʒ], que também variam livremente entre si em ambientes orais:

[j] [ɲ] [ʝ] e [ɲʲ]

/janu/	[ɲã'nõ] ~ [ɲʲã'nõ]	‘aranha’
/ja/	[ɲã] ~ [ɲʲã]	‘onça’
/juka/	[ju'kã] ~ [ɲu'kã] ~ [dʒu'kã]	‘matar’
/kuʝi/	[kuʝi] ~ [koʝi] ~ [kupʲi]	‘mulher’

/j/ [dʒ] [dʲ]

/ajeʔa/	[adʒeʔa]	‘eu chorei’
/juru/	[ju'ru] ~ [ɲʲuru] ~ [dʲɾɾɾ]	‘boca’
/jiete/	[ji'e'te] ~ [ɲie'te] ~ [dʒie'te]	‘machado’
/ne jari/	[nej'a'ri] ~ [nedʲ'a'ri] ~ [nedʒ'a'ri]	‘tua avó’

Há casos em que as realizações orais e nasais do fonema /j/ variam livremente, independentemente de o ambiente ser nasal ou oral:

/jahitata/	[ja'hitatã] ~ [ɲa'hitã'tã] ~ [ɲʲa'tatã]	‘estrela’
/jetʃere/	[jetʃ'e'rɛ] ~ [ɲɛtʃ'e'rɛ] ~ [ɲʲetʃ'e'rɛ] ~ [dʒetʃ'e'rɛ]	‘jacaré’
/jacu/	[ɲã'ku] ~ [ɲʲa'ku] ~ [dʒa'ko]	‘jacu’

2.3.2 Vogais orais do Araweté – fonemas e alofones

/i/ anterior alto não arredondado oral; realiza-se como [i] ou [ɪ]:

/awitʃi/	[awitʃi] ~ [aβitʃɪ]	‘piolho’
----------	---------------------	----------

/pita/	[pɪ'tã] ~ [pɪ'tã]	‘calcanhar’
/uʔi/	[oʔi] ~ [oʔi]	‘flecha’
/hehi/	[he'hi] ~ [he'hi]	‘minha mãe’
/aʔi/	[aʔi] ~ [aʔi]	‘filho de homem’
/tʃirima/	[tʃiri'mã] ~ [tʃiri'mã]	‘cansaço’
/he pi/	[he'pi]	‘meu pé’
/itʃiʔi/	[itʃiʔi] ~ [itʃiʔi]	‘pimenta’
/apiha/	[apihã]	‘ouvido’

/e/ anterior médio não arredondado oral; realiza-se foneticamente como [e] ou como [ɛ] em sílabas pré-tônicas, mas só como [ɛ] em sílaba acentuada:

/he rereku/	[he,rere'kũ] ~ [he,rere'kũ]	‘meu esposo’
/tarawe/	[taraβɛ]	‘barata’
/hepe/	[he'pe]	‘caminho dele’
/etʃa/	[e'tʃã] ~ [e'tʃã]	‘ver’
/katʃe/	[ka'tʃɛ] ~ [ka'tʃɛ]	‘café’
/tena/	[te'nã]	‘banco’
/kumete/	[kumɛ'tɛ]	‘hoje’
/pide/	[pɪ'dɛ]	‘pele’
/ereha/	[ere'ha] ~ [ere'ha]	‘tu vais’

/ɨ/ central alto não arredondado oral; apresenta duas realizações fonéticas, [ɨ] e [ə], as quais variam livremente em vários contextos:

/tapɨʔihu/	[tapɨʔihu] ~ [tapəʔihu]	‘cavalo, boi’
/adi/	[a'dʔi] ~ [a'dʔə]	‘filha (de homem)’
/emijika/	[emidʒi'ka] ~ [emədʒə'ka]	‘esposa’
/tapɨʔa/	[tapɨʔã] ~ [tapəʔã]	‘velho’
/ramikũ/	[rami'kõ] ~ [ramə'kũ]	‘brinco’
/mide/	[mɪ'dɛ]	‘gente’

/piʔi/	[piʔi]	‘beliscar’
/atʃaʔi/	[atʃaʔi] ~ [atʃaʔə]	‘açai’
/jati/	[naʔi] ~ [naʔə]	‘jabuti’
/diʔi/	[diʔi] ~ [dəʔə] ~ [dʒəʔi]	‘batata doce’

/a/ central baixo não arredondado oral; apresenta duas realizações fonéticas: em final de palavras [ã] em variação livre com [a], em sílabas não finais [a]:

/juka/	[ju'ka] ~ [ɲu'kã] ~ [dʒu'kã]	‘matar’
/arapuha/	[arapu'hã]	‘veado’
/kutʃa/	[ku'tʃã]	‘desenhar, escrever’
/marakaja/	[maraka'ɲã]	‘cachorro’
/anira/	[ani'rã]	‘morcego’
/ajeʔa/	[aje'ʔa] ~ [adʒe'ʔa]	‘eu chorei’
/taweʔi/	[tawe'ʔi] ~ [taβe'ʔi]	‘boneca’
/karaʔi/	[kara'hi]	‘sol’
/haʔa/	[ha'ʔa]	‘carne dele’

/u/ posterior arredondado oral, com os alofones [u] [ʊ] [ɣ] [u] [o] em variação livre:

/urukuku/	[uruku'ku] ~ [ʊrʊkʊ'kʊ] ~ [uuuuku'kuu]	‘surucucu’
/puruʔa/	[puru'ʔã] ~ [pʊrʊ'ʔã]	‘grávida’
/neru/	[ne'ro] ~ [ne'rʊ]	‘teu pai’
/ajurue/	[adʒuru'e] ~ [ajuru'e]	‘abelha’
/jarutʃu/	[jaro'tʃo] ~ [jarutʃu]	‘canoa’
/tatetu/	[tate'to] ~ [tate'tɣ]	‘caietu’
tajahu/	[tadʒa'hɣ] ~ [taja'hɣ]	‘porco do mato’
/puku/	[po'ko] ~ [pʊ'kʊ] ~ [pu'ku]	‘comprido’
/kupiʔi/	[kopi'ʔi] ~ [kupi'ʔi]	‘cupim’
/umu'pẽ/	[umu'pẽ] ~ [omo'pẽ]	‘ele quebrou’
/kaʔarume/	[kaʔaru'mɛ]	‘ontem’

/tupe/	[tu'pe]	‘esteira’
--------	---------	-----------

2.3.3 Vogais nasais do Araweté – fonemas e alofones

/ĩ/ anterior alto não arredondado nasal, com uma única realização fonética [ĩ]:

/peĩ/	[pe'fĩ] ~ [pe'fĩ]	‘fumo’, ‘cigarro’
/tʃiriʔĩ/	[tʃiʔĩ'ʔĩ]	‘tristeza’
/netʃĩ/	[ne'tʃĩ] ~ [ne'tʃĩ]	‘tua cabeça’
/amĩ/	[a'mĩ]	‘chuva’
/he ʔĩ/	[he'ʔĩ]	‘meu dente’
/nupĩ/	[no'pĩ] ~ [nu'pĩ]	‘bater’
/nanĩ/	[na'nĩ]	‘abacaxi’
/duhĩ/	[do'hĩ]	‘frio’, ‘febre’
/itʃiʔĩ/	[itʃiʔĩ]	‘pimenta’

/ẽ/ anterior médio não arredondado nasal, com uma única realização fonética [ẽ]:

/maʔẽ/	[ma'ʔẽ]	‘olhar’
/umu'pẽ/	[umu'pẽ] ~ [omo'pẽ]	‘ele quebrou’
/jaʔẽ/	[ja'ʔẽ]	‘panela de barro’
/ujeʔẽ/	[uʃe'ʔẽ]	‘ele falou’
/uʔẽ/	[o'ʔẽ]	‘está sentado’
/irupẽ/	[iro'pẽ] ~ [irupẽ]	‘peneira’
/pawẽ/	[pa'wẽ]	‘muitos’
/meʔẽ/	[me'ʔẽ]	‘dar’

/ĩ/ central alto não arredondado nasal, com uma única realização fonética [ĩ]:

/fĩ/	[fĩ]	‘branco’
------	------	----------

/tuʔĩ/	[to'ʔĩ] ~ [to'ʔĩ]	‘periquito’
/piđĩ/	[pi'đĩ]	‘vermelho’
/jaʔĩʔu/	[jatsĩ'ʔũ]	‘carapanã’
/hataʔĩ/	[hata'ʔĩ] ~ [hatã'tsĩ]	‘fumaça’
/imiđĩ/	[imĩ'đĩ]	‘mentira dele’

/ũ/ posterior arredondado nasal; tem os alofones [ũ], [õ], [ũ] e [ɣ] em variação livre:

/irikũ/	[iri'kõ] ~ [iri'kũ] ~ [iri'kuũ] ~ [iri'kɣ]	‘urucum’
/he ramũj/	[he,ra'mõj] ~ [he'ra'mũj] ~ [he,ra'muɣj] ~ [he'ra'mɣj]	‘meu avô’
/tapekũ/	[tape'kõ] ~ [tape'kũ] ~ [tape'ku] ~ [tape'kɣ]	‘abano’
/ramikũ/	[rami'kõ] ~ [rami'kũ] [rami'kuũ] ~ [rami'kɣ]	‘brinco’
/mũmũ/	[mõ'mõ] ~ [mũ'mũ] ~ [mõ'mũ] ~ [mũ'mɣ]	‘mamão’
/ituʔũ/	[ito'ʔõ] ~ [itu'ʔũ] ~ [ito'ʔũ] ~ [itu'ʔɣ]	‘barro da cachoeira’, ‘lama’
/iwũ/	[iβõ] ~ [iβũ] ~ [iβũ] ~ [iβɣ]	‘flechar’, ‘furar’
/iwikũ/	[iwi'kõ] ~ [iβi'kõ] ~ [iwi'kuũ] ~ [iβi'kɣ]	‘buraco no chão’

2.4 Padrão silábico

Em Araweté há raízes verbais e nominais de uma (/ʔu/ ‘comer’, /tõ/ ‘pulga’, /ja/ ‘onça’), duas (/nupĩ/ ‘bater’, /pehi/ ‘cesto’), três (/tapiʔi/ ‘anta’) ou quatro sílabas (/tamanuha/ ‘tamanduá’ /marakaja/ ‘cachorro’), enquanto que partículas são de uma ou duas sílabas, embora existam raros casos em que encontramos estas constituídas de três sílabas, como *ajete* ‘proibitivo’ e *hetete* ‘à toa’. Por outro lado, palavras derivadas podem ter mais de três sílabas.

Os padrões silábicos do Araweté são os seguintes:

V

/i/	‘água’
/a/	‘casa’

/a.mĩ/	‘chuva’
/a.hi/	‘dor’ ‘doença’
/u.pa/	‘acabou’
/a.pi/	‘sentar’
/i.ri.wu/	‘urubu’
/a.ka.ju/	‘caju’

CV

/kũ/	‘buraco’
/mĩ/	‘acordar’
/fĩ/	‘branco’
/nĩ/	‘castanha’
/a.ra/	‘arara’
/ta.ta/	‘fogo’
/ju.ka/	‘matar’
/nu.pĩ/	‘bater’
/ku.me.te/	‘hoje’
/mi.ni.ju/	‘algodão’

CVC

/maj/	‘cobra’
/kuj/	‘cuia’
/a.mũj/	‘avô’
/a.raj/	‘maracá’
/ha.waj/	‘rabo’
/pa.pũj/	‘papai’
/mũj/	‘mamãe’

Este último padrão silábico tem apenas /j/ na margem direita da sílaba e as palavras que contêm este padrão são poucas, de acordo com os dados coletados até o presente.

O padrão canônico da sílaba em Araweté é (C)V(C).

2.5 Observações sobre acento em Araweté

Em Araweté o acento é lexical e incide sobre a última sílaba de raízes, partículas e sufixos. O acento se mantém mesmo quando um tema entra em composição com outros temas ou quando se combina com sufixos. Dada a natureza do acento, que o identifica como um traço prosódico previsível, optamos por não representá-lo na forma fonológica das palavras.

Exemplificação do padrão acentual do Araweté no nível de temas:

/haʔiwe/	[haʔiβɛ]	‘amanhã’
/kumeʔe/	[kumɛʔɛ]	‘homem’
/parani/	[paraʔni]	‘rio’
/pane/	[paʔnɛ]	‘quase’
/hetete/	[hetɛʔtɛ]	‘à toa’
/urukuku/	[urukuʔku]	‘surucucu’

2.5.1 O acento em composições e em temas combinados com sufixos

Em composições, os temas mantêm seus respectivos acentos lexicais, mas quando há encontro de acentos, o final é perceptivelmente mais saliente (").

/parani/ ‘rio’ + /uhu/ ‘intensivo’ -->	[paraʔniʔhu]	‘rio grande’
/piʔa/ ‘sandália’ + /hu/ ‘intensivo’ -->	[piʔaʔhu]	‘sandália grande’, ‘sapato’
/tʃitʃe/ ‘faca’ + /ʔi/ ‘atenuativo’ -->	[tʃitʃɛʔi]	‘faquinha’
/padidi/ ‘banana’ + /ʔi/ ‘planta, árvore’ -->	[padʔidʔiʔi]	‘pé de banana’, ‘bananeira’

2.5.2 Acento em temas flexionados por sufixos

Em temas flexionados por sufixos, há a tendência para que o acento lexical se mantenha, sendo que, ao sufixo é também atribuído acento, em concordância com o padrão observado nas composições ou nas combinações de temas com sufixos derivacionais, que são todos acentuados:

/tata/ ‘fogo’ + /we/ ‘locativo pontual’ = [ta'tawe] ou [ta'ta"we] ‘no fogo’

/kunaj/ ‘FUNAI’ + /ipi/ ‘locativo pontual’ = [ku'naipi] ou [ku'naji"pi] ‘na FUNAI’

2.6 Algumas considerações sobre processos fonológicos do Araweté

2.6.1 Queda da vogal /i/ em início de palavra

A vogal /i/ quando é o único segmento de uma sílaba inicial de palavra com três sílabas, tende a cair:

[idaʔi] ~ [daʔi] ‘passarinho’

[imidĩ] ~ [midĩ] ‘mentira’

[idõhĩ] ~ [dõhĩ] ‘frio’

2.6.2 Queda de oclusiva glotal

A consoante oclusiva glotal tende a cair entre vogais:

/tapiʔi/ [tapiʔi] ~ [tapi'i] ‘anta’

/natãʔi/ [natãʔi] ~ [natãĩ] ‘babaçu’

/meʔe/ [meʔe] ~ [mɛ'ɛ] ‘coisa’

/jeʔe/ [jẽʔẽ] ~ [jẽ'ẽ] ‘falar’

/ujeʔa [udzeʔa] ~ [udze'a] ‘ele chorou’

/atjaʔi/ [atjaʔi] ~ [atja'i] ‘açai’

/piʔa/ [piʔa] ~ [pi'a] ‘sandália’

/kaʔapite/	[kaʔa'pite] ~ [ka(a)'pite]	‘roça’
/kaʔarume/	[kaʔa'rumɛ] ~ [ka(a)'rumɛ]	‘ontem’

2.6.3 Propagação de nasalidade

Em Araweté, a nasalidade inerente ou não pode propagar-se para a esquerda. A propagação de nasalidade em Araweté é principalmente localizada e tem como escopo a sílaba precedente ou seguinte.

2.6.3.1 Nasalidade inerente

/iɖuhĩ/	[iɖõhĩ] ~ [dõhĩ]	‘frio’
/tena/	[te'nã] ~ [tẽ'nã]	‘banco’
/marakaja/	[maraka'ɲã]	‘cachorro’
/tanĩ/	[ta'nĩ] ~ [tã'nĩ]	‘borboleta’
/niha/	[ni'ha] ~ [nĩ'hã]	‘rede’
/jaʔe/	[ja'ʔẽ] ~ [ɲã'ʔẽ]	‘panela de barro’
/paranĩ/	[para'nĩ] ~ [parã'nĩ]	‘rio’
/iwafĩ/	[iβa'fĩ] ~ [iβã'tʃĩ]	‘nuvem’

2.6.3.2 Nasalidade adquirida

A vogal /a/ adquire nasalidade antes de silêncio, nasalidade esta que pode propagar-se à esquerda e afetar sons sonorantes da sílaba precedente:

/ja/ ‘onça’	[ɲã] ‘onça’
/tata/ 1 fogo’	[tatã] ~ [tãtã] ‘fogo’

A aproximante alveo-palatal pode nasalizar-se seguindo silêncio, nasalidade esta que pode propagar-se à direita, afetando o núcleo silábico da sílaba seguinte:

/jetʃere/	[ɲetʃ'e're] ~ [ɲẽtʃ'e're]	‘jacaré’
-----------	---------------------------	----------

/juka/	[ju'kã] ~ [ɲũ'kã]	‘mentira’
/jahitata/	[ja,hi'tã] ~[ɲãhi'tã]	‘estrela’
/jahitata/	[ja,hi'tã] ~[ɲa,hi'tã]	‘estrela’
/juka/	[ju'kã] ~ [ɲu'kã]	‘matar’

Fronteira de palavra (silêncio) tem sido demonstrado ser fonte de nasalidade e *glides* são elementos que naturalmente deslancham ressonância nasal (Rodrigues 2003).

2.6.3.3. Assimilação

Alves (2008) mostrou que, em Araweté, o fonema /r/, no início de palavra, pode sofrer nasalização quando a palavra precedente termina em vogal nasal ou nasalizada. Mostrou também que morfemas como o marcador de foco - *ku* - ou de negação - *ja* - sofrem nasalização quando contíguos a segmentos nasais ou nasalizados. Exemplos dados por Solano são os seguintes:

/madetʃaka reha/
 [madejtʃã'kã nẽ'hã]
 ‘olho do pajé’

/uja ku kaʔa rawe u-ʔa/
 [u'dʒa 'kũ kã'ʔã nã'we u-'ʔã]
 ‘a folha do mato vai cair’

/pe retʃa ku he ruji/
 [pene'tʃã 'ku 'he rɔ'dʒi]
 ‘eu voltei para ver vocês’

/eʔe rupe ku u-muja pida i-hi/
 [e'ɛ ru'pe 'kũ u-mũ'ɲã pi'dã i'hi]
 ‘outro tirou peixe da água’

/pida ku ruku heka i-we/
[pɨ'dã kũ rũ'kũ hẽ'ka i-βɛ]
'esse peixe fica na água'

/amara ja he te pehi iwi/
[ama'ra jã 'hẽ 'te-pe'hi iβi]
'eu não coloquei meu cesto no chão'

/aetʃa ja he maj kaʔapite pi nawẽ/
[ae'tʃã jã 'hẽ 'maj kapɨ'te 'pi na'wẽ]
'eu não vi cobra no caminho da roça'

2.7 Conclusão

Neste capítulo procuramos dar uma visão geral da fonologia segmental da língua Araweté. Focalizamos os contrastes entre sons distintivos e as possibilidades de cada um deles realizarem-se foneticamente de acordo com fatores condicionantes específicos. Focalizamos ainda as posições que ocupam nas estruturas silábicas, os processos morfofonológicos que os fazem adquirir propriedades de outros fonemas, assim como o padrão acentual no nível da palavra fonológica. O estudo considerou os avanços no conhecimento da fonologia Araweté desde Rodrigues (1984-85), passando por Viveiros de Castro (1986), Vieira e Leite (1998), Zorzette (1998), Cabral (1998), Leite *et alii* (1999), Cabral e Rodrigues (1999), Solano (2004) e Alves (2008), mas também o que a nossa experiência pessoal com essa língua nos tem ensinado durante os últimos cinco anos que dedicamos ao seu estudo. Mostramos que a língua Araweté distingue 12 fonemas consonantais, cinco fonemas vocálicos orais e quatro fonemas vocálicos nasais, e que o seu padrão silábico é $(C_1)V(C_2)$, mas que (C_2) corresponde unicamente a /j/, e que CVC é um padrão de ocorrência restrita. Mostramos também que o acento do Araweté caracteriza-se como um acento lexical, associado à última sílaba dos temas. Os casos de acento associado à penúltima ou a antepenúltima sílaba de uma palavra fonológica é decorrente de sufixação de morfemas átonos. Finalmente mostramos que nasalização em Araweté caracteriza-se como sendo localizada e originária de fonemas nasais ou de silêncio.

CAPÍTULO III

3. A língua Araweté: posição na família lingüística Tupí-Guaraní e traços tipológicos

3.1 Introdução

Neste capítulo situamos o Araweté na família lingüística Tupí-Guaraní e apresentamos os seus principais traços tipológicos. Reunimos os principais fundamentos apresentados por Rodrigues e Cabral (2002), por Solano (2004) e por Cabral e Solano (2005) que justificam a classificação da língua Araweté no subramo V da família Tupí-Guaraní, como proposto por (Rodrigues 1984-1985). Os traços tipológicos apresentados são de ordem morfológica e morfossintática.

3.2 O Araweté na família Tupí-Guaraní

O Araweté foi classificado por Rodrigues (1984-85) como membro do subramo V da família lingüística Tupí-Guaraní, quando ainda não dispunha o autor de dados suficientes dessa língua. Entretanto, esses poucos dados somados à proximidade geográfica dos falantes do Araweté em relação aos Asuriní do Xingu, foram definitivos para a posição de Rodrigues com respeito à situação do Araweté na família Tupí-Guaraní. O material usado por Rodrigues era constituído essencialmente de itens lexicais, com muitos poucos elementos gramaticais. A localização do Araweté na família Tupí-Guaraní feita por Rodrigues foi questionada por Viveiros de Castro que sobre ela teceu os seguintes comentários⁶:

⁶ Essas considerações feitas por Viveiros de Castro revelam por um lado sua descrença em diagnósticos feitos por meio do método histórico-comparativo e, por outro lado, um entendimento próprio do que é “lingüisticamente genético”.

A língua Araweté ainda não foi estudada por especialista. Os critérios usados para o estabelecimento de subgrupos dentro da família TG (LEMLE, 1971; RODRIGUES, 1985), com uma intenção mais ou menos declaradamente genética, não permitem classificação inequívoca do Araweté. Tudo que posso dizer é que se trata de uma língua TG do Leste Amazônico, apresentando mudanças não-compartilhadas com nenhuma outra... Há um processo de “vowel shift” que a aproxima de outras línguas TG da região; mas como demonstra o estudo recente de Soares & Leite (1991), é impossível a determinação de proximidades genéticas ou tipológicas a partir das mudanças vocálicas, capazes de ocorrência independente e simultânea em línguas já individualizadas. O que é claro, é que o Araweté não é “dialeto” de nenhuma língua TG.⁷ (1986 :145)

Rodrigues e Cabral (2002) de mãos de novos dados do Araweté coletados por eles em 1998, 1999 e 2000, e também considerando os dados reunidos por Vieira e Leite (1998) e Leite (2000), os dados do Asuriní do Xingu coletados e analisados por Monserrat (1998), os dados do Anambé do Cairarí coletados e analisados por Julião (1993), assim como os dados do Ararandewára publicados em Lange (1914) e os dados do Amanajé coletados por Jeferson Barbosa (2002), acrescentam critérios adicionais para a classificação interna de línguas Tupí-Guaraní, dentre as quais as mudanças do PTG *ã em *ĩ* ou *ĩ*; mudança de PTG *aŋ# em *ĩ*# ou *ĩ*#, mudança de PTG a em ã; existência de um conjunto de prefixos pessoais para todas as pessoas; a combinação de prefixos co-referenciais com verbos e com nomes; modo circunstancial acionado em todas as pessoas, entre outras. Os acréscimos mencionados foram decisivos para que os autores não só incluíssem o Anambé do Cairarí, o Amanajé e o Ararandewára no subramo V, e tornasse visível a proximidade dessas línguas com o Araweté, e destas com o Asuriní do Xingu, como propusessem a inclusão do Kayabí no subramo VI, junto com as línguas Kawahíwa, com o Juma e com o Apiaká.

Solano (2004) compara dados lexicais, fonológicos e gramaticais do Araweté com dados do Wayampí e com dados do Asuriní do Xingu, e reúne evidências tanto fonológicas, quanto morfológicas e lexicais de que o Araweté é mais próximo do Asuriní do Xingu do que do Wayampí. Dentre as evidências fonológicas, destacam-se os reflexos do PTG *p^w, *p^j, *u, *ã, *áŋ e *o). Nos casos dos reflexos do PTG *ã, *áŋ, Solano demonstra que o Araweté primeiramente mudou esses sons respectivamente para *ĩ* e *ĩŋ* e que, só em seguida, essas vogais mudaram para *ĩ*, quando houve a anteriorização de suas antigas vogais centrais altas (*ĩ*

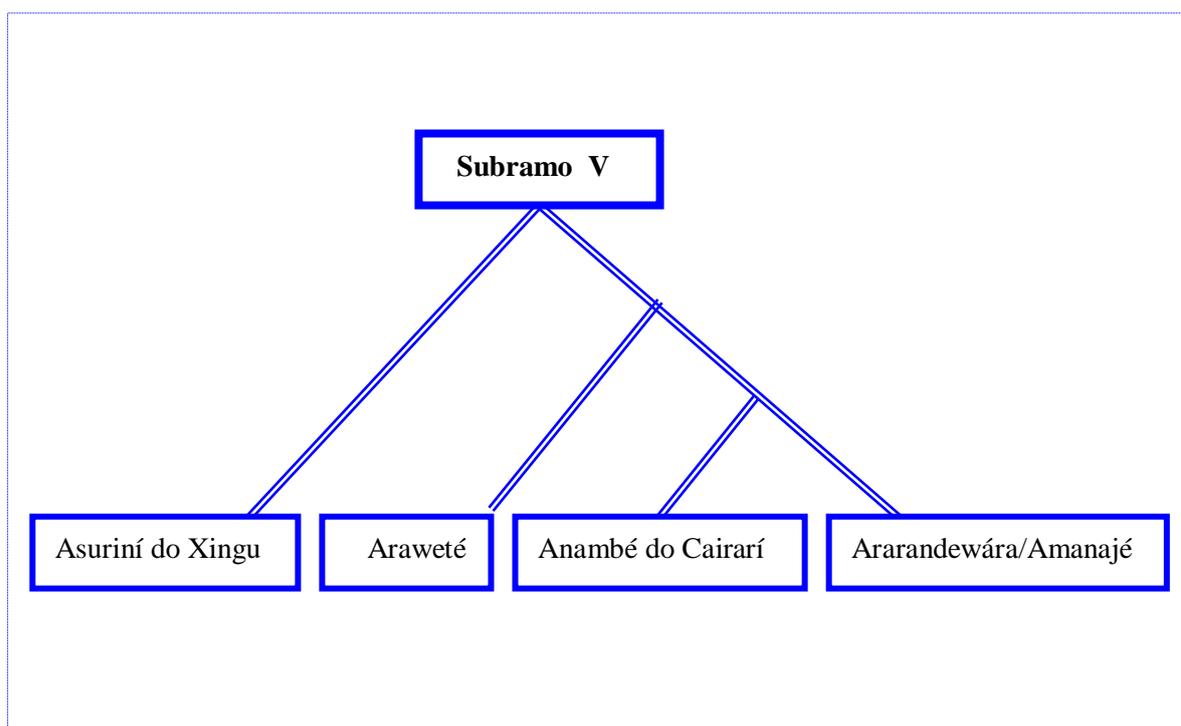
⁷ Quanto a alguns dos detalhes das considerações feitas por Viveiros de Castro, observamos que Rodrigues (1985), mas não Lemle (1971), considerou a língua Araweté no seu estudo comparativo.

e **ĩ**, respectivamente para **i** e **ĩ**) e a centralização de suas antigas vogais anteriores altas (**i** e **ĩ** respectivamente para **i** e **ĩ**).

As evidências morfológicas e lexicais são a presença no Araweté e no Asuriní do Xingu de formas dos prefixos correferenciais que ocorrem em nomes e verbos intransitivos. Outro ponto em comum às duas línguas é a forma para a primeira pessoa do singular correferencial **te-** ~ **tej**, presente nessas duas línguas, assim como no Anambé do Cairarí.

Quanto mais dados do Araweté, do Asuriní do Xingu e do Anambé se tornam disponíveis, mas há evidências que comprovam a proximidade genética dessas três línguas, e dentro do subramo em que são classificadas, há evidências de maior proximidade do Araweté com o Anambé do Cairarí, como já haviam proposto Rodrigues e Cabral (2002).

Subramo V da família Tupí-Guaraní de acordo com Rodrigues e Cabral (2002)



3.3 Características tipológicas

As palavras da língua Araweté tendem a ser a combinação de mais de um morfema, chegando a ser constituídas de até cinco, seis ou sete morfemas, de forma que se caracteriza

como uma língua do tipo aglutinante. As fronteiras morfológicas são bastante transparentes em Araweté, o que se deve, em parte, ao fato dessa língua ter perdido as consoantes finais presentes nas formas fonológicas das línguas de sua família lingüística, e de ter desenvolvido um padrão acentual que permite identificar as fronteiras morfológicas de uma palavra tomada isoladamente. Essa situação muda na combinação de mais de uma palavra, não só pelo padrão rítmico da língua, mas também pelos alomorfes zero de alguns prefixos.

No que diz respeito às fronteiras internas de palavras, além de sua fácil visibilidade, as relações entre morfemas e significados são, em princípio, biunívocas. Há, entretanto, casos de alomorfes zero de prefixos flexionais, como dito anteriormente, que tornam a forma fonética de um tema mais simples do que é na realidade.

O Araweté é uma língua que faz uso equilibrado de prefixos e de sufixos, o que se deve ao fato de ter perdido vários sufixos e prefixos flexionais ao longo de sua história. Isso se deu, em parte, pela perda de consoantes finais; mas outros fatores devem ser também considerados – contato lingüístico, entre outros.

O Araweté tem prefixos e sufixos flexionais e derivacionais. Os prefixos flexionais são pessoais e relacionais e os sufixos são casuais. Dos derivacionais, há prefixos que expressam voz – causativa simples, causativa comitativa e reflexiva – e os sufixos derivacionais são de atualização nominal, de dimensões físicas ou afetivas e derivadores de novos nomes. As derivações são endocêntricas e exocêntricas.

Além de prefixos e sufixos derivacionais e flexionais, o Araweté tem várias partículas que se tornam foneticamente muito próximas dos temas, de sorte que se comportam como sufixos. Contribui para isso o número de sufixos acentuados que mantêm seu acento quando combinados com temas lexicalmente acentuados. Esses fatos dificultam a distinção fonológica entre posposições e sufixos.

3.3.1 Núcleos dependentes

Araweté distingue nomes relativos de nomes absolutos. Os primeiros, os verbos e as posposições são marcados por prefixos que estabelecem entre núcleo e determinante relações de dependências e de contigüidade sintática. Determinantes de nomes, como o possuidor, de

verbos transitivos como o objeto, de verbos intransitivos como o sujeito e determinantes de posições, um nome ou pronome, precedem o núcleo que determinam.

A função de adjetivo é preenchida por um nome ou um verbo intransitivo em composição com um nome. O tema atributo segue o tema nominal modificado. Quantificadores e demonstrativos não formam com o nome uma unidade sintática, de forma que podem seguir ou preceder um nome e mesmo ocorrer na periferia oracional oposta.

Expressões adverbiais internas ao predicado seguem o núcleo deste, enquanto que advérbios sentenciais comumente ocorrem nas periferias das sentenças. Quando ocorrem no início, acionam mudanças morfossintáticas no núcleo do predicado, chamadas por Rodrigues (1953) de Indicativo II, ao tratar de fenômeno correspondente na língua Tupinambá.

Verbos que correspondem a verbos modais em línguas como o Inglês (*may, shall, ought*) formam um composto com o verbo que eles determinam, seguindo-o.

Orações adverbiais, como as de gerúndio e as de subjuntivo, acionam o indicativo II quando precedem a oração principal.

3.3.2 Argumentos

Argumentos verbais não são marcados para caso, mas ocupam posições definidas em várias construções e, na ausência deles, o núcleo que determinam recebem marcas relacionais que estabelecem as relações de dependência entre eles.

3.3.3 Sequências de predicados e referência alternada

Araweté marca a co-referencialidade do possuidor, do complemento de posição e do sujeito de predicados intransitivos dependentes com o sujeito da oração principal, padrão que se contrapõe às situações em que não há essa co-referência. Nestas situações há marcação que expressa essa disjunção. Um predicado principal pode ser modificado por mais de um predicado dependente, com co-referência ou com referência disjunta. Parte desses predicados pode ter como núcleo verbos posicionais ou direcionais.

3.3.4 Alinhamento

O Araweté é uma língua nominativa no indicativo I e no imperativo, quando o objeto é de terceira pessoa, mas absoluta quando o objeto é uma primeira ou uma segunda pessoa, independentemente da pessoa do agente e do modo em que a proposição se estabelece.

3.3.5 Incorporação e reduplicação

Araweté faz uso produtivo de composição de nomes relativos e uso mais restritivo de nomes absolutos com verbos transitivos. Verbos assim compostos podem ser a base para vários outros processos derivacionais, razão pela qual consideramos esse tipo de composição um processo lexical.

Reduplicação pode ser monossilábica e dissilábica.

3.3.6 Ordem de argumentos relativa ao verbo e topicalização/focalização

Em orações no modo indicativo I afirmativo, a ordem básica é SOV, embora outras ordens possíveis sejam identificadas, com as ordens VSO e OVS, mas estas últimas resultam da posição periférica que V e O ocupam na oração para fins de topicalização/focalização.

Topicalização/focalização em Araweté caracteriza-se pela posição que um constituinte ocupa na periferia esquerda da sentença. Pode ser enfaticamente marcada por uma partícula (foco), a qual em várias situações é funcionalmente obrigatória.

3.4 Conclusão

Neste capítulo apresentamos resumidamente as propostas de classificação genética do Araweté na família Tupí-Guaraní, assim como alguns dos principais traços tipológicos que caracterizam essa língua. Mostramos que os estudos histórico-comparativos têm contribuído com resultados que comprovam a proximidade do Araweté com as línguas Asuriní do

Tocantins, com o Anambé do Cairari, e com o Amanajé e o Ararandewára, mas que a identifica como mais próxima do Anambé do Cairari.

Dos traços tipológicos do Araweté, destacamos a ordem determinante/determinado, em que o segundo segue o primeiro, e a marcação de dependência entre eles no núcleo dependente. Ressaltamos que o Araweté apresenta sufixos e prefixos, tanto derivacionais quanto flexionais, que demonstrativos e quantificadores não formam com o nome um constituinte sintático, e que expressões adverbiais ao precederem um predicado acionam mudanças morfossintáticas no núcleo destes.

Observamos que a língua Araweté apresenta as ordens de palavras SOV, VSO e OVS, mas que SOV é a mais freqüente e a menos marcada. Observamos ainda que a língua faz uso de morfologia derivacional, de composição e de reduplicação e que apresenta um sistema de referência alternada.

CAPÍTULO IV

4. Preliminares sobre classes de palavras em Araweté

4.1 Introdução

No presente capítulo, reunimos informações gerais sobre os resultados de nossa análise das classes de palavras da língua Araweté e sobre os fundamentos teóricos e critérios analíticos usados na descrição, os quais são de natureza morfológica e morfossintática, conjugados a aspectos semânticos.

Tomamos como base Coseriu (1972:9) quando este acentua a importância de se refletir, no tocante ao estudo sobre classes de palavras, sobre o fato de que estas “... são necessariamente classes abstratas e sua extensão e índole dependem do sentido em que se realizara a abstração...”; enquanto que as categorias são *partes oracionais* que se realizam como funções semânticas, ou seja, como modos de ser das palavras *no discurso*. No mesmo sentido, Dietrich (2001) observa que é necessário que se faça, *a priori*, a distinção entre *classes de palavras*, enquanto classes universais das línguas, e *categorias lexicais*, enquanto moldes lexicais, os quais, em cada uma das línguas, apresentam funções e comportamentos sintáticos diferentes. O presente estudo segue essas orientações teóricas e considera estudos gramaticais sobre línguas Tupí-Guaraní, principalmente os estudos de autoria de Rodrigues sobre o Tupinambá (RODRIGUES, 1951, 1952, 1953, 1990, 1996, 2001), o estudo sobre o Chiriguano (DIETRICH, 1986), sobre o Asuriní do Tocantins (VIEIRA, 1987, 1995, 1996; CABRAL, 1997; RODRIGUES e CABRAL, 2003); sobre o Kamaiurá (SEKI, 1982, 1990, 2000); sobre o Asuriní do Xingu (MONSERRAT & IRMÃZINHAS DE JESUS, 1988), sobre o Tapieté (GONZALÉZ, 2005), e sobre o Zo'é (CABRAL, 2007, 2008). Considera também os estudos sobre classes de palavras em línguas Tupí-Guaraní de autoria de Dietrich (1977, 1990, 1996, 2000, 2001, 2006).

4.1.1 Algumas considerações sobre palavra fonológica e palavra gramatical em Araweté

Em Araweté palavras gramaticais são de dois tipos, aquelas constituídas minimamente de raízes sinalizadas quanto à dependência morfossintática (temas dependentes) e aquelas que não necessitam dessa sinalização (temas absolutos e partículas). Palavras gramaticais são, dessa forma, vistas como contendo ou correspondendo a um tema lexical. Palavras gramaticais podem corresponder a uma palavra fonológica ou não. Quando correspondem a uma palavra fonológica, está é prosodicamente marcada, seja por maior intensidade na pronúncia de sua última vogal, seja por intensidade e alongamento dessa última vogal. Vários fatores estão envolvidos no tratamento da palavra fonológica, desde critérios gramaticais, como subordinação e dependência, quanto focalização/topicalização e outras motivações paralingüísticas.

4.2 Classes flexionáveis de palavras

A primeira distinção a ser feita em Araweté é a das classes flexionáveis, que são a classe dos nomes, a dos verbos e a das posposições. Essas são as únicas classes nas quais são marcadas relações gramaticais desenvolvidas entre um núcleo dependente e o seu determinante (cf. RODRIGUES, 1981, 1984-1985, 1996; CABRAL, 2001). Uma dessas marcações é comum às três classes e se dá por meio de “flexão relacional”, expressão cunhada por Rodrigues (1953, 1981) para dar conta do que anteriormente havia sido analisado como sendo mudanças de segmentos no início de raízes (ANCHIETA [1595] 1990; MONTROYA [1639] 1876)). Como esse tipo de marcação é comum às três classes flexionáveis do Araweté, torna-se imprescindível que ela seja tratada independentemente para que se possa desenvolver e aprofundar a descrição de cada classe flexionável em particular.

4.2.1 Prefixos relacionais e classes de temas

Em Araweté, como nas demais línguas da família lingüística Tupí-Guaraní, de acordo com Rodrigues (1981,1984-1985,1996) e Cabral (2001), há dois tipos de temas: os dependentes ou relativos e os independentes ou absolutos. Os temas dependentes são aqueles cujos referentes têm existência relativa e que, portanto, requerem um determinante. Os temas independentes, por outro lado, são aqueles cujos referentes têm existência própria. Temas dependentes são todos os temas verbais e posposicionais e parte dos temas nominais. Os temas nominais dependentes são temas como ‘mão’ e ‘galho’, cujos referentes correspondem a partes de um todo, temas que referem relações de parentesco como ‘pai’, ‘mãe’ e ‘filho’, os quais se caracterizam como categorias sociais, e temas cujos referentes são bens culturais como ‘arco’ e ‘flecha’, concebidos como parte dos seus respectivos usuários, existindo apenas em relação a seus respectivos criadores e/ou usuários.

4.2.1.1 Prefixos Relacionais

As relações de dependência (subordinação e determinação) e de contigüidade sintática entre um tema determinado e o seu determinante (contíguo e não-contíguo) se dão, formalmente, por meio da combinação do tema com uma série de prefixos, chamados por Rodrigues de “prefixos relacionais”. São três os prefixos relacionais do Araweté:

- a) prefixo relacional R^1 : marca a contigüidade sintática do determinante em relação ao tema determinado;
- b) prefixo relacional R^2 : marca a não-contigüidade sintática do determinante em relação ao tema determinado;
- c) prefixo relacional R^4 : marca no determinado que o seu determinante é genérico e humano.

Quadro 4 – Relacionais do Araweté

(adaptado por Cabral (2007) com base em Rodrigues (1981))

	Alomorfes	Definição
R¹	\emptyset - ∞ r- [r- ~ n- ~ d-]	O determinante, que é a expressão imediatamente precedente, forma uma unidade sintática com o determinado.
R²	$\dot{\text{i}}$ - ∞ t- ∞ h- [h- ~ d ₃ - ~ ð-]	determinante, que é diferente do falante e do ouvinte, não forma com o determinado uma unidade sintática.
R⁴	t- ∞ \emptyset - ∞ V- \rightarrow \emptyset	O determinante é genérico.

Em Araweté, a distribuição dos temas dependentes com os alomorfes do prefixo relacional (R¹) \emptyset e r-, como ocorre nas demais línguas da família Tupí-Guaraní (1981) é a base para classificar esses temas em duas classes temáticas distintas, a **classe I** e a **classe II**.

Na tabela seguinte, ilustramos as classes de temas dependentes do Araweté. Os temas da classe I são os que se combinam com o alomorfe \emptyset do prefixo relacional R¹, ilustrados na primeira coluna da esquerda para a direita; já os temas que se combinam com o alomorfe r- desse mesmo prefixo são ilustrados na terceira coluna seguinte.

Classe I	Glossa	Classe II	Glossa
- <i>ʔa</i>	‘cabelo’	- <i>eha</i>	‘olho’
- <i>tʃije</i>	‘vergonha’	- <i>uwa</i>	‘testa/rosto’
- <i>tʃirima</i>	‘cansaço’	- <i>eme</i>	‘lábio’
- <i>kuʔatʃije</i>	‘coluna vertebral’	- <i>aʔi</i>	‘filho’
- <i>a</i>	‘casa’	- <i>emj̄ka</i>	‘esposa’
- <i>j̄wa</i>	‘braço’	- <i>eput̄i</i>	‘fezes
- <i>tʃiriʔ</i>	‘triste’	- <i>ĩ</i>	‘dente’
- <i>j̄ĩme</i>	‘coração’	- <i>ap̄ha</i>	‘ouvido’
- <i>pa</i>	‘mão’	- <i>amũj̄</i>	‘avô’
- <i>pi</i>	‘pé’	- <i>ap̄iʔa</i>	‘velho/idoso’
- <i>p̄i’a</i>	‘fígado’	- <i>ata</i>	‘fogo’
- <i>p̄ide</i>	‘pele’	- <i>upehi</i>	‘sono’
- <i>at̄fi</i>	‘cabeça’	- <i>uirũ</i>	‘saudade’

<i>-apiha</i>	‘ouvido’	<i>-ajĩ(tfe)</i>	‘veia’
<i>-apituɔume</i>	‘cérebro’	<i>-akũ</i>	‘quente’
<i>-ajĩĩ</i>	‘pescoço’	<i>-uri</i>	‘alegre’
<i>-jetfiĩ</i>	‘ombro’	<i>-upaĩĩ</i>	‘roupa/saia’
<i>-pĩda</i>	‘peixe’	<i>-uha</i>	‘remédio’
<i>-pita</i>	‘calcanhar’	<i>-akũj</i>	‘pênis’
<i>-tĩ</i>	‘osso’	<i>-erekũ</i>	‘marido’
<i>-memi</i>	‘filho/a de mulher’	<i>-u</i>	‘pai’
<i>-juru</i>	‘boca’	<i>-aĩ</i>	‘filho’
<i>-puku</i>	‘comprido/ alto’	<i>-aji</i>	‘filha’
<i>-tupe</i>	‘esteira’	<i>-aɔa</i>	‘carne’
<i>-pehi</i>	‘cesto’	<i>-ahi</i>	‘dor’
<i>-muɔĩfĩ</i>	‘miçanga’	<i>-tfe</i>	‘dormir’
<i>-awitfi</i>	‘piolho’	<i>-uĩ</i>	‘flecha’
<i>-tʃijã</i>	‘semente’	<i>-amĩ</i>	‘orelha’
<i>-petĩ</i>	‘tabaco’	<i>-ekuj</i>	‘cuia’
<i>-jarutfu</i>	‘canoa’	<i>-epe</i>	‘caminho’
<i>-iwe</i>	‘com, em companhia’	<i>-upi</i>	‘por’
<i>-hĩ</i>	‘afastando-se de’	<i>-ehe</i>	‘em relação a’
<i>-ɔa</i>	‘cair’	<i>-ehi</i>	‘assar’
<i>-jeɔa</i>	‘chorar’	<i>-ahima</i>	‘amarrar’
<i>-ika</i>	‘cortar’	<i>-eti</i>	‘jogar’
<i>-pĩĩ</i>	‘beliscar’	<i>-etfa</i>	‘ver’
<i>-juka</i>	‘matar’	<i>-raha</i>	‘levar’

A distribuição de elementos de cada uma dessas classes com os alomorfes dos prefixos relacionais R^2 e com os alomorfes do prefixo relacional R^4 , é a base para classificar os temas das línguas Tupí-Guaraní das classes temáticas I e II em subclasses temáticas (cf. Rodrigues 1981). Em Araweté, os alomorfes do prefixo relacional que marca a não contigüidade sintática do determinado, como mostrado no quadro anterior, são *ĩ*, *t-*, *h-* ~ *dʒ-* ~ *ð-* e os alomorfes do prefixo relacional que sinalizam no tema determinado que o seu determinante é

genérico são \emptyset , t - e $V \rightarrow \emptyset$. Dessa forma, temas da classe I que se combinam com o alomorfe \acute{i} do R^2 e com o alomorfe \emptyset do R^4 são classificados como pertencentes à subclasse Ia, já os temas que se combinam com o alomorfe h - do R^2 e com o alomorfe \emptyset do prefixo relacional R^4 são classificados como pertencentes à subclasse temática Ib.

Por outro lado, os temas da classe II que se combinam com o alomorfe h - do R^2 e com o alomorfe t - do prefixo relacional R^4 são classificados como pertencentes à subclasse IIa e os temas que se combinam com o alomorfe t - do R^2 e com o alomorfe t - do R^4 , são classificados como pertencentes a subclasse temática IIb. Os temas que se combinam com o alomorfe h - do R^2 e com o alomorfe \emptyset do R^4 são classificados como pertencentes à subclasse IIc e, finalmente, os temas da classe II que se combinam com o alomorfe h - do prefixo R^2 e com o alomorfe $V \rightarrow \emptyset$ do R^4 são classificados como pertencentes à subclasse IId.

Os temas dependentes das duas classes combinam-se ainda com os alomorfes do prefixo relacional R^3 , que sinalizam em um tema dependente que o seu determinante é co-referente com o sujeito. Por fazerem referência à categoria de pessoa, trataremos desses elementos no capítulo referente às manifestações de pessoa em Araweté, mas reconhecendo neles a função típica dos prefixos relacionais.

O quadro seguinte ilustra a distribuição dos temas dependentes do Araweté com os alomorfes dos prefixos relacionais dessa língua:

QUADRO 5 – Distribuição de temas dependentes com alomorfes dos prefixos relacionais

(adaptado de RODRIGUES (1981))

		R ¹	R ²	R ³	R ⁴	
Classe I	a)	∅-	i-	u-	∅-	- <i>ʔa</i> ‘cabelo’; - <i>tʃije</i> ‘vergonha’; - <i>tʃirima</i> ‘cansaço’; - <i>kuʔatʃije</i> ‘coluna vertebral’; - <i>a</i> ‘casa’; - <i>jɨβa</i> ‘braço’; - <i>tʃiriʔ</i> ‘triste’; - <i>jɨʔme</i> ‘coração’; - <i>pide</i> ‘pele’; - <i>pa</i> ‘mão’; - <i>pi</i> ‘pé’; - <i>pɨʔa</i> ‘fígado’; - <i>tʃe</i> ‘dormir’
	b)	∅-	h- ~ ð- ~ dz-	u-	∅-	- <i>atʃi</i> ‘cabeça’; - <i>apiha</i> ‘ouvido’; - <i>apituʔume</i> ‘cérebro’; - <i>ajɨi</i> ‘pescoço’; - <i>iwi</i> ‘sangue’
Classe II	a)	r- ~ n-	h-	u-	t-	- <i>eha</i> ‘olho’; - <i>uwa</i> ‘testa/rosto’; - <i>eme</i> ‘lábio’; - <i>emɨjka</i> ‘esposa’; - <i>t</i> ‘dente’; - <i>apɨha</i> ‘ouvido’; - <i>upehi</i> ‘sono’; - <i>uirũ</i> ‘saudade’; - <i>ajɨ(tʃe)</i> ‘veia’, - <i>akũ</i> ‘quente’; - <i>uri</i> ‘ser.alegre’; - <i>upaʔ</i> ‘roupa/saia’; - <i>akũj</i> ‘pênis’, - <i>uha</i> ‘remédio’; - <i>ata</i> ‘fogo’; - <i>erekũ</i> ‘marido’; - <i>apɨʔa</i> ‘velho/idoso’, - <i>amũj</i> ‘avô’; - <i>eputi</i> ‘fezes’
	b)	r- ~ n-	t-	u-	t-	- <i>u</i> ‘pai’; - <i>aʔ</i> ‘filho’; - <i>aji</i> ‘filha’
	c)	r- ~ n-	h-	u-	∅-	- <i>aʔa</i> ‘carne’; - <i>ahi</i> ‘dor’; - <i>uʔ</i> ‘flecha’; - <i>amɨ</i> ‘orelha’
	d)	r- ~ n-	h-	u-	V- → ∅	- <i>epe</i> ‘caminho’; - <i>ekuj</i> ‘cuia’

Exemplos ilustrativos da combinação de temas dependentes com prefixos relacionais são dados a seguir:

Classe Ia

	R¹	R²	R⁴
<i>he</i>	<i>∅-ʔa</i>	<i>ɛ-ʔa</i>	<i>∅-ʔa</i>
1	R¹-cabelo	R²-cabelo	R⁴-cabelo
	<i>‘cabelo de mim’</i>	<i>‘cabelo dele’</i>	<i>‘cabelo de gente’</i>

	R¹	R²	R⁴
<i>pẽ</i>	<i>∅-jɛwa</i>	<i>ɛ-jɛwa</i>	<i>∅-jɛwa</i>
23	R¹-braço	R²-braço	R⁴-braço
	<i>‘braço de vocês’</i>	<i>‘braço dele’</i>	<i>‘braço de gente’</i>

	R¹	R²	R⁴
<i>ure</i>	<i>∅-tfije</i>	<i>ɛ-tfije</i>	<i>∅-tfije</i>
13	R¹-vergonha	R²-vergonha	R⁴-vergonha
	<i>‘vergonha nossa’</i>	<i>‘vergonha dele’</i>	<i>‘vergonha de gente’</i>

	R¹	R²	R⁴
<i>pẽ</i>	<i>∅-tfirima</i>	<i>ɛ-tfirima</i>	<i>∅-tfirima</i>
23	R¹-cansaço	R²-cansaço	R⁴-cansaço
	<i>‘cansaço de vocês’</i>	<i>‘cansaço dele’</i>	<i>‘cansaço de gente’</i>

	R¹	R²	R⁴
<i>he</i>	<i>∅-jeʔa</i>	<i>ɛ-jeʔa</i>	<i>∅-jeʔa</i>
1	R¹-chorar	R²-chorar	R⁴-chorar
	<i>‘meu chorar’</i>	<i>‘chorar dele’</i>	<i>‘chorar de gente’</i>

	R¹		R²		R⁴
<i>he</i>	<i>∅-ha</i>		<i>ĩ-ha</i>		<i>∅-ha</i>
1	R¹-ir		R²-ir		R⁴-ir
	‘meu ir’		‘ir dele’		‘ir de gente’
	R¹		R²		R⁴
<i>pẽ</i>	<i>∅-tfe</i>		<i>ĩ-tfe</i>		<i>∅-tfe</i>
23	R¹-dormir		R²-dormir		R⁴-dormir
	‘dormir de vocês’		‘dormir dele’		‘dormir de gente’
	R¹		R²		R⁴
<i>arapuha</i>	<i>∅-iwũ</i>		<i>ĩ-iwũ</i>		<i>∅-tapiĩi</i> <i>∅-iwũ</i>
veado	R¹-flechar		R²-flechar		R⁴-anta R¹-flechar
	‘flechar veado’		‘flechá-lo’		‘flechar anta’

Classe Ib

	R¹		R²		R⁴
<i>pẽ</i>	<i>∅-atfi</i>		<i>h-atfi</i>		<i>∅-atfi</i>
23	R¹-cabeça		R²-cabeça		R⁴-cabeça
	‘cabeça de vocês’		‘cabeça dele’		‘cabeça de gente’
	R¹		R²		R⁴
<i>mĩde</i>	<i>∅-apiha</i>		<i>h-apiha</i>		<i>∅-apiha</i>
12(3)	R¹-ouvido		R²-ouvido		R⁴-ouvido
	‘ouvido de nós’		‘ouvido dele’		‘ouvido de gente’

	R¹		R²		R⁴
<i>ne</i>	<i>Ø-ʔenu</i>		<i>h-enu</i>		<i>Ø-pida-mujĩ-ha</i>
2	R¹ -ouvir		R² -ouvir		R⁴ -peixe-fazer-Nom
	‘ouvi você’		‘ouvi-lo’		‘o que prepara peixe’

Classe IIa

	R¹		R²		R⁴
<i>ne</i>	<i>r-eha</i>		<i>h-eha</i>		<i>t-eha</i>
2	R¹ -olho		R² -olho		R⁴ -olho
	‘olho de você’		‘olho dele’		‘olho de gente’

	R¹		R²		R⁴
<i>pẽ</i>	<i>r-uri</i>		<i>h-uri</i>		<i>t-uri</i>
23	R¹ -alegre		R² -alegria		R⁴ -alegria
	‘existe alegria p/vocês’		‘alegria dele’		‘alegria de gente’

	R¹		R²		R⁴
<i>he</i>	<i>r-aʔa</i>		<i>h-aʔa</i>		<i>t-aʔa</i>
1	R¹ -carne/gordura		R² -carne/gordura		R⁴ -carne/gordura
	‘gordura de mim’		‘existe gordura dele’		‘existe gordura de gente’

	R¹		R²		R⁴
<i>tatu</i>	<i>r-etfa</i>		<i>h-etfa</i>		<i>t-etfa</i>
tatu	R¹ -ver		R² -ver		R⁴ -ver
	‘ver tatu’		‘vê-lo’		‘ver gente’

	R¹		R²		R⁴
<i>pída</i>	<i>r-ehi</i>		<i>h-ehi</i>		--
peixe	R¹ -assar		R² -assar		--
	‘assar peixe’		‘assá-lo’		--

Classe IIb

	R¹		R²		R⁴
<i>máde</i>	<i>r-u</i>		<i>t-u</i>		<i>t-u</i>
12(3)	R¹ -pai		R² -pai		R⁴ -pai
	‘pai de nós’		‘pai dele’		‘pai de gente’

	R¹		R²		R⁴
<i>ne</i>	<i>r-aʔi</i>		<i>t-aʔi</i>		<i>t-aʔi</i>
2	R¹ -filho		R² -filho.de.homem		R⁴ -filho.de.homem
	‘filho de você’		‘filho dele’		‘filho.de.homem’ (genérico)

	R¹		R²		R⁴
<i>he</i>	<i>r-adi</i>		<i>t-adi</i>		<i>t-adi r-etfa</i>
1	R¹ -filha		R² -filha		R⁴ -filha de gente R¹ -ver
	‘filha de mim’		‘filha dele’		‘ver filha’ (genérico)

Classe IIc

	R¹		R²		R⁴
<i>ne</i>	<i>r-ahi</i>		<i>h-ahi</i>		<i>∅-ahi</i>
2	R¹ -dor		R² -dor		R⁴ -dor
	‘dor de mim’		‘dor dele’		‘dor de gente’

	R¹		R²		R⁴
<i>pẽ</i>	<i>r-amĩ</i>		<i>h-amĩ</i>		<i>∅-amĩ</i>
23	R¹ -orelha		R² -orelha		R⁴ -orelha
	‘orelha de vocês’		‘orelha dele’		‘orelha de gente’

	R¹		R²		R⁴
<i>he</i>	<i>∅-atfĩ r-ahi</i>		<i>h-atfĩ h-ahi</i>		<i>∅-atfĩ h-ahi</i>
1	cabeça R¹ -doer		R² -cabeça R² -doer		R⁴ -cabeça R² -doer
	‘cabeça de mim dói’		‘cabeça dele dói’		‘cabeça dele dói’

	R¹		R²		R⁴
<i>nĩha</i>	<i>r-ahĩma</i>		<i>h-ahĩma</i>		<i>∅-uĩ ï-mũ-pẽ</i>
rede	R¹ -amarrar		R² -amarrar		R⁴ -flecha R² -Caus- quebrar
	‘amarrar rede’		‘amarrá-la’		‘fazer quebrar flecha de gente’

	R¹		R²		R⁴
<i>ne</i>	<i>r-ehe</i>		<i>h-ehe</i>		<i>h-ehe</i>
2	R¹ -em.relação.a		R² -em.relação.a		R⁴ -em.relação.a
	‘com você’		‘com ele’		‘em.relação a gente’

Classe IId

	R¹		R²		R⁴
<i>mide</i>	<i>r-epe</i>		<i>h-epe</i>		<i>∅-pe</i>
12(3)	R¹ -caminho		R² -caminho		R⁴ -caminho
	‘caminho nosso(incl)’		‘caminho dele’		‘caminho genérico’

	R¹		R²		R⁴
<i>he</i>	<i>r-akuj</i>		<i>h-akuj</i>		<i>∅-kuj</i>
1	R¹-cuia		R²-cuia		R⁴-cuia
	‘minha cuia’		‘cuia dele’		‘cuia genérica’

4.2.2 Temas Independentes

Dessas três classes temáticas do Araweté, apenas a classe dos nomes possuem uma subclasse em que parte dos temas não entram em relação de dependência como elemento determinado. Temas com esse comportamento são aqueles que referem elementos da natureza, nomes de animais e nomes de plantas e fazem parte de uma classe temática distinta, que chamaremos aqui de Classe III, seguindo Rodrigues (1981). Exemplos de temas da classe III são oferecidos em seguida:

Classe III			
<i>iwa</i>	‘céu’	<i>ita</i>	‘pedra’
<i>karahi</i>	‘sol’	<i>petĩ</i>	‘fumo’
<i>jahi</i>	‘lua’	<i>iwi</i>	‘terra’
<i>paranĩ</i>	‘rio’	<i>ara</i>	‘arara’
<i>iwira</i>	‘árvore/pau’	<i>maj</i>	‘cobra’
<i>ja</i>	‘onça’	<i>mĩtũ</i>	‘mutum’

4.3 Distinguindo nomes, verbos e posposições

Na presente seção, reunimos fundamentos morfossintáticos para uma análise que distingue, em Araweté, nomes, verbos e posposições enquanto classes de palavras distintas. Além de fundamentar essas distinções, apresento critérios que permitem identificar outras classes de palavras da língua, as que não recebem flexão – quantificadores, advérbios, conjunções, palavras modalizadoras, palavras aspectuais, palavras focalizadoras/topicalizadoras, ideofones, interjeições.

Os dados do Araweté que fundamentaram a presente tese de doutorado confirmam a idéia de que em línguas Tupí-Guaraní, nomes predicam, embora apenas os verbos sejam núcleos de predicados processuais (cf. RODRIGUES, 1996).

4.3.1 Caracterização dos nomes

Nomes funcionam como argumentos de outros nomes, de verbos e de posposições, como nos seguintes exemplos em que *mamão* é o determinante de *flor* (ex. 1), *banana* é o determinante de *folha* (ex. 2) e *cajueiro* é o determinante de *galho* (ex. 3); da mesma forma temos como argumentos *porcão*, *banco*, *cabelo* com respeito a *-ehe*, *anta* em relação a *matar*, *jabuti* com respeito a *assar* e *veado* com respeito a *flechar*.

1) *mũmũ* \emptyset -*putĩ*
mamão R¹-flor
 ‘flor de mamão’

2) *padĩdĩ-i* *r-awe*
banana-pau R¹-folha
 ‘folha de bananeira’

- 3) *akaju-i r-atĩ*
caju-pau R¹-galho
'galho de cajueiro'
- 4) *a-maʔẽ ku he tajahu r-ehe*
1-olhar FOC 1 porção R¹-em.rel.a
'eu olhei para o porção'
- 5) *a-ʔa t-en-a n-ehe*
1-cair R⁴-sentar-nom R¹-em.relação.a
'eu cai do banco'
- 6) *pawẽ rete-meʔe awitĩ he Ø-ʔa n-ehe*
muitos muito piolho 1 R¹-cabelo R¹-em.rel.a
'tem muitos,muitos piolho no meu cabelo'
- 7) *pẽ-juka ku pẽ tapĩĩ aʔĩ*
23-matar FOC 23 anta REIT
'vocês mataram anta'
- 8) *uru-ehi ku ure jatĩ*
13-assar FOC 13 jabuti
'nós assamos jabuti'
- 9) *ere-iwũ ku ne arapuha neʔe*
2-flechar FOC 2 veado AT.OUTRO
'você flechou veado'

Nomes em Araweté são palavras que, na qualidade de expressões de entidades, podem, por si só, constituir um enunciado em função de argumento, como nas respostas que seguem cada uma das perguntas elencadas em seguida:

- 10) *awa pa h-uiru-me?e*
P P R²-saudade- NP
‘quem é o que está com saudade dele?’
- 11) *he Ø-hi*
1 R¹-mãe
‘minha mãe’
- 12) *me?e pu ku ne ere-?u*
o que P FOC 2 2-comer
‘o que você comeu?’
- 13) *arapuha*
veado
‘veado’
- 14) *mari pa ne re?e*
o que P 2 AT.OUTRO
‘o que tu tens?’
- 15) *he r-ahi*
1 R¹-doença
‘minha doença/dor’

- 16) *meʔe pa rupe*
 o que P isso
 ‘o que é isso?’
- 17) *ɨ-duru*
 R²-inchaço
 ‘inchaço (do pé)’
- 18) *meʔe pa u-pa*
 o que P 2-acabar
 ‘o que acabou?’
- 19) *he r-uri-ʔ*
 1 R¹-alegria-ATEN
 ‘minha alegriazinha’

Podem também corresponder a elementos núcleos de uma equação:

- 20) *jati ja we tajahu*
 jabuti NEG TOP porcão
 ‘não é jabuti, é porcão’
- 21) *mɨũ ja we arapuha*
 mutum NEG TOP veado
 ‘também não é mutum, é veado’

Nos exemplos acima, nomes como *dor*, *inchaço* e *alegria* podem exercer funções argumentais tanto quanto nomes tais quais *mãe* e *veado* (exs. 11 e 13), embora sejam naturalmente mais afeitos à função de atributo de outro nome, dada a sua semântica que corresponde a sensações ou qualidades.

-pidi ‘vermelho’

22) *tawi-pidi heĩ*
 formiga-vermelho muitas
 ‘tem muitas formiga vermelha’

23) *he r-upa?i-pidi-me?e*
 1 R¹-saia-vermelho- NP
 ‘minha saia é vermelha’

-fi ‘branco’

24) *a-?u ku he takunere-fi*
 1-comer FOC 1 tucunaré-branco
 ‘eu comi tucunaré branco (pescada)’

Nomes, tanto os que referem entidades concretas, quanto os que referem entidades abstratas combinam-se com flexão casual, embora apenas os primeiros sejam naturalmente afeitos a funcionar como expressões locativas e instrumentivas, como são as expressões adverbiais formadas de nomes flexionados por morfologia casual:

Nomes concretos e de sensações combinados com o caso translativo *-mu*

- 25) *he* \emptyset -*hi-mu* *he* *r-ehe*
 1 R¹-mãe-CT 1 R¹-em.relação.a
 ‘está na qualidade de minha mãe’
- 26) *he* *r-u-mu* *he* *r-ehe*
 1 R¹-pai-CT 1 R¹-em.relação.a
 ‘está na qualidade de meu pai’
- 27) *ure* *r-uri-ruri-mu* *ku* *ure* \emptyset -*me?ẽ*
 13 R¹-alegre-alegre-CT FOC 13 R¹-dar

didi *ure* *r-e* *a?ĩ*
 depois 13 R¹-em.rel.a REIT
 ‘quando é presente pra nós, nós ficamos muito alegres’
- 28) *he* *ku* *arara’ĩ* *a-muji* *boro-um*
 1 FOC macaxeira 1-fazer bolo-CT
 ‘eu fiz macaxeira virar bolo’

Nomes concretos combinados com outros morfemas casuais:

- 29) *pẽ* \emptyset -*ta-we*
 23 R¹-aldeia-LP
 ‘na aldeia de vocês’
- 30) *parani-we*
 rio-LP
 ‘no rio’

- 31) *e-reha jabuti Tatuaru Ø-a-iwe*
 2-levar jabuti Tatuaru R¹-casa-LP
 ‘leve jabuti na casa da Tatuaru’
- 32) *braziḷa-pi ku Eliete ha*
 Brasília- LA FOC Eliete ir
 ‘em Brasília que a Eliete foi’
- 33) *uru-ha kaḷapite-mu*
 2-ir roça-LD
 ‘nós fomos pela roça’

É evidente que nomes que referem sensações e qualidades sofrem várias restrições semânticas quanto à sua ocorrência com flexão casual, visto que construções formadas com essas marcas são expressões adverbiais de natureza locativa ou instrumentiva. Combinam-se, pois os nomes de sensação e de qualidade mais naturalmente com o caso translativo, o qual, embora se caracterize também como caso locativo, exprime a mudança de um local ou estágio a outro (por exemplo, estou na qualidade de alegre, embora nem sempre seja este o meu estado de espírito).

4.3.2 Nomes que atualizam seu referente no discurso

Nomes que atualizam seus referentes no discurso são: os dêíticos pronominais ou pessoais e os demonstrativos. Elementos das duas séries não se combinam com prefixos relacionais, como ocorre com os nomes dependentes (cf. seção 4.2.1.1)

4.3.2.1 Dêiticos pessoais

O Araweté possui uma série de dêiticos pessoais, doravante chamados de pronomes pessoais. Podem constituir por si só um enunciado e, em determinados contextos sintáticos, têm função enfática. Os pronomes pessoais funcionam como:

a) objeto de verbos transitivos

34) *mide r-etfa ku ja*
12(3) R¹-ver FOC onça
'a onça me viu'

35) *pe ku he Ø-řwĩ*
23 FOC 1 R¹-furar
'vocês me furaram'

36) *he ku ne r-ařařa*
1 FOC 2 R¹-arranhar
'eu te arranhei'

37) *pe Ø-nupĩ ku ure*
23 R¹-bater FOC 13
'nós batemos em vocês'

b) sujeito de verbos intransitivos no modo indicativo II

38) *kumete ku ne Ø-wahẽ pakaja-pi*
hoje FOC 2 R¹-chegar Pacanhã- LA
'hoje, foi tua chegada para o Pacanhã' 'hoje, você chegou para o Pacanhã'

39) *kaʔa-iwe ku ure Ø-tfe*
mato-LP FOC 13 R¹-dormir
'no mato, houve nossa dormida' 'no mato, nós dormimos'

40) *pitu-mu-ʔe he Ø-jeʔa*
de manhã 1 R¹-chorar
'de manhã, houve meu choro' 'de manhã, eu chorei'

41) *haʔiwe pe Ø-ha pe-ta-we*
amanhã 23 R¹-ir 23CORR-aldeia-
LP
'manhã, haverá ida de vocês na aldeia' 'amanhã, vocês irão na aldeia de vocês'

d) sujeito de transitivo

42) *deme ku he tapĩĩ Ø-juka*
agora FOC 1 anta R¹-matar
'acabei de matar-anta/ matei anta agora'

e) possuidor

43) *ure r-amũj*
13 R¹-avô
'nosso avô'

44) *ne Ø-atfi n-ahi*
2 R¹-cabeça R¹-dor
'tua cabeça dói' 'dor da cabeça tua'

45) *he Ø-puru?a he ne apa*
1 R¹-grávida 1 2 MD
'eu estou grávida, é teu'

46) *ure r-upehi ure uru-ju*
13 R¹-sono 13 13CORR-
deitado
'nós estamos com sono'

f) complemento de posposição

47) *a-ma?ẽ ku he pe n-ehe*
1-olhei FOC 1 23 R¹-para
'eu olhei para vocês'

48) *ne ku m#tu ere-r-u ure r-e*
2 FOC mutum 2-CC-vir 13 R¹-para
'você trouxe mutum para nós'

49) *he a-ha ne r-ewe mērēj-ipi*
 1 1-ir 2 R¹-ASSI Belém-LA
 ‘eu vou contigo para Belém’

50) *pe-meřẽ jepe pe he r-e*
 23-dar depois 23 1 R¹-para
 ‘você dão (farinha) para mim depois’

4.3.2.2 Pronomes demonstrativos

Pronomes demonstrativos, além de indicarem a distância de uma referente com respeito a um centro dêitico, substituem nomes. Como ocorre com a maioria das Línguas Tupí, demonstrativos em Araweté não formam com o nome uma unidade sintática (cf. CROFTS, 1990; VIEIRA, 1996; RODRIGUES e CABRAL, 2009), embora sua contigüidade fonética permita uma interpretação contrária.

51) *u-jeřa rupe u-ř*
 3-chorar aquele 3CORR-estar.em.pé
 ‘aquele está chorando’

52) *eře ku h-enu*
 esse (de que se fala) FOC R²-escutou
 ‘esse o escutou’

53) *a ruwř*
 casa aquele
 ‘aquela casa’

- 54) *tuĩ* *apa* *pa* *ruwĩ*
periquito ovo P aquele
‘aquilo é ovo de periquito?’
- 55) *e-dĩnu* *reĩa-we*
2-deitar aqui-LP
‘deite aqui’
- 56) *amute* *te* *ara*
esse outro VDR arara
‘é mesmo essa outra arara’
- 57) *awa* *pa* *rupe* *u-ĩ*
quem P aquele 3-estar.em.pé
‘quem é esse aí (aquele) em pé?’

Note-se que o demonstrativo *rupe* ‘afastado do falante e +/-afastado do ouvinte, deitado, em pé ou alongado’ acumula a indicação da distância do referente com respeito ao centro dêítico, mas trata esse referente como local, de forma que a sua tradução deve ser ‘esse/aí’.

4.4 Verbos

Verbos integram a única classe de palavras, cujos elementos se combinam com prefixos pessoais que codificam um A(gente) ou um S(ujeito). Este é o critério fundamental para distinguir verbos das demais classes de palavras:

Exemplos de oração com verbos intransitivos

58) *u-jija ku madetfaka pitu-mu*
3-cantar FOC pajé noite-LD
'o pajé canta pela noite'

59) *ere-je?a hete e-ju*
2-chorar muito 2CORR-deitado
'você está chorando muito'

60) *u-manu pane ku Maria re?e*
3-morrer FRUS FOC Maria AT.OUTRO
'Maria quase morreu'

Exemplos de orações com verbos transitivos

61) *ere-nupĩ ku ne kume?e*
2-bater FOC 2 homem
'você bateu no homem'

62) *pe-juka ku pe arapuha-hu*
23-matar FOC 23 veado-INTS
'vocês mataram veado grande'

63) *uru-me?ẽ ku ure pida ne r-e*
13-dar FOC 13 peixe 2 R¹-para
'nós demos peixe para você'

4.5 Posposições

Posposições formam uma classe fechada, cujos elementos são palavras relacionadoras de argumentos periféricos de nomes e verbos. Integram a única classe que só se combina com um tipo de flexão, a relacional.

64) *a-ja ku he Nivaldo Ø-hĩ*
1-ir FOC 1 Nivaldo R¹-afastando-se.de
'eu venho da roça do Nivaldo'

65) *he ku a-iwũ te-uĩ Ø-iwe*
1 FOC 1-furar 1CORR-flecha R¹-com
'eu o furei com minha flecha'

66) *uru-je?ẽ je?ẽ ure uru-ju Marukaihi r-ehe*
13-falar falar 13 13-deitado Marukaihi R¹-com
'nós estamos conversando com a Marukaihi'

67) *pe-api ku pe tena r-uhe*
23-sentar FOC 23 banco R¹-sobre
'vocês sentaram no banco'

4.6 Classes de palavras não flexionáveis

Foram identificadas até o presente oito classes de palavras não flexionáveis na língua Araweté. Os critérios usados para o reconhecimento destas enquanto classes de palavras distintas foram fundamentalmente sintático-funcionais. São palavras não flexionáveis quantificadores, advérbios, conjunções, palavras modalizadoras, palavras aspectuais, palavras

focalizadoras/topicalizadoras, ideofones, interjeições. A classe dos quantificadores inclui palavras que especificam quantidades relativas a entidades contáveis, advérbios modificam predicados, palavras modalizadoras especificam posições/attitudes ou visões do falante vis-à-vis do conteúdo informacional contido no predicado, e palavras aspectuais completam sentidos lexicais dos núcleos dos predicados; interjeições expressam emoções do falante com respeito aos fatos para-lingüísticos e ideofones são palavras em sua maioria onomatopéicas que equivalem, seja a predicados inerentemente aspectualizados, seja a advérbios de modo. Interjeições expressam emoções do falante com respeito aos fatos paralingüísticos.

4.6.1 Quantificadores

Foram identificadas até o presente, como palavras quantificadoras, as palavras para ‘muitos’ **pawẽ** e **hefi**

68) *míde je mukũ̃ nete u-ha kaʔapite-we*
 12(3) apenas dois IR 3-ir roça-LP
 ‘apenas nós duas vamos na roça’

69) *tʃipẽ je he Ø-memi*
 um apenas 1 R¹- filho
 ‘eu só tenho um filho’

70) *pawẽ aʔi ipiʔĩ reʔa-we*
 muitos REIT piũ aqui-LP
 ‘tem muito piũ aqui’

71) *pawẽ rete-meʔe ku madĩʔa a-iwe*
 muitos muito FOC mandioca casa-LP
 ‘tem muita, muita mandioca na casa’

72) *pawẽ marakaja*
muitos cachorro
‘tem muitos cachorros’

73) *heĩ nanĩ*
muito abacaxi
‘muito abacaxi’

4.6.2 Advérbios

O termo advérbio é usado neste estudo de forma a cobrir palavras que modificam predicados, embora algumas delas só modifiquem predicados verbais. Advérbios acionam o modo indicativo II em predicados verbais, quando posicionadas na sentença antes destes. Pertencem a essa classe, palavras que exprimem tempo, negação e modo:

Tempo

74) *kumete ku mututapi i-wahẽ*
hoje FOC barco R²-chegar
‘hoje o barco chegou’

75) *deme ku ure tapiĩ?i Ø-juka*
agora FOC 13 anta R¹-matar
‘agora nós matamos anta’

76) *ha?iwe ne Ø-ha*
agora 2 R¹-ir
‘amanhã você irá’

Advérbios que se posicionam no escopo do predicado, seguem o núcleo deste e, dessa forma, não acionam o modo indicativo II; contudo, a sua posição e função os distinguem como palavras adverbiais:

77) *a-meʔẽ jepe he ne r-e*
 1-dar depois 1 2 R¹-para
 ‘depois eu dou para você’

78) *u-ʔu jepe*
 3-comer depois
 ‘ele comerá depois’

79) *mihijje atʃaʔi Ø-ʔu he nũ*
 quando açai R¹-comer DES novamente
 ‘quando eu desejarei beber açai novamente?’

Negação

80) *a-jeʔa ja he*
 1-chorar NEG 1
 ‘eu não chorei’

81) *ajete pe karu imi*
 RESTR 23 comer PROIB
 ‘vocês não comeram’

82) *ne tfirima ja we ne*
 2 cansado NEG TOP 2
 ‘você não estava cansado’

83) *ina pe pe-a Ø-iwe*
 NEG 23 23CORR-casa R¹-CI
 ‘vocês não estavam dentro da casa’

84) *e-api e?e u-ata ja we*
 2-sentar esse 3-andar NEG TOP
 ‘esse senta! não vai andar’

Modo

85) *a-tfe pitui he teje ku he ka?arume a?i*
 1-dormir pouco 1 disque FOC 1 ontem REIT
 ‘eu dormi só um pouquinho, ontem’

86) *a-ha ku he rupe parañ-we huamuje*
 1-ir FOC 1 outro rio-LP rápido
 ‘eu vou rápido ao outro rio’

87) *huamuje ku he Ø-karu*
 rápido FOC 1 R¹-comer
 ‘rápido, eu comi’ ‘rápido foi minha comilança’

88) *huamuje ku he tupařĩ e-pituka*
 rápido FOC 1 roupa 2-lavar
 ‘rápido, eu lavei roupa’

89) *je pída a-muji-ha*
 só/apenas peixe 1-fazer- DNAC
 ‘apenas eu sou pegador de peixe’

90) *míde eje herĩ pída u-muji-ha*
 12(3) só/apenas DUB peixe 3-fazer-DNAC
 ‘parece que apenas nós somos pegadores de peixe’

4.6.3 Conjunções

Pertencem à classe das conjunções palavras que subordinam orações, como *dĩdĩ*, *hame*, *me*.

91) *h-ahi u-pa **dĩdĩ** u-jř-muturu-ha ja we*
 R²-dor 3-acabar depois 3-REFL-motor-DNAC NEG TOP
 ‘depois que parar a dor dela, ela não fará aerosol’

92) *he Ø-tfe **dĩdĩ** te ure r-udĩ*
 1 R¹-dormir depois VDR 13 R¹-voltar
 ‘depois da minha dormida, nós voltaremos mesmo’

- 93) *a-tʃe he te-ẽ ne hame e-jahu*
 1-dormir 1 1CORR-estar.sentado 2 enquanto 2-tomar.banho
 ‘enquanto você toma banho, eu estou dormindo’
- 94) *meʔe raʔa he a-muji te-ka ne hame tupaʔ e-pituka*
 coisa carne 1 1-fazer 1CORR-estar 2 enquanto roupa 2-lavar
 ‘eu estou fazendo comida, enquanto você lava roupa’
- 95) *ajete pẽ ha imi pe Ø-ha me*
 RESTR 23 ir PROIB 23 R¹- ir se/quando
 ‘vocês não vão, só se quiserem a ida de vocês’
- 96) *arapuha Ø-iwũ me tapĩĩ Ø-juka*
 RESTR R¹- flechar se/quando anta R¹- matar
 ‘quando você flechar veado, eu matarei anta’
- 97) *ne Ø-jeʔa me he Ø-tʃiriʔ he jepe*
 2 R¹- chorar se 1 R¹- triste 1 também
 ‘se você chorar, eu fico triste também’

4.6.4 Palavras focalizadoras/topicalizadoras

Foram encontradas até o presente duas palavras focalizadoras/topicalizadoras que foram incluídas em uma classe diferenciada: (ja) **we** e **ku**

- 98) *kumeʔe katʃe-riru ja we*
 homem café-recipient NEG TOP
 ‘não é garrafa de café do homem’

99) *he Ø-tfíwa ja we*
 1 R¹-pente NEG TOP
 ‘não é meu pente’

100) *kaʔa Ø-iwe ku he Ø-tfe*
 mato R¹-dentro.de FOC 1 R¹-dormir
 ‘dentro do mato, eu dormir’

101) *Ikaire ku u-ja erietfi í-mujeʔẽ aʔí*
 Ikaire FOC 3-vir Eliete R²-fazer.falar REIT
 ‘Ikaire foi chamar a Eliete’

4.6.5 Palavras aspectuais

Palavras aspectuais completam o sentido lexical de núcleos de predicados, contribuindo com idéias de término, repetição, intensificação, início e projeção de processos, eventos e/ou estados,

tudo

102) *a-pituka tfí ku he*
 1-lavar tudo FOC 1
 ‘eu lavei tudo’

à toa

103) *ajete ure r-uj hetete madíʔa tí imi kumete*
 RESTR 13 R¹-ficar à toa mandioca plantar PROIB hoje
 ‘nós não ficamos plantando-mandioca à toa, hoje’

ta

- 104) *pẽ ku pe-ju t-u kaʔa-we ta*
23 FOC 23-estar.deitado R²-pai mato-LP PROJ
'você^s vão caçar com o pai dele no mato'

frustrativo

- 105) *pẽ-j̄-pumi pane ku pe reʔe*
23-REFL-afogar FRUS FOC 23 AT.OUTRO
'você^s quase se afogaram'

- 106) *a-tfẽ pane ku he reʔe*
1-dormir FRUS FOC 1 AT.OUTRO
'eu quase dormi'

4.6.6 Palavras modalizadoras

Palavras modalizadoras contribuem com informações sobre como a informação é vista pelo falante no que diz respeito ao grau de verdade que ela encerra, à sua fonte de informação e, ainda às intenções propósitos, desejos, proibições entre outros pontos de vista do falante relativos ao conteúdo informacional. Exemplos de palavras modalizadoras são:

- 107) *u-ha rete ku ju i-pi-we reʔe*
3-ir IR FOC espinho R²-pé-LP AT.OUTRO
'vai (entrar) espinho no pé dele (do Tatuaru), de verdade'

108) *ere-ha pa ne pɨdanaĩ*
2-ir P 2 pescar
'você vai pescar?'

109) *e-ja he awitfĩ r-etfa nete*
2-ir 1 piolho R¹-ver IR
'você vai ver meu piolho'

4.6.7 Ideofones

Ideofones são usados principalmente em relatos, tanto históricos quanto míticos. Alguns dos ideofones identificados em Araweté são:

hũũũ hũũũ 'zanga'

4.6.8 Interjeições

Identificamos até o presente as formas *he ʔá* usada para expressar surpresa, a forma *ẽ?ẽ* para expressar concordância e a forma *ũũũ* para expressar estranhamento.

4.7 Conclusão

Apresentamos neste capítulo uma introdução à descrição de classes de palavras da língua Araweté, focalizando as suas principais características morfológicas, morfossintáticas e semânticas. Vimos que há em Araweté três classes flexionáveis de palavras: verbos, nomes e posições. Há também oito classes de palavras não flexionáveis: quantificador, advérbio,

conjunções, palavras modalizadoras, palavras aspectuais, palavras focalizadoras /topicalizadoras, ideofones e interjeições. No próximo capítulo, trataremos detalhadamente de cada classe de palavra em particular.

CAPÍTULO V

5. CLASSES DE PALAVRAS EM ARAWETÉ

5.1 Introdução

No capítulo precedente, foram apresentados alguns dos critérios morfológicos, morfossintáticos e sintáticos, conjugados a critérios semânticos, que fundamentam a existência em Araweté de 11 classes de palavras. Destas, três são classes flexionáveis – nomes verbos e posições –, e oito são classes não flexionáveis – quantificadores, advérbios, conjunções, palavras modalizadoras, palavras aspectuais, palavras focalizadoras/topicalizadoras, ideofones e interjeições. No presente capítulo, descrevemos cada uma dessas classes de palavras individualmente, tanto no plano morfológico, no caso de palavras com estrutura interna, quanto nos planos morfossintático e sintático.

5.2 O nome e o sintagma nominal

Esta seção trata da classe dos nomes em Araweté, de suas subclasses, da constituição interna dos seus respectivos elementos. Serão primeiramente tratados os nomes referenciais e, em seguida, os nomes que adquirem referência no contexto do discurso – demonstrativos e pronomes pessoais.

A descrição da estrutura interna dos nomes tem como perspectiva a identificação de sua constituição interna – raízes, temas e afixos –, das categorias gramaticais que manifestam – atualização existencial e noções aspectuais de atenuação e de intensividade, e a identificação do status gramatical dos morfemas, através dos quais essas categorias são expressas.

A descrição do sintagma nominal inclui a caracterização e distribuição dos seus componentes (cf. 5.6.1). Modificadores nominais são discutidos na seção 5.4 e uma discussão sobre determinação nominal é apresentada em 5.6.2.

5.2.1 O nome e suas subclasses

A classe dos nomes em Araweté é constituída de elementos naturalmente afeitos a funções argumentais – A(gente), S(ujeito), O(bjeto) e C(omplemento) de P(osição), mas podem, igualmente ser núcleo de predicados de natureza nominal.

Nomes nessa língua são de dois tipos:

(a) os que têm referência inerente;

(b) os que adquirem referência no contexto do discurso – pronomes e demonstrativos.

Os nomes com referência inerente distribuem-se em duas classes, a dos dependentes e a dos independentes. Como colocado no capítulo IV deste estudo, nomes referenciais dependentes têm existência relativa a algo ou a alguém, enquanto que nomes referenciais independentes têm existência independente ou absoluta. Nomes referenciais dependentes se combinam com prefixos relacionais que os relacionam aos seus respectivos determinantes. Os nomes referenciais independentes não se combinam com flexão relacional, como são os casos dos nomes não referenciais.

5.2.1.1 Morfologia Nominal

5.2.1.1.1 Caso Nominal

Caso, em uma visão tradicional, como a de Rodrigues (2000) é “... um sistema de marcação de nomes para indicar o tipo de relação que estes têm para com os núcleos dos sintagmas em que ocorrem”. Com base nessa visão, Rodrigues identifica a expressão de caso em línguas da família Tupí-Guaraní, manifestado por meio de morfologia flexional (caso morfológico) e por meio de posposições.

Segundo Rodrigues (1996), há cinco tipos de casos morfológicos encontrados nas línguas TG: **argumentativo**, que compreende as principais funções gramaticais (sujeito de verbos intransitivos e transitivos, objeto direto, possuidor, objeto de posposição), **translativo**, que expressa uma mudança de estado físico ou social, **locativo situacional**, que indica o posicionamento e/ou situação de uma pessoa ou coisa com respeito a uma parte de outra; e **locativo pontual** e o **locativo difuso**, que indicam locação no espaço ou no tempo, sendo que o primeiro o faz de forma precisa/delimitada e o segundo, de forma difusa/não delimitada.

Cabral (2000), com base em Jakobson (1957), descreve o sistema casual do Asuriní do Tocantins, distinguindo caso morfológico de caso semântico. Para Cabral, em Asuriní do Tocantins, diferentemente da morfologia casual, em que cada morfema se associa a um único caso semântico, posposições podem se associar a diferentes casos semânticos, assim como um mesmo caso semântico pode ser expresso por mais de uma posposição.

Asuriní do Tocantins

- 110) *e-esák=kató kosó-a r-ehé*
 e-ver-INT fêmea-ARG R¹-em.rel.a
 ‘tome cuidado com as mulheres’ (CABRAL, 2000)
- 111) *o-se?eɲán sekwehé o-óp-a o-se-he*
 3-cantar MIT 3-estar.deitado-mesma 3-REF-para
 ‘estava cantando deitada para ela mesma (CABRAL, 2000)

Carreira e Lima (2002), em seu trabalho “*Expressões de caso nas línguas Tupí-Guaraní*” observam que, apesar de os estudos descritivos sobre as línguas da família Tupí-Guaraní mostrarem que essas línguas apresentam diversos casos semânticos associados a uma mesma posposição, é possível interpretá-los como manifestações de um mesmo caso semântico. Assim os dois exemplos acima de Cabral (2000) corresponderiam a uma única expressão do caso semântico “relativo”.

Em Araweté, a morfologia casual é compartilhada pelos nomes em geral, referenciais e não referenciais. O sistema morfológico casual do Araweté é bastante reduzido, quando comparado aos das línguas mais conservadoras da família Tupí-Guaraní.

O Araweté durante o seu desenvolvimento enquanto língua independente perdeu a manifestação do caso argumentativo e do caso locativo situacional (cf. CABRAL, 2001). O seu sistema casual atual é constituído dos casos *-we* ~ *iwe* ‘locativo pontual’, *-mu* ‘locativo difuso’, *-(i)pi* ‘locativo alativo’, e *-mũ* ‘caso translativo’.

5.2.1.1.1 Locativo pontual

O caso locativo pontual se realiza por meio do morfema *-we* ~ *-iwe* que flexiona o tema nominal de forma que este “torna-se um lugar específico em que se está”. Exemplos com nomes flexionados pelo morfema do caso locativo são os seguintes:

112) *pẽ* \emptyset -*ta-we*
23 R¹-aldeia-LP
‘na aldeia de vocês’

113) *kaʔapite-we*
roça-LP
‘na roça’

114) *paranĩ-we*
rio-LP
‘no rio’

115) *kaʔa-pite* \emptyset -*pe-we*
roça-meio R¹-caminho-LP
‘no meio do caminho da roça’

116) *a-nu* *ku* *he* *te-piʔa* *reʔa-we*
1-deixar FOC 1 1CORR-sandália aqui-LP
‘eu deixei minha sandália aqui’

117) *e-dĩnu re?a-we*
2-deitar aqui-LP
'deite aqui'

118) *pawẽ nete-me?e maka e?e rupe ta-pe-we*
muito muito manga esse outro aldeia-RETR-LP
'tem muita, muita manga lá na aldeia velha'

119) *ere-jĩ-etfa ku ne puretfaha-iwe*
2-REF-ver FOC 2 espelho-LP
'você se olhou no espelho'

120) *e-reha madi?a Maria Ø-a-iwe*
2-levar mandioca Maria R¹-casa-LP
'leve mandioca na casa da Maria'

5.2.1.1.1.2 Locativo difuso

O caso locativo difuso é marcado nos nomes por meio do sufixo *-mu* para indicar um lugar no espaço ou no tempo, de forma imprecisa.

121) *a-jija ku he pitu-mu*
1-cantar FOC 1 noite-LD
'eu canto pela noite'

- 122) *ere-ha kaʔa-mu*
 2-ir mato-LD
 ‘você vai pelo mato’

5.2.1.1.1.3 Locativo alativo

O morfema do caso locativo alativo *-pi* ~ *-ipi* flexiona nomes para conferir-lhes o significado de “lugar para onde se vai”. Quando esse lugar é uma pessoa, o seu significado aproxima-se ao do significado da preposição *chez* do Francês (*chez toi, moi*, etc.). Alguns exemplos são:

- 123) *míde u-ha belẽ-ipi*
 123 3-ir Belém-LA
 ‘nós vamos para Belém’

- 124) *ere-ja ku ne atamira-ipi*
 2-ir FOC 2 altamira-LA
 ‘você vem para Altamira’

- 125) *u-ha ku nivawdu Pakajã-ipi*
 3-ir FOC Nivaldo Pakajã- LA
 ‘Nivaldo vai para o Pakajã’

- 126) *a-ha puta brazija-pi*
 1-ir querer/poder=DESII Brasília- LA
 ‘eu quero ir para Brasília’

- 127) *kunai-ipi ku erietfi Ø-ha re?e*
 Funai- LA FOC Eliete R¹-ir AT.OUTRO
 ‘para Funai, Eliete foi’

5.2.1.1.1.4 Translativo

O caso translativo é marcado nos nomes por meio do sufixo **-mu** que sinaliza uma condição adquirida por meio de uma mudança social ou física. Em Araweté, foram encontrados até o presente poucos exemplos contendo esse morfema.

- 128) *he Ø-hi-mu he r-ehe*
 1 R¹-mãe- TRANS 1 R¹-CR
 ‘está na qualidade de minha mãe’

- 129) *e?e u-ha he Ø-ta-we t?i-me?e-mu*
 esse 3-ir 1 R¹-aldeia-LP bonita-NP-LP
 ‘a que é bonita vai na minha aldeia’

- 130) *ure r-uri-ruri-mu ku ure Ø-me?ẽ*
 13 R¹-alegre-alegre-TRANS FOC 13 R¹-dar
- didi ure r-e a?i*
 depois 13 R¹-CR REIT
 ‘depois é presente pra nós, nós ficamos muito alegres’

- 131) *he ku arara?i a-muji boro-mu*
 1 foc macaxeira 1-fazer bolo-TRANS
 ‘eu fiz macaxeira virar bolo’

Além dos quatro casos morfológicos descritos acima, noções que em outras línguas do mundo são expressas por morfologia casual, são expressas em Araweté por meio de posposições (cf. seção 5.5).

5.2.1.1.2 Prefixos correferenciais

Prefixos co-referenciais são prefixos que sinalizam em um tema relativo (originalmente um nome ou um nome de ação verbal) que o seu determinante é o mesmo que o sujeito da oração principal. A série de prefixos correferenciais do Araweté é a seguinte:

- 132) *a-nupĩ ku he te-atfĩ*
1-bater FOC 23 1CORR-cabeça
'eu bati minha (própria) cabeça'
- 133) *ere-nupĩ ku ne e-atfĩ*
2-bater FOC 2 2CORR-cabeça
'você bateu tua (própria) cabeça'
- 134) *u-nupĩ ku u-atfĩ*
3-bater FOC 3CORR-cabeça
'ele bateu a (própria) cabeça'
- 135) *u-nupĩ ku mide u-atfĩ*
3-bater FOC 123 3CORR-cabeça
'nós batemos nossas cabeças'

136) *uru-nupĩ ku ure uru-atfĩ*
13-bater FOC 13 13CORR-cabeça
'nós batemos nossas cabeças'

137) *pẽ-nupĩ ku pẽ pe-atfĩ*
23-bater FOC 23 23CORR-cabeça
'vocês bateram suas (próprias) cabeças'

138) *a-he te-tfe*
1-ir 1CORR-dormir
'eu vou dormir' 'eu vou para a minha dormida'

139) *ere-wahẽ ku ne e-jija*
2-chegar FOC 2 2CORR-cantar
'você chegou cantando' 'você chegou para cantar'

As relações de determinação nominal em Araweté serão tratadas mais detalhadamente na seção 5.6.2. Quanto às marcas do conjunto I, embora façam referência a pessoa, têm em comum com os prefixos relacionais o fato de relacionar um tema a um determinante, sendo que este determinante é correferente com o sujeito da oração principal. Por fazer referência a pessoa, tratamos essas marcas como marcas pessoais (cf. 5.2.3).

140) *te-pa*
1CORR-mão
'minha própria mão'

- 141) *e-pa*
2CORR-mão
'tua própria mão'
- 142) *u-atfĩ*
3CORR-cabeça
'própria cabeça dele'
- 143) *uru-ta*
13CORR-aldeia
'nossa própria aldeia'
- 144) *pe-tfija*
23CORR-semente
'própria semente de vocês'

5.2.1.1.3 Morfologia derivacional

A morfologia derivacional nos nomes em Araweté deriva novos nomes a partir de um tema nominal (a) atualizando o estado de existência do referente e (b) intensificando ou atenuando suas dimensões físicas e/ou emocionais. (cf. RODRIGUES, 2001)

5.2.1.1.3.1 Atualização nominal

Os nomes referenciais do Araweté mantêm uma característica conservadora Tupí-Guaraní (Rodrigues e Cabral, em preparação) que é a de distinguir, por meio de morfologia, o estado de existência dos nomes referenciais. Essa análise, pautada em Rodrigues (2001,

2005), difere de análises precedentes que viam essas morfemas como marcas de tempo nominal. Em Araweté, assim como em Asurini do Tocantins e em Zo'é (cf. CABRAL, 2007), e como em Tupinambá (RODRIGUES, 2001, 2005), nomes cujos referentes têm existência no momento do discurso recebem uma marca \emptyset , enquanto que nomes cujos referentes não mais existem recebem a marca $-pe \sim -tfe \sim -nẽ$ ao passo que nomes cujos referentes têm existência projetada para o futuro recebem o morfema $-rĩ \sim -nĩ$. O quadro abaixo ilustra a distribuição dos morfemas que marcam nomes referenciais em Araweté de acordo com o estado de existência dos referentes destes:

Atualização nominal

Existência retrospectiva Existência atual e presente Existência virtual PROSpectiva
 $-pe \sim -tfe \sim -nẽ$ \emptyset $-rĩ \sim -nĩ$

Exemplos ilustrativos de atualização nominal são dados a seguir. Observamos que alguns nomes podem não ocorrer em determinados modos de atualização por razões pragmáticas, como por exemplo, 'minha futura mão', 'minha futura cabeça', entre outras.

<i>Existência retrospectiva</i>	<i>Existência atual e presente</i>	<i>Existência virtual PROSpectiva</i>
---------------------------------	------------------------------------	---------------------------------------

145)

<i>he</i>	<i>r-uĩ-pe</i>	<i>he</i>	<i>r-uĩ</i>	<i>he</i>	<i>r-uĩ-rĩ</i>
1	R ¹ -flecha-RETR	1	R ¹ -flecha	1	R ¹ -flecha-PROSP.
'ex-flecha'		'minha flecha'		'vai ser minha flecha'	

146)

<i>mide</i>	\emptyset -jarut-fu-pe	<i>mide</i>	\emptyset -jarut-fu	<i>mide</i>	\emptyset -jarut-fu-rĩ
123	R ¹ -canoa-RETR	123	R ¹ -canoa	123	R ¹ -canoa-PROSP
'foi canoa nossa'		'canoa nossa'		'será canoa nossa'	

147)

<i>ne</i>	<i>r-emj̃ka-pe</i>	<i>ne</i>	<i>r-emj̃ka</i>	<i>ne</i>	<i>r-emj̃ka-rĩ</i>
2	R ¹ -esposa-RETR	2	R ¹ -esposa	2	R ¹ -esposa- PROSP
‘foi esposa de você’		‘esposa de você’		‘será esposa de você’	

148)

<i>pẽ</i>	<i>∅-kaʔapite-pe</i>	<i>pẽ</i>	<i>∅-kaʔapite</i>	<i>pẽ</i>	<i>∅-kaʔapite-rĩ</i>
23	R ¹ -roça-RETR	23	R ¹ -roça	23	R ¹ -roça- PROSP
‘foi roça de vocês’		‘roça de vocês’		‘será roça de vocês’	

149)

<i>ne</i>	<i>∅-a-tfe</i>	<i>ne</i>	<i>∅-a</i>	<i>ne</i>	<i>∅-a-rĩ</i>
2	R ¹ -casa-RETR	2	R ¹ -casa	2	R ¹ -casa- PROSP
‘foi casa de você’		‘casa de você’		‘será casa de você’	

150)

<i>í-jaʔẽ-tfe</i>	<i>í-jaʔẽ</i>	<i>í-jaʔẽ-rĩ</i>
R ² -panela de barro-RETR	R ² -panela de barro	R ² -panela de barro-PROSP
‘foi panela de barro dela’	‘panela de barro dela’	‘será panela de barro dela’

151)

<i>t-ata-nẽ</i>	<i>t-ata</i>	<i>t-ata-nĩ</i>
R ⁴ -fogo-RETR	R ⁴ -fogo	R ⁴ -fogo- PROSP
‘foi fogo’	‘fogo’	‘será fogo’

152)

<i>he</i>	<i>r-erekũ-ne</i>	<i>he</i>	<i>r-erekũ</i>	<i>he</i>	<i>r-erekũ-rĩ</i>
1	R ¹ -marido-RETR	1	R ¹ -marido	1	R ¹ -marido- PROSP
‘foi meu marido’		‘marido de mim’		‘será meu marido’	

153)

<i>ne</i>	\emptyset - <i>pehi-pe</i>	<i>ne</i>	\emptyset - <i>pehi</i>	<i>ne</i>	\emptyset - <i>pehi-rĩ</i>
2	R ¹ -cesto-RETR	2	R ¹ -cesto	2	R ¹ -cesto- PROSP
‘foi cesto de você’		‘cesto de você’		‘será cesto de você’	

154)

<i>h-aʔa-pe</i>	<i>arapuha</i>	<i>r-aʔa</i>
R ² -carne-RETR	veado	R ¹ -carne
‘foi carne (de veado)’	‘carne de veado’	

155)

<i>h-apa-pe</i>	<i>iwira</i>	<i>r-apa</i>
R ² -raiz-RETR	árvore	R ¹ -raiz
‘foi raiz de árvore’	‘raiz da árvore’	

156)

<i>ĩ-pa-tʃe</i>	<i>ĩ-pa</i>
R ² -mão-RETR	R ² -mão
‘foi mão dele’	‘mão dele’

Este processo derivacional do Araweté é exclusivo dos nomes, especificamente dos nomes referenciais.

5.2.1.1.3.2 Similitude

A língua Araweté faz uso da partícula *herĩha* ‘similitivo’ para expressar a idéia de similar a, como mostram os seguintes exemplos:

- 157) *padĩdi herĩha*
 banana SIMIL
 ‘parece banana’ ‘similar a banana’

158) *ajuru herĩha*
papagaio SIMIL
'parece papagaio'

159) *ne Ø-jeʔẽ herĩha he Ø-jeʔẽ*
2 R¹-fala SIMIL 1 R¹-fala
'minha fala parece com a tua (fala)'

160) *ne r-upaʔĩ herĩha*
2 R¹-roupa SIMIL
'parece tua roupa'

161) *juriãñã Ø-apa herĩha ne r-upaʔĩ*
Juliana R¹-pertence SIMIL 2 R¹-roupa
'tua saia parece com a da Juliana'

5.2.1.1.3.3 Atenuação e intensificação

Outra característica dos nomes referenciais do Araweté, mas que não é exclusiva de les, é a de terem seus referentes atenuados ou intensificados por meio de morfologia derivacional. Nos nomes, atenuação e intensificação podem relacionar-se a propriedades físicas ou emocionais. A primeira é manifestada por meio do morfema *-ʔĩ* (ou *-ʔĩ* depois de vogal nasal final) a segunda por meio do morfema *-hu~ -uhu*. Exemplos de nomes atenuados e intensificados são os seguintes:

Nomes que referem entidades concretas

Atenuação		Intensificação	
<i>tani-ʔi</i>	‘borboletinha’	<i>ita-hu</i>	‘pedra grande’
<i>jahitata-ʔi</i>	‘luazinha’	<i>tamuata-hu</i>	‘tamuatá grande’
<i>tamuata-ʔi</i>	‘tamuatazinho’	<i>kara-uhu</i>	‘cará grande’
<i>kara-ʔi</i>	‘carazinho’	<i>marakaja-uhu</i>	‘cachorrão’
<i>marakaja-ʔi</i>	‘cachorrinho’	<i>tʃitʃe-uhu</i>	‘terçado’
<i>amidʔ-ʔi</i>	‘piabinha’	<i>piʔa-hu</i>	‘sapato’
<i>awatʃi-ʔi</i>	‘arroz’	<i>i-ʔuhu</i>	‘grotá’
<i>anira-ʔi</i>	‘morceguinho’	<i>jaʔe-uhu</i>	‘pote’
<i>meju-ʔi</i>	‘bolachinha’	<i>tapʔiʔi-uhu</i>	‘cavalo/boi’
<i>pa-ʔi</i>	‘mãozinha/dedo mindinho’	<i>pa-hu</i>	‘mão grande/dedo polegar’

Exemplos contextualizados

162) *uru-ʔuʔu ku ure meju-ʔi*
 13-morder/mastigar FOC 13 bolacha-ATEN
 ‘nós mastigamos bolachinhas’

163) *pe-ʔu hana awatʃi-ʔi*
 23-comer COIB milho-ATEN
 ‘parem de comer arroz’

164) *he Ø-apa ruwĩ piʔa-hu*
 1 R¹-MP aquele sandália-INTS
 ‘aquele sapato é meu’

165) *a-etfa ja he te-tfitfe-uhu*
 1-ver NEG 1 1CORR-faca-INTS
 ‘eu não vi meu terçado/facão’

166) *ne Ø-pa-hu ika ja he*
 2 R¹-mão-INTS cortar NEG 1
 ‘eu não cortei teu dedão’

Nomes que referem sensações e qualidades

<i>-uima-ʔi</i>	‘fomezinha’
<i>-uri-ʔi</i>	‘alegriazinha’
<i>-tirimá-ʔi</i>	‘cansaçozinho’
<i>-uperi-ʔi</i>	‘soninho’

167) *u-pa ja ure r-uima-ʔi*
 3-acabar NEG 13 R¹-fome-ATEN
 ‘nossa fomezinha não acabou’

168) *he r-uri-ʔi*
 1 R¹-alegria- ATEN
 ‘minha alegriazinha’

169) *u-pa ja ne r-upehi-ʔi*
 3-acabar NEG 2 R¹-sono- ATEN
 ‘teu soninho acabou’

Embora o *atenuativo* e o *intensivo* representem subcategorias de uma mesma categoria aspectual, apenas o *atenuativo* é exclusiva de nomes, servindo de critério adicional para distinguir os elementos dessa classe das demais.

5.2.2 Nomes genéricos

5.2.2.1 O nome *-apa*

A língua Araweté possui uma raiz nominal *-apa*, de significado genérico, traduzido neste estudo como ‘bem’ ou ‘pertence’. Além de seu uso como nome com esse significado (exemplos 170 e 171), é também usada como mediador de determinação nominal de nomes absolutos (exemplos 172 a 174)

170) *ne* \emptyset -*apa* *rete* *te* *ne* *katʃe-rĩro*
 2 R¹-PERTENCE VDR IR 2 café-recipiente
 ‘a garrafa de café é tua, de verdade’

171) *he* \emptyset -*apa* *te* *he* *r-upãʔĩ* *Juliana* \emptyset -*apa* *ja* *we*
 1 R¹-PERTENCE VRD 1 R¹-roupa Juliana R¹-PERTENCE NEG TOP
 ‘a roupa é minha mesmo, não pertence à Juliana’

172) *pẽ* \emptyset -*apa* *pida*
 23 R¹-MP peixe
 ‘o peixe é de vocês’

173) *ure* \emptyset -*apa* *marakaja*
 13 R¹-MP cachorro
 ‘o cachorro é nosso’

- 174) *he Ø-apa ja we he Ø-ʔa-we*
 1 R¹-MP NEG TOP 1 R¹-cabelo-LP
 ‘não é meu, está no meu cabelo’

5.2.2.2 Nomes usados em perguntas como palavras interrogativas

São dois os nomes genéricos que servem como palavras interrogativas: *meʔe* ‘o que’ e *awa* ‘quem’. Exemplos dessas palavras contextualizadas são dados a seguir:

- 175) *awa pa⁸ ku u-mu-pipu*
 quem P FOC 3-CAUS-cozinhar
 ‘quem cozinhou?’

- 176) *awa pu ku ihatfi u-mama*
 quem P FOC lenha 3-rachar
 ‘quem rachou lenha?’

- 177) *awa pu ku u-wahẽ*
 quem P FOC 3-chegar
 ‘quem chegou?’

- 178) *meʔe pu ku ne raʔa mu-pipu*
 que P FOC 2 carne CAUS-cozinhar
 ‘que carne você cozinhou?’

⁸ A partícula *pa* é pronunciada *pu* quando precede a partícula de foco *ku* (cf. capítulo IX).

- 179) *meʔe pu ku pe pẽ-et,fa*
 o que P FOC 23 23-ver
 ‘o que eles acharam?’

5.2.3 Pronomes pessoais

Os pronomes formam uma subclasse fechada que distingue cinco pessoas. Os pronomes ocorrem como determinante de nomes, de verbos e de posposições. São também núcleos de orações equativas e podem ser os únicos elementos de um enunciado. Podem, ainda, ter um uso enfático:

Conjunto I		
apenas a primeira pessoa é focal	1	<i>he</i>
apenas a segunda pessoa é focal	2	<i>ne</i>
a primeira, a segunda e a terceira	3	---
pessoas são focais	123	<i>mide</i>
apenas a primeira e a terceira	13	<i>ure</i>
pessoa é focal		
Apenas a segunda e a terceira	23	<i>pẽ</i>
pessoas são focais		

Os pronomes pessoais do Araweté são de natureza puramente nominal, como observado por Dietrich (2001:27) em relação ao comportamento desses pronomes em outras línguas Tupí-Guaraní. Determinam nomes e posposições, como mostram os exemplos seguintes:

em função de sujeito

- 180) *he* *∅-tʃiriʃ* *ku* *he*
1 R¹-tristeza FOC 1enf.
'existe tristeza para mim' 'eu estou triste'

- 181) *pẽ* *r-upehi* *ku* *pẽ*
23 R¹-sono FOC 23 enf.
'existe sono pra vocês' 'vocês estão com sono'

em função de objeto

- 182) *ure* *∅-nupĩ*
13 R¹-bater
'bater em nós'

- 183) *ne* *r-etʃa*
2 R¹-ver
'ver você'

como possuidor

- 184) *mide* *∅-pehi*
123 R¹-cesto
'nosso cesto'

- 185) *he* *r-uwa*
1 R¹-rosto
'meu rosto'

como complemento de posposição

186) *pẽ* *r-ehe*
23 R¹-para
'para vocês'

187) *ure* *∅hi*
13 R¹-afastando-se de
'de nós'

Uso enfático dos pronomes pessoais

Exemplos:

188) *a-juka* *ku* *he* *arapuha*
1-matar FOC 1enf. veado
'eu matei veado'

189) *ne* *r-uima* *ne*
2 R¹-fome 2enf.
'você está com fome'

190) *ure* *r-upehi* *ure* *uru-ju*
13 R¹-sono 13enf. 13corr-estar.deitado
'nós estamos com sono'

- 191) *pe-jeʔa ku pẽ*
 23-chorar FOC 23enf.
 ‘vocês choraram’

5.2.4 Demonstrativos

Os demonstrativos do Araweté formam uma subclasse fechada com duas funções:

- pronominal, sendo nesse caso usados em lugar de um nome;
- modificadora de nomes referenciais.

Indicam a distância de um referente relativa ao centro dêitico, proximal ou distal, mas com contraste tríplice, como postulam Cabral e Rodrigues (2008) para as línguas do Tronco-Tupí.

O quadro seguinte, adaptado de Cabral e Rodrigues (2009) apresenta os demonstrativos do Araweté:

Quadro 6 – Demonstrativos do Araweté

		+/-Próximo do falante	Afastado do falante	
			+/- Próximo do ouvinte	Afastado do ouvinte
	+/- movimento, suspense		ruku	
	deitado, redondo,	reʔa		
	achatado, alongado			
	sentado	ruʔu		
	deitado/em pé, alongado			rupe
	sentado, alto			ruwĩ
	esse de que se fala	eʔe		
	esse outro	amute		
	esses de que falamos	wĩ		

Exemplos que contextualizam os demonstrativos identificados até o presente no Araweté são os seguintes:

re ʔa ‘deitado, redondo, achatado, alongado, próximo do falante’

192) *a-nu ku he te-jarutʃu re ʔa-we*
1-deixar FOC 1 1CORR-canoa aqui-LP
‘eu deixei minha canoa aqui’

193) *u-wahẽ re ʔa*
3-chegar esse aqui
‘esse chegou’

194) *e-dĩnu re ʔa-we*
2-deitar esse aqui-LP
‘deite aqui’

195) *ĩ-pi ʔa re ʔa*
R²-chegar esse aqui
‘o fígado (do jabuti) está aqui’

196) *mandi ʔa-atĩ-ha re ʔa*
mandioca-plantar-DNAC este aqui
‘esse é o que planta mandioca’

rupe ‘deitado/em pé, alongado, longe do falante’

197) *eʔe rupe-tu ʔa*

esse esse.aí deitado

‘esse está deitado aí’

198) *t-upaʔi rupe-tu parani-we*

R⁴-roupa esse.aí rio-LP

‘a roupa está lá no rio’

199) *eʔe rupe kumeʔe ku he r-uapiha-mupu*

esse aí homem FOC 1 R¹-porta-bater

‘outro homem bateu na minha porta’

200) *e-reha rupe he Ø-ʔa Ø-iwe*

2-levar aí 1 R¹-casa R¹-CI

‘leve lá na minha casa’

201) *h-ereku meʔe rupe*

R²-marido o que esse.aí

‘essa aí é a que tem marido’

202) *meʔe pa rupe*

o que P esse.aí

‘o que é isso.aí?’

203) *u-jeʔa rupe u-ĩ*
3-chorar esse.aí 3-estar.em.pé
'esse.aí (a criança) está chorando'

204) *ĩ-t/ije rupe wĩ u-ka*
R²-medo esse.aí esses 3-ficar
'esses.aí ficaram com medo'

205) *ĩ-pa-t/fe rupe*
R²-mão-RETR esse.aí
'mão cortada desse.aí'

ruʔu 'sentado, alto, próximo do falante'

206) *u-jeʔa-meʔe ruʔu*
3-chorar-NP este.sentado
'esta (mulher) é a que chora'

207) *pe-api ku pe ruʔu-we*
23-sentar FOC 23 este.sentado-LP
'vocês sentaram aqui'

ruwĩ 'sentado, alto, longe do falante'

208) *he he r-a-t/fe ruwĩ*
1 FOC R¹-casa-RETR aquele.ali
'aquela foi minha casa'

209) *muruputa ja we ruwĩ*
boa NEG TOP aquele.ali
'aquela (criança) não está boa'

210) *ne Ø-apa ruwĩ piʔa-hu*
2 R¹-MD aquele.ali sapato-INTS
'aquele sapato é teu'

211) *kumeʔe ruwĩ*
homem aquele.ali
'aquele homem'

212) *he Ø-puta ja ruwĩ kujĩ*
1 R¹-gostar NEG aquele.ali mulher
'aquela mulher não gosta de mim'

213) *pina ruwĩ*
palha aquele.alto
'aquilo (no alto) é palha'

ruku 'suspenso, +/- próximo do falante e do ouvinte'

214) *tʃi-meʔe ruku*
bonito-NP esse.aí
'esse é o que é bonito'

215) *a-pitiwĩ ja he ruku kumete*
1-ajudar NEG 1 esse.aí hoje
'hoje eu não ajudei essa'

216) *he r-ereku-pe ruku*
1 R¹-marido-RETR esse.aí
'esse.aí foi meu marido'

217) *u-pẽ herĩ ruku uĩ*
3-quebrar DUB esse.aí flecha
'parece que essa flecha vai quebrar'

218) *pawẽ ruku pĩda r-eru*
muitos esse.aí peixe R¹-trazer
'esse trouxe muitos peixes'

eʔe 'esse de quem eu falo, +/- próximo do falante e do ouvinte'

219) *eʔe arakuri r-apa pa*
isso galinha R¹-ovo P
'isso é ovo de galinha?'

220) *eʔe te ku u-aika*
isse VRD FOC 3-pendurar
'essa mesma o (cesto) pendurou''

221 *eʔe ku ure r-etʃa*
 esse FOC 13 R¹-ver
 ‘esse nos viu’

222 *eʔe rupe he r-aʔaʔa*
 esse esse.aí 1 R¹-arranhar
 ‘esse aí me arranhou’

223 *eʔe ku u-ha u-ata*
 esse FOC 3-ir 3-andar
 ‘esse foi andar’

amute ‘esse outro, +/- perto do falante e do ouvinte’

224) *amute te ara*
 esse.outro VDR arara
 ‘é outra arara mesmo’

225) *te-adĩ muhĩ didĩ he amute mẽ*
 1CORR-filha crescer depois 1 esse.outro fazer
 ‘depois que minha filha crescer, eu faço outra’

226) *amute me u-ha*
 esse.outro se 3-ir
 ‘quando for outra (viagem), ela vai’

227) *he* *∅-hi* *ja* *amute*
 1 R¹-mãe NEG esse.outro
 ‘não é minha mãe, é outra’

wĩ ‘esses’+/- perto do falante e do ouvinte

228) *ere-nupĩ* *ku* *ne* *wĩ*
 2-bater FOC 2 esses
 ‘você bateu neles’

229) *u-meĩẽ* *ku* *wĩ* *mandiĩa*
 3-dar FOC esses mandioca
 ‘eles deram mandioca’

230) *kujĩ* *wĩ* *ku* *u-ha* *ĩa* *∅-iwe*
 mulher esses FOC 3-ir casa R¹-CI
 ‘essas mulheres vão para (dentro da) casa’

231) *kumeĩe* *wĩ* *u-ha* *u-ata*
 homem esses 3-ir 3-andar
 ‘esses homens foram andar/caçar’

232) *eĩe* *wĩ* *ku* *u-puĩe*
 esse esses FOC 3-disse
 ‘eles disseram’

Estas são as formas identificadas até o presente. É provável que outros pronomes demonstrativos sejam identificados futuramente nos dados da língua Araweté.

Um fato importante acerca dos demonstrativos é que eles são ao mesmo tempo demonstrativos e locativos como mostram os seguintes exemplos:

233) *u-dĩnu* *reĩa-we*
23-deitar esse aqui- LP
'esse deitou aqui'

234) *e-ja* *api* *ruĩu-we*
2-vir sentar este.sentado- LP
'vem sentar aqui!'

Finalmente ressaltamos que os demonstrativos *eĩe* e *amute* são os únicos que ocorrem apenas em função pronominal.

235) *eĩe* *ku* *u-mupẽ*
esse FOC 3-quebrar
'esse a quebrou'

236) *eĩe* *ku* *atfitfi* *u-juka*
esse FOC guariba 3-matar
'esse matou guariba'

237) *eĩe* *ku* *miniju* *u-puwĩ*
esse FOC algodão 3-fiar
'essa fia algodão'

238) *eʔe u-ha ja u-kaʔa-we*
 esse 3-ir NEG 3corr-mato-LP
 ‘essa não vai no mato’

239) *he Ø-hi ja amute*
 1 R¹-mãe NEG esse.outro
 ‘não é minha mãe, é outra’

240) *amute Ø-apa*
 esse.outro R¹-pertence
 ‘é de outro’ (a mandioca)

5.3 Numerais

Os numerais do Araweté identificados até o presente formam uma subclasse fechada de quatro elementos: *tʃipẽ* ‘um’, *mukũj* ‘dois’, *tʃipẽ majĩ* ‘três’ *mukũj mukũj* ‘quatro’.

241) *tʃipẽ ku he n-udĩ ne Ø-a-we*
 um FOC 1 R¹-voltar 2 R¹-casa-LP
 ‘é a primeira (vez) que voltamos na tua casa’

242) *tʃipẽ te he Ø-memĩ*
 um VRD 1 R¹-filho
 ‘eu tenho um filho mesmo’

243) *ure r-ewe r-ahi mukũĩ ure*
 13 R¹-barriga R¹-dor dois 13
 ‘existe dor na barriga de nós dois’

244) *mukũĩ he Ø-apa hara-ha*
 dois 1 R¹-MD fechar-DNAC
 ‘as duas chaves são minhas’

245) *tʃipẽ majĩ Jere?eru r-aĩ*
 três Jere?eru R¹-filho
 ‘Jere?eru tem três filhos’

246) *puku-me?e mukũĩ mukũĩ ure*
 comprido-NP quatro 13
 ‘nós quatro somos os compridos’

A palavra *tʃipẽ* é usada também com o sentido de sozinho, como pode ser ilustrado nos seguintes exemplos:

247) *tʃipẽ te-ha didi te-je?ẽ*
 um 1CORR-ir depois 1CORR-fala
 ‘depois da minha ida sozinho, havia minha fala’

248) *he r-aĩ ku u-ka ka?apite-we tʃipẽ*
 1 R¹-filho FOC 3-estar roça-LP um
 ‘meu filho ficou sozinho na roça’

- 249) *tʃipẽ te he didĩ te-jija*
 um VRD 1 depois 1CORR-cantar
 ‘depois que eu estou sozinha mesmo, eu canto’

5.4 Modificadores de nomes

5.4.1 Quantificadores

Foram identificadas até o presente duas palavras quantificadoras, a partícula *pawẽ*, que significa ‘todos’/‘muitos’ e a partícula *hetĩ* ‘muitos’.

- 250) *h-atʃĩ r-ahi pawẽ*
 R²-cabeça R¹-dor muitos
 ‘muitos estão com dor na cabeça deles’

- 251) *h-eka h-etfirima-me?e pawẽ*
 R²-ficar R²-cansados- NP muitos
 ‘muitos são o que ficaram cansados’

- 252) *pawẽ*
 todos
 ‘todos’

253) *pawĩ nete meʔe awitʃi he Ø-ʔa n-ehe*
 muitos IR NP piolho 1 R¹-cabeça R¹-em.relação.a
 ‘tem muito piolho na minha cabeça’

254) *pawẽ pida*
 muitos peixe
 ‘existem muitos peixes’

255) *hetĩ tuha*
 muito remédio
 ‘existe muito remédio’

256) *fahmasia Ø-iwe tuha hetĩ*
 farmácia R¹-CI remédio muito
 ‘na farmácia, existe muito remédio’

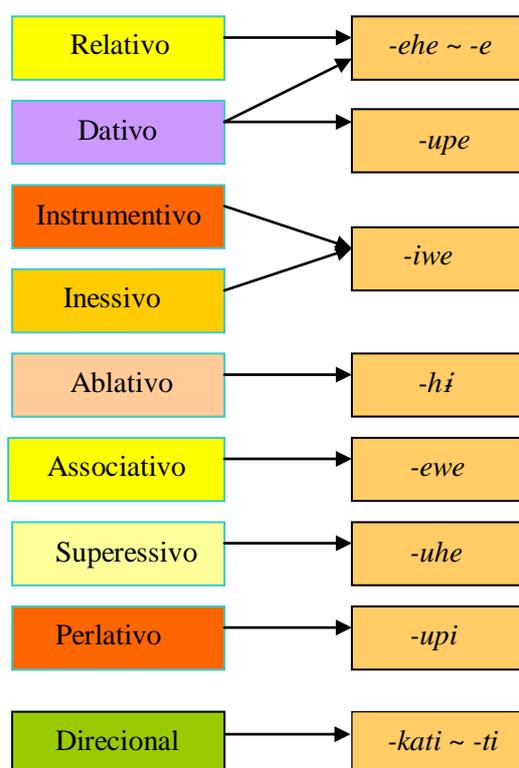
257) *nani hetĩ rete meʔe*
 abacaxi muito VDR NP
 ‘abacaxi, é o que tem muito’

5.5 Posposições

Nesta seção serão descritas as posposições do Araweté. As posposições pertencem a uma classe fechada de palavras e compartilham com os verbos e com os nomes a propriedade morfossintática de se combinarem com prefixos relacionais, os quais as relacionam aos seus respectivos determinantes sintáticos. Como já mencionado no capítulo IV, seção 4.2.1.1, há temas posposicionais que pertencem à classe temática I e se combinam com o alomorfe Ø do

prefixo relacional R¹; e temas posposicionais da classe temática II, que se combinam com o alomorfe *r-* do referido prefixo.

São nove os casos semânticos que se associam a posições: caso relativo, caso dativo, caso instrumentivo, caso associativo, caso ablativo, caso inessivo, caso superessivo, caso perlativo, caso direcional. No quadro abaixo sintetizamos informações sobre as posições do Araweté e sobre os casos semânticos com que se associam:



5.5.1 Caso relativo

O caso relativo ‘em relação ‘a’/‘sobre’, associa-se às posições *-ehe* ~ *-e*, conferindo a um nome o status de ponto de referência do processo ou estado expresso pelo predicado.

- 258) *eʔe ku ja ʔa iwi r-ehe*
 esse FOC ir cair chão R¹-CR
 ‘esse vai cair no chão’ (CABRAL, 1998)

259) *iduhĩ ja ure r-e*
 frio NEG 13 R¹-CR
 ‘não tem quentura pra nós’

260) *u-ʔa nĩha n-ehe*
 3-cair rede R¹-CR
 ‘ele caiu da rede’ (CABRAL, 1998)

261) *he Ø-tfiriʔ erietfi r-ehe*
 1 R¹-triste Eliete R¹-CR
 ‘tenho tristeza em relação à Eliete’

5.5.2 Caso dativo

O caso dativo ‘à/para’ confere a um nome o status de local receptor do processo expresso pelo predicado. Esse caso associa-se a duas posposições, **-upe** e **-ehe ~ -e**:

262) *eʔe ku meju u-meʔẽ h-upe*
 esse FOC beiju 3-dar R²-para
 ‘esse deu beiju para ele’ (CABRAL, 1998)

263) *ere-meʔẽ ku ne petini h-upe*
 2-dar FOC 2 café R²-para
 ‘você deu café para ele’

264) *meʔe r-aʔa a-raha h-upe*
 esse R¹-carne 1-levar R²-para
 ‘eu vou levar caça/comida para ele’

265) *a-meʔẽ ku he petini ne r-e*
 1-dar FOC 1 café 2 R¹-para
 ‘eu dei café para você’

266) *pẽ-mara ku pẽ pape ure r-ehe*
 23-mandar FOC 23 papel 13 R¹-para
 ‘vocês mandaram carta para nós’

5.5.3 Caso inessivo

O caso inessivo ‘dentro de’ atribui a um nome o *status* de local para dentro do qual o processo expresso pelo predicado é dirigido ou o *status* de escopo de um estado:

267) *jarutʃu Øiwe*
 canoa R¹-CI
 ‘dentro da canoa’

268) *kaʔa Øiwe*
 mato R¹-CI
 ‘dentro do mato’

269) *te-a Øiwe*
 1CORR-casa R¹-CI
 ‘dentro da minha casa’

- 270) *ĩ-mara paratu Ø-iwe*
 R²-colocar panela R¹-CI
 ‘coloque (a comida) dentro da panela’

5.5.4 Caso associativo

5.5.4.1 Caso associativo I

O caso associativo ‘com’, ‘em companhia de’ confere a um nome o *status* de associado ao sujeito de um processo verbal.

- 271) *a-ha pe n-ewe*
 1-ir 23 R¹-ASSI
 ‘eu vou com vocês’

- 272) *ere-ha ure r-ewe*
 2-ir 13 R¹-ASSI
 ‘você vai conosco’

5.5.4.2 Associativo II

O associativo II corresponde a um associativo sem movimento;

- 273) *he Ø-tfiriĩ he te-ju ĩ-rumu*
 1 R¹-triste 1 1CORR-estar.deitado R²-ASSII
 ‘eu estou triste com isso’

274) *ne r-eka tʃiriĩ rete-meʔe ne e-ju i-rumu*
 2 R¹-ficar triste muito 2 2CORR-estar.deitado R²-ASSII
 ‘você ficou muito triste com isso’

275) *pẽ r-uiru rete-meʔe pẽ pe-ju i-rumu*
 23 R¹-saudade muito 23 23CORR-estar.deitado R²-ASSII
 ‘vocês ficaram com muita saudade com isso’

5.5.5 Caso ablativo

O caso ablativo, ‘afastando-se de’, confere a um nome uma função de local a partir do qual um processo se desenvolve.

276) *uru-ja ku ure atamira Øhi*
 13-vir FOC 13 Altamira R¹-CAB
 ‘nós viemos de Altamira’

277) *i-tʃije maj Øhi*
 R²-medo cobra R¹-CAB
 ‘existe medo dele de cobra’ (ALVES, 2006)

278) *kumeʔe u-hẽ aj Øhi*
 homem 3-sair casa R¹-CAB
 ‘o homem saiu de casa’ (CABRAL, 1998)

- 279) *a-pida ku he madĩ?a i Øhi*
 1-tirar FOC 1 mandioca água R¹-CAB
 ‘eu tirei mandioca da água’

5.5.6 Caso instrumental

O caso instrumental confere a um nome o status de instrumento na realização de um processo verbal.

- 280) *uĩ Øiwe*
 flecha R¹-CINS
 ‘com flecha’

- 281) *iwira a-mu-pẽ niete Øiwe*
 árvore 1-CAUS-quebrar machado R¹-CINS
 ‘eu derrubei árvore com machado’

- 282) *a-dĩ-aika ku he tfitfe?ĩ Øiwe*
 1-REFL -cortar FOC 1 faca-ATEN R¹-CINS
 ‘eu me cortei com a faquinha’

- 283) *u-dĩ-nupĩ ku wĩ iwira Øiwe*
 1-REFL-bater FOC esses pau R¹-CINS
 ‘eles se bateram com pau’

5.5.7 Caso superessivo

O caso superessivo, ‘sobre’/‘por cima’ confere a um nome o status de local que é o escopo do processo ou estado expresso pelo predicado.

284) *ruwĩ* *∅-a-kupe* *∅-uhe*
aquele R⁴-casa-parte de trás R²-CS
‘aqueles (periquitos) estão em cima da casa’

285) *tena* *∅-uhe* *ara* *∅-pepa-re*
banco R¹-CS arara R¹-pena-RETR
‘a pena da arara está sobre o banco’ (ALVES, 2006)

286) *mide* *ku* *u-ju* *u-api* *tupe* *∅-uhe*
123 FOC 3-estar.deitado 3CORR-sentar esteira R¹-CS
‘nós estamos sentados sobre a esteira’

5.5.8 Caso perlativo

O caso perlativo ‘por’ confere a um nome o status de local de orientação de desenvolvimento de um processo.

287) *∅-pe* *r-upi* *ku* *e-ha*
R⁴-caminho R¹-CP FOC 2-ir
‘vai pelo caminho’

- 288) *a-jeʔẽ ku he te-ja pe r-upi*
 1- falar FOC 1 1CORR-vir caminho R¹-CP
 ‘eu venho falando pelo caminho’

Em Araweté, como mostrado nos exemplos precedentes, as posposições *-upe* e *-ehe ~ -e* podem expressar o mesmo caso semântico como ocorre com as preposições *a* e *para* do Português.

Quanto aos casos semânticos que se realizam por meio de posposições em Araweté, observamos que todos eles são de natureza locativa e são também de natureza locativa todos os casos morfológicos encontrados nessa língua.

5.5.9 Caso direcional

O caso direcional contribui com o significado de direção para onde se vai. Exemplos são:

- 289) *awa Ø-kati pu ku í-ʔ*
 o que R¹-CD P FOC R²-estar.em.pé
 ‘em direção de quem ele está?’

- 290) *mĩhĩ Ø-ti pu ku u-ha*
 onde R¹-CD P FOC 3-ir
 ‘em direção de quem ele foi?’

- 291) *awa Ø-kati pu ku h-aʔa u-ita*
 o que R¹-CD P FOC R²-atravessar 3-nadar
 ‘em direção de quem ele nadou?’

292) *e r-eka-ti pa mide Ø-ha*
 esse R¹-estar.em.mov-cD P 123 R¹-ir
 ‘vamos para este lado?’

5.6 A estrutura de sintagmas nominais e posposicionais

Nesta seção faremos uma breve exposição sobre a estrutura dos sintagmas nominais e posposicionais da língua Araweté, com ênfase na ordem dos seus respectivos constituintes.

5.6.1. Sintagmas nominais

Um sintagma nominal em Araweté consiste em um núcleo, o qual, dependendo de sua natureza referencial, pode ser acompanhado de um atributo. Um núcleo nominal pode ser um simples nome inerentemente referencial (ex. 293), assim como um nome derivado de um verbo ou de outro nome (ex. 294, 297) ou um nome dêitico – um pronome pessoal (ex. 295) ou um demonstrativo (ex. 296) :

293) *tairuhu ku u-dñu*
 criança FOC 3-deitar
 ‘a criança deitou’

294) *Ø-pur-et-fa-ha*
 R⁴-gente-ver-DNAC
 ‘espelho’

295) *ure ku uru-ha uru-ata*
13 FOC 13-ir 13CORR-andar
'nós vamos para caçar'

296) *u-jeʔa rupe u-ĩ*
3-chorar esse.aí 3CORR-estar.em.pé
'esse.aí está chorando'

297) *h-amĩ-ku*
R²-orelha-buraco
'brinco dela'

5.6.2 Determinação nominal

Nomes podem ser determinados por outros nomes – nome referencial, pronome pessoal ou pronome demonstrativo. Quando um nome é determinado por outro nome, a relação pode ser de natureza determinativa de uma propriedade ou de natureza possessiva.

Quando o determinante é um pronome pessoal, a determinação é possessiva, mas quando se trata de um demonstrativo, este indica uma ou mais propriedades relativas ao referente que modifica como: visibilidade, distância relativa ao centro dêitico, posição/forma (cf. seção 5.2.4).

Natureza determinativa de uma propriedade

298) *mutuhurĩ-rĩru*
motor-recip
'barril de gasolina'

299) *i-ríru*
água-recipiente
‘garrafa de água’

300) *katfe-ríru*
café-recipiente
‘garrafa de café’

Natureza possessiva

301) *marakaja r-awáŋ*
cachorro R¹-rabo
‘rabo do cachorro’

302) *kumeŋe r-ahi*
homem R¹-dor
‘dor do homem’

303) *kujĩ r-ehaneha*
mulher R¹-óculos
‘óculos da mulher’

304) *ne r-ĩ*
2 R¹-dente
‘teu dente’

- 305) *pẽ* *Ø-tupe*
 23 R¹-esteira
 ‘esteira de vocês’
- 306) *mide* *r-ehaneha*
 123 R¹-óculos
 ‘nossos óculos’
- 307) *he* *r-ahi*
 1 R¹-dor/doença
 ‘minha dor’ ‘eu tenho doença’
- 308) *ne* *r-upehi*
 2 R¹-sono
 ‘teu sono’ ‘você está com sono’

Nomes e pronomes determinantes formam uma unidade sintática com o elemento determinado. Contudo, quando o determinante é um demonstrativo, este pode preceder, ou seguir o nome sobre o qual indica propriedades, de forma que claramente não forma com este uma unidade sintática. Nos exemplos seguintes o demonstrativo ora precede ora segue o nome que determina:

- 309) *kujĩ* *ruwĩ*
 mulher aquele.ali
 ‘aquele mulher’

- 310) *he* *Ø-puta* *ja* *ruwĩ* *kuĩ*
 1 R¹-gostar NEG aquele.ali mulher
 ‘aquela mulher não gosta de mim’

Vieira (1993:46-48) argumenta a respeito dos demonstrativos do Asuriní do Tocantins que eles não são determinantes de um nome, pois não formam uma unidade sintática com estes. Demonstra que funcionam como advérbios, pois acionam o modo indicativo II, um modo que só é acionado quando uma expressão adverbial precede o predicado. Vieira ilustra demonstrativos acionando o modo Indicativo II no Asuriní do Tocantins com exemplos como os *b* e *c* seguintes:

- a) *o-soka* *kyhe-po*
 3^a-matar faca-com
 ‘matou com a faca’ (VIEIRA, 1993:49)
- b) *kyhe-po* *i-soka-i*
 faca-com 3P-matar-Ind II
 ‘foi morto com a faca’ (VIEIRA, 1993:49)
- c) *eope* *i-ha-i* *sahya*
 lá/aquela 3-ir-IND.II a lua
 ‘lá foi a lua’ (VIEIRA, 1993:50)

Em Araweté, os demonstrativos indicam a distância do referente respectiva ao centro dêitico (+/- perto do falante e/ou do ouvinte), reunindo ao mesmo tempo informações espaciais, de posição e de forma, o que lhes confere significados como ‘este/aqui e aquele/lá’. Note-se que eles se combinam com o caso locativo como qualquer nome:

311) *eʔe reʔa-we*
esse aqui-LP
'esse aqui'

312) *a-pi he ruʔu-we*
1-sentar 1 este-LP
'eu sentei aqui'

Não acionam o modo indicativo II quando precedem o predicado:

313) *eʔe rupe ku u-muja pida i-hi*
esse outro FOC 3-tirar peixe água-CAB
'outro tirou peixe da água'

314) *eʔe rupe ku tapiʔi u-juka*
esse outro FOC anta 3-matar
'ele matou anta'

315) *eʔe rupe ku madiʔa u-tfiti*
esse outro FOC mandioca 3-ralar
'ela/outra ralou mandioca'

Funcionam como pronomes, em construções como as seguintes:

316) *iwi reʔa*
terra isso
'isso é terra'

- 317) *iwira* *re ʔu*
 árvore/pau isso
 ‘isso é árvore’
- 318) *jet fere* *ruwĩ*
 jacaré aquilo
 ‘aquilo é jacaré’
- 319) *ne* *∅-a* *pa* *ru ʔu*
 2 R¹-casa P este
 ‘esta é tua casa?’
- 320) *he* *∅-a* *ja* *ru ʔu*
 1 R¹-casa NEG este
 ‘esta não é minha casa’
- 321) *me ʔe* *pa* *rupe*
 o que P isso
 ‘o que é isso?’

Há, entretanto, alguns exemplos no corpus que fundamentam este estudo, em que um demonstrativo precede o predicado e este vem no indicativo II. Resta saber, em que condições um demonstrativo aciona ou não esse modo (seção 5.7.4.2).

5.6.3 Nomes e numerais

Assim como os demonstrativos locativos, os numerais podem vir ou não contíguos aos nomes que modificam:

- 322) *tʃipẽ* *ku* *ure* *r-udĩ* *ne* *∅-a-we*
um FOC 13 R¹-voltar 2 R¹-casa-LP
‘é a primeira (vez) que voltamos na tua casa’

- 323) *puku-me ʔe* *mukũĩ* *ure*
comprido-NP dois 13
‘nós dois somos os compridos’

5.6.4 Modificadores adjetivos

Não há uma classe de adjetivos em Araweté. Servem à função de adjetivo um outro nome ou um verbo. Nos dois casos o modificador forma com o nome modificado um composto em que figura como elemento à direita do nome modificado:

Exemplos:

- 324) *a-he* *te-ta-jahu*
1-ir 1CORR-aldeia-novo
‘eu vou para a minha aldeia nova’

- 325) *kaʔapite-jahu-rĩ*
roça-novo-PROS
‘será roça nova’

326) *tawi-pidi* *hefi*
 formiga-vermelho muito
 ‘tem muita formiga vermelha’

327) *pide-wewe*
 peixe-voar
 ‘peixe voador’

5.6.5 Nomes e predicados nominalizados

Em Araweté, predicados de natureza nominal ou verbal podem ser transformados em nomes complexos por meio dos morfemas *-me?e* (afirmativo) ou *-ime?e* (negativo). Os nomes resultantes podem funcionar como argumento ou como predicado nominal (cf. cap. X, seção 10.5)

Argumento

328) *te* *ne* *Ø-ha* *u-jija-me?e* *r-enu*
 VDR 2 R¹-ir 3-cantar- NP R¹-ouvir
 ‘você vai para ouvir o que canta’

329) *uru-ha* *ure* *u-jija-me?e* *r-enu*
 13-ir 13 3-cantar-NP R¹-ouvir
 ‘nós vamos ouvir o que canta’

Predicado

- 330) *he* *Ø-ʔaʔa-imeʔe* *he*
1 R¹-carne-NPP 1
'eu não tenho carne' 'eu sou o que não tem carne (sou magro)'
- 331) *he* *Ø-pa-hu-imeʔe* *he*
1 R¹-pa-INTS-NPP 1
'eu não tenho dedão'
- 332) *ne* *Ø-pa-imeʔe* *ne*
2 R¹-mão-fina-NP 2
'tua mão é fina, miúda'
- 333) *he* *Ø-tʃi-uhu-meʔe* *ja* *we*
1 R¹-mão-INTS-NP NEG TOP
'eu não tenho nariz grande'

5.7 O verbo e o sintagma verbal

Nesta seção descrevemos as classes e subclasses de verbos do Araweté, com base em critérios morfológicos, morfossintáticos, sintáticos e semânticos, com vistas à configuração da estrutura interna de seus elementos e a sua divisão em subclasses distintas. Mostramos também a estrutura interna de um sintagma verbal.

5.7.1 A classe de verbos e suas subclasses

Verbos em Araweté constituem uma classe aberta que pode ser subdividida em duas subclasses, de acordo com o critério transitividade. Verbos que requerem dois complementos nucleares, um sujeito e um objeto direto pertencem à classe dos verbos transitivos, ou seja, dos verbos que, além do sujeito agente, requerem um complemento que subordinam diretamente (o seu objeto direto). Verbos que não requerem um objeto direto pertencem à classe dos intransitivos. Os verbos dessas duas subclasses, embora possam funcionar como substantivos, sem que para tanto sofram qualquer processo de derivação, como veremos adiante, são os únicos elementos da língua que podem funcionar como verbos na sintaxe, sem que, para tanto, sofram qualquer processo derivacional.

Os verbos do Araweté, transitivos e intransitivos, se combinam com prefixos pessoais que marcam o S(ujeito) e que podem corresponder ao papel temático de agente (executor de uma ação ou iniciador de um estado), como nos casos dos verbos ‘matar’ e ‘levantar-se’, respectivamente. Podem também corresponder ao papel de vivenciador de um processo ou de um estado cujo término e fim requerem iniciativa e ação, como ‘estar em pé’.

Há dois conjuntos de prefixos pessoais que marcam o sujeito em Araweté, um conjunto que é específico do modo indicativo I e outro que é específico do modo imperativo. Os dois conjuntos de prefixos verbais são apresentados no quadro seguinte:

	Glossa	Conjunto I	Conjunto II
	1	<i>a-</i>	
	2	<i>ere-</i>	<i>e-</i>
	13(4)	<i>uru-</i>	
	23(4)	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>
	3	<i>u-</i>	

A combinação desses prefixos com temas como *-juka* ‘matar’, *-ata* ‘andar’, *-manu* ‘morrer’, *-ju* ‘estar deitado’ conta de forma importante para que esses temas sejam considerados membros da classe *verbo* em Araweté. Os modos indicativo e imperativo serão tratados nas seções 5.7.4.1(Indicativo I), 5.7.4.2 (Indicativo II) e 5.7.4.3 (Imperativo).

5.7.1.1 Verbos intransitivos

Verbos intransitivos são aqueles que não requerem um objeto direto. Considerando-se o número de argumentos obrigatórios exigidos por verbos intransitivos, podemos sub-classificá-los em duas subclasses, uma das quais, chamaremos de *subclasse A*, cujos elementos exigem um único argumento obrigatório (um sujeito), e outra que chamaremos de *subclasse B*, cujos elementos exigem dois complementos obrigatórios (um sujeito e um complemento circunstancial).

5.7.1.1.1 Verbos intransitivos com um argumento obrigatório

Os intransitivos da *subclasse A* são verbos como: *-ha* ‘ir’, *-jeʔa* ‘chorar’, *-karu* ‘comer’, *-ata* ‘andar’, *-ja* ‘vir’, *-jija* ‘cantar’, *-tʃije* ‘ter.medo’, *-ẽ* ‘estar sentado’, *-ĩ* ‘estar em pé’, *-eka* ‘estar.em.movimento’, *-manu* ‘morrer’, *-ʔa* ‘cair’, *-tʃe* ‘dormir’, entre outros.

Exemplos em que alguns desses verbos são contextualizados:

-ja ‘vir’

334) *ere-ja ku ne brazíʔa-hĩ*
2-vir FOC 2 Brasília-CAB
‘você vem de Brasília’

335) *juriãñã ku u-ja brazíʔa-hĩ*
Juliana FOC 3-vir Brasília- CAB
‘Juliana vem de Brasília’

336) *mĩde ku u-ja brazíʔa-hĩ*
123 FOC 3-vir Brasília- CAB
‘nós (incl.) viemos de Brasília’

337) *pe-ja ku pẽ brazíla-hi*
23-vir FOC 23 Brasília- CAB
'vocês vieram de Brasília'

-jeʔa 'chorar'

338) *ere-jeʔa ku ne*
2-chorar FOC 2
'você chorou'

339) *u-jeʔa ku*
3-chorar FOC
'ele chorou'

340) *mide ku u-jeʔa*
123 FOC 3-chorar
'nós choramos'

341) *pe-jeʔa ku pẽ*
23-chorar FOC 23
'vocês choraram'

342) *u-jeʔa ku wĩ*
3-chorar FOC esses
'eles choraram'

5.7.1.1.2 Verbos intransitivos com dois argumentos obrigatórios

Verbos intransitivos da *subclasse B* são verbos como *-ma'ẽ* 'olhar', que requerem um complemento circunstancial relativo, cujo núcleo é a posposição *-ehe* 'em relação a, sobre'.

Exemplos:

-ma'ẽ 'olhar'

343) *a-ma'ẽ he te-ĩ ja r-ehe*
1-olhar 1 1CORR-estar.em.pé onça R¹-para
'eu estou olhando para a onça'

344) *ere-ma'ẽ ja ne ha he r-ehe*
2-olhar NEG 2 ir 1 R¹-para
'você não vai olhar para mim'

345) *pe-ma'ẽ ja pẽ ha maj r-ehe*
23-olhar NEG 2 ir cobra R¹-para
'vocês não vão olhar para cobra'

346) *a-ma'ẽ ku he Ø-a-iwe*
1-olhar FOC 1 R¹-casa-CI
'eu olhei para dentro da minha casa'

347) *ere-ma'ẽ ku kujĩ r-ehe*
2-olhar FOC mulher R¹-para
'você olhou para a mulher'

- 348) *uru-maʔẽ ku ure tajruhu r-ehe*
 13-olhar FOC 13 criança R¹-para
 ‘nós olhamos para a criança’

5.7.1.2 Verbos transitivos

Verbos transitivos requerem um objeto direto e, como ocorre com os verbos intransitivos, podem ser subdivididos em duas subclasses, a *subclasse A*, que requer um sujeito e um objeto, e a *subclasse B*, que requer, além destes argumentos, um objeto indireto.

5.7.1.2.1 Verbos transitivos que exigem dois complementos obrigatórios

Verbos transitivos da *subclasse A* são verbos como *-juka* ‘matar’, *-iwũ* ‘furar’, *-nupĩ* ‘bater’, *-et/fa* ‘ver’ e *-puta* ‘querer’, dentre outros.

Exemplos:

- 349) *a-juka ja he ja kumete*
 1-matar NEG 1 onça hoje
 ‘eu não matei onça hoje’

- 350) *ere-juka ku ne jaku-hu*
 2-matar FOC 2 jacu-INTS
 ‘você matou jacu grande’

- 351) *Iwaneru ku u-juka m#tu*
 Iwaneru FOC 3-matar mutum
 ‘Iwaneru matou mutum’

352) *kumeʔe ku arapuha u-iwĩ*
homem FOC veado 3-flechar/furar
'o homem flechou veado'

353) *mĩde ku takunere u-iwĩ*
123 FOC tucunaré 3-flechar
'nós flechamos tucunaré'

354) *a-etfa ku he*
1-ver FOC 1
'eu o vi'

355) *ne r-etfa ku he*
2 R¹-ver FOC 1
'eu vi você'

356) *ure r-etfa ku*
13 R¹-ver FOC
'ele nos viu'

357) *a-nupĩ ku he*
1-bater FOC 1
'eu bati nele'

358) *pẽ Ø-nupĩ ku he*
23 R¹-bater FOC 1
'eu bati em vocês'

359) *ere-nupĩ ku ne*
2-bater FOC 2
'você bateu nele'

360) *a-ha puta he*
1-ir querer 1
'eu quero ir' (CABRAL, 1998)

361) *e-api puta*
2-sentar querer
'você quer sentar' (CABRAL, 1998)

362) *a-tfe puta he r-upehi*
1-dormir querer 1 R¹-sono
'eu estou com sono, quero dormir' (CABRAL, 1998)

5.7.1.2.2 Verbos transitivos que exigem três complementos obrigatórios

Verbos transitivos da *subclasse B* são verbos como *meĩẽ* 'dar' e *mara* 'mandar', 'enviar'. Nos dois casos, os complementos periféricos obrigatórios se combinam com a posposição *-ehe* ~ *-e* 'em.relação a, sobre'. Exemplos:

363) *a-meʔẽ ku he peti Tatuaru r-e*
 1-dar FOC 1 fumo Tatuaru R¹-CR
 ‘eu dei fumo para o Taruaru’

364) *u-meʔẽ ku katʃe ure r-e*
 3-dar FOC café 13 R¹-CR
 ‘ele deu café para nós’

365) *uru-meʔẽ ku ure katʃe pẽ r-ehe*
 13-dar FOC 13 café 23 R¹-CR
 ‘nós demos café para vocês’

-mara ‘mandar’ e ‘enviar’ algo a alguém

366) *a-mara ku he pape ne r-ehe*
 1-fez.ir FOC 1 papel 2 R¹-CR
 ‘eu mandei carta para você’

367) *pe-mara ku pẽ pape ure r-e*
 23-fez.ir FOC 23 papel 13 R¹-CR
 ‘vocês mandaram carta para nós’

368) *uru-mara ku ure pape ne r-e*
 13-fez.ir FOC 13 papel 2 R¹-CR
 ‘nós mandamos carta para você’

A língua Araweté permite a formação de novos verbos que se associam a essas subclasses por meio de processos derivacionais (por exemplo, *t/ɛ* ‘dormir’ pode ser a base da derivação do verbo transitivo *mutfe* ‘fazer.dormir’, ao combinar-se com o morfema *mu-* (causativo simples), como veremos nas seções seguintes.

5.7.2 Morfologia derivacional verbal

No início deste capítulo, ressaltamos que o presente estudo se orientou pela visão de que a morfologia flexional é o principal critério para distinguir classes de palavras, enquanto que a morfologia derivacional é importante para a identificação de subclasses de palavras. Vimos na seção 5.2.1.1.1, que a morfologia casual distingue nomes das demais classes flexionáveis. Vimos também na seção 5.7.1 que os prefixos pessoais distinguem verbos das demais classes de palavras e que há duas subclasses de verbos, a dos transitivos e a dos intransitivos, as quais se distinguem pelo número de argumentos que requerem. Nesta seção são apresentados critérios morfológicos derivacionais que contribuem, dentre outros, para distinguir duas subclasses principais de verbos, a subclasse de transitivos e a subclasse dos intransitivos.

5.7.2.1 Voz reflexiva/recíproca

O Araweté distingue, por meio de morfologia derivacional, a voz ativa da voz reflexiva/recíproca. Na voz ativa, o verbo denota um processo que tem lugar a partir do sujeito e que se desenvolve para fora dele, enquanto que na voz reflexiva/recíproca o verbo indica um processo em que o sujeito é o seu lugar de realização do processo (cf. MAROUZEAU, 1943; BENVENISTE, 1966:172). Os verbos que, inerentemente se manifestam na voz ativa, são os verbos transitivos, que exprimem processos iniciados por um sujeito, mas não voltados para este. São também esses os únicos verbos que podem ocorrer na voz reflexiva/recíproca, por meio de sua combinação com o prefixo *jɛ-*, como mostram os seguintes exemplos:

- 369) *a-jĩ-etfa ku he puretfa-ha-iwe*
 1-REFL-ver FOC 1 espelho-LP
 ‘eu me vi no espelho’
- 370) *tairuhu ku u-jĩ-pa-iwĩ*
 criança FOC 3-REFL-mão-furar
 ‘a criança se furou.mão’
- 371) *ure ku uru-jĩ-pĩĩĩ*
 13 FOC 13-REFL-beliscar
 ‘nós nos beliscamos’
- 372) *pẽ ku pe-jĩ-muhu*
 23 FOC 23-REFL-molhar
 ‘vocês se molharam’
- 373) *pe-jĩ-etfa ku pẽ puretfa-ha-iwe*
 23-REFL-ver FOC 23 espelho-LP
 ‘vocês se viram no espelho’
- 374) *u-jĩ-ũũũ ku marakaja*
 3-REFL-morder FOC cachorro
 ‘os cachorros se morderam’
- 375) *u-jĩ-nupĩ ku kume?e*
 3-REFL-bater FOC homem
 ‘os homens se bateram’

- 376) *uru-jĩ-ʔehe ku ure uru-ju*
 13-REFL-brigar FOC 13 13CORR-estar.deitado
 ‘nós estamos brigando uns com os outros’
- 377) *uru-jĩ-muhu ku ure*
 13-REFL-molhar FOC 13
 ‘nós nos molhamos’
- 378) *pẽ ku pe-jĩ-muhu*
 23 FOC 23-REFL-molhar
 ‘vocês se molharam’
- 379) *ure ku uru-jĩ-mara uru-jĩ-eti*
 13 FOC 13-REFL-mandar 13-REFL-jogar
 ‘nós nos empurramos/jogamos’
- 380) *pẽ ku pe-jĩ-pĩĩ*
 23 FOC 23-REFL-beliscar
 ‘vocês se beliscaram’
- 381) *uru-jĩ-pĩĩ ja ure*
 13-REFL-beliscar NEG 13
 ‘nós não nos beliscamos’

Nos exemplos apresentados acima, o prefixo *-jĩ* do Araweté contribui com a mudança da voz ativa para a voz reflexiva ou média. A presença de um mesmo morfema para marcar as duas vozes verbais não é exclusiva do Araweté, tendo sido reportada para outras línguas Tupí-Guaraní setentrionais, como o Urubú-Ka'apór (CALDAS, 2001), o Zo'e (CABRAL, 2000), o Guajá (MAGALHÃES, 2005), e para outras línguas da família (JENSEN, 1986).

Já o Asuriní do Xingu e o Anambé, descritos respectivamente por Monserrat (1998) e Julião (2005) apresentam a distinção entre reflexivo e recíproco, como mostram os seguintes exemplos:

Asuriní do Xingu

a) *a-je-aŋát*

1-REFL-assustar

‘eu me assustei’ (MONSERRAT, 1998:12)

b) *jaʔwára u-ju-uʔú*

onça 3-REC-morder

‘os cachorros se morderam’ (MONSERRAT, 1998:12)

Anambé

c) *je-pitu pirỹ-wa ja*

REF-pintar vermelho-INST 1s

‘eu me pinto de vermelho’ (JULIÃO, 2005:127)

d) *uru-ju-nupi*

1EXC-REC-bater

‘nós nos batemos’ (JULIÃO, 2005:127)

5.7.2.2 Voz causativa

Há duas manifestações de voz causativa em Araweté, a causativa simples e a causativa comitativa. A voz causativa simples é obtida por meio da adição do prefixo *mu-* ~ *m-* a um tema intransitivo, inclusive temas nominais como *uri* ‘alegria/alegre’, *m-uri* ‘alegrar’.

-kamu ‘mamar’

382) *a-mu-kamu* *ku* *he*
1-CAUS-mamar FOC 1
‘eu faço (meu filho) mamar’

383) *pe-mu-kamu* *ku* *pẽ*
23-CAUS-mamar FOC 23
‘vocês fazem mamar’

-pẽ ‘quebrar-se’

384) *u-mu-pẽ* *ku* *míde* *u-pa*
3-CAUS-quebrar FOC 123 3CORR-mão
‘nós fizemos quebrar nossa própria mão’

385) *ere-mu-pẽ* *ku* *ne* *e-pa*
2-CAUS-quebrar FOC 2 2CORR-mão
‘você fez quebrar a tua própria mão’

-pariri ‘assustar’

386) *tajahu ku he mu-pariri*
porcão FOC 1 CAUS-assustar
‘o porcão fez assustar a mim’

387) *ure ku uru-mu-pariri tairuhu*
13 FOC 13-CAUS-assustar criança
‘nós fizemos assustar a criança’

-tfe ‘dormir’

388) *he ku te-memi a-mu-tfe*
1 FOC 1CORR-filho 1-CAUS-dormir
‘eu fiz dormir meu filho’

389) *u-mu-tfe ku u-memi*
3-CAUS-dormir FOC 3CORR-filho
‘ela fez dormir o filho dela’

5.7.2.3 Voz causativa comitativa

A voz causativa comitativa de línguas Tupí-Guaraní foi descrita primeiramente por Rodrigues (1953) para o Tupinambá, como sendo aquela em “que o sujeito faz outrem exercer a ação, praticando-a ele também”.

Em Araweté, o morfema que expressa o causativo comitativo possui os seguintes alomorfes: *eru-* ~ *ru-* ~ *ere-* ~ *r-*. Por combina-se exclusivamente com verbos intransitivos,

este morfema constitui um critério fundamental para distinguir os verbos dessa subclasse dos verbos da subclasse de verbos transitivos.

Exemplos:

390) *he ku a-ra-ha*

1 FOC 1-CC-levar

‘eu o levei’ ou ‘eu o fiz ir indo junto com ele’

391) *ne ku ere-ere-ha*

2 FOC 2-CC-levar

‘você o levou’ ou ‘você o fez ir, indo junto com ele’

392) *kuni ku h-ere-ha*

mulher FOC R²-CC-levar

‘a mulher o levou’

393) *ure ku uru-ere-ha*

13 FOC 13-CC-levar

‘nós o levamos’

394) *pẽ ku pe-re-ha*

23 FOC 23-CC-levar

‘vocês o levaram’

395) *pe-ru-puĩ ja pẽ*

23-CC-levantar NEG 23

‘vocês não o fizeram levantar com vocês’

396) *e-ru-je ku Ø-ʔa Ø-iwe*
 2-CC-entrar FOC R⁴-casa R¹-CI
 ‘faça-o entrar dentro da casa’

397) *pe-ru-je ku Ø-ʔa Ø-iwe*
 23-CC-entrar FOC R⁴-casa R¹-CI
 ‘vocês o fizeram entrar dentro da casa’

398) *a-eru-wa he*
 1-CC-virar 1
 ‘eu o fiz virar comigo’

399) *kumeʔe h-eru-wa*
 homem R²-CC-virar
 ‘o homem o fez virar consigo’

400) *uru-uru-ka ure ja we*
 13-CC-estar 13 NEG TOP
 ‘nós não o fizemos estar conosco’

O verbo ‘vir’ é um verbo irregular, de forma que no modo indicativo I, a forma da raiz na terceira pessoa é *-u* e nas demais pessoas é *-ja*. Esta última forma é também a base do modo imperativo. Já no indicativo II, a raiz para as todas as pessoas é *-u*. Esta forma é também a base da derivação com o morfema causativo comitativo:

- 401) *he ku a-r-u*
 1 FOC 1-CC-vir
 ‘eu o trouxe’ ou ‘eu o fiz vir vindo junto’
- 402) *ne ku ere-r-u*
 2 FOC 2-CC-vir
 ‘você o trouxe’ ou ‘você o fez vir vindo junto’
- 403) *Ajajuru ku h-er-u*
Ajajuru FOC R²-CC-vir
 ‘Ajajuru o trouxe’
- 404) *ure ku uru-er-u*
 13 FOC 13-CC-vir
 ‘nós o trouxemos’
- 405) *pẽ ku pẽ-er-u*
 23 FOC 23-CC-vir
 ‘vocês o trouxeram’

5.7.3 Sintagma verbal

Um sintagma verbal é constituído minimamente de um tema verbal flexionado por pessoa. Pode ser seguido por advérbios internos ao predicado e/ou palavras aspectuais. No que segue, evidenciamos as mudanças que ocorrem no núcleo dos predicados do Araweté, acionados por princípios e restrições ativos na língua.

5.7.4 Modo verbal

O Araweté distingue por meio de morfologia, dois modos verbais, o indicativo e o imperativo. O modo indicativo subdivide-se em Indicativo I e Indicativo II.

5.7.4.1 Modo Indicativo I

O modo indicativo I realiza-se por meio da combinação de temas verbais intransitivos e transitivos com prefixos pessoais do conjunto I (*a-* ‘1’, *ere-* ‘2’, *uru-* ‘13’, *pe-* ‘23’, *u-* ‘3’). Ocorre quando não há nenhuma expressão adverbial precedendo o predicado. Nos casos de verbos transitivos, a ocorrência do modo indicativo I é restrita às situações em que o objeto é de terceira pessoa (ver seção 5.7.1.2 sobre esse assunto)

Exemplos:

-karu ‘comer’

406) *a-karu ku he*
1-comer FOC 1
‘eu comi’

407) *ere-karu ku ne*
2-comer FOC 2
‘você comeu’

408) *pe-karu ku pẽ*
23-comer FOC 23
‘vocês comeram’

409) *u-karu ku*
3-comer FOC
'ele comeu'

-jija 'cantar'

410) *a-jija ku he*
1-cantar FOC 1
'eu cantei'

411) *ere-jija ku ne*
2-cantar FOC 2
'você cantou'

412) *uru-jija ku ure*
13-cantar FOC 13
'nós cantamos'

413) *u-jija ku*
3-cantar FOC
'cantou'

5.7.4.2 Modo Indicativo II

O modo indicativo II, assim chamado por Rodrigues (1953) com respeito à forma que tomavam os predicados com sujeito de primeira ou de terceira pessoa em Tupinambá, quando

eram precedidos por uma expressão adverbial. Os núcleos desses predicados não se flexionavam por prefixos pessoais, mas apenas por prefixos relacionais.

Exemplos do Tupinambá

414) *kûesé pãtê Ø-só-û*
ontem paje R¹-ir- IND.II
‘ontem o pajé foi’(RODRIGUES, 1953:132)

415) *kó xe r-eko-û*
aqui eu R¹-estar- IND.II
‘aqui estou’(RODRIGUES, 1953:132)

416) *kûesé pãtê i-xubán-i*
ontem paje R²-chupar.o.doente-IND.II
‘ontem o pajé o chupou’ (RODRIGUES, 1953:133)

A língua Araweté perdeu o sufixo do modo indicativo II, contudo os seus verbos continuaram a ser marcados por flexão relacional em todas as pessoas (cf. LEITE e VIEIRA, 1998:21/22), quando uma expressão adverbial precede o predicado. Essa mesma mudança ocorreu no Anambé do Cairari (JULIÃO, 2005).

Em Araweté, o modo indicativo II ocorre em todas as pessoas, mas nas seguintes situações:

- quando o predicado é precedido por uma expressão adverbial:

- 417) *deme ku he tapĩĩ Ø-juka*
 agora FOC 1 anta R¹-matar
 ‘agora eu mato anta’ ‘eu acabei de matar anta agora’
- 418) *paranĩ-uhu ne r-udĩ*
 rio-INTS 2 R¹-voltar
 ‘do Xingu, você voltou’
- 419) *ha?ĩwe pẽ Ø-ha pe-ta-we*
 amanhã 23 R¹-ir 23CORR-aldeia- LP
 ‘amanhã vocês irão para a aldeia (de vocês)’
- 420) *ʔa-iwe ure r-uí*
 casa- LP 13 R¹-estar.sentado
 ‘na casa, nós ficamos’
- 421) *kaʔarume he akaju Ø-tĩ*
 ontem 1 caju R¹-plantar
 ‘ontem eu plantei caju’
- 422) *paranĩ ipi ku ne Ø-ĩ*
 rio perto FOC 2 R¹-estar.em.pé
 ‘perto do rio, você está’

423) *kaʔa-iwe ku ure Ø-tʃe*
 mato-LP FOC 13 R¹-dormir
 ‘no mato, nós dormimos’

- *quando o objeto (paciente) é mais alto na hierarquia do que o agente ou igual a este:*

Exemplos com o verbo bater:

424) *ne Ø-nupĩ ku he*
 2 R¹-bater FOC 1
 ‘eu bati em você’

425) *pẽ Ø-nupĩ ku he*
 23 R¹-bater FOC 1
 ‘eu bati em vocês’

426) *he Ø-nupĩ ku ne*
 1 R¹-bater FOC 2
 ‘você bateu em mim’

427) *ure Ø-nupĩ ku ne*
 13 R¹-bater FOC 2
 ‘você bateu em nós’

428) *he Ø-nupĩ ku*
 1 R¹-bater FOC
 ‘ele me bateu’

429) *ure Ø-nupĩ ku*
13 R¹-bater FOC
'ele nos bateu'

430) *pẽ Ø-nupĩ ku*
23 R¹-bater FOC
'ele bateu em vocês'

431) *eʔe wĩ ku he Ø-nupĩ*
esse esses FOC 1 R¹-bater
'eles bateram em mim'

432) *eʔe wĩ ku ure Ø-nupĩ*
esse esses FOC 13 R¹-bater
'eles bateram em nós'

Exemplos com o verbo -etfa 'ver'

433) *ne r-etfa ku he*
2 R¹-ver FOC 1
'eu vi você'

434) *pẽ r-etfa ku he*
23 R¹-ver FOC 1
'eu vi vocês'

435) *he r-etfa ku ne*
 1 R¹-ver FOC 2
 ‘você me viu’

Nos exemplos apresentados em seguida, como o agente é superior ao paciente na hierarquia e como não há expressão adverbial precedendo o predicado, este manifesta o padrão do indicativo I, marcando o seu sujeito por meio de prefixos pessoais:

436) *ere-tfa ku ne*
 2-ver FOC 2
 ‘você o viu’

437) *a-etfa ku he*
 1-ver FOC 1
 ‘eu vi ele’

438) *a-nupĩ ku he*
 1-bater FOC 1
 ‘eu bati nele’

439) *pẽ ku pe-nupĩ*
 23 FOC 23-bater
 ‘vocês bateram neles’

- 440) *ere-nupĩ ku ne kumeʔe*
2-bater FOC 2 homem
‘você bateu no homem’

5.7.4.2.1 Considerações adicionais sobre o modo indicativo II

A estrutura do modo indicativo II permite caracterizá-lo como um modo em que os predicados são de natureza nominal, e não de natureza verbal, embora os núcleos de predicados sejam formados a partir de raízes verbais. As evidências de que nesse modo os predicados são menos processuais, ou seja, menos verbais são de ordem morfológica e morfossintática.

Os temas verbais recebem flexão relacional, no caso dos predicados formados a partir de um verbo transitivo, a estrutura resultante é equivalente a estrutura em que se configura a expressão de uma determinação nominal (matar de mim, cantar de você, etc...). Nessas situações, embora a tradução para o Português seja na voz ativa, o que se tem, na realidade, é uma expressão nominal correspondente a um nome de ação (Cabral, Rodrigues e Solano, em preparação).

5.7.4.3 Imperativo

O modo imperativo em Araweté expressa um comando direto e se manifesta formalmente pela combinação do núcleo do predicado com os prefixos do conjunto II de prefixos pessoais. São esses prefixos *e-* ‘segunda pessoa do singular’ e *pe-* ‘segunda pessoa do plural’.

- 441) *e-jija*
2-cantar
‘cante!’

- 442) *e-karu*
2-comer
'coma!'
- 443) *e-ja ta-we*
2-vir aldeia-LP
'venha na aldeia!'
- 444) *e-juka*
2-matar
'mate!'
- 445) *pe-karu*
23-comer
'comam!'
- 446) *pe-tfe*
23-dormir
'durmam!'
- 447) *pe-ja*
23-vir
'venham!'
- 448) *pe-jija*
23-cantar
'cantem!'

- 449) *pe-juka*
23-matar
'matem!'

5.7.4.4 Verbos posicionais e de movimento

Nesta seção descrevemos os verbos posicionais em Araweté. Assim como na maioria das línguas da família Tupí-Guaraní, dentre as quais o Tembé (CARVALHO, 2001), o Asuriní do Xingu (MONSERRAT, 1998) e o Urubu Ka'apor (CALDAS, 2001), existe um pequeno conjunto de verbos que freqüentemente ocorrem em uma oração contribuindo com noções particulares de aspecto e de modos de ação, com respeito ao predicado principal. Na literatura Tupí-Guaraní esses verbos têm sido chamados de verbos auxiliares (cf. JENSEN, 1990; SEKI, 2000, entre outros). Integram esse conjunto os que manifestam a posição estática ou dinâmica do sujeito do processo expresso pelo predicado ou a direção do processo relativa ao sujeito. A caracterização semântica desses verbos reforça o seu uso como expressão de noções aspectuais e de modo de ação.

Para LEITE e VIEIRA (1998:18), em Araweté, “...a noção de aspecto progressivo se faz mediante a presença dos chamados verbos auxiliares.”, dentre os quais identificam os “posturais”, *ẽ* “estar sentado”, *ĩ* “estar em pé” e *ju* “estar deitado”, os de “movimento”, como *ja-* ‘ir’ e os que correspondem a “estar” do português.

Nesta seção, demonstraremos que, o que tem sido chamado de verbos auxiliares na literatura Tupí-Guaraní, são, em Araweté, verbos como qualquer outro. Isso porque funcionam tanto como núcleo de predicados verbais nas duas variedades do modo indicativo, a variedade I e a variedade II, tanto quanto núcleos de construções nominais que, por um lado parecem ter função adverbial e por outro, função predicativa (Cabral e Solano, em preparação). Os verbos em Araweté que correspondem ao que tem sido chamado de verbos auxiliares em outras línguas Tupí-Guaraní são os seguintes:

Verbo	Posição/direção	Movimento
- <i>ʔẽ</i>	‘sentado’	‘estático’
- <i>ĩ</i>	‘em.pé’	‘estático’
- <i>ju</i>	‘deitado. em superfície côncava e suspensa’	‘estático’
- <i>ka</i>	‘em movimento’	‘dinâmico’
- <i>ha</i>	‘centrífugo’	‘dinâmico’
- <i>ja</i>	‘centrípeto’	‘dinâmico’

Os exemplos dados em seguida mostram esses verbos nas funções de núcleo de predicado verbal (ex. 450 e 451) e na função de modificador verbal ou função predicativa (ex. 452 e 453):

450) *u-ju ku ja marakaja iwi*
 3-deitar FOC NEG cachorro chão
 ‘o cachorro não deitou no chão’

451) *n#ha Ø-iwe i-tu rupe*
 rede R¹-CI R²-deitar esse
 dentro da rede, esse deitou’ (CABRAL, 1998)

452) *uru-jija ure uru-ju*
 13-cantar 13 13CORR-estar.deitado
 ‘nós cantamos deitados’

453) *a-dĩnu he te-ju*
 1-deitar 1 1CORR-estar.deitado
 ‘eu deitei para meu deitar’ (CABRAL, 1998)

Um fato a ser considerado é o paralelismo entre sentenças cujos predicados subordinados têm como núcleo verbos posicionais (454-456), com sentenças cujos predicados subordinados têm como núcleo verbos (posicionais) não-posicionais (457-464):

454) *e?e ku u-puranu u-ju*
 3 FOC 3-falar 3CORR-estar.deitado
 ‘esse está falando deitado’

455) *u-puĩ u-ĩ*
 3-levantar 3CORR-estar.em.pé
 ‘ele levantou ficando em pé (levantou e ficou em pé)’

456) *ere-ji-muka?a ku ne (e)-?ẽ*
 2-REFL-preocupado FOC 2 2CORR-estar.sentado
 ‘ele se preocupou estando sentado’

457) *a-ha ku he te-ji*
 1-ir FOC 1 1CORR-correr
 ‘eu saí para meu correr’

458) *uru-ha ku ure uru-je?ẽ*
 13-ir FOC 13 13CORR-falar
 ‘nós saímos para o nosso falar’

- 459) *a-jija ku te-a*
 1-cantar FOC 1CORR-ir
 ‘eu cantei indo’
- 460) *u-jija ku u-ja*
 3-cantar FOC 3CORR-ir
 ‘ele canta vindo’
- 461) *pẽ ku pe-ja pe-karu*
 23 FOC 23-ir 23CORR-comer
 ‘vocês vieram para o comer (de vocês)’
- 462) *ere-wahẽ ku ne e-je?a*
 2-chegar FOC 2 2CORR-chorar
 ‘você chegou chorando’
- 463) *tajruhu u-dĩnu u-jija*
 criança 3-deitar 3CORR-cantar
 ‘a criança deitou para o cantar’
- 464) *a-ha ja he te-puhu*
 1-ir NEG 1 1CORR-passear
 ‘eu não vou para meu passeio’

Outro paralelismo interessante é encontrado entre todas essas construções e construções que têm por núcleo nomes dependentes em função argumental com determinante

co-referente com o sujeito. Comparem-se os exemplos em 465-468 com os exemplos em 469-472:

465) *a-mu-pẽ ku he te-pa*
1-CAUS-quebrar FOC 1 1CORR-mão
'eu quebrei minha própria mão'

466) *u-mu-pẽ ku mĩde u-pa*
3-CAUS-quebrar FOC 123 3CORR-mão
'nós quebramos nossa própria mão'

467) *ere-nupĩ ku ne e-atfĩ*
2-bater FOC 2 2CORR-cabeça
'você bateu tua própria cabeça'

468) *pẽ-nupĩ ku pẽ pe-atfĩ*
23-bater FOC 23 23CORR-cabeça
'vocês bateram a cabeça de vocês'

469) *a-he te-tfe*
1-ir 1CORR-dormir
'eu vou para meu dormir'

470) *pe-he pe-karu*
23-ir 23CORR-comer
'vocês vão para o comer de vocês'

471) *he r-uiru he te-ka*
1 R¹-saudade 1 1CORR-estar
'eu estou com saudade'

472) *pẽ Ø-tfije pẽ pe-ka*
23 R¹-medo 23 23CORR-estar
'vocês estão com medo'

Vieira (2002) apresenta uma importante discussão sobre o *status* dos verbos Tupí-Guaraní que têm sido referidos como auxiliares. Segundo Vieira (2002:428), verbos com função auxiliar aparecem em número reduzido nas línguas em que existem, devido a sua característica funcional e, nessas línguas não são necessários para traduzir o aspecto progressivo, como em Guaraní.

a) *moã a-ʔu*
remédio 1-tomar
'estou tomando remédio' (VIEIRA, 2002:428)

Observamos o mesmo fato em Araweté, em que o processo expresso por um predicado principal pode estar em progresso sem a presença de um verbo auxiliar:

473) *a-karu ku he*
1-comer FOC 1
'eu estou comendo'

474) *pe-tʃe ku pe*
 23-dormir FOC 23
 ‘vocês estão dormindo’

475) *u-tʃi ku maɖiʔa*
 3-plantar FOC mandioca
 ‘ele está plantando mandioca’ ou ‘ele plantou mandioca’

Para Vieira, uma forte evidência de que esses verbos não são verbos auxiliares é a de que não recebem marcas verbais de tempo futuro nem marca de negação sentencial. Embora essas não sejam características encontradas em Araweté, já que não há marcas gramaticais para a categoria de tempo nem de negação sentencial. Verbos nas construções focalizadas nessa seção, na realidade, só se combinam com o morfema *imeʔe* que significa “desprovido de”, como mostram os exemplos abaixo:

476) *ajete he Ø-ju te-tʃe imi*
 RESTR 1 R¹-estar.deitado 1CORR-dormir PROIB
 ‘eu não vou dormir’ ou ‘eu deito sem que haja meu dormir’ (CABRAL, 1998)

477) *awa pa u-jeʔa-imeʔe*
 quem P 3-chorar-NPP
 ‘quem é que não chora?’

478) *ɨ-juru-imeʔe*
 R²-boca-NPP
 ‘sem boca (mudo)’ (CABRAL, 1998)

479) *h-eha-imeʔe*

R²-olho-NPP

‘não tem olho, sem olho (cego)’

480) *h-apiha-ʔimeʔe*

R²-ouvido-NPP

‘não tem ouvido, sem ouvido (surdo)’

Vieira conclui que as construções com verbos auxiliares em Guarani não têm propriedades de verbos auxiliares, mas de um tipo de construção ainda por ser testada, que segundo essa autora seria a construção denominada serialização verbal⁹.

No que diz respeito ao Araweté, podemos adiantar as seguintes conclusões:

- não há uma classe de verbos auxiliares em Araweté, mas verbos que, dada a sua caracterização semântica, podem funcionar freqüentemente como expressões de aspecto ou de modo de ação;
- quando funcionam como expressões de aspecto ou de modos de ação têm estrutura idêntica a de nomes flexionados por prefixos correferenciais.

5.7.5 Aspecto verbal

A língua Araweté faz uso de várias estratégias para marcar aspecto. Trataremos aqui de processos morfológicos que resultam na qualificação de processos, eventos e estados. São eles:

⁹ Baker e Stewart (1999) definem serialização verbal como “orações com apenas um núcleo temporal, mas sendo constituídas por dois ou mais verbos sem nenhum marcador de subordinação ou coordenação”.

- a combinação do tema verbal com o tema *-katu* ‘bom’

481) *u-jija-katu ja ku aʔi*
 3-cantar-bom NEG FOC REIT
 ‘ela não canta bem’

- verbos combinam-se também com o sufixo *-he* que exprime o ‘aspecto desiderativo’

482) *a-ʔu-he rete-meʔe he jĩ*
 1-comer-DESI muito 1 castanha
 ‘eu quero/desejo comer muita castanha’ ‘eu gosto muito de castanha’

483) *awa pa i-ka ʔu-he-meʔe*
 quem P R²-caium beber-DESI-NP
 ‘quem é o que deseja beber cauim dele?’

484) *jatĩ he a-ʔu-he*
 jabuti 1 1-beber-DESI
 ‘eu desejei comer jabuti’

485) *pe-ʔu-he pa pẽ jatĩ*
 23-comer- DESI P 23 jabuti
 ‘vocês desejam comer jabuti?’

- verbos podem se combinar com o sufixo *-pa* ‘acabar’, para expressar o aspecto ‘completivo’:

486) *u-ha-pa wĩ*
 3-ir-COMP esses
 ‘eles foram todos’

O verbo *-pa* pode também se combinar com construções de natureza nominal, mas que têm como núcleo uma base verbal:

487) *te-kut faha-pa didĩ he Ø-ha*
 1CORR-estudo-COMP depois 1 R¹-ir
 ‘depois que acabar meu estudo, eu irei’

- verbos podem se combinar com o nome *-ipi* ‘início’, ‘começo’ como expressão do aspecto inceptivo:

488) *ere-karu-ipi ku he*
 2-comer-INC FOC 1
 ‘você começou a comer’

489) *he ku a-kut fa-ipi-pi ʔna*
 1 FOC 1-escrever-INC-INC NEG
 ‘eu não comecei a escrever’

5. 8 Classes não flexionáveis de palavras

Nesta seção descreveremos as classes não flexionáveis de palavras, as quais são, em princípio, fechada, cada uma delas constituídas de poucos elementos. As classes de palavras não flexionáveis do Araweté são a classe dos *advérbios*, a dos *quantificadores*, a das palavras *aspectuais*, a das palavras *modalizadoras*, a das *focalizadoras/topicalizadoras*, a dos *ideofones* e a das *interjeições*.

5.8.1 Advérbios

Como ressaltado no capítulo IV, o termo advérbio é usado neste estudo de forma a abranger palavras que modificam predicados, embora algumas delas só modifiquem predicados verbais. Um dos critérios usados neste estudo para identificar advérbios é o teste do Indicativo II. Toda palavra que precedendo o predicado acionar o indicativo II é uma advérbio. As palavras adverbiais podem exprimir tempo, modo e negação.

Tempo

490) *kumete ku mututapi u-wahẽ*
hoje FOC barco 3-chegar
'hoje o barco chega'

491) *deme ku ne tapi?i Ø-juka*
agora FOC 2 anta R¹-matar
'acabei de matar.anta/matei anta agora'

492) *kaʔarume ure Ø-ha*
 ontem 13 R¹-ir
 ‘ontem, nós iremos’

493) *he ku a-ha paje parani-we t-upaʔĩ Ø-pituka*
 1 FOC 1-ir sempre rio-LP R⁴-roupa R¹-lavar
 ‘sempre eu vou lavar-roupa no rio’

494) *eʔe paje ku u-ha kaʔa-we reʔe*
 esse sempre FOC 3-ir mato-LP AT.OUTRO
 ‘sempre ele vai no mato’

Negação

495) *ina pẽ pe-a Ø-iwe*
 NEG 23 3-casa R¹-CI
 ‘vocês não estão na casa’

496) *u-ʔĩ ja mĩde*
 3-correr NEG 123
 ‘nós não corremos’

Restrição

- 497) *ajete pẽ Ø-karu imi*
RESTR 23 R¹-comer PROIB
'vocês não comem'
- 498) *ajete ne r-udĩ imi re?a-we*
RESTR 2 R¹-voltar PROIB aqui-LP
'você não volta aqui'
- 499) *ajete u-je?ẽ-hete-hete a?ĩna*
RESTR 3-falar-muito REIT
'ele não pode gritar muito'
- 500) *ajete u-ata ĩna*
RESTR 3-andar/caçar NEG
'não pode caçar'

Advérbios que se posicionam no escopo do predicado, seguem obrigatoriamente o núcleo deste e, dessa forma, não acionam o modo indicativo II; contudo, a sua posição e função é distintiva de sua natureza adverbial, como são os casos dos advérbios *jepe* 'depois/também' e *ja* 'negação de predicados' e *ĩna* 'negação do imperativo'.

- 501) *a-me?ẽ jepe he ne r-e*
1-dar depois 1 2 R¹-para
'depois eu darei para você'

502) *u-ʔu jepe*
3-comer depois
'ele comerá depois'

***ja* 'negação de predicados'**

503) *a-jeʔa ja he*
1-comer NEG 1
'eu não chorei'

504) *pẽ Ø-tfirima ja we pẽ*
23 R¹-cansaço NEG TOP 23
'vocês não estão cansados'

***ña* 'negação do imperativo'**

505) *u-tfe ña*
3-dormir NEG
'não durma!'

506) *pe-tfe ñã*
23-dormir NEG
'não durmam vocês!'

5.8.2 Conjunções

Pertencem à classe das conjunções palavras que relacionam orações (*hipotaxis*), como *didi* ‘depois’, *hame* ‘enquanto’, *me* ‘se/quando’ e *hami* ‘finalidade’. Exemplos:

didi ‘depois’

507) *ure* *∅-purahe* *didi* *ku* *ure* *∅-tfe* *re?e*
13 R¹-dançar depois FOC 13 R¹-dormir AT.OUTRO
‘depois da nossa dança, nós dormimos’

508) *te-jahu* *didi* *te* *he* *r-udi*
1CORR-banhar depois VRD 1 R¹-voltar
‘quando eu tomar.banho, eu voltarei’

509) *u-ha* *jepe* *t-upaʔi* *e-pituka* *didi*
3-ir também R⁴-roupa 2-lavar depois
‘quando da lavação de roupa, há ida dela também’

hame ‘enquanto’

510) *a-tfe* *he* *te-ʔe* *ne* *hame* *e-jahu*
1-dormir 1 1CORR-estar-sentado 2 enquanto 2-banhar
‘enquanto você toma banho, eu estou dormindo’

me ~ ime ‘se/quando’

511) *ne* \emptyset -*tfe* *me* *he* \emptyset -*tfe*
2 R¹-dormir se/quando 1 R¹-dormir
‘se você dormir, eu durmo’

512) *ne* \emptyset -*jeʔa* *me* *he* \emptyset -*tʃiriʔ* *he* *jepe*
2 R¹-chorar se/quando 1 R¹-triste 1 também
‘se você chorar, eu fico triste também’

513) *tapiʔi* \emptyset -*juka* *me* *ne* *tatu* *r-etʃa*
anta R¹-matar se/quando 2 tatu R¹-ver
‘se você matar anta, eu vejo (procuro) tatu’

514) *mihĩ* *a-ka* *ime* *pu* *ku* *Nivaldo* *u-ha* *reʔe*
onde 1-estar se/quando P FOC Nivaldo 3-ha AT.OUTRO
‘onde eu estava quando o Nivaldo foi?’

515) *mihĩ* *a-ka* *ime* *pu* *ku* *já* *ĩ* *reʔe*
onde 1-estar se/quando P FOC onça estar.em.pé AT.OUTRO
‘onde eu estava quando a onça apareceu?’

hamu ‘finalidade’

516) *a-himeʔe* *ku* *he* *jiete* *iwiha* *mupẽ* *hamu*
1-amolar FOC 1 machado pau/árvore derrubar/fazer.quebrar finalidade
‘eu amolei o machado para derrubar/fazerquebrar.pau/árvore’

517) *kumeʔe ku jiete himeʔe iwihā mupẽ hamu*
 homem FOC machado amolar pau/árvore derrubar/fazer.quebrar finalidade
 ‘o homem amolou.machado para derrubar/fazerquebrar.pau/árvore’

518) *erietfi u-ha he Ø-ta-we ð-kutfa-ha-meʔe hamu*
 Eliete 3-ir 1 R¹-aldeia-LP R²-escrever-DNAC-NP finalidade
 ‘Eliete vem na minha aldeia para ser professora deles’

519) *he ku he hajmuti a-pihi pape aḱã hamu*
 1 FOC 1 tesoura 1-peguei papel cortar finalidade
 ‘eu peguei tesoura para cortar.papel’

520) *a-he te he te-kaʔapite nu te-miniju ð-ti hamu*
 1-ir VDR 1 1CORR-roça de novo 1CORR-algodão R²- finalidade
 plantar
 ‘eu vou para minha roça para plantar algodão’

5.8.3 Palavras aspectuais

Palavras aspectuais completam o sentido lexical de núcleos de predicados, contribuindo com idéias de início, término, repetição, frustração e projeção de processos, eventos e/ou estados.

tʃĩ ‘completivo’

521) *e-ru tʃĩ*
2-trazer COMP
‘traz tudo’

522) *u-ʔu tʃĩ ku*
3-comer COMP FOC
‘ele comeu tudo’

523) *u-ʔu tʃĩ ku ka*
3-comer COMP FOC mingau
‘ela bebeu todo o mingau’

524) *a-ru tʃĩ pa he reʔa-we*
1-trazer COMP P 1 essa- LP
‘eu trarei tudo para cá?’

525) *a-mukaji tʃĩ ku he te-karu*
1-esquecer COMP FOC 1 1CORR-comer
‘eu esqueci tudo o que comi’

526) *a-pituka tʃĩ ku he*
1-lavar COMP FOC 1
‘eu lavei tudo’

ta ‘projetivo’

527) *pẽ ku pe-ju kaʔa-we ta*
23 FOC 23-estar.deitado mato-LP PROJ
‘vocês estão indo caçar’

528) *ure ku uru-ju paranũhu-we ta*
13 FOC 13-estar.deitado Xingu- LP PROJ
‘nós estamos indo para o Xingu’

529) *he Ø-mu.mihi jepe he ta*
1 R¹-cordar depois 1 PROJ
‘depois eu vou me acordar’

530) *mide u-iwu ta*
123 3-flechar PROJ
‘nós vamos flechar’

531) *pẽ pe-iwu ta*
23 23-flechar PROJ
‘vocês vão flechar’

pane ‘frustrativo sem intenção’

532) *a-juka pane ku he arapuha aʔi*
1-matar FRUS FOC 1 veado REIT
‘eu quase matei veado’

533) *kaʔarume ku ja he Ø-pihi pane aʔi*
 ontem FOC onça 1 R¹-pegar FRUS REIT
 ‘ontem a onça quase me pegou’

534) *u-nupĩ pane ku ara*
 3-bater FRUS FOC arara
 ‘ela quase bateu na arara’

535) *pe-jĩ-pumi pane ku pẽ reʔe*
 23-REFL-afogar FRUS FOC 23 AT.OUTRO
 ‘vocês quase se afogaram’

536) *ere-tfe pane ku ne reʔe*
 3-dormir FRUS FOC 2 AT.OUTRO
 ‘você quase dormiu’

(a)raʔa ‘frustrativo com intenção’

537) *e-ha te-puhu ne r-ewe araʔa*
 2-ir 1CORR-passear 2 R¹-ASSI FRUS.INT
 ‘eu ia passear contigo’

538) *ure uru-ha uru-puhu ne r-ewe raʔa ku ure*
 13 13-ir 13-passear 2 R¹-ASSI FRUS.INT FOC 13
 ‘nós íamos passear contigo’

539) *míde u-ha kaʔa-we araʔa ku*
 123 3-ir mato- LP FRUS.INT FOC
 ‘nós íamos no mato, nós íamos caçar’

540) *pẽ pe-ha araʔa*
 23 23-ir FRUS.INT
 ‘vocês íam’

***jupe* --- *jupe....nũ* ‘repetição’, ‘de novo’, ‘outra vez’**

541) *ne Ø-mu-pariririri jupe ku he nu*
 2 R¹-CAUS-assustar de novo FOC 1 de novo
 ‘eu te assustei de novo/outra vez’

542) *a-ʔu jupe ku he ka nu*
 1-beber de novo FOC 1 mingau de novo
 ‘eu bebi mingau de novo’

543) *uru-ʔu jupe ku ure nu*
 13-beber de novo FOC 13 de novo
 ‘nós bebemos outra vez’

544) *a-muje jupe ku he te-ʔa*
 1-pentear de novo FOC 1 1CORR-cabelo
 ‘eu penteei meu cabelo de novo’

545) *ere-jĩ-pi-nupĩ jupe ku ne*
 2-REFL-pé-bater de novo FOC 2
 ‘você se bateu.pé outra vez’

hetete ‘em vão’, ‘à toa’

546) *ne ku e-ha hetete*
 2 FOC 2-ir em vão/à toa
 ‘você foi em vão/à toa’

547) *he ku a-ha te-ataata hetete*
 1 FOC 2-ir 1CORR-andar em vão/à toa
 ‘eu fui andar em vão/à toa’

548) *pẽ ku pe-nupĩ hetete*
 23 FOC 23-bater em vão/à toa
 ‘vocês bateram sem querer, à toa’

549) *a-ha ku ja he hetete*
 1-ir FOC NEG 1 em vão/à toa
 ‘eu não fui em vão’

550) *a-wahẽ ku ja he hetete*
 1-chegar FOC NEG 1 em vão/à toa
 ‘eu não cheguei em vão’

551) *ere-ha ja ne e-ata hetete*
 2-ir NEG 2 2-andar em vão/à toa
 ‘você não andou à toa’

552) *a-nupĩ hetete ku he*
 1-bater em vão/à toa FOC 1
 ‘eu bati sem querer’

553) *e?e ku he Ø-mue hetete*
 esse FOC 1 R¹-ensinar em vão/à toa
 ‘ele não me ensinou à toa’

554) *ajete ure r-ui hetete madĩ?a.ti imi kumete*
 RESTR 13 R¹-ficar em vão/à toa mandioca.plantar PROIB hoje
 ‘nós não ficamos plantando-mandioca à toa, hoje’

***rete-me?e* ‘expressão de intensificação’, ‘muito’**

555) *a-?u-he rete-me?e he jĩ*
 1-comer- DESI muito 1 castanha
 ‘eu comi muita castanha’ ‘eu gosto muito de castanha’

- 556) *uru-ʔu-he rete-meʔe ure jĩ*
 13-comer-DESI muito 13 castanha
 ‘nós comemos muita castanha’ ‘nós gostamos muito de castanha’
- 557) *tʃi rete-meʔe ku he*
 bonito muito FOC 1
 ‘eu sou muito bonita’
- 558) *ĩpuja rete-meʔe he Ø-ʔu*
 R²-inchado muito 1 R¹-perna
 ‘minha perna está muito inchada’
- 559) *ĩpuja rete-meʔe ure Ø-ʔu*
 R²-inchado muito 13 R¹-perna
 ‘nossas pernas estão muito inchadas’
- 560) *ĩtʃiʔa rete-meʔe ne Ø-pi-iwiha*
 R²-suja muito 2 R¹-meia
 ‘tua meia está muito suja’
- 561) *a-ʔu he rete-meʔe he jatĩ*
 1-comer desid muito 1 jabuti
 ‘eu comi muito jabuti’ ‘eu gosto muito de jabuti’

5.8.4 Palavras modalizadoras

Palavras modalizadoras serão tratadas no capítulo XVI.

5.8.5 Palavras focalizadoras/topicalizadoras

Palavras focalizadoras/topicalizadoras serão tratadas no capítulo XV.

5.8.6 Ideofones

São palavras em sua maioria onomatopéicas que equivalem a predicados inerentemente aspectualizados. Encontramos até o presente as seguintes palavras ideofones em relatos:

hũũũ hũũũ ‘zanga’

5.8.7 Interjeições

Interjeições expressam emoções do falante com respeito aos fatos paralingüísticos. Foram identificadas as seguintes palavras (partículas): *he?a* usada para expressar surpresa, a forma *ẽ?ẽ* para expressar concordância e a forma *ũũũ* para expressar estranhamento.

5.9 Conclusão

Apresentamos neste capítulo uma introdução à descrição de classes de palavras em Araweté. Reunimos os principais traços distintivos da morfologia do nome, da morfologia do verbo e da morfologia das posposições, que são as três classes flexionáveis. Descrevemos

também as oito classes de palavras não flexionáveis. Embora as classes não-flexionáveis sejam todas integradas por partículas, preferimos distingui-las enquanto classes funcionais ao invés de tratá-las como membros de uma classe de partículas.

Mostramos que a morfologia do nome é distinta da morfologia do verbo e que ambos compartilham da categoria chamada de flexão relacional (RODRIGUES, 1953, 1981, 1996). Mostramos que os nomes do Araweté dividem-se em relativos e absolutos e que entre estes últimos estão nomes inerentemente referenciais e nomes que adquirem referência no discurso. Dentre os primeiros estão os que expressam entidades concretas e os que expressam entidades como qualidades e sensações. Mostramos quais as categorias que se manifestam nos nomes e qual a estrutura do sintagma nominal. Mostramos que a função de adjetivo pode ser expressa por um nome ou por um verbo que entra em composição com o nome que modificam. Mostramos que apenas o determinante que corresponde ao possuidor forma com o nome uma unidade sintática, e que quantificadores, demonstrativos e numerais não são determinantes nominais.

Quanto aos verbos, mostramos que são transitivos e intransitivos e que entre eles há os que têm um complemento a mais, encabeçado pela posposição *-ehe*. Apresentamos uma descrição da estrutura interna dos verbos, focalizando as categorias que são expressas em seus temas, e tratamos de suas subclasses semânticas, cujos elementos têm funções particulares na gramática Araweté, como as de expressar noções aspectuais.

Ao descrevermos o sintagma verbal, ressaltamos que a sua estrutura não deve ser confundida com a estrutura de sintagmas nominais que tem como base temática um verbo. Esta última estrutura é a mais difundida no discurso Araweté por cobrir um número muito maior de situações e contextos pragmáticos de fala, quando comparada às construções que requerem um predicado verbal (processual).

Descrevemos as classes de palavras não flexionáveis, entre as quais há aquelas que têm ou funções adverbiais, ou aspectuais, ou modais, mas também as que exprimem marcas pragmáticas e as que são expressões de fatos paralingüísticos.

A descrição da classe de palavras Araweté apresentada neste capítulo mostrou que essa língua é uma língua aglutinante, que usa a técnica fusional de construção de palavras com parcimônia. Mostrou que tende a equilibrar estratégias morfológicas de sufixação e prefixação.

Finalmente, mostramos neste capítulo que a língua Araweté possui um sistema de alinhamento condicionado pelas relações entre agente e paciente, ou seja, por quem age sobre

quem, mas também pela topicalização de constituintes adverbiais, e pela natureza mais nominal de predicados. Isso mostra que alinhamento em Tupí-Guaraní não deve ser reduzido a caracterizações correntes descritas para as línguas Tupí-Guaraní como as que reduzem o alinhamento das línguas a um sistema ativo-estativo ou a um sistema inverso.

CAPÍTULO VI

6. Predicação nominal

6.1 Introdução

Neste capítulo descrevemos aspectos da predicação em Araweté. Mostramos que, nesta língua, elementos das duas classes abertas de palavras – nomes e verbos – predicam, como ocorre em várias outras línguas da família Tupí-Guaraní, de acordo com as análises de lingüistas com experiência na descrição de diversas línguas Tupí-Guaraní (cf. RODRIGUES, 1996, 2001; DIETRICH, 1977, 2000, 2001; CABRAL, 2000, 2001, 2007, 2009)¹⁰.

Tratamos aqui da diferença fundamental entre dois tipos de predicados principais existentes na língua Araweté, predicados verbais e predicados nominais, em termos morfossintáticos e em termos semântico-funcionais. O estudo apresentado neste capítulo beneficiou-se fundamentalmente do artigo “Argumento e Predicado em Tupinambá”, de autoria de Aryon D. Rodrigues (1996), que desenvolve a discussão pioneira sobre as diferenças entre as expressões de nomes e de verbos como argumento e como predicado, distinguindo ao mesmo tempo essas duas classes abertas de palavras.

6.2 Sobre a natureza predicativa dos nomes

Vimos nos capítulos IV e V, que o Araweté distingue dois tipos principais de nomes, os referenciais e os não-referenciais. Os não-referenciais compartilham com os nomes referenciais absolutos o fato de não poderem ser determinados e, conseqüentemente, nunca recebem prefixos relacionais, os quais relacionam um elemento dependente ao seu determinante. Veremos no que segue que, analogamente, nomes absolutos e nomes não-

¹⁰ Outros lingüistas com larga experiência no campo das línguas Tupí, como Lucy Seki (1990, 2000), Kakumasu (1986), Carl Harrisson (1986) e Cheril Jensen (1990) têm considerado uma classe de verbos descritivos para línguas Tupí-Guaraní, abordagem que difere da utilizada neste estudo.

referenciais não predicam da mesma forma que os nomes referenciais relativos. Dos exemplos seguintes, 562 e 563 são exemplos possíveis e atestados, mas 564 é um exemplo não atestado:
atestados

562) *he r-u*
1 R¹-pai
'eu tenho pai'

563) *he r-upehi he*
1 R¹-sono 1
'eu tenho sono'

não atestado

564) *he i*
1 água
'eu tenho água'

Os predicados em 562 e 563 são predicados possessivos, ou seja, predicados que têm como núcleo nomes referenciais relativos. Outros exemplos de predicados possessivos são:

565) *he r-uirũ ja we he*
1 R¹-saudade NEG TOP 1
'eu não tenho tristeza'

566) *h-upehi já*
R²-sono NEG
'ele não tem sono'

Em seu artigo “Argumento e Predicado em Tupinambá”, Rodrigues (1996:57) demonstra que nessa língua há duas classes lexicais principais - nome e verbo-, que são identificáveis morfologicamente devido a classe de verbos receber prefixos pessoais marcadores de sujeito, enquanto a de nomes não.

Rodrigues mostra que, na classe dos verbos, os prefixos pessoais marcadores de sujeito somente ocorrem quando os verbos são núcleos de predicados de orações principais:

(1) *ere-jú pe*

(2SUJ-vir- INT) ‘você veio?’ (LÉRY, 1580:306)

(2) *pá a-júr*

(sim 1SUJ-vir) ‘sim, eu vim’ (LÉRY, 1580:306)

(3) *aβá-∅pe erima?é ikó ?ár-a o-j-mojáj*

(pessoa-ARG INT antigamente este mundo-ARG 3SUJ-3OBJ-fazer)

‘quem antigamente fez este mundo?’ (ARAÚJO, 1618:36)

Apesar dessa diferenciação marcante entre verbos e nomes, há recursos morfológicos da língua Tupinambá que são compartilhados comumente por essas duas classes e um desses recursos morfossintáticos é a flexão relacional, que ocorre com as classes lexicais nomes, verbos e posposições para a “marcação da dependência de um determinante (ou nome dependente) em relação ao núcleo de uma construção sintática” (RODRIGUES, 1986:58). Os prefixos também assinalam a relação de contigüidade (prefixos \emptyset e $-r$) e não-contigüidade sintática (prefixos $i-$ e $s-$ $\alpha t-$) do determinante.

Rodrigues demonstra, por meio de exemplos do Tupinambá, que os prefixos marcadores de contigüidade e de não contigüidade, ocorrem com nomes (em função de argumento e de predicado), verbos (intransitivos e transitivos) e posposições. Os exemplos extraídos de Rodrigues são reproduzidos aqui com sua numeração original:

- (4) *marã pe né r-ér-a*
 (como INT você CONT-nome-ARG)
 ‘como é o nome de você?’ (LÉRY, 1580:306)
- (5) *marã pe pé r-oβajár-a r-ér-a*
 (como INT vocês CONT-inimigo-ARG CONT-nome-ARG)
 ‘como é o nome dos inimigos de vocês?’ (LÉRY, 1580:318)
- (8) *kwesé kaʔá-∅r-upí o-watá-βo Pedro r-opár-i*
 (ontem mato-ARG CONT-por 3SUJ-andar-GER Pedro CONT-perdido-CIRC)
 ‘ontem Pedro se perdeu, andando pelo mato’ (FILGUEIRA, 1687:95)
- (12) *né r-úr-eme a-∅juká umwáni*
 (você CONT-vir-SUB 1SUJ-3OBJ-matar já.passado)
 ‘quando você veio, eu já o tinha matado’ (ANCHIETA, 1595:21v)
- (15) *koromō sjé r-epják-i*
 (logo eu CONT-ver-CIRC)
 ‘logo me vêem’ (ANCHIETA, 1595:39v)
- (17) *koromō sjé né ∅juká-w*
 (logo eu você CONT-matar-CIRC)
 ‘logo eu te mato’ (ANCHIETA, 1595:39v)

Segundo Rodrigues (1996:60), a classe dos nomes pode receber um conjunto de sufixos casuais, quatro de natureza locativa – locativo pontual (-*pe* ~ -*ipe*), locativo difuso (-

βu ~ -iβo), locativo situacional (-i) e translativo (-*amo ~ -ramo*) - um caso vocativo não marcado (-∅) e um caso argumentativo (-*a ~ -∅*). Dentre esses casos, o argumentativo (também chamado nominal ou nominativo) é, segundo Rodrigues, relevante por exercer as principais funções gramaticais – sujeito de verbos transitivos e intransitivos, de objeto direto, de possuidor e de objeto de posposição.

(23) *tapiʒr-a 0-só ók-a ∅-kotí*

(vaca-ARG 3SUI-ir casa-ARG CONT-para.o.lado.de)

‘as vacas foram para a banda das casas’ (FILGUEIRA, 1687:124-125)

Rodrigues ressalva que os nomes, quando possuíveis (aqueles que denominam partes de um todo, atributos e membros de um sistema de relações) podem ser **núcleos de predicados possessivos**, da mesma forma que os verbos intransitivos são núcleos de predicados verbais.

ere-ín

(2SUI-estar.sentado)

‘você está sentado’ (FILGUEIRA, 1687:58)

ne r-ér

(você CONT-nome)

‘você está sentado’

né r-én-eme

(você CONT-estar.sentado-SUBJ)

‘se/quando você estiver sentado’

né r-ér-eme

(você CONT-nome-SUBJ)

‘se/quando você tiver nome’

Voltando ao Araweté, esta língua, embora não tenha um caso argumentativo como o Tupinambá, possui predicados nominais da mesma natureza que os encontrados em Tupinambá, com algumas particularidades descritas a seguir.

Há, em Araweté, além de predicados possessivos, predicados que têm nomes como núcleo e que consistem em predicados existenciais. Esses, sim, podem ter como núcleo nomes referenciais ou não, e, no caso dos primeiros, tanto relativos quanto absolutos. Identificamos dois tipos de predicados existenciais em Araweté, um deles predica sobre a simples existência ou não de uma entidade ‘X existe’ ou ‘X não existe’, o outro identifica uma entidade no contexto discursivo ‘é X’ ou ‘não é X’. Chamaremos o primeiro tipo de predicado existencial e o segundo de predicado identificacional:

6.3 Predicados existenciais

Predicados existenciais podem ser constituídos de um simples nome absoluto modificado ou não:

567) *mumũ*
mamão
‘tem mamão’

568) *pawẽ mumũ*
muito mamão
‘tem muito mamão’

569) *mumũ hetĩ*
mamão muito
‘muito mamão’

Pode ter um nome como núcleo modificado por uma circunstância:

570) *ĩ-duhĩ ne r-e*
R²-frio 2 R¹-CR
‘tem frio para você’

571) *ĩ-duhĩ ure r-e*
R²-frio 13 R¹-CR
‘tem frio para nós’

572) *kumete jahi-uhu*
hoje lua-INTS
‘hoje tem lua cheia’

Predicados existenciais são negados por meio da partícula *ĩna* posicionada no início da oração:

573) *ĩna nanĩ t/ĩpẽ*
NEG abacaxi um
‘não tem um abacaxi’ ‘nenhum abacaxi’

574) *ĩna he r-u*
NEG 1 R¹-pai
‘eu não tenho pai’ ou ‘não existe meu pai’

575) *ina he r-uri*
NEG 1 R¹-alegria
'não tem minha alegria'

576) *ina í utfi*
NEG ATEN farinha
'não tem pouca farinha'

577) *ina í katfe*
NEG ATEN café
'não tem pouco café'

6.4 Predicados identificacionais

Os predicados identificacionais se diferenciam dos existenciais quando negados; os primeiros são negados por meio da partícula *ina*, os segundos pela partícula *ja*:

578) *ja pa re?e*
onça P AT.OUTRO
'é onça mesmo?'

579) *maj ja ku re?e*
cobra NEG FOC AT.OUTRO
'não foi cobra mesmo'

580) *tatu-uhu pa reʔe*
tatu-inten P AT.OUTRO
'é tatu grande?'

581) *padidi herihá*
banana SIMIL
'parece banana'

582) *ajuru herĩ ku*
papagaio SIMIL FOC
'parece um papagaio' (fala demais)

583) *nataʔĩ herĩ ku*
coquinho de babaçu SIMIL FOC
'parece coquinho de babaçu'

584) *Ikaire Ø-pi*
Ikaire R¹-pé
'(é) pé de Ikaire'

585) *he Ø-atfĩ ja we*
1 R¹-cabeça NEG TOP
'não é minha cabeça'

Um outro tipo de construção é de natureza equativa do tipo "Y = X":

- 586) *ne* \emptyset -*pitiwu-ha* *he*
 2 R¹-ajudar-DNAC 1
 ‘eu sou o ajudador de você’
- 587) *jaʔẽ* \emptyset -*muji-ha* *he*
 vasilha.de.barro R¹-fazer-DNAC 1
 ‘sou fazedora de vasilha de barro’
- 588) *ne* \emptyset -*tuha-meʔẽ-ha*
 2 R¹-remédio-dar-DNAC
 ‘você é enfermeira’
- 589) \emptyset -*pida-naʔi-ha* *he*
 R⁴-peixe-pegar-DNAC 1
 ‘eu sou pescador’
- 590) *pẽ* \emptyset -*pida-muji-ha*
 23 R¹-peixe-fazer-DNAC
 ‘vocês são os que preparam peixe’
- 591) *he* \emptyset -*tupaʔi-muji-ha*
 1 R¹-roupa-fazer-DNAC
 ‘eu sou costureira’
- 592) *he* *i-pihi-ha*
 1 R²-pintar-DNAC
 ‘eu sou pintora’

593) *ne* \emptyset -*iwi-kũ-mu-ja-ha*
2 R⁴-terra-buraco-fazer-ir-DNAC
'você é cavador de buraco'

594) *iwi* *reʔa*
terra isso
'isso é terra'

595) *iwira* *neʔa*
árvore isso
'isso é árvore'

6.5 Predicados nominalizados por *-meʔe*

Predicados nominalizados por *-meʔe* podem funcionar também como predicados, como qualquer nome. São eles mais próximos de construções equativas:

596) *he* *u-ata-meʔe*
1 3-andar-NP
'eu sou o que caça/anda'

597) *ne* *í-juka-meʔe*
2 R²-matar-NP
'você é o que mata (caça)'

- 598) *ure uru-purahẽ-me?e*
 13 13-dançar-NP
 ‘nós somos os que dançam’

6.6 Predicados nominais com temas verbais

Um outro tipo de predicado nominal tem como núcleo elementos da classe de verbos. Mostramos no capítulo IV e no capítulo V que os elementos da classe dos verbos se combinam com prefixos pessoais que codificam o sujeito. Apenas elementos dessa classe são núcleos de predicados processuais ou verbais. Se esses temas verbais exprimem processos quando flexionados por prefixos pessoais, sem esses prefixos são equivalentes a nomes relativos.

Neste estudo, todas as ocorrências de temas verbais desprovidos de prefixos de pessoa são analisadas como nomes de ação, os quais em vários contextos sintáticos são núcleos de predicados existenciais. Esses contextos são núcleos de predicados nos modos subjuntivo, gerúndio e indicativo II, como ilustram os seguintes exemplos:

6.6.1 Modo subjuntivo

- 599) *a-etfa h-enu wĩ ja Ø-je?ẽ ne?e*
 1-ver R²-ouvir esses onça R¹-falar AT.OUTRO
 ‘eu vi que eles ouviram a ‘fala’ da onça’

- 600) *a-ka ja he ne t-upa?ĩ e-pituka me*
 1-saber NEG 1 2 R⁴-roupa 2-lavar quando/se
 ‘eu não sei quando é teu lavar roupa’

601) *ne r-etfa já he ne Ø-ha nani Ø-tĩ me*
 2 R¹-ver NEG 1 2 R¹-ir abacaxi R¹-plantar quando/se
 ‘quando tua foste plantar abacaxi, eu não te vi’

602) *ne r-etfa já he ne Ø-ĩ utfĩ Ø-pikue me*
 2 R¹-ver NEG 1 2 R¹-estar.em.pé farinha R¹-torrar quando/se
 ‘quando tua estavas torrando farinha, eu não te vi’

6.6.2 Gerúndio

Nas línguas da família Tupí-Guaraní o modo gerúndio se manifesta quando há correferência de sujeito entre duas orações. A oração principal caracteriza-se pela manifestação do modo indicativo I ou II, ao passo que a oração coordenada ou subordinada tem o seu núcleo flexionado pelo sufixo do modo gerúndio. Se o núcleo é transitivo, recebe flexão relacional; se é intransitivo, recebe prefixos correferenciais (cf. cap. VII). Em Araweté, as construções no modo gerúndio são construções de natureza nominal e não há nada que as diferencie de predicados que têm por núcleos nomes.

603) *u-ja ku mĩde u-karu*
 3-*vir* FOC 123 3CORR-comer
 ‘nós viemos para comer’

604) *a-wahẽ ku he te-tfe*
 1-chegar FOC 1 1CORR-dormir
 ‘eu cheguei e dormir’ ‘eu cheguei para o meu dormir’

605) *ne* \emptyset -*t**firima* *ne* *e-ha*
 2 R¹-cansado 2 2CORR-ir
 ‘você vai cansando’ ‘você vai com teu cansaço’

606) *í-t**firima* *míde* *u-ha*
 R²-cansado 123 3CORR-ir
 ‘nós vamos cansados’ ‘nós vamos com o cansaço nosso’

6.6.3 Indicativo II

Ressaltamos que no modo indicativo II do Araweté, predicados são precedidos por uma expressão adverbial, como descrito para o Tupinambá por Rodrigues (1953). Entretanto, as estruturas do indicativo II do Araweté correspondem sincronicamente também às situações em que um agente é mais alto na hierarquia do que o paciente, e também às construções do gerúndio de verbos transitivos:

607) *mînanî* *pa* *ne* *í-mu-piriri*
 como P 2 R²-CAUS-fritar
 ‘como você fritou? (o peixe)’

608) *he* *ku* *ne* *r-etfa*
 1 FOC 2 R¹-ver
 ‘eu te vi’

609) *ne* *ku* *ure* *r-etfa*
 2 FOC 13 R¹-ver
 ‘você nos viu’

610) *he r-etfa pẽ*
1 R¹-ver 23
'vocês me viram'

611) *e-ja h-etfa*
2-vir R²-ver
'vem para vê-lo!'

6.7 Conclusão

Neste capítulo, mostramos que em Araweté nomes, assim como verbos, predicam, mas que os predicados dos quais nomes são núcleos são de natureza nominal. Mostramos também que a estrutura desses predicados é a mesma estrutura de predicados nominais que têm por base um verbo. Como não há distinção morfossintática entre predicados nominais com nomes como núcleo e predicados nominais com verbos como núcleo, assumimos que nesses casos verbos estão em sua forma de nomes de ação em função de predicado. Assumimos também a posição de que nomes predicam tanto quanto verbos, mas que nesses casos são predicados nominais, possessivos ou existenciais, ao passo que só os verbos podem ser núcleos de predicados processuais, quando combinados com prefixos que codificam o sujeito verbal.

CAPÍTULO VII

7. Orações coordenadas e orações subordinadas

7.1 Introdução

A língua Araweté faz uso de estratégias distintas para combinar orações, todas orientadas pelo princípio da *correferencialidade* ativo na língua: mesmo sujeito ou sujeitos diferentes. Dessa forma, o que em outras línguas foi historicamente reduzido, como as línguas em que duas orações com o mesmo sujeito podem ser coordenadas com o mesmo padrão estrutural de orações independentes (Zo'é, Wayampí, Ka'apór), no Araweté, uma delas comporta-se obrigatoriamente como dependente da outra.

Neste capítulo descrevemos os tipos de combinações de orações identificados até o presente na língua Araweté, pondo em evidência os padrões estruturais das orações, seus significados e os princípios que as acionam.

7.1.2 Coordenação de orações independentes

A coordenação de orações por justaposição se dá pelo sequenciamento de orações justapostas de acordo com a ordem de eventos estabelecida pelo falante, desde que satisfeitas às seguintes condições:

- (a) Os sujeitos de cada oração são idênticos ou distintos.
- (b) Os sujeitos são idênticos, mas uma das orações tem o predicado negado.
- (c) As orações são existenciais.

7.1.2.1 Coordenação de oração com sujeitos idênticos ou distintos

Sujeitos distintos

612) *e-ja he Ø-juru a-muja*
2-vir 1 R¹-boca 1-fazer
'vai, eu faço minha boca'(pintar os lábios)'

613) *pe-ja he Ø-juru a-muja*
23-vir 1 R¹-boca 1-fazer
'vão, eu faço minha boca'(pintar os lábios)'

Sujeitos idênticos

614) *e-mu-pida e-hi*
2-CAUS-peixe 2-assar
'faz peixe e assa!'

615) *a-mu-piriri ja he pida a-ehi ja he*
1-CAUS-fritar NEG 1 peixe 1-assar NEG 1
'eu não fritei peixe e não assei'

616) *ere-karu ja ne e-tfe nune*
2-comer NEG 1 2CORR-dormir de novo
'você não comeu e dormiu'

617) *a-jí-pihi ku he aʔi a-purahẽ ku he aʔi*
 1-REFL-pintar FOC 1 REIT 1-dançar FOC 1 REIT
 ‘eu me pintei e dançei’

Uma das possibilidades de se coordenar orações com sujeitos idênticos ou distintos é aquela em que uma das orações é marcada pela partícula modalizadora *t ~ te* ‘permissiva/mandativa’:

618) *u-meʔẽ ku Nivaldo mandiʔa t uru-pida nehe aʔi*
 3-dar FOC Nivaldo mandioca PERM 13-descascar INT REIT
 ‘Nivaldo nos deu mandioca, (é) para nós a descascarmos’

619) *pẽ ku pída pe-meʔẽ t a-mu-pirĩrĩ nehe*
 2 FOC peixe 23-dar PERM 1-fazer.fritar INT
 ‘vocês deram peixe, (é) para eu fritar’

620) *u-meʔẽ ku mandiʔa te pe-pida*
 3-dar FOC mandioca PERM 23-descascar
 ‘ele deu mandioca, (é) para vocês descascarem’

621) *a-mupirĩrĩ ku he pída t a-ʔu ne*
 1-fritar FOC 1 peixe PERM 1-comer INT
 ‘eu fritei peixe para comer’

622) *ure ku p̃ida uru-ehi t uru-ʔu nehe*
 13 FOC peixe 13CORR-assar PERM 13CORR-comer INT
 ‘nós assamos peixe, (é) para comeremos’

623) *pẽ ku p̃ida pe-hi te pe-ʔu reʔe*
 13 FOC peixe 23CORR-assar PERM 13CORR-comer AT.OUTRO
 ‘vocês assaram peixe para vocês comerem’

Ressaltamos que, embora os exemplos acima lembrem estruturas que em Português são analisadas como orações adverbiais finais, se tratam de orações coordenadas, ambas com núcleos de predicados flexionados com marcas pessoais exclusivas do modo indicativo I.

Note-se ainda que os dois padrões oracionais são padrões de orações independentes, com núcleos de predicados flexionados pela série de prefixos pessoais exclusivas do modo indicativo. As marcas *ta* e *ne ~ nehe* são partículas que expressam modalidade, o *ta* a modalidade permissiva/mandativa e o *ne ~ nehe* expressa a modalidade intencional, que inclui em seu significado um valor de futuro (RODRIGUES, 1953:141); (cf. cap. XVI).

7.1.2.2 Coordenação de orações com sujeitos idênticos

Uma das possibilidades de coordenação por mera justaposição de orações é aquela em que os sujeitos são idênticos, mas uma das orações tem o seu predicado negado. Alguns exemplos ilustrativos desse tipo de coordenação são os seguintes:

624) *a-ru ku he ʔ a-i-ʔu ja he iwe*
 1-trazer FOC 1 água 1-água-beber NEG 1 CNTF
 ‘eu trouxe água, mas eu não bebi’

625) *ere-ru pu ku ne ã ere-i-ãu ja pa ne iwe*
 2-trazer P FOC 2 água 2-água-beber NEG P 2 CNTF
 ‘você trouxe água, mas você não bebeu?’

Outra possibilidade de coordenação de orações com sujeitos idênticos é aquela em que o sujeito compartilhado é de terceira pessoa e o objeto é de importância superior ao sujeito, como nos exemplos seguintes:

Exemplos:

626) *ne Ø-uãu te maj ne Ø-juka*
 2 R¹-morder VDR cobra 2 R¹-matar
 ‘a cobra morde você, ela mata você mesmo’

627) *pẽ Ø-juka te maj pẽ Ø-uãu*
 23 R¹-matar VRD cobra 23 R¹-morder
 ‘a cobra morde vocês, ela mata vocês’

Os dois exemplos acima, proferidos pelo mesmo falante, têm sujeitos idênticos e os seus respectivos predicados são de natureza nominal, visto que os seus respectivos objetos são hierarquicamente mais importantes do que o sujeito, mas nos dois exemplos trata-se do modo indicativo II (cf. cap. V).

Finalmente, há exemplos em que os sujeitos são idênticos, mas os predicados vêm no modo indicativo I, como a seqüência das duas primeiras orações do exemplo seguinte:

628) *ere-wahe ku ne ere-karu ku ne t ere-ha e-tfê*
 2-chegar FOC 2 2-comer FOC 2 PERM 2-ir 2CORR-dormir
 ‘você chegou, comeu para ir dormir’

Note-se que apenas a última oração de natureza permissiva/mandativa é a única que vem modificada por um predicado no modo gerúndio, que lhe confere o aspecto progressivo.

7.1.2.3 Orações com predicados existenciais

Além das possibilidades de coordenação por mera justaposição, arroladas anteriormente, há ainda aquelas que envolvem duas orações existenciais, como mostram os exemplos seguintes:

629) *jatĩ ja we tajahu*
jabuti NEG TOP porcão
'não é jabuti, é porco'

630) *arapuha ja we mĩũ*
veado NEG TOP mutum
'não é veado, é mutum'

631) *papũĩ ja we he r-uda*
papai NEG TOP 1 R¹-tio
'não é papai, é o meu tio'

Os exemplos disponíveis mostram que uma das orações é negada evidenciando contraste entre elas. Até o presente, não vivenciamos situação pragmática que permitisse checar a possibilidade de coordenação de duas orações existenciais afirmativas do tipo, por exemplo, de “é líquido e alimento”.

Não foram encontradas até o momento orações coordenadas com conectivo expresso.¹¹

¹¹ Leite e Vieira (1998:25) postulam a existência de morfemas específicos em Araweté que expressam a coordenação de duas orações, como seria o caso do morfema *nune*. Segundo essas autoras, “...a forma do segundo verbo é a de um verbo dependente que, quando intransitivo, recebe a série de prefixos reflexivos (co-referenciais), mas quando transitivo, é desprovido de marcas de pessoa.” Neste estudo, o morfema *nune* é analisado como uma partícula modalizadora (cf. capítulo V, seção 5.8.3).

7.2 Orações subordinadas

Em Araweté há dois tipos principais de orações que mantêm uma relação de dependência semântica e formal com uma oração principal, as orações no modo gerúndio e as orações no modo subjuntivo. Como proposto por Rodrigues (1953:126) para o Tupinambá, as orações de gerúndio em Araweté, além de expressarem uma finalidade (‘entrou para dormir’) ou uma simultaneidade (‘chegou cantando’), podem também indicar uma seqüência (‘chegou e dormiu’) (cf. CABRAL e RODRIGUES, 2005). Da mesma forma que em Tupinambá, as orações de subjuntivo são de dois tipos, as que expressam contemporaneidade e condição (‘quando/se a fruta cai/caiu/cair...’) e as que expressam sucessividade (‘depois que a fruta cai/caiu/cair...’).

Segundo Cabral e Rodrigues (2005:48), nas línguas conservadoras da família Tupí-Guaraní:

“...as orações de gerúndio, assim como as de subjuntivo contemporâneo e de condição estão em distribuição complementar, quanto à correferência de seus respectivos determinantes com o sujeito do predicado principal, e funcionam, dessa forma, como expressões de um sistema de correferência alternada (*switch reference*). As orações de gerúndio têm o sujeito correferente com o sujeito da oração principal, e as de subjuntivo de contemporaneidade têm o seu sujeito diferente do sujeito da oração principal. Já as orações de subjuntivo de sucessividade podem ter ou não o seu sujeito correferente com o sujeito da oração principal”

Na seção seguinte são descritas as possibilidades de combinações de orações que envolvem subordinação.

7.2.1 Orações subordinadas no modo gerúndio

Orações subordinadas no modo gerúndio têm obrigatoriamente seus sujeitos correferentes com o sujeito da oração principal, os quais são expressos por prefixos correferenciais se intransitivos, e por prefixos relacionais se transitivos, mas neste caso apenas se o predicado é afirmativo¹².

¹². No Asuriní do Xingu, o sufixo de gerúndio é **-w** em temas terminados por vogal, **-ta** em temas terminados por **j**, e **-a** em temas terminados por consoante. O Araweté perdeu o sufixo de gerúndio, mas continua a manifestar as demais características morfossintáticas desse modo.

Exemplos de orações no gerúndio com núcleos intransitivos processuais

- 632) *a-ha jepe he te-puhu*
1-ir depois 1 1CORR-passear
'depois eu vou passear'
- 633) *he ku a-ha te-jeʔẽ jeʔẽ*
1 FOC 1-ir 1CORR-falar-falar
'eu vou conversar'
- 634) *pe ku pe-ha pe-jeʔẽ jeʔẽ*
23 FOC 23-ir 23CORR-falar-falar
'vocês vão conversar'
- 635) *eʔe ku u-ha u-ata*
esse FOC 3-ir 3CORR-caçar
'ele vai caçar'
- 636) *ure ku uru-ha uru-ata*
esse FOC 13-ir 13CORR-caçar
'nós vamos caçar'
- 637) *pe ku pe-ha pe-jĩ*
23 FOC 23-ir 23CORR-correr
'vocês vão correr'

- 638) *he ku a-ja te-puranĩ pe n-ehe*
 1 FOC 1-vir 1CORR-conversar 23 R¹-para
 ‘eu vim para conversar com vocês’
- 639) *a-ja jepe he te-karu te-dĩwi*
 1-vir depois 1 1CORR-comer 1CORR-voltar
 ‘eu vou depois voltar para comer’
- 640) *u-ja ku mĩde u-karu*
 3-vir FOC 123 3CORR-comer
 ‘nós viemos para comer’
- 641) *a-wahe ku he te-tfẽ*
 1-chegar FOC 1 1CORR-dormir
 ‘eu cheguei e dormir’ ‘eu cheguei para o meu dormir’
- 642) *ere-wahẽ ku ne e-tfẽ*
 2-chegar FOC 2 2CORR-dormir
 ‘você chegou e dormiu’
- 643) *u-wahẽ ku u-purahẽ*
 3-chegar FOC 3CORR-dançar
 ‘ele chegou para dançar’

Exemplos de orações no gerúndio com núcleos intransitivos não-processuais, ou seja, de natureza nominal.

644) *uru-ha ure uru-juri-juri*
13-ir 13 13CORR-alegre-alegre
‘nós vamos (muito) alegres’

645) *pe pe-ha pe-juri-juri*
23 23-ir 23CORR-alegre-alegre
‘vocês vão (muito) alegres’

646) *ne e-ha e-juri-juri*
2 2-ir 2CORR-alegre-alegre
‘você vai (muito) alegre’

647) *h-uri huri m̃ide u-ha*
R²-alegre.alegre 123 3CORR-ir
‘nós vamos (muito) alegres’

648) *eʔe rupe u-ha h-uri-huri*
esse outro 3CORR-ir R²-alegre-alegre
‘ele vai (muito) alegre’

649) *he Ø-tfirima he te-ha*
1 R¹- cansado 1 1CORR-ir
‘eu vou cansado’ ‘eu vou com meu cansaço’

- 650) *ne Ø-tfirima ne e-ha*
 2 R¹-cansado 2 2CORR-ir
 ‘você vai cansando’ ‘você vai com teu cansaço’
- 651) *í-tfirima mide u-ha*
 R²-cansado 123 3CORR-ir
 ‘nós vamos cansados’ ‘nós vamos com o cansaço nosso’
- 652) *pe Ø-tfirima pe pe-ha*
 23 R¹-cansado 23 23CORR-ir
 ‘vocês vão cansando’ ‘vocês vão com o cansaço de vocês’

Note-se que, como mostram os exemplos precedentes, as orações no gerúndio seguem o mesmo padrão independentemente de o núcleo do predicado ser verbal ou menos verbal. Nos dois casos, recebem prefixos correferenciais quando núcleos de orações dependentes. Exemplos com orações no gerúndio com núcleos transitivos.

- 653) *he ku a-ja ne Ø-mu-je?ẽ*
 1 FOC 1-vir 2 R¹-fazer.falar
 ‘eu vim te chamar’
- 654) *a-ha jepe he te-madi?a Ø-ti*
 1-ir depois 1 1CORR-mandioca R¹-plantar
 ‘depois eu vou plantar-mandioca’

655) *he ku a-ja te-puranũ pẽ n-ehe*
 1 FOC 1-*vir* 1CORR-*conversar* 23 R¹-*para*
 ‘eu vim para conversar com vocês’

656) *jarutfu Ø-iwe ku he te-pída Ø-ʔu*
 canoa R¹-*CI* FOC 1 1CORR-*peixe* R¹-*comer*
 ‘na canoa, eu comi meu peixe’

657) *a-ha u-jija-meʔe r-enu*
 1-*ir* 3-*cantar-NP* R¹-*ouvir*
 ‘eu vou para ouvi-lo cantar, ele é o que canta’

658) *te ne ha u-jija-meʔe r-enu*
 VDR 2 *ir* 3-*cantar-NP* R¹-*ouvir*
 ‘você vai para ouvi-lo cantar, ele é o que canta’

659) *uru-ha ure u-jija-meʔe r-enu*
 13-*ir* 13 3-*cantar-NP* R¹-*ouvir*
 ‘nós vamos para ouvi-lo cantar, ele é o que canta’

7.2.2 Orações subordinadas no modo subjuntivo

7.2.2.1 Modo subjuntivo de contemporaneidade e condição

660) *pe Ø-tfe ime he Ø-tfe*
 23 R¹-*dormir* *quando/se* 1 R¹-*dormir*
 ‘se vocês dormirem, eu durmo’

661) *ĩ-tfe ime ure Ø-tfe*
 R²-dormir quando/se 13 R¹-dormir
 ‘se ele dormir, nós dormimos’

662) *tapi?ĩ Ø-juka ime he pĩda ne Ø-hi*
 anta R¹-matar quando/se 1 peixe 2 R²-assar
 ‘se eu matar anta, você assa peixe’

663) *tapi?ĩ Ø-juka ime mĩde tatu r-etfa*
 anta R¹-matar quando/se 123 peixe R¹-ver
 ‘se nós matarmos anta, ele procurará tatu’

664) *ne Ø-je?a me he Ø-tfiri? he jepe*
 2 R¹-dormir quando/se 1 R¹-triste 1 também
 ‘se você chorar, eu fico triste também’

665) *pe r-upi ne r-eka me ja ne Ø-pihi*
 2 R¹-caminho 2 R¹-ficar quando/se onça 2 R¹-pegar
 ‘no caminho se ficares, a onça te pega’

7.2.2.2 Orações subordinadas de sucessividade

- Com sujeito idêntico ao da oração principal:

666) *te-wahẽ didĩ ku he Ø-karu*
 1CORR-chegar depois FOC 1 R¹-comer
 ‘depois que eu cheguei, eu comi’

667) *e-wahẽ didi ku ne Øjija*
 2CORR-chegar depois FOC 2 R¹-cantar
 ‘depois que você chegou, você cantou’

668) *brazíΛø-pi didi he Øha erietfi Øa-iwe*
 Brasília-LA depois 1 R¹-ir Eliete R¹-casa-LP
 ‘depois que eu for para Brasília, eu vou na casa da Eliete’

- Com sujeito diferente do sujeito da oração principal

669) *he pída Ø-mujĩ didi pe pída n-ehi*
 1 peixe R¹-fizer depois 1 peixe R¹-assar
 ‘depois que eu fizer peixe, vocês assam peixe’

670) *arapuha Ø-wahẽ didi mĩde arapuha Ø-iwũ*
 veado R¹-chegar depois 123 veado R¹-flechar
 ‘depois que o veado chegar, nós flecharemos o veado’

671) *pe-ha didi ure n-uiru nete-meʔe*
 23CORR-ir depois 13 R¹-saudade muito
 ‘depois vocês forem, nós ficaremos com muita saudade’

672) *ẽ e-ru paratu e-mũ he r-e*
 sim 2CORR-trazer panela 2CORR-trazer 1 R²-para

he me pipu h-aʔa-mu
 1 fazer cozinhar R²-carne-TRANS

‘sim, traz panela, faz vir pra mim, que faço carne (de bicho) cozinhar’

7.3 Combinação de mais de duas orações

Em Araweté, combinações de mais de duas orações apresentam padrões variados:

673) *ere-wahẽ ku ne ere-karu ku ne t ere-ha e-tʃe*
 2-chegar FOC 2 2-comer FOC 2 PERM 2-ir 2CORR-dormir
 ‘você chegou, comeu, para ir dormir’

674) *a-wahẽ ku he a-karu ku he t a-ha nehe te-tʃe*
 1-chegar FOC 1 1-comer FOC 1 PERM 1-ir INT 1CORR-dormir
 ‘eu cheguei, comi e dormi’

675) *ere-wahẽ ku ne ere-karu ku ne t ere-ha e-tʃe*
 2-chegar FOC 2 2-comer FOC 2 PERM 2-ir 2CORR-dormir
 ‘você chegou, comeu, para ir dormir’

676) *kumeʔe ku u-wahẽ t u-karu t u-tʃe*
 homem FOC 3-chegar PERM 3-comer PERM 3-dormir
 ‘o homem chegou, para comer e para dormir’

677) *mide ku u-wahẽ t u-karu mide t u-tfe mide*
 123 FOC 3-chegar PERM 3-comer 123 PERM 3-dormir 123
 ‘nós chegamos, para comer e para dormir’

678) *pẽ ku pe-wahẽ te pe-jija te pe-purahẽ*
 23 FOC 23-chegar PERM 23-cantar PERM 23-dançar
 ‘vocês chegaram, para cantar e para dançar’

7.4 Conclusão

Neste capítulo, mostramos que a língua Araweté faz uso de estratégias distintas para combinar orações, mas que essas estratégias são orientadas pelo princípio da *co-referencialidade* ativo na língua, segundo o qual há que ser considerado tudo o que é co-referente com o sujeito da oração principal e tudo o que tem co-referência disjunta, ou seja, tudo o que é não co-referente com o sujeito da oração principal. Mostramos que no Araweté, quando há co-referência entre sujeitos, um deles é tratado como predicado dependente.

Mostramos que as orações no gerúndio seguem o mesmo padrão de subordinação independentemente de o núcleo do predicado ser verbal ou menos verbal. Nos dois casos, recebem prefixos co-referenciais quando núcleos de orações dependentes.

Finalmente, reunimos exemplos que ilustram as diferentes estratégias de combinar orações por justaposição ou subordinando uma a outra. Este último modo de combinação expressa o que em português equivaleriam às orações de gerúndio e de subjuntivo de sucessividade e de condição.

CAPÍTULO VIII

8. Negação

8.1. Introdução

Neste capítulo tratamos das estratégias de negação em Araweté. Mostramos que as diferentes estratégias identificadas estão distribuídas de acordo com os seguintes requisitos:

- a) com o tipo de constituinte negado;
- b) com o fato de um constituinte ser topicalizado ou não;
- c) com o modo em que os predicados ocorrem.

Em uma primeira análise mais detalhada das expressões de negação em Araweté, Solano e Cabral (2007) demonstram a existência de três estratégias de negação nessa língua. Dessas estratégias uma é analisada como sendo a negação padrão da língua, mas as três são consideradas ao mesmo tempo negação sentencial e negação de predicado.

Apresentaremos mais fundamentos para a análise de que o Araweté possui três estratégias básicas de negação e descreveremos as situações em que uma ou outra expressão de negação é usada. Mostraremos também que a língua Araweté faz uso do morfema nominalizador privativo de predicados como estratégia de negar predicados de natureza nominal. O estudo considera a discussão desenvolvida por Payne (1985) sobre a tipologia das diferentes formas que a negação pode ter através de diferentes línguas, assim como o estudo de Rodrigues (1953, 1981) sobre negação em Tupinambá, o estudo de Vieira (2007) sobre negação em Mbyá, e os estudos de Sgall, Hajičová e Benešová (1973) e de Hajičová (1977) sobre tópico e foco.

8.2 A negação com *ja*

A primeira estratégia tratada neste estudo é a que envolve a partícula *ja*. Esta partícula segue o predicado de orações no modo indicativo I, tanto as que têm por núcleo um verbo flexionado por prefixos pessoais, quanto as que têm por núcleo uma expressão nominal, um nome inerente ou um verbo nominalizado, o qual se combina com prefixos relacionais.

Orações intransitivas ativas:

679) *pe-tʃe ja pẽ*
23-dormir NEG 23
‘vocês não dormiram’

680) *ere-jeʔa ja ne*
2-chorar NEG 2
‘você não chorou’

681) *a-jĩ ja he*
1-correr NEG 1
‘eu não corri’

682) *u-jeʔẽ ja mĩde*
3-falar NEG 123
‘nós não falamos’

Orações intransitivas inativas:

683) *ĩ-duhĩ ja mĩde r-e*
R²-frio NEG 123 R¹-para
‘não tem frio para nós’

- 684) *ĩ-tfirĩ'ĩ ja we Muikatuhi*
R²-triste NEG TOP *Muikatuhi*
‘*Muikatuhi* não está triste’
- 685) *tʃi-meʔe ja ne*
bonita-NP NEG 2
‘eu não sou bonita’
- 686) *t-ereku ja we he*
R⁴-marido NEG TOP 1
‘eu não tenho marido’
- 687) *t-upaʔ-muji-ha ja he*
R⁴-roupa-fazer-DNAC NEG 1
‘eu não sou costureira’
- 688) *u-ata-meʔe ja ne*
3-andar-NP NEG 2
‘você não é quem caça’ ou ‘você não é caçador’
- 689) *t-uha-meʔe-ha ja pẽ*
R⁴-remédio-dar-DNAC NEG 23
‘vocês não são enfermeiras’

Orações transitivas:

- 690) *uru-ʔu ja ure padidi*
13-comer NEG 13 banana
'nós não comemos banana'
- 691) *a-ha ja he tapiʔi r-aru*
1-ir NEG 1 anta R¹-esperar
'eu não vou esperar anta'
- 692) *uru-juka ja we ure tajahu*
13-matar NEG TOP 13 porcão
'nós não matamos porcão'
- 693) *ere-raha ja ne miniju*
2-levar NEG 2 algodão
'você não levou algodão'

Em todas as sentenças acima a partícula *ja* funciona como negação sentencial, mas pode também negar constituintes, como mostram os seguintes exemplos:

- 694) *nanĩ ja*
abacaxi NEG
'não é abacaxi'

695) *ne* *∅-muʔiʃĩ* *ja* *we*
 2 R¹-miçanga NEG TOP
 ‘não é tua miçanga’

696) *arakuri* *ja* *we* *m̃tu*
 galinha NEG TOP mutum
 ‘não é galinha, é mutum’

697) *arapuha* *ja* *we* *tajahu*
 veado NEG TOP porcão
 ‘não é veado, é porcão’

Note-se, ainda, que em todas as sentenças anteriores *ja* aparentemente nega predicados. Payne observa que vários autores, notadamente Sgall, Hajičová e Benešová (1973) e Hajičová (1977) colocaram que o que é negado, freqüentemente, não é a sentença como um todo, mas parte dela. Assim, há duas leituras possíveis para a sentença do Inglês *John didn't kiss Celia in the train, did he?*, que permite as seguintes paráfrases performativas: (a) *eu digo sobre John, que não é verdade que ele beijou Célia no trem*, e (b) *eu digo sobre o fato de John beijar Célia, que não é verdade que foi no trem*. Segundo Payne, os elementos contextualmente presos são removidos do escopo da negação e o que é de fato negado é a parte da oração contextualmente livre.

Payne observa que a distribuição dos elementos contextualmente presos e contextualmente livres é pragmaticamente determinada. Considera também que, como sujeitos tendem a ser contextualmente presos, fica freqüentemente a impressão de que a melhor descrição é a que considera tratar-se de negação do predicado verbal. Payne mostra, por outro lado, que em sentenças do Inglês como *everyone didn't pass*, o sujeito pode ser incluído no escopo de negação, pois para alguns falantes pode corresponder a *not everyone pass*.

Os dados do Araweté mostram que o fato de a negação restringir-se ao predicado ou corresponder à negação da sentença inteira é pragmaticamente determinado, mas em exemplos como o seguinte, por exemplo, há apenas uma possibilidade interpretativa, a de que o sujeito está em algum lugar, mas não na escola.

698) *ere-ĩ ja ne ĩkut/faha-nĩru-iwe*
 2-estar.em.pé NEG 2 R²-desenhar/escrever-lugar/recipiente-LP
 ‘você não está na escola’

Já o exemplo seguinte mostra que o olho pode ser de outro animal, mas pode significar que não se trata nem de olho, nem de olho de cachorro, mas de outra coisa:

699) *marakaja r-eha ja we*
 cachorro R¹-olho NEG TOP
 ‘não é o olho do cachorro’

Cabral e Solano (2007) ao discutirem a distribuição de *ja* em Araweté, destacam que a distribuição da partícula *ja* do Araweté corresponde a uma negação de constituintes, seja este um argumento, seja esta uma sentença inteira.

Negação de constituintes topicalizados

A partícula *ja* ocorre também como estratégia de negação de constituintes topicalizados, caso em que vem acompanhada da partícula *we* ‘também’ (que será tratada como marca de tópico da negação – TOP), como mostram os seguintes exemplos:

- 700) *ne* \emptyset -*atfi* *ja* *we*
 2 R¹-cabeça NEG TOP
 ‘não é tua cabeça’
- 701) *papuĩ* *ja* *we* *he* *r-amũĩ*
 papai NEG TOP 1 R¹-avô
 ‘não é papai, é meu avô’
- 702) *tajruhu* \emptyset -*atfi* *ja* *we*
 criança R¹-olho NEG TOP
 ‘não é a cabeça do menino’
- 703) *kuni* \emptyset -*ʔa* *ja* *we*
 mulher R¹-cabelo NEG TOP
 ‘não é o cabelo da mulher’
- 704) *pẽ* *r-uwa* *ja* *we*
 23 R¹-testa NEG TOP
 ‘não é a testa de vocês’
- 705) *ure* \emptyset -*ʔãĩ* *ja* *we*
 13 R¹-garganta NEG TOP
 ‘não é a nossa garganta’

- 706) *he* *∅-jɨwa* *ja* *we*
 1 R¹-braço NEG TOP
 ‘não é meu braço’
- 707) *mide* *∅-pi* *ja* *we*
 123 R¹-pé NEG TOP
 ‘não é o nosso pé’
- 708) *he* *r-emjika* *ja* *we*
 1 R¹-esposa NEG TOP
 ‘não é a minha esposa’
- 709) *ne* *∅-putiɨa* *ja* *we*
 2 R¹-estômago NEG TOP
 ‘não é meu estômago’
- 710) *mide* *∅-hi* *ja* *we*
 123 R¹-mãe NEG TOP
 ‘não é nossa mãe’
- 711) *pẽ* *∅-tupe* *ja* *we*
 23 R¹-esteira NEG TOP
 ‘não é a esteira de vocês’

A combinação de *ja* com *we* é tão freqüente que cabe melhor analisar a alternância *ja* ~ *ja we* como sendo a negação de constituintes topicalizados.

712) *a-juka ja we he tajahu kaʔarume*
1-matar NEG TOP 1 porcão ontem
'eu não matei porcão, ontem'

713) *ere-meʔẽ ja we ne tʃiwa ure r-e*
2-dar NEG TOP 2 pente 23 R¹-para
'você não deu pente para nós'

714) *u-mukaʔe ja we rupe atʃitʃi*
3-moquear NEG TOP essa guariba
'essa não moqueou guariba'

715) *uru-mupẽ ja we ure iwira*
13-derrubar NEG TOP 13 árvore
'nós não derrubamos árvore'

716) *puretʃaha-we ja we he Ø-jɨtʃa-ha*
espelho-LP NEG TOP 1 R¹-REFL-ver-DNAC
'não foi no espelho (que) eu me olhei'

717) *tata-we ja we pida r-úi*
 fogo-LP NEG TOP peixe R¹-estar.sentado
 ‘no fogo, os peixes não ficaram’

718) *kaʔa-we ja we ure Ø-ha*
 no mato-LP NEG TOP 13 R¹-ir
 ‘no mato, nós não fomos’

8.3 As partículas proibitiva e coibitiva

Há em Araweté duas partículas usadas em comandos negativos, a partícula *imi* ‘proibitiva’ e *hana* ‘coibitiva’, assim descritas por Solano e Cabral (2007). A partícula *imi* além de corresponder semanticamente a uma função proibitiva (exemplos 719-723), tem, em certos contextos, um significado privativo (exemplos 724-726). As sentenças negadas por esta partícula ocorrem freqüentemente com a partícula de modalidade restritiva *ajete* na posição inicial.

8.3.1 A partícula *imi*

719) *e-tfe imi*
 2-dormir PROIB
 ‘não durma!’

720) *pe-ja imi*
 23-vir PROIB
 ‘não venham!’

- 721) *ajete e-ha imi*
 RESTR 2-ir PROIB
 ‘não vá!’
- 722) *ne r-ahi imi*
 2 R¹-dor PROIB
 ‘não adoça!’
- 723) *pẽ n-ahi imi*
 23 R¹-dor PROIB
 ‘não adoçam!’
- 724) *ajete u-ja imi h-ejĩ iwira-hĩ*
 RESTR 3-uir PROIB R²-descer árvore- CAB
 ‘ele não vai poder descer da árvore’
- 725) *ajete hadjẽrẽ a-enu imi harĩwe*
 RESTR rádio 1-escutar PROIB amanhã
 ‘não poderei ouvir rádio amanhã’
- 726) *ajete j#i e-hi imi*
 RESTR batata.doce 2-assar PROIB
 ‘não pode assar batata-doce’

Embora seja a estratégia de negação usada em formas imperativas, não se restringe a esse modo, como mostram os exemplos 724 e 725 acima.

8.3.2 A partícula *hana*

A partícula *hana* ‘coibitiva’ é usada em comandos quando se quer obter a cessação de um processo:

727) *e-jeʔa hana*
2-chorar COIB
‘pare de chorar’

728) *e-ʔu hana awatʃiʔi*
2-ingerir COIB arroz
‘pare de comer arroz’

729) *pe-ʔu hana atʃaʔi*
23-ingerir COIB açaí
‘parem de comer açaí’

730) *pe-jeʔa hana*
23-chorar COIB
‘vocês parem de chorar’

731) *e-jeʔeʔeʔe hana*
2-falar COIB
‘pare de falar’

732) *pe-jija hana*
23-cantar COIB
‘parem de cantar’

- 733) *pe-jeʔeʔeʔe hana*
 2-falar COIB
 ‘parem de falar’
- 734) *e-jĩ hana*
 2-correr COIB
 ‘pare de correr’
- 735) *pe-jĩ hana*
 23-correr COIB
 ‘parem de correr’
- 736) *e-juri hana*
 2-rir COIB
 ‘pare de rir’
- 737) *pe-juri hana*
 23-rir COIB
 ‘parem de rir’
- 738) *e-ʔu hana mejuraʔi*
 2-comer COIB bolacha
 ‘pare de comer bolacha’
- 739) *pe-ʔu hana jĩ*
 23-comer COIB castanha
 ‘parem de comer castanha’

- 740) *pe-mutʃi hana ku pẽ*
 23-trabalhar COIB FOC 23
 ‘vocês pararam de trabalhar’

Note-se que, nos exemplos 719-720 e nos exemplos 727-740, os núcleos verbais combinam-se com prefixos exclusivos do modo imperativo. Este fato, somado à semântica das partículas *imi* e *hana*, que têm em comum a não admissão da existência de um processo, fundamentam a sua caracterização como partículas de negação.

8.3.3 A partícula *ina*

A partícula *ina* tem um amplo uso na língua Araweté. Alterna-se com a partícula *imi* no modo imperativo, como em:

- 741) *ajete itʃere ina*
 RESTR R²-sonhar NEG
 ‘não pode sonhar isso’

- 742) *ajete itʃere imi*
 RESTR R²-sonhar PROIB
 ‘não pode sonhar isso’

- 743) *u-jĩ imi*
 3-correr PROIB
 ‘não corra!’

744) *u-jĩ ña*
3-correr NEG
'não corra!'

745) *pe-karu ña*
23-comer NEG
'não comam!'

Os vários exemplos disponíveis, em que a partícula *ña* ocorre, apontam para a possibilidade de que é ao mesmo tempo uma partícula negativa e modalizadora da vontade do falante, ou seja, manifesta a vontade ou expectativa do falante de que o evento (processo ou estado) não ocorra:

746) *pe-jija imi*
23-cantar PROIB
'não cantem!'

747) *e-jeʔa ña u-ju*
2-chorar NEG 3corr-estar.deitado
'você não está chorando' (espero que você não esteja chorando)

748) *ne Ø-jíwí imi*
2 R¹-voltar PROIB
'não volte você'

749) pẽ Ø-jíwí ña
 23 R¹-voltar NEG
 ‘não voltem vocês’(espero que vocês não voltem)

750) ajete ne r-ují imi e-jíwí
 RESTR 2 R¹-voltar PROIB 2-voltar
 ‘você não pode voltar’

751) ajete pe r-ují ña e-jíwí
 RESTR 23 R¹-voltar NEG 2-voltar
 ‘vocês não podem voltar’ (espero que vocês não possam voltar)

O motivo da partícula *imi* alternar com *ña* deve-se ao fato do consultante ter duas possibilidades de negação no modo imperativo, uma negação que independe da vontade ou expectativa do falante e outra dependente disto.

8.3.3.1 O uso de *ña* com o significado de “nenhum”

A combinação de *ña* com a palavra *tfípẽ*, corresponde o significado de *nenhum*, como mostram os seguintes exemplos:

752) ña akaju tfípẽ
 NEG caju um
 ‘não tem um caju’ ‘nenhum caju’

753) ña he r-upaĩ tfípẽ
 NEG 1 R¹-roupa um
 ‘nenhuma blusa minha, eu não tenho nenhuma blusa’

754) *ina i-mupẽ-mire t/ʃpẽ*
 NEG R²-quebrar-NPAC um
 ‘e não tem nenhum (pau)quebrado’

8.3..3.2 O morfema *ina ~ na* como negação existencial

O morfema *ina ~ na* nos três exemplos anteriores e nos seguintes nega predicados existenciais, do tipo ‘*não existe X*’:

755) *ina Luciana Ø-jiete*
 NEG Luciana R¹-machado
 ‘não existe machado de Luciana’

756) *ina i madĩa*
 NEG pouco mandioca
 ‘não existe pouca mandioca’

757) *ina i katfe*
 NEG pouco café
 ‘não existe pouco café’

758) *ina Ø-ʔa*
 NEG R⁴-casa
 ‘não existe casa (de gente)’ ‘não tem casa’

- 759) *ina h-ereku*
 NEG R²-marido
 ‘não tem marido dessa’
- 760) *ina pẽ r-ereku*
 NEG 23 R¹-marido
 ‘não tem marido de vocês’
- 761) *ina t-u*
 NEG R⁴-pai
 ‘não tem pai desse’
- 762) *ina kaʔa-we*
 NEG mato-LP
 ‘não tem no mato’
- 763) *ina marakaja*
 NEG cachorro
 ‘não tem cachorro’

Finalmente cabe observar que a posição em que a partícula *ja* ocorre, antes ou depois de um sintagma nominal, é distintiva de tipos de predicados. No exemplo 764 trata-se da negação do conteúdo ‘eu tenho filho’, já no exemplo seguinte 765 não é negada a existência do meu filho, mas a possibilidade de um dado referente ser meu filho.

- 764) *ja he r-aʔi*
 NEG 1 R¹-filho
 ‘não tenho filho’

765) *he r-aʔ ja*
 1 R¹-filho NEG
 ‘não é meu filho’

8.1.4 O morfema *-imeʔe*

O morfema *-imeʔe* é analisado neste estudo como tendo um significado de nominalizador de predicado privativo. Ocorre combinado com temas nominais e verbais, mas as construções resultantes são expressões nominais. Vejamos a ocorrência do morfema *imeʔe* nos exemplos seguintes:

766) *h-ereku-imeʔe t-ehe*
 R²-marido-NPP R²-em.relação.a
 ‘eu sou sem marido’

767) *t-u-imeʔe te he*
 R⁴-pai- NPP VDR 1
 ‘eu sou sem pai’

768) *ʔ-hi-imeʔe te he*
 R²-mãe-NPP VDR 1
 ‘eu sou sem mãe’

769) *h-apiha-imeʔe*
 R²-ouvido-NPP
 ‘ele é sem ouvido/surdo’

770) *jeʔẽ ne r-uĩ-imeʔe te*
 falar 2 R¹-estar/ficar-NPP VDR
 ‘você ficou sem fala, mudo’

771) *he r-uĩ-imeʔe pa r-ehe*
 1 R¹-estar/ficar-NPP mão R¹-CR
 ‘eu fiquei sem mão’

Nos exemplos acima, o morfema privativo *imeʔe* combina-se com predicados nominais, mas nos exemplos seguintes, combina-se com predicado verbal; e nos dois casos o resultado é um predicado nominal:

772) *awa pa u-jeʔa-imeʔe*
 quem P 3-chorar-NPP
 ‘quem é o que não chora?’

773) *awa pa u-jija-imeʔe*
 quem P 3-cantar-NPP
 ‘quem é o que não canta?’

774) *awa pa u-jĩ-imeʔe*
 quem P 3-correr-NPP
 ‘quem é o que não corre?’

775) *awa pa jati Ø-ʔu-imeʔe*
 quem P jabuti R¹-comer-NPP
 ‘quem é o que não come jabuti?’

776) *awa pa tata r-ap-ime?e -*
 quem P fogo R¹-acender-NPP
 ‘quem é o que não acende fogo?’

777) *awa pa u-ata-ime?e*
 quem P 3-andar-NPP
 ‘quem é o que não caça?’

O morfema privativo *ime?e* é, na realidade, a contraparte negativa do nominalizador *me?e*, nominalizador de predicados. De acordo com Rodrigues (1953, 1981), morfemas como esse, formam em Tupinambá novos predicados.

Em Araweté o morfema *me?e* combinado com predicados nominais ou verbais forma novos predicados, da mesma forma que a sua contra-parte *ime?e*.

Outros exemplos com *ime?e*

778) *h-emijka-ime?e t-ehe*
 R²-esposa-NPP R²-CR
 ‘ele é sem esposa’

779) *he r-u?ime?e pi r-ehe*
 1 R¹-estar/ficar-NPP pé R¹-CR
 ‘eu fiquei sem pé’

780) *Eliete r-uirũ-ime?e mide r-ehe*
 Eliete R¹-saudade- NPP 123 R¹-CR
 ‘E. ficou sem saudade de nós’

8. 4 Conclusão

Descrevemos neste capítulo as estratégias da língua Araweté identificadas até o presente para negar o conteúdo informacional de constituintes discursivos - argumentos, predicados, circunstâncias e sentenças. Mostramos que o Araweté possui três partículas que podem ser analisadas como sendo marcadores de negação de predicados ou de sentenças, sendo que uma delas, a partícula *ja ~ ja (we)* nega também constituintes menores. Seguindo Solano e Cabral (2007), dada a alta frequência desta partícula, assim como a possibilidade de negar vários tipos de constituintes e de ser também a estratégia usada para negar constituintes topicalizados, consideramos essa partícula a expressão da negação padrão da língua Araweté.

Quanto às partículas *imi* e *hana*, vimos que têm distribuição mais restrita do que a partícula *ina ~ na*. Demonstramos que *imi* é usada em comandos com um significado proibitivo, mas que em enunciados no modo indicativo tem um significado de privativo; e que a partícula *hana* tem uma função *coibitiva* e que é própria de comandos (cf. SOLANO e CABRAL, 2007).

Finalmente mostramos que o sufixo *-ime?e* embora tenha uma função privativa, é usada para negar predicados nominalizados que podem funcionar como predicados estativos ou como argumento.

CAPÍTULO IX

9. Perguntas

9.1 Introdução

Neste capítulo descrevemos os principais tipos de perguntas identificadas até o presente em Araweté. Demonstraremos que a língua distingue dois principais tipos de perguntas, perguntas sim/não ou polares e perguntas informacionais, mas que possui outras construções usadas retoricamente para obter respostas.

9.1.1 A partícula *pa*

Perguntas polares e perguntas informacionais exigem que o constituinte questionado seja seguido da partícula *pa* - também pronunciada *pu* quando precede a partícula de foco *ku* - que expressa ‘modalidade alética’, marcando o desconhecimento do falante sobre a verdade do conteúdo informacional (cf. cap. XVI).

9.1.1.2 Perguntas polares

Na perguntas polares o falante quer apenas saber a verdade ou falsidade do conteúdo da informação questionada:

781) *ne r-upehi pa ne*
2 R¹-sono P 2
‘você está com sono?’

782) *pẽ pu ku meju pe-ãu*
23 P FOC beiju 23-comer
'foram vocês que comeram beiju?'

783) *ne pu ku miniju ere-puwĩ*
2 P FOC algodão 2-fiar
'foi você que fiou algodão?'

784) *pẽ pu ku pida pe-hi*
23 P FOC peixe 23-assar
'foram vocês que assaram peixe?'

785) *ere-nupĩ pa ne*
3-bater P 2
'foi você que bateu nele?'

9.1.1.3 Perguntas informacionais

Nas perguntas informacionais o falante busca respostas informativas evidenciando que as desconhecem, como mostram os seguintes exemplos:

786) *awa pa h-uiru-me?e*
quem P R²-saudade-NP
'quem está com saudade?'

787) *meʔe pa rupe*
o que P isso
'o que é isso?'

788) *awa pa tata u-meni*
o que P fogo 3-acender
'quem acendeu o fogo?'

789) *awa pu ku u-wahẽ*
o que P FOC 3-chegar
'quem foi que chegou?'

790) *awa pu ku u-ha Jereʔehi r-ewe*
o que P FOC 3-ir Jereʔehi R¹-CA
'quem foi com a Jereʔehi?'

9.1.1.3.1 O que pode ser questionado em perguntas polares

Os constituintes sintáticos que podem ser questionados em perguntas polares são os que funcionam como argumentos, quantificadores numerais, predicados, e expressões adverbiais:

Argumentos

Sujeito

791) *ne pu ku u-ha Iwaneru r-ewe*
2 P FOC 3-ir Iwaneru R¹-CA
'você foi com o Iwaneru?'

792) *pẽ pu ku madĩra pe-aĩ*
23 P FOC mandioca 23-plantar
'foram vocês que plantaram mandioca?'

793) *ne pu ku nataĩ ere-ka*
2 P FOC coco.de.babaçu 2-quebrar
'foi você que quebrou coquinho?'

794) *pẽ pu ku meju pe-ĩu*
23 P FOC beiju 23-comer
'foram vocês que comeram beiju?'

Predicados verbais

795) *pe-ha pu ku pẽ pe-jahu parani-we*
23-ir P FOC 23 23-banhar rio-LP
'vocês vão banhar no rio?'

796) *ere-karu puta pa ne*
2-comer querer P 2
'você quer comer?'

797) *pe-piř* *puta* *pa* *pě*
2-costurar DESI P 23
'vocês querem costurar?'

Predicados nominais

798) *řjahu* *pa* *ruwĩ* *nřha*
R²-nova P esta rede
'é nova esta rede?'

799) *ne* *r-uima* *pa* *ne*
2 R¹-fome P 2
'você está com fome?'

800) *pě* *r-upehi* *pa* *pě*
23 R¹-sono P 2
'vocês estão com sono?'

801) *ne* *r-upehi* *puta* *pa* *ne*
2 R¹-sono DESI P 2
'você quer dormir?'

Sintagmas posposicionais

802) *meʔe n-ehe pa ne Ø-ʔ e-jɨ-mukaʔa ku*
o que R¹-CR P 2 R¹-estar.sentado e-REFL-pensar FOC
'com o que você está pensando?'

803) *e r-eka-ti pa mide Ø-ha*
esse R¹-estar.em.mov-LD P 123 R¹-ir
'vamos para este lado?'

804) *awa-pi pa wɨ n-uɨ u-jija*
quem-LA P esses R¹-estar/ficar 3-cantar
'para quem eles estão cantando?'

9.1.1.4 Perguntas informacionais

Perguntas informacionais são feitas por meio de palavras ou expressões interrogativas seguidas da partícula alética *pa*. Nas perguntas informacionais se questiona sobre o sujeito, o objeto direto, o objeto indireto e demais sintagmas circunstanciais que expressam modo, causa, finalidade, quantidade, que caracteriza a realização de uma ação, de um evento ou de um estado.

awa

Por meio da palavra *awa* se pergunta sobre argumentos humanos:

805) *awa pa h-uirũ nete-meʔe*
quem P R²-saudade muito
'quem está com muita saudade dele?'

- 806) *awa pa tʃi-meʔe*
 quem P bonita-NP
 ‘quem é bonita?’
- 807) *awa pa u-ha haʔiwe*
 quem P 3-ir amanhã
 ‘quem vai amanhã?’
- 808) *awa pa u-purahẽ kaʔarume*
 quem P 3-dancar ontem
 ‘quem dançou ontem?’
- 809) *awa pu ku u-ʃĩ*
 quem P FOC 3-correr
 ‘quem foi que correu?’
- 810) *awa pa u-ha piɖanaʔĩ*
 quem P 3-ir mariscar
 ‘quem vai mariscar/pegar peixe?’
- 811) *awa pa tata h-api reʔe*
 quem P fogo R²-fazer.fogo AT.OUTRO
 ‘quem fez o fogo?’
- 812) *awa-pi pa wĩ n-uĩ u-jija*
 quem- LA P 3 R¹-estar/ficar 3CORR-cantar
 ‘para quem eles estão cantando?’

813) *awa pa meʔe u-mupipu kumete*
quem P coisa/caça 3-cozinhar hoje
'quem é o que vai cozinhar caça hoje?'

814) *awa pa u-ha pida Ø-muja*
quem P 3-ir peixe R¹-pegar
'quem vai pegar-peixe?'

815) *awa pa t-upaʔi u-piʔa kumete*
quem P R⁴-roupa 3-fazer hoje
'quem será que fará saia hoje?'

816) *awa pu ku u-meʔẽ*
quem P FOC 3-dar
'quem deu para ele?'

817) *awa pu ku he Ø-ru aʔi*
quem P FOC 1 R¹-trazer REIT
'quem trouxe para mim?'

818) *awa pu ku tata u-meni*
quem P FOC fogo 3-acender
'quem acendeu o fogo?'

819) *awa pu ku madíʔa we u-tĩ*
quem P FOC fogo também 3-plantar
'quem também vai plantar mandioca?'

820) *awa pu ku u-ha Luciana r-ewe*
 quem P FOC 3-ir Luciana R¹-CA
 ‘quem foi com a Luciana?’

awa nahu.....rupa/nupa

A partícula *nahu* ‘suposto’ seguindo a palavra *awa* contribui com a idéia de ‘suposta pessoa’ e a palavra *rupa* ~ *nupa* ‘probabilidade’, no final da sentença, contribui para sinalizar a expectativa do falante em relação à certeza ou falsidade do conteúdo informacional:

821) *awa nahu me?era?a u-mupipu rupa*
 quem SUP comida 3-cozinhar PROB
 ‘quem será que vai cozinhar comida?’

822) *awa nahu mutu u-muje?ẽ rupa*
 quem SUP motor 3-ligar PROB
 ‘quem será que ligará o motor?’

823) *awa nahu hemediw Ø-?u rupa*
 quem SUP remédio R¹-tomar PROB
 ‘quem será que vai tomar remédio?’

meʔe

A palavra *meʔe* significa ‘o que’, sendo usado com referência a seres não humanos:

824) *meʔe pa rupe*
o que P isso
‘o que é isso?’

825) *meʔe pu ku ne ere-ʔu*
o que P FOC 2 2-comer
‘o que você comeu?’

826) *meʔe pu ku mǐde u-ʔu kumete*
o que P FOC 123 3-comer hoje
‘o que nós comeremos hoje?’

827) *meʔe r-ehe pa ne d-ʔha*
o que R¹-CR P 2 R¹-rede
‘com o que é (feita) tua rede?’

828) *meʔe r-ehe he pa pē-nã*
o que R¹-CR DESII P 23-ir
‘com que vocês desejam ir?’

829) *meʔe r-ehe pa ne ʔ*
o que R¹-CR P 2 estar.em.pé
‘o que você quer?’

830) *meʔe r-ahe wĩ h-eru rupa reʔe*
 o que R¹-CR 3 R²-trouxe PROB AT.OUTRO
 ‘com o que será que a trouxeram?’

831) *meʔe r-ahe ku miðe u-ʔu kumete*
 o que R¹-CR FOC 123 3-comer hoje
 ‘com o que nós comeremos hoje?’

marĩ

A palavra *marĩ* pode ser traduzida por ‘o que’ em perguntas como ‘o que você têm?’ ou ‘como’ em perguntas ‘como você fez tal coisa?’:

832) *marĩ pu ku ne iwi-ku-karu*
 o que P FOC 2 terra-buraco-cavar
 ‘como você cavou.buraco?’

833) *marĩ pa ne reʔe*
 o que P 2 AT.OUTRO
 ‘o que você tem?’

834) *marĩ pa reʔe*
 o que P AT.OUTRO
 ‘o que ele tem?’

835) *marĩ pu ku pẽ*
 o que P FOC 23
 ‘o que vocês têm?’

marĩma ~ marĩmũ

A palavra *marĩma ~ marĩmũ* requer informações sobre o “porquê dos fatos”:

836) *marĩma pu ku ne r-udĩ ja kaʔarume aʔĩ*
 por que P FOC 2 R¹-voltar NEG ontem REIT
 ‘por que você não voltou ontem?’

837) *marĩma pu ku ne maka Ø-meʔẽ ja we ha he r-e*
 por que P FOC 2 manga R¹-dar NEG TOP ir 1 R¹-CR
 ‘por que você não vai dar manga para mim?’

838) *marĩmũ pa ne r-uri aʔĩ*
 por que P 2 R¹-alegre REIT
 ‘por que você está alegre?’

839) *marĩmũ pa ne Ø-ha belem-ipi*
 por que P 2 R¹-ir belem-LA
 ‘por que você vai para Belém?’

840) *marĩmũ pa u-wahẽ ja nu*
 por que P 3-chegar NEG de novo
 ‘por que ele não chegou de novo?’

841) *marĩmũ pu ku u-wahẽ ja we re?e*
 por que P FOC 3-chegar NEG TOP AT.OUTRO
 ‘por que ela ainda não chegou?’

842) *marĩmũ pa e-jahu ja we u-ĩ*
 por que P 2-banhar NEG TOP 3-estar.em.pé
 ‘por que ela não foi tomar.banho?’

843) *marĩmũ pa ku ï-jĩ-pihi ja we re?e*
 por que P FOC R²-REFL-pintar NEG TOP AT.OUTRO
 ‘por que ela não se pintou?’

844) *marĩmũ pa ne e-jĩ-upa?ĩ amute mujĩ ja we re?e*
 por que P 2 2-REFL-roupa outra fazer NEG TOP AT.OUTRO
 ‘por que você não trocou de roupa?’

mamu

A palavra *mamu* é usada quando se quer perguntar sobre ‘o lugar para onde se foi ou se veio’:

845) *mamu pu ku ne Ø-ja*
 onde P FOC 2 R¹-vir
 ‘onde você veio?’

846) *mamu pu ku u-ja*
onde P FOC 3-vir
'onde ele veio?'

847) *mamu pu ku pe Ø-ha*
onde P FOC 23 R¹-ir
'onde vocês foram?'

mĩ ~ mĩhĩ

A palavra interrogativa *mĩ ~ mĩhĩ* é usada quando se pergunta sobre um *lugar* (estático) em que algo ou alguém se encontra:

848) *mĩ pa Kunirikuti e?e*
onde P Kunirikuti esse
'cadê a Kunirikuti?' 'onde está a Kunirikuti?'

849) *mĩ pa Tatuaru e?e*
onde P Tatuaru esse
'cadê o Tatuaru?'

850) *mĩhĩ pa ja e?e*
onde P dono/senhor esse
'cadê o dono?'

851) *mĩhĩ pa eʔe*
 onde P esse
 ‘cadê ele?’

852) *mĩhĩ pa jarutʃu eʔe*
 onde P canoa esse
 ‘cadê a canoa?’

853) *mĩhĩ a-ka ime pu ku Nivaldo u-ha reʔe*
 onde 1-estar/ficar quando/se P FOC Nivaldo 3-ir AT.OUTRO
 ‘onde eu estava quando o Nivaldo foi?’

854) *mĩhĩ a-ka ime pu ku ja ĩ reʔe*
 onde 1-estar/ficar quando/se P FOC onça estar.em.pé AT.OUTRO
 ‘onde eu estava quando a onça apareceu?’

mĩhĩjije ~ mĩjije

A palavra *mĩhĩjije ~ mĩjije* é usada para perguntar sobre o ‘quando’ ou ‘quanto’ com respeito ao acontecimento dos fatos. Essa palavra ocorre no início de orações com predicados modificados pela conjunção *me*, a qual pode ser opcionalmente seguida pela partícula *nupa*:

855) *mĩhĩjije pa Nivaldo r-udĩ me*
 quando P Nivaldo R¹-voltar quando/se
 ‘quando será que o Nivaldo voltará?’

- 856) *mĩhĩjije pa Silvana Ø-wahẽ me*
quando P Silvana R¹-chegar quando/se
‘quando será que a Silvana chegará?’
- 857) *mĩhĩjije pa Silvana r-udĩ me nupa*
quando P Silvana R¹-voltar quando/se PROB
‘quando será que a Silvana vai voltar?’
- 858) *mĩhĩjije pa Juliana r-udĩ me nupa*
quando P Juliana R¹-voltar quando/se PROB
‘quando será que a Juliana vai voltar?’
- 859) *mĩhĩjije pa amĩ Ø-ja me nupa*
quando P chuva R¹-vir quando/se PROB
‘quando será que a chuva virá?’
- 860) *mĩhĩjije pa Benigno Ø-ja me nupa*
quando P Benigno R¹-vir quando/se PROB
‘quando será que o Benigno virá?’
- 861) *mĩjĩje pa jahi ne Ø-ja me*
quanto P lua 2 R¹-vir quando/se
‘quantas luas faltam para a tua vinda?’
- 862) *mĩjĩje pa pĩda n-eru reʔu*
quanto P peixe R¹-trazer esse
‘quantos peixes ele trouxe?’

- 863) *mĩjĩje pa jahi pẽ Ø-ja mẽ*
 quanto P lua 23 R¹-vir quando/se
 ‘quantas luas faltam para vocês virem?’

9.1.1.5 Sintagmas adverbiais complexos usados para perguntar

Finalmente, palavras interrogativas combinadas com morfologia casual ou com posições são usadas para perguntar sobre circunstâncias diversas:

na direção de onde

- 864) *mĩhĩ Ø-iti pa mĩde Ø-ha*
 onde R¹-CD P 123 R¹-ir
 ‘para que lado nós iremos?’

- 865) *mĩhĩ Ø-iti pu ku u-iwũ*
 onde R¹-CD P FOC 3-flechar
 ‘em que direção ele flechou?’

instrumento

- 866) *me?e Ø-iwe pu ku madĩ?a e-kĩĩ a?ĩ*
 o que R¹-CI P FOC mandioca 2-ralar REIT
 ‘com o que rala mandioca?’

- 867) *meʔe* \emptyset -*iwe* *pu* *ku* *pẽ* \emptyset -*madiʔa* *e-k#i* *aʔi*
 o que R¹-CI P FOC 23 R¹-mandioca 2-ralar REIT
 ‘com o que rala a mandioca de vocês?’

em que lugar

- 868) *mĩ-we* *pu* *ku* *utʃi* *u-mara* *h-akawa*
 onde-LP P FOC farinha 3-mandar R²-jogar
 ‘onde ele mandou jogar a farinha?’

- 869) *mĩ-we* *pu* *ku* *pẽ* \emptyset -*ha* *kaʔapite-we*
 onde-LP P FOC 23 R¹-ir roça-LP
 ‘onde vocês vão na roça?’

em que direção

- 870) *awa* \emptyset -*kati* *pu* *ku* *ĩ ʔi*
 o que R¹-LD P FOC R²-estar.em.pé
 ‘em direção de quem ele está?’

- 871) *mĩhĩ* \emptyset -*ti* *pu* *ku* *u-ha*
 onde R¹-CD P FOC 3-ir
 ‘em direção de quem ele foi?’

- 872) *awa* \emptyset -*kati* *pu* *ku* *h-aʔa* *u-ita*
 o que R¹-LD P FOC R²-atravessar 3-nadar
 ‘em direção de quem ele nadou?’

a respeito de que

873) *meʔe r-ehe pa ne ku ere-mukaʔa ku*
o que R¹-com P 2 FOC 2-pensar FOC
'em que você está pensando?'

874) *meʔe r-ehe pa ruʔu ku u-mukaʔa ku*
o que R¹-com P este.deitado FOC 3-pensar FOC
'em que ela está pensando?'

875) *meʔe r-ehe pa t-u u-jʔ-mukaʔa ku*
o que R¹-com P R²-pai 3-REFL-pensar FOC
'em que ele se lembra do pai dele?'

876) *meʔe r-e pa mʔde r-uʔ u-jʔ-mukaʔa ku*
o que R¹-com P 123 R¹-estar/ficar 3-REFL-pensar FOC
'em que nós estamos pensando/lembrando?'

877) *meʔe r-ehe pa pẽ r-uʔ pe-jʔ-mukaʔa ku*
o que R¹-com P 23 R¹-estar/ficar 23-REF-pensar FOC
'em que vocês estão pensando/lembrando?'

9.1.1.5 Perguntas retóricas

Os Araweté fazem também uso de orações sem a partícula alética para obter uma confirmação ou uma negação relativa ao conteúdo informacional expresso, como por exemplo, quando dizem:

- 878) *ne r-u*
 2 R¹-pai
 ‘teu pai?’ ou ‘você tem pai?’
- 879) *ne r-erekũ*
 2 R¹-marido
 ‘teu marido?’ ou ‘você tem marido?’
- 880) *pẽ Ø-tfirima*
 23 R¹-cansado
 ‘estão cansados?’ ou ‘vocês tem cansaço?’

Quando um Araweté se aproxima pela primeira vez de alguém, pode proferir esse enunciado para obter uma resposta sim/não. Há ocasiões em que conhece a resposta, mas usa a forma declarativa como pergunta retórica.

9.2 Conclusão

Neste capítulo descrevemos os diferentes tipos de perguntas identificadas até o presente na língua Araweté. Mostramos que perguntas polares e perguntas informacionais exigem que o constituinte questionado seja seguido da partícula *pa* que é uma das expressões de modalidade ‘alética’ nessa língua. Apresentamos vários exemplos contendo as diferentes partículas modalizadoras de perguntas e ressaltamos que uma oração declarativa pode ser usada retoricamente para fazer perguntas.

A variedade de partículas usadas em perguntas na língua Araweté corresponde às distinções culturais que fazem os Araweté, como as de *estático* versus *dinâmico* com respeito ao conceito de *onde*, ou a não distinção de *quanto* versus *quando*.

Finalmente, os exemplos apresentados mostram que a posição periférica à esquerda da sentença, é a posição dos constituintes questionados, ou seja, é uma posição de tópico/foco.

CAPÍTULO X

10. Derivações

10.1 Introdução

Neste capítulo, tratamos dos processos de derivações de nomes em Araweté. Dentre estes há os que formam nomes de verbos e os que formam nomes de outros nomes. Reservamos o termo *nominalização* para denominar o processo de formação de nomes a partir de palavras de outras classes ou a partir de sentenças (cf. LYONS, 1968; QUIRK *at all* 1985, entre outros). Mostraremos que em Araweté existem três morfemas genuinamente nominalizadores, o “nominalizador de predicados”, que é o morfema *-meʔe/-imeʔe*, o nominalizador de “nome de paciente” *-mire* e o nominalizador de “nome de objeto” *emí*. Há um outro morfema, o sufixo *-ha* que, embora forme nomes de agente e nomes de circunstância a partir de verbos, pode formar também nomes de circunstância a partir de nomes de sensações ou de qualidades, razão pela qual não o consideramos um mero nominalizador, mas um derivador de nomes de agente, quando aplicado a verbos, e de circunstância, quando aplicado a verbos e também a nomes que referem entidades correspondentes a sensações e qualidades.

10.2 O morfema *-ha*

10.2.1 O morfema *-ha* combinado com verbos transitivos

Verbos transitivos combinados com o morfema *-ha* resultam em nomes de agente ou de circunstância – instrumento, lugar, modo, escopo temporal, etc.

- 881) \emptyset -*uʔi* \emptyset -*muji-ha*
R⁴-flecha R¹-fazer-DNAC
‘fazedor de flecha’, ‘instrumento de fazer flecha’

- 882) \emptyset -jarut \dot{f} u \emptyset -mu \dot{f} ĩ-ha
 R⁴-canoa R¹-fazer-DNAC
 ‘fazedor de canoa’, ‘instrumento de fazer canoa’
- 883) t-upa \dot{f} ĩ \emptyset -pituka-ha
 R⁴-roupa R¹-lavar-DNAC
 ‘o que lava roupa’, ‘o lugar ou instrumento de lavar roupa’
- 884) \dot{f} -t \dot{f} it \dot{f} ĩ-ha
 R²-lavar-DNAC
 ‘lavador disso’, ‘instrumento de lavar isso’
- 885) t-uha \emptyset -me \dot{f} ĩ-ha
 R⁴-remédio R¹-dar-DNAC
 ‘o que dá remédio (enfermeiro)’, ‘o lugar onde se dá remédio’
- 886) a-j \dot{f} -pa-pituka ku he \dot{f} -pituka-ha \emptyset -iwe
 1-REFL-mão-lavar FOC 1 R²-lavar-DNAC R¹-CINS
 ‘eu lavei minhas mãos com sabão’

10.2.2 O morfema *-ha* combinado com verbos intransitivos

O morfema *-ha* combinado com verbos intransitivos resultam em nomes de circunstância, podendo, dependendo da semântica do verbo resultar em um nome de agente:

887) *t-eputi-ha*

R⁴-merda-DNAC

‘lugar de cagar’

888) *he Ø-tfe-ha hete ku reʔa*

1 R¹-dormir-DNAC VRD FOC este.sentado

‘aqui é meu lugar mesmo de dormir’

10.2.3 morfema *-ha* combinado com nomes de sensações e de qualidades

Novos nomes derivados de temas nominais de sensação e de qualidade exprimem uma circunstância que pode ser traduzida, por exemplo, como o ‘estar alegre’ em contraste com ‘alegria’, o ‘estar com sono’ em contraste com ‘sono’, o ‘estar cansado’ em contraste com ‘cansaço’, o ‘imenso’ em contraste com ‘imensidão’ e o ‘largo’ em contraste ‘largura’. Ou seja, trata-se de uma diferença entre uma sensação ou qualidade que é uma propriedade de algo ou alguém e a circunstância de estado dessa qualidade ou sensação. Comparem-se os seguintes exemplos 889 com 890, d com r, etc...:

889) *te ne he Ø-tfirima ja we*

VDR 2 1 R¹-cansaço NEG TOP

‘não é o meu cansaço que você quer’

890) *ere-tfa ja ne he Ø-tfirima-ha*

2-ver NEG 2 1 R¹-cansaço-DNAC

‘você não viu meu estar cansaço’

- 891) *h-upehi ina*
 R²-sono NEG
 ‘não existe sono desse’
- 892) *u-pa ku he r-upehi*
 3-acabar FOC 1 R¹-sono
 ‘o meu estar com sono acabou’
- 893) *a-etfa he ne r-upehi-ha*
 1-ver 1 2 R¹-sono-DNAC
 ‘eu vi o teu sonhar’
- 894) *u-pa ja he r-uri-ǂ*
 3-acabar NEG 1 R¹-alegria-ATEN
 ‘meu estar alegrezinho não acabou’

Jere?eru Araweté, um dos meus principais professores, quando me ensinou o contexto exato do uso de *r-uri-ha*, enfatizou que era durante o tempo em que a pessoa tinha alegria ou estava alegre. Da mesma forma quando falava em ‘*ne r-upehi-ha*’, perguntava sempre, é “quando tu dormes?”. Estas ressalvas e indagações fortalecem a interpretação de que nomes de qualidade ou de sensação quando combinados com o sufixo *-ha* correspondem a um nome de circunstância.

- 895) *u-pa ku pẽ Ø-tfirima-ha*
 3-acabar FOC 2 R¹-cansaço-DNAC
 ‘o estar cansaço de vocês acabou’

896) *h-uwiha-uhu ña*
 R²-grande-INTS NEG
 ‘não fique grande’

897) *u-pa ku ne Ø-tfiriĩ-ha*
 3-acabar FOC 2 R¹-triste-DNAC
 ‘teu estar triste acabou’

10.3 O nominalizador de paciente *-mire*

O nominalizador *-mire* deriva nomes pacientes de verbos transitivos e de verbos intransitivos. Corresponde, em vários aspectos, ao que Rodrigues chamou de nominalizador de ‘nome de paciente’ em Tupinambá, razão pela qual optamos por assim nomear o sufixo *mire-* do Araweté. Exemplos ilustrativos de deverbais formados com *-mire* são os seguintes:

898) *u-mara ja Maria ñ-kutfa-ha-mire*
 3-mandar NEG Maria R²-escrever-DNAC-NPAC
 ‘a Maria não mandou carta (o escrito/a missiva)’

899) *u-mara herĩha ja ñ-kutfa-mire*
 3-mandar DUB NEG R²-escrever-NPAC
 ‘parece que ela não mandou carta (o escrito/a missiva)’

900) *u-mu-jere-mire ku*
 3-CAUS-girar-NPAC FOC
 ‘está mexido’

901) *madíʔa* *ð-amí-mire*
 mandioca R²-expremer-NPAC
 ‘mandioca prensada’

902) *ina* *í-mu-pẽ-mire* *tʃipẽ*
 NEG R²-CAUS-quebrar-NPAC um
 ‘parece que não tem nenhum (pau) quebrado’

Em seguida apresentamos exemplos com o mesmo tema verbal usado como base derivacional de um nome de circunstância e como nome paciente:

903) *ure* *ku* *í-kutʃa-ha* *uru-mara*
 13 FOC R²-escrever-DNAC 13-mandar
 ‘nós (excl.) mandamos caneta’

904) *uru-mara* *ja* *ure* *í-kutʃa-mire*
 13-mandar NEG 13 R²-escrever-NPAC
 ‘nós não mandamos carta’

Note-se que o exemplo 903 é nome de circunstância (a caneta é um instrumento de existência atual), mas o exemplo 904 é um nome de paciente, ou seja, algo que foi escrito. Ressaltamos que o nominalizador de paciente dá sempre a idéia de algo que já foi ou que deveria ter sido.

Outra particularidade dos nomes de paciente é que eles podem servir de base para outras derivações, como, por exemplo, para a derivação de verbos transitivos por meio do morfema *-mu* ‘causativo’:

905) *u-mu-pirĩrĩ-mire rupe tu pida*
 3-CAUS-fritar-NPAC esse.alongado deitado peixe
 ‘ali , ela fritou o peixe’

906) *a-mu-jere-mire ku he a-?u*
 1-CAUS-girar-NPAC FOC 1 1-ingerir
 ‘eu tomei misturado/mexido’

10.4 O nominalizador *-emĩ*

O nominalizador *-emĩ* forma, a partir de um verbo transitivo, um nome que corresponde ao objeto deste.¹³, como é o caso do morfema *emi-* do Tupinambá que Rodrigues cunhou de nominalizador de ‘nome de objeto’ (RODRIGUES, 1953:146).

Exemplos do Araweté são os seguintes:

907) *he r-emĩ-upuihi ja he*
 1 R¹-NO-vomitar NEG 1
 ‘eu não tive vômito’

908) *h-emĩ-upuihi u-ka*
 R²-NO-vomitar 3-estar.em.mov
 ‘esse (bebê) está vomitando’

¹³ Viveiros de Castro (1986:15-16) chamou esse sufixo de *apassivizador*.

909) *u-mujĩ ja utfĩ h-emĩ-ũu-mu*
3-fazer NEG farinha R²-NO-ingerir-TRANS
'ele não fez farinha para sua comida'

910) *u-mujĩ ku pĩda h-emĩ-ũu-mu*
3-fazer FOC peixe R²-NO-ingerir-TRANS
'ele pegou peixe para sua comida'

911) *Siwana h-emĩ-arĩ-me?e*
Silvana R²-NO-esperar- NP
'Silvana é esperada'

10.5 O morfema *-me?e/-ime?e*

Em Araweté, qualquer predicado pode ser nominalizado pelo morfema *me?e/ime?e*. Dadas as características desse nominalizador, adotamos o nome que foi dado por Rodrigues ao morfema cognato do Tupinambá (*-ba?e*) (RODRIGUES, 1953). Descrevemos em seguida os tipos de predicados nominalizados por *me?e/ime?e*.

10.5.1 Nominalizações de predicados que têm por núcleo um nome com referente concreto

912) *t-u-me?e ne*
R²-pai- NP 2
'você tem pai'

913) *íhi-meʔe ne*
 R²-mãe-NP 2
 ‘você tem mãe’

914) *íhi-meʔe rupe*
 R²-mãe-NP esse.alongado
 ‘esse tem mãe’

Note-se que, em todos esses exemplos, a expressão nominal (resultado da nominalização por meio de *meʔe*) é um predicado de natureza possessiva.

10.5.2 Nominalizações de predicados que têm por núcleo um nome com referente que corresponde a uma qualidade ou a uma sensação

Nos exemplos seguintes, as nominalizações funcionam como predicados essivos:

915) *Ø-puku-meʔe ne*
 R²-comprido- NP 2
 ‘você é comprido’

916) *eʔe rupe Ø-puku-meʔe*
 esse esse.alongado R²-comprido-NP
 ‘esse outro é comprido’

917) *Ø-puku-meʔe pete meme ure*
 R²-comprido-NP ENF ENF 13
 ‘nós somos compridos mesmo’

918) *h-aʔa-meʔe*
R²-carne- NP
'é gordo'

919) *h-aʔa-meʔe he*
R²-carne -NP 1
'sou gordo'

920) *h-aʔa-meʔe ne*
R²-carne-NP 2
'você é gordo'

921) *ʔi-pideʔʔ-meʔe ne*
R²-magro-NP 2
'você é magro'

922) *ʔi-pideʔʔ-meʔe rupe*
R²-magro- NP esse.alongado
'esse é magro'

Nominalizações de predicados que têm por núcleo um verbo intransitivo

Os exemplos seguintes com verbos intransitivos são também de natureza essiva.

923) *he u-ata-meʔe*
1 3-andar-NP
'eu sou caçador' ou 'eu sou o que caça'

924) *he u-ata-rete-me?e*
1 3-andar-VRD-NP
'eu sou o bom caçador' ou 'eu sou o que caça bem'

925) *awa pa u-je?a-rete-me?e*
quem P 3-chorar-VDR-NP
'quem é o que chora mesmo?'

926) *awa pa u-je?a-ime?e*
quem P 3-chorar-NPP
'quem não chora'

927) *awa pa u-jija-me?e*
quem P 3-cantar-PN
'quem canta?'

928) *awa pa u-jĩ-ime?e*
quem P 3-correr-NPP
'quem é que não corre?'

929) *awa pa u-je?e-nete-ime?e*
quem P 3-correr-VRD-NPP
'quem é que não fala mesmo?'

10.6 Nominalizações de predicados que têm por núcleo um verbo transitivo

O nominalizador *-meʔe/-imeʔe* também nominaliza predicados que têm por núcleo um verbo transitivo. O resultado é também um predicado de natureza nominal:

930) *awa pa jatɨ Ø-ʔu-imeʔe*
quem P jabuti R¹-ingerir-NPP
‘quem é que não come jabuti?’

931) *awa pa tata r-api-imeʔe*
quem P fogo R¹-fazer.fogo-NPP
‘quem é que não fez fogo?’

Os exemplos seguintes mostram nomes derivados por meio do derivador de nomes de agente e de circunstância que têm por base predicados nominalizados por *-meʔe/-imeʔe*.

Note-se também que a base da derivação com *meʔe/-imeʔe* pode ser um deverbal oriundo de um verbo transitivo combinado com o sufixo *-ha*: *verbo transitivo* nominalizado que têm por núcleo nominalizações derivadas a partir de verbos transitivos combinadas com o derivador de nomes de agente e de circunstância, que por sua vez são a base de nominalização com o mesmo derivador de agente e de nome de circunstância:.

932) *ɨ-kutʃa-ha-meʔe-ha pa he*
R²-escrever-DNAC-NP- DNAC P 1
‘eu sou professora?’

933) *ure ɨ-kutʃa-ha-meʔe-ha*
13 R²-escrever-DNAC-NP-DNAC
‘nós somos professores’

Finalmente, os nomes resultantes das nominalizações com *-me?e* (afirmativo) ou *-ime?e* (negativo) podem funcionar como argumento ou como predicado nominal.

Argumento

934 *te ne Ø-ha u-jija-me?e r-enu*
 VDR 2 R¹-ir 3-cantar-NP R¹-ouvir
 ‘você vai para ouvir o que canta’

935) *uru-ha ure u-jija-me?e r-enu*
 13-ir 13 3-cantar-NP R¹-ouvir
 ‘nós vamos ouvir o que canta’

Predicado

936) *he Ø-?u-ime?e he*
 1 R¹-carne-NPP 1
 ‘eu não tenho carne’ ‘eu sou o que não tem carne (sou magro)’

937) *he Ø-pa-hu-ime?e he*
 1 R¹-pa-INT-NPP 1
 ‘eu não tenho dedão’

938) *ne Ø-pa-í-me?e ne*
 2 R¹-mão-fina-NPP 2
 ‘tua mão é fina, miúda’

- 939) *he Ø-tʃi-uhu-meʔe ja we*
 1 R¹-mão-INT-NPP NEG TOP
 ‘eu não tenho nariz grande’

10.7 O morfema *-mu*

No capítulo V tratamos da combinação do morfema *mu-* com verbos intransitivos, combinação esta que corresponde a um processo de causativização. O mesmo morfema *mu-* pode combinar-se com nomes que exprimem sensações ou qualidades para formar um verbo transitivo, como em *mu-* + *kaʔẽ* ‘fazer.seco’, ‘moquear’.

- 940) *uru-tʃitʃi-mu-kaʔẽ ku ure*
 13-guariba-CAUS-moquear FOC 13
 ‘nós fazemos.moquear guariba’

- 941) *he r-emjĩka ku u-mu-ra reʔe*
 1 R¹-esposa FOC 3-CAUS-amargo AT.OUTRO
 ‘minha esposa (o) fez amargo’

- 942) *e-mu-aku ĩ*
 2-CAUS-esquentar água
 ‘faça.esquentar água’

- 943) *a-mu-ruhĩ ku he ĩ*
 1-CAUS-esfriar FOC 1 água
 ‘eu faço.esfriar água’

O morfema *mu-* mantém sua função factiva ao combinar-se com nomes de sensações e de qualidade, e o resultado da derivação é também um verbo transitivo. Entretanto, à diferença do objeto de um verbo transitivo derivado por meio de *mu-* combinado com um tema verbal intransitivo, que é na realidade um agente, o objeto de um verbo derivado da combinação de *mu-* com um nome é sempre um paciente.

10.8 Conclusão

Neste capítulo tratamos de derivações de nomes e de verbos em Araweté. Mostramos que essa língua possui três nominalizadores propriamente ditos, os nominalizadores *-meʔe/-imeʔe* ‘derivador de predicados’, *-mire* ‘nominalizador de nome de paciente’ e *emí* nominalizador de ‘nome de objeto’. Demonstramos que o nominalizador de paciente tem características peculiares, como o fato de ser base de derivações por meio do prefixo *mu-* ‘causativo’, assim como o fato de incluir em seu significado o de entidade de existência retrospectiva. Mostramos que o nominalizador *meʔe/* nominaliza predicados de núcleos de várias naturezas e que os nomes resultantes podem funcionar como argumentos e como predicados, mas que, quando funcionam como predicados são sempre de natureza nominal.

Tratamos do morfema derivacional *-ha* que deriva nomes de verbos, mas também de nomes de sensações e de nomes de qualidades, razão pela qual optamos por chamá-lo de “derivador de nome de agente/circunstância”. Argumentamos ainda que o fato deste morfema se combinar com nomes dessa natureza e não com nomes concretos, é conseqüência da natureza dos nomes de qualidade e de sensações. Só estes podem ser a base de nomes que exprimem circunstância, como a circunstância de ‘estar alegre’, de ‘estar triste’, de ‘estar cansado’, o que não é normal quando se trata de nomes como ‘mão’, ‘faca’, ‘pai’.

Finalmente tratamos da combinação do morfema *mu-* com nomes de sensação e de qualidade. Mostramos que essa combinação faz do morfema *mu-* um derivador de verbos transitivos, a partir de verbos e a partir de nomes. Com verbos intransitivos o objeto do verbo derivado é um agente, mas com nomes, o resultado é um paciente.

CAPÍTULO XI

11. Composição

11.1 Introdução

Neste capítulo tratamos do processo de composição lexical em Araweté, com base no estudo seminal de Rodrigues (1952) “Composição em Tupí”. Mostraremos que o Araweté distingue dois tipos de composição, composição propriamente dita e incorporação. Fundamentaremos uma análise que mostra ser a composição propriamente dita a reunião de dois temas, formando um novo substantivo, que como observa Rodrigues, funciona como qualquer outro substantivo na língua. Por outro lado, incorporação é o tipo de composição que consiste na reunião íntima de um nome e de um verbo, em que o primeiro pode seguir ou preceder este último.

Mostraremos que, no caso de um nome preceder o verbo na composição, dependendo da sua natureza relativa ou absoluta, o verbo derivado pode ser respectivamente transitivo ou intransitivo¹⁴. Diferentemente do que tem sido chamado de incorporação sintática¹⁵ na literatura Tupí-Guaraní, salvo Rodrigues (1952) e Leite (1993), a nossa análise dos fatos do Araweté é a de que não há incorporação sintática nesta língua, mas um processo de composição lexical como proposto por esses dois autores para outras línguas Tupí-Guaraní.

11.2 Composição

Composição propriamente dita em Araweté pode ser de dois tipos, determinativa e atributiva.

¹⁴ Este capítulo resume as principais idéias sobre incorporação em quatro línguas Tupí-Guaraní, dentre as quais o Araweté, desenvolvido em co-autoria com Cabral, Rodrigues (Rodrigues, Cabral e Solano, em preparação).

¹⁵ As situações em que um nome precede um tema verbal na composição têm sido vistas como um processo sintático, como em Kamaiurá, por Seki (2000).

11.2.1 Composição determinativa

Composição determinativa é aquela resultante da combinação de dois nomes concretos, ou de dois verbos, um determinando o outro, em que o primeiro determina o segundo:

944) *he r-amĩ-kũ*

1 R¹-orelha-buraco

‘meu brinco’

945) *mutuhurĩ-rĩru*

motor-recipiente

‘recipiente de gasolina’

946) *ĩ-rĩru*

água-recipiente

‘garrafa de água’

947) *katfe-rĩru*

café-recipiente

‘garrafa de café’

948) *he Ø-iwi-kũ-muja-ha*

1 R⁴-terra-buraco-fazer-DNAC

‘eu sou cavadora de buraco’

- 949) *ne r-eha-tuʔu-me*
2 R¹-olho-lama-RETR
'tua remela'

11.2.2 Composição atributiva

Na composição atributiva, o segundo elemento é o atributo, como mostram os seguintes exemplos:

- 950) *he Ø-pa-p#ere*
1 R¹-mão-meio
'dedo do meio'

- 951) *tawi-p#idí* *heĩ*
formiga-vermelha ter.muito
'tem muita formiga vermelha'

- 952) *tata-fĩ*
fogo-branco
'fumaça'

- 953) *ma-puku*
cobra-comprido
'arco-íris'

- 954) *ita-pe-tĩ*
pedra-chata-branca
'pedra chata branca'

11. 3 Incorporação

Incorporação em Araweté consiste na composição de um nome ao verbo, precedendo-o ou seguindo-o. Quando o nome incorporado segue o verbo, que pode ser transitivo ou intransitivo, tem função aspectual, como mostra o seguinte exemplo:

- 955) *a-jija-ipi*
1-cantar-começo
'eu começo a cantar'

O segundo caso, aquele em que o nome precede o verbo, caso em que este é obrigatoriamente transitivo, pode ser exemplificado pelos exemplos seguintes:

- 956) *a-jj-jiwa-mupe* *ku* *he*
1-REFL-braço-fazer.quebrar FOC 1
'eu me quebrei.braço'

- 957) *ne* *ku* *kume?e* *ere-pi-ka*
2 FOC homem 2-pé-cortar
'você cortou.pé do homem'

958) *pe-eha-mamu ku pẽ tuĩ*
23-olho-furar FOC 23 periquito
‘vocês furaram.olho do periquito’

959) *ere-jeme-ũu ku ne*
2-lábio-morder FOC 2
‘você mordeu .lábio

960) *a-pa-ũu ku he tairuhu*
1-dedo-morder FOC 1 menino
‘eu mordi o dedo da criança’

11.3.1 Incorporação de um nome a um verbo transitivo: processo de derivação lexical

A incorporação de um nome a um verbo transitivo em Araweté é um processo de composição lexical. Uma das indicações disso é a derivação de deverbais a partir de um tema, que é ele próprio resultado da derivação de um nome a partir da composição de um verbo transitivo e um nome na função de um objeto. Exemplos:

961) *he Ø-awitʃi-muju-ha*
1 R¹-piolho-tirar-DNAC
‘eu sou a tiradora/ catadora de piolho’

962) *t-upaʔpiʔa-ha*
R⁴-roupa-costurar- DNAC
‘fiadora, costuradora de saia’

- 963) *jaʔẽ-muji-ha* *ne*
 vasilha de barro-fazer- DNAC 2
 ‘você é fazedora de vasilha.de.barro’

Mithun (1984:848) faz a seguinte observação sobre o termo incorporação:

o termo “incorporação” é usado geralmente para referir um tipo particular de composição em que um verbo (V) e um nome(N) se combinam para formar um novo verbo, sendo que o nome (N) assume relações semânticas específicas – paciente, localização ou instrumento - de seu verbo agregador.

A visão de que há incorporação nominal em línguas Tupí-Guaraní é bastante difundida na literatura sobre as línguas dessa família, e, embora em vários trabalhos ela seja considerada um processo sintático, não são encontrados nesses estudos fundamentos para a caracterização do processo como tal.¹⁶

Um dos pontos comuns às descrições sobre essas línguas é o de que quando nomes dependentes ou relativos (‘possuídos’ na terminologia usada por vários dos estudiosos dessas línguas) são incorporados a um verbo, o resultado da incorporação é um verbo transitivo, ao passo que quando o nome incorporado é absoluto (ou genérico), o resultado é um verbo intransitivo.

Rodrigues (1952:8) já observara que

... Na incorporação do objeto, o tema do substantivo precede o tema verbal transitivo. Se o substantivo incorporado estiver na forma absoluta, ou se for conjugável, ou se se empregar indeterminadamente, o todo resultante será um verbo intransitivo, em caso contrário, i. e, se for conjugável, não estando na forma absoluta, será um verbo transitivo.

¹⁶ Vieira e Leite, observam que o Araweté também possui um processo de incorporação, do tipo *possessor-stranding*, “...que se caracteriza pela incorporação ao verbo apenas do elemento possuído...”. As autoras exemplificam o processo pelos seguintes exemplos:

(48)a *y-ywan ky Eryary Biraw pa* “O Eduardo furou a mão do Biral”
3ª-furar ky Eduardo Biral mão
 b *y-pa-ywan ky Eryary Biraw* “O Eduardo furou a mão do Biral”
3ª-mão-furar ky Eduardo Biral

Na nossa análise dos dados do Araweté o verbo em b) é derivado de *-pa-* ‘mão e *-ywã* ‘furar’ que resulta em *-pa-ywã* ‘furar mão’, um tema transitivo, inclusive por ser *-pa* um tema relativo. Quem fura mão, fura mão de algo ou alguém, exigindo, assim, dois argumentos.

Exemplos de incorporação nominal no Tupinambá dados por Rodrigues (1952:8) são:

-obá ‘rosto’ + *-epják* ‘ver + t- ‘genérico e humano’ = ‘ver rostos humanos’

-pysá ‘rede’ + *eityk* ‘lançar’ = ‘lançar rede’

-ko ‘roça’ + *moñang* ‘fazer’ = ‘fazer roça’

Os fatos observados por Rodrigues sobre incorporação nominal com respeito ao Tupinambá (RODRIGUES, 1952) e tem sido observado em várias outras línguas em que o fenômeno é ativo, como em Kamaiurá (SEKI, 2000) e em Avá (GONZALÉZ, 2005), mostram que o nome possuidor torna-se argumento deste novo-verbo, o que não altera a valência original do verbo. Por outro lado os fatos observados por Rodrigues (1952) mostram que o verbo transitivo com o nome não possuível incorporado altera a sua valência original, tornando-se intransitivo. Exemplos do Kamaiurá dados por Seki são:

tajau-a r-apiʔa ere-ʔok

porco-N R-testículos 2sg-arrancar

‘você extraiu os testículos do porco’ (SEKI, 2000:144)

(ene) tajau-a ere-apiʔa-ʔok

você porção-N 2sg-testículos-arrancar

‘você testículos-extraiu ao porco’ (SEKI, 2000:144)

jawar-a o-y-ʔu

onça-N 3-água-ingerir

‘a onça está bebendo água’ (SEKI, 2000:146)

González (2005:173) observa a respeito dos objetos genéricos incorporados, que este tipo de incorporação funciona como uma estratégia destransitivadora de verbos transitivos.

Ressalta que a partícula nominal *piri-* codifica a incorporação de um objeto humano e, uma vez que a incorporação funciona como uma estratégia de transitivisadora (exemplo 362), a co-ocorrência do morfema genérico *piri-* com um nome objeto não é gramatical, como mostra o exemplo (363):

(362) a-piri-mora'ä

1SGAC-IHO-hate

I don't love them (GONZÁLEZ, 2005:174)

(363) *sanya'i-re a-piri-mora'ä

child-PL 1SGAC-IHO-hate

*I don't love the children (GONZÁLEZ, 2005:174)

Rose (2003:382-383) ressalta que as construções reflexivas constituem um excelente teste de transitividade para o radical ao qual se aplica e como em Emérillon o prefixo reflexivo pode se aplicar a “...un verbe à objet incorporé...”, logo trata-se de um verbo transitivo. Rose fala exatamente da incorporação de nomes dependentes, cujos exemplos usados pela autora são os seguintes, para os quais preservamos a numeração original:

(883) o-ho o-ze-ǰlu-mõde.

3.I-aller 3.I-REFL-vêtements-mettre

Il va s'habiller.

(884) o-ze-ǰlu-ǰog.

3.I-REFL-vêtements-enlever

Il se déshabille. (enlève son déguisement de macaque, action fréquente pour ce personnage en l'occurrence)

(885) o-ze-wa-pihi-pihi-Ñ.

3.I-REFL-visage-RED-mettre.eau.sur-PL.S

Ils se passent de l'eau sur le visage.

(886) o-**ze**-k_j-esag-o kupao.

3.I-REFL-pou-voir-CONT PL.S

Elles se cherchent les poux.

Vieira (1993) oferece uma larga discussão sobre os prós e os contras de análises como as de Baker (1985) sobre a natureza sintática da incorporação nominal e, embora não seja conclusiva com respeito ao que ocorre em Asuriní, mostra que vários argumentos utilizados por Baker não funcionam para essa língua, como por exemplo, o de que um determinante de um nome pode ocorrer sozinho na posição de objeto quando há incorporação por movimento sintático. Segundo Vieira, em Asuriní, demonstrativos e numerais não seriam propriamente determinantes, mas advérbios ou nominais que não formam com o nome um constituinte complexo (VIEIRA:1993-215). Vieira evidencia os vários argumentos de Leite (1993:5) contra a natureza sintática de tipos de incorporação em Tapirapé.

Voltando ao Araweté, como já argumentamos anteriormente, há indicações de que, nessa língua, o fenômeno correspondente ao que é chamado de incorporação em outras línguas Tupí-Guaraní trata-se de um processo morfológico, que consiste na combinação de dois temas – um nome absoluto ou relativo e um verbo –, formando um novo item lexical. Este processo deriva tanto núcleos de predicados verbais (exs.956-960) quanto núcleo de predicados nominais (exs. 961-963).

Em Araweté, tanto nomes relativos (ex. 956-57) quanto nomes absolutos (ex. 969) podem se combinar com verbos transitivos para formar novos verbos. O tema verbal (transitivo e intransitivo) apresenta flexão pessoal que codifica o sujeito (*a-* 1, *ere-* 2, *u-* 3, *uru-* 13, *pe-* 23), quando o objeto é de terceira pessoa.

964) *madetfaka* *n-eha*
pajé R¹-olho
‘olho do pajé’

965) *a-namĩ-mamu ku he ĩ-memi*
 1-orelha-furar FOC 1 R²-filho
 ‘eu furei.orelha(ao) filho desse’

966) *ere-pi-ika ku ne kumeʔe*
 2-pé-cortar FOC 2 homem
 ‘você cortou.pé (ao) homem’

967) *u-pa-ʔu ku tajruhu*
 3-dedo-morder FOC menino
 ‘ele mordeu.dedo (ao) menino’

O exemplo 965 apresenta o nome relativo “orelha” em uma estrutura, na qual é determinado pela expressão “filho desse”. No exemplo 958, o nome “olho” combina-se com o verbo transitivo ‘furar’, formando um novo verbo “furar.olho”. O resultado dessa combinação lexical mantém inalterada a transitividade original do verbo furar. A prova disso é a realização sintática de um nome, no caso do exemplo 965, o nome “filho desse”, na qualidade de objeto direto do verbo “furar.olho”. Por outro lado, quando um nome genérico se combina com um verbo transitivo, o resultado desse tipo de composição é um verbo intransitivo.

968) *iwi ku a-karũ*
 terra FOC 1-cavar
 ‘cavei terra’

969) *a-iwi-karũ ku he*
 1-terra-cavar FOC 1
 ‘eu cavei.terra’

970) *pe-kaʔapite-meni ku pẽ*
 23-roça-queimar FOC 23
 ‘vocês queimaram.roça’

Diferentemente do exemplo 965, os exemplos 969 e 970 são indicação de que a composição nome.absoluto +verbo transitivo resulta em um verbo intransitivo, visto que não permite um objeto sintático. Esse tipo de combinação não poderia resultar em um verbo transitivo em Araweté, uma vez que um tema absoluto é naturalmente um elemento intransitivizador, como em ‘cavar-buraco’, ‘revolver-terra’, ‘comer-banana’, fato que os impedem de requerer um objeto direto, uma vez que são intransitivos.

Quanto à composição de nome relativo com um verbo transitivo, esta naturalmente requer um objeto direto; ‘furar.orelha’, ‘lavar.mão’. Em línguas Tupí-Guaraní estes são verbos que requerem um objeto, como ‘eu te furo orelha’, ‘eu me lavo.mão’, por exemplo’.

Nos casos em que um verbo transitivo é derivado por meio de composição, quando o agente é maior na hierarquia do que o paciente, o verbo recebe prefixos relacionais e o seu objeto é expresso como qualquer tema mais nominal, ou seja, estabelece-se uma relação do tipo determinação nominal (cf. DIETRICH, 2001).

971) *pẽ Ø-pi-ika ku he*
 23 R¹-pé.cortar FOC 1
 ‘eu cortei.pé de vocês’(ou ‘houve cortar.pé com respeito a vocês, por mim’)

972) *ne Ø-pi-ika ku he*
 2 R¹-pé.cortar FOC 1
 ‘eu cortei o teu pé’(ou ‘houve cortar.pé com respeito a ti, por mim’)

973) *he Ø-pi-ika ku ne*
 1 R¹-pé.cortar FOC 2
 ‘você cortou meu pé’(ou ‘houve cortar.pé com respeito a mim, por ti’)

974) *ne ku he Ø-jíwa-mu-pẽ*
 2 FOC 1 R¹-braço-CAUS.quebrar
 ‘você quebrou meu braço’(ou ‘houve quebrar.braço com respeito a mim, por ti’)

A tradução alternativa dos quatro últimos exemplos é, na realidade, a tradução literal deles. Na qualidade de nomes de ação e de núcleos de predicados nominais, equivalem a qualquer predicado de base nominal em Araweté. Comparem-se esses exemplos com os exemplos dados em seguida.

975) *ure r-uima ure*
 13 R¹-fome 13
 ‘nós temos fome’ (‘existe fome de nós, com respeito a nós’)

976) *ne Ø-tfirima ne*
 2 R¹-cansado 2
 ‘você está cansado’ (‘há cansaço de ti, com respeito a ti’)

977) *he Ø-memi*
 1 R¹-filho
 ‘eu tenho filho’ ‘existe filho de mim’

978) *ure r-upaĩ*
 13 R¹-saia
 ‘nós temos saia’ (‘é saia de mim’)

979) *pe n-ewe r-ahi pẽ*
23 R¹-barriga R¹-dor 23
'vocês têm dor de barriga' ou 'existe dor da barriga de vocês'

980) *he ku ne Ø-nupĩ*
1 FOC 2 R¹-bater
'houve bater de mim em você'

981) *pẽ n-etfa ku ure*
23 R¹-ver FOC 13
'nós vimos vocês'

982) *he ku a-ja ne r-etfa*
1 FOC 1-ir 2 R¹-ver
'eu vou te ver'

983) *he r-ahi Ø-hana didĩ ne r-udĩ*
1 R¹-doença R¹-parar depois 2 R¹-voltar
'quando parar minha dor, você volta (ou 'haverá teu voltar)'

984) *ha?ĩwe ure Ø-hipa Ø-muti*
amanhã 13 R¹-corda R¹-puxar
'amanhã tem puxar de corda de nós'

Temas verbais derivados por meio de composição envolvendo a combinação de um nome relativo e de um verbo transitivo, como qualquer tema transitivo dessa língua pode ser

submetido à derivação por meio do prefixo reflexivo que sinaliza no tema verbal que o paciente é igual ao sujeito.

985) *ere-jĩpa-ika ku ne*
2-REFL-mão-cortar FOC 2
'você se cortou.mão'

986) *u-jĩ-atfĩ-nupĩ ku*
3-REFL-cabeça-bater FOC
'ele se bateu.cabeça'

Temas que resultam da combinação de verbos intransitivos causativizados por meio do prefixo causativo *mu-* podem entrar em composição com nomes relativos, e o tema resultante pode, por sua vez, combinar-se da mesma forma com o prefixo reflexivo.

987) *ne ku ere-jĩwa-mu-pẽ*
2 FOC 2-braço-CAUS-quebrar
'você fez.quebrar braço dele'

988) *kumete ku ne he Ø-pi?ãpẽ-mu-pa*
hoje FOC 2 1 R¹-unhadopé-CAUS-tirar
'hoje você fez.tirar minha unha do pé'

989) *uru-jĩ?ã-mu-nĩje ku ure*
13-REFL-cabelo-CAUS-pentear FOC 13
'nós fizemos pentear cabelo a nós mesmos'

Finalmente, reiteramos com mais exemplos de nominalizações a idéia de que incorporação de objeto em Araweté é, na realidade, um processo lexical:

990) *jeme-pihi-ha*

lábio-pintar-DNAC

‘batom’

991) *t-eniwa-pí-raspar-ha*

R⁴-queixo-raspar-DNAC

‘barbeador’

992) *he r-eniwa-pí-ha*

1 R¹-queixo-raspar-DNAC

‘meu barbeador’

993) *he Ø-iwi-ku-muja-ha*

1 R⁴-terra-buraco-fazer-DNAC

‘eu sou cavadora de buraco’

11.4 Conclusão

Neste capítulo reunimos uma variedade de dados que nos permitem adiantar algumas conclusões sobre o processo de composição em Araweté.

Há, nessa língua, dois tipos de composição, a composição propriamente dita e a incorporação. A primeira pode ser determinativa e atributiva. A determinativa é aquela resultante da combinação de dois nomes concretos, ou de dois verbos, um determinando o

outro, em que o primeiro determina o segundo, enquanto que a composição atributiva ocorre com a união de um nome concreto e um nome de qualidade ou sensação, um nome e um verbo intransitivo, ou dois verbos.

Mostramos que a incorporação de um substantivo ao verbo é um processo tão lexical quanto os demais processos de composição, como exemplificam as nominalizações de agente e de circunstância obtidas a partir da composição nome+verbo transitivo.

CAPÍTULO XII

12. Reduplicação

12.1 Introdução

Neste capítulo descrevemos as características formais e funcionais dos processos de reduplicação que formam novas palavras em Araweté. O estudo considera a descrição das possibilidades de reduplicação de temas ou partes destes em Tupinambá por Rodrigues (1953), o qual constitui uma rica contribuição para os estudos do fenômeno em línguas Tupí. Como mostraremos no que segue, o Araweté apresenta padrões de reduplicação muito próximos dos encontrados em Tupinambá.

12.2 A reduplicação em Tupinambá, segundo Rodrigues (1953)

Rodrigues (1953) descreve três possibilidades de reduplicação de temas ou partes destes para o Tupinambá, todas com contribuições aspectuais, a saber: *verbo plural*, *freqüentativo* e *intensivo*. A reduplicação que contribui com a noção de aspecto ‘verbo plural’ obtém-se pela reduplicação monossilábica do tema e significa, segundo Rodrigues (1953:138), a realização múltipla do processo, ou sucessiva ou simultaneamente, como em:

mokón ‘engolir’ --> *mo-kó-kón* ‘engolir muitas coisas sucessivamente’

sok ‘quebrar-se’ --> *só-sók* ‘quebrar-se por muitas partes’ (simultaneamente ou sucessivamente)

sém ‘sair’ --> *sé-sém* ‘saírem sucessivamente’

pór ‘dar um salto’ --> *po-pór* ‘dar (muitos) saltos’

O segundo tipo de reduplicação é chamado por Rodrigues de reduplicação dissilábica e é a que expressa a noção aspectual de freqüentativo. Diz Rodrigues (*ibdem*) que a reduplicação dissilábica “... significa que o processo é repetido diversas vezes”:

mokón ‘engolir’ --> *mokó-mokón* ‘engolir muitas vezes’

tykyr ‘pingar’ (cair uma gota)’ --> *tyky-tykyr* ‘gotejar’

Rodrigues acrescenta que, se o tema for monossilábico, a reduplicação atingirá também a sílaba que o preceder imediatamente, respeitando assim o padrão dissilábico:

syk ‘chegar’ --> *a-syk* ‘chego’ --> *a-sy-asyk* ‘chego muitas vezes’; *ere-syk* ‘tu chegas’ --> *ere-sy-re-syk*, ‘tu chegas frequentemente’

mondyk ‘fazer chegar’--> *mo-ndy-mo-ndyk* ‘fazer chegar frequentemente’

só ‘ir’ --> *oro-só* --> *oro-só-ro-só* ‘nós (excl.) vamos frequentemente’

Rodrigues ressalta também que quando o fonema final do tema passa a constituir uma só sílaba com a vogal do sufixo, como ocorre no modo gerúndio, a reduplicação abrande essa tal vogal:

apití ‘matar’ --> *apitj-ábo* --> *apiti-á-piji-ábo*;

mo-mbeú ‘dizer, narrar’ --> *mo-mbegw-ábo* --> *mo-mbegw-á-mbegw-ábo*

A reduplicação dissilábica é também o meio pelo qual a língua Tupinambá expressa o aspecto intensivo, conforme Rodrigues (p. 139):

mo-jegwák ‘enfeitar’ --> *mo-jegwá-jegwák* ‘enfeitar muito, enfeitar bem’;

ekó-tebẽ ‘estar triste’ --> *ekó-tebe-tebẽ* ‘estar muito triste’.

12.3 Reduplicação em Araweté

Em Araweté encontramos os mesmos tipos de reduplicação descritos para o Tupinambá por Rodrigues (1953), a reduplicação monossilábica e a reduplicação dissilábica. A única diferença formal do Araweté com respeito ao Tupinambá é a de não ter sufixo de gerúndio e consoantes finais, de forma que a reduplicação dissilábica terá sempre o padrão CV.

12.3.1 Reduplicação monossilábica

Aspecto plural, ou seja, significa a realização múltipla do processo, ou sucessiva ou simultaneamente (cf. RODRIGUES, 1953):

994) *a-he te-ata-ata*
1-ir 1CORR-andar-andar
'eu vou andando (ininterruptamente)'

995) *he Ø-apa rete te he katfe-ríru*
1 R¹-pertence ENF VDR 1 café-recipiente
'a garrafa de café é minha, de verdade'

12.3.2 Reduplicação dissilábica

Como em Tupinambá, a reduplicação dissilábica na língua Araweté consiste na repetição das duas últimas sílabas do tema e expressa as noções aspectuais de *freqüentativo* e *intensivo*:

-*puhu* ‘passear’

- 996) *a-he te-puhu-puhu*
1-ir 1CORR-passear-passear
‘eu passeio freqüentemente’ ou ‘eu passeio muito’
- 997) *ere-puhu-puhu ku ne*
3-passear-passear FOC 2
‘você passeou muito’
- 998) *u-jeŕẽ-jeŕẽ-nete-meŕe wĩ*
3-passear-passear-VDR-NP esses
‘eles falam repetidamente ou freqüentemente’
- 999) *u-maŕẽ-maŕẽ u-ẽ he r-e*
3-olhar-olhar 3-ESTAR.SENTADO 1 R¹-CR
‘ele está olhando.olhando intensamente ou freqüentemente pra mim’
- 1000) *a-jĩ-peju-peju ku he*
3-REFL-abanar-abanar FOC 1
‘eu me abanei muito’
- 1001) *ere-jĩ-peju-peju ku ne*
2-REFL-abanar-abanar FOC 2
‘você se abanou muito’

- 1002) *pe-jeʔẽ-jeʔẽ a-mara*
 23-falar-falar 1-mandar
 ‘eu mando vocês falarem muito’
- 1003) *a-nupĩ-nupĩ ku he iwi*
 1-bater-bater FOC 1 chão
 ‘eu bati no chão, várias vezes’
- 1004) *he r-uri-ruri*
 1 R¹-alegre-alegre
 ‘estou muito alegre’
- 1005) *ne r-uri-ruri*
 2 R¹-alegre-alegre
 ‘você está muito alegre’
- 1006) *he r-iri-iri he te-ju*
 2 R¹-tremar-tremar 1 1CORR-estar.deitado
 ‘eu estou tremendo muito’
- 1007) *ne r-iri-iri ne e-ĩ*
 2 R¹-tremar-tremar 2 1CORR-estar.em.pé
 ‘você está tremendo muito’
- 1008) *iwi ku ure Ø-jere-jere*
 chão FOC 13 R¹-girar-girar
 ‘no chão, nós rolamos’

1009) *iwi ku pe Øjere-jere*
 chão FOC 23 R¹-girar-girar
 ‘no chão, vocês rolaram’

1010) *ure r-uri-ruri ruku ure meʔe-meʔe didi*
 13 R¹-alegre-alegre isso 13 coisa-coisa depois

ure r-e aʔi
 13 R¹-CR REIT
 ‘quando é presente pra nós, nós ficamos muito alegres’

1011) *a-tʃe-a-tʃe tʃi ku he aʔi*
 1-dormir-dormir COMP FOC 1 REIT
 ‘eu dormi’ ou ‘eu já dormi várias vezes’ ou ‘eu já dormi muito’

1012) *a-jɨ-pihi-pihi tʃi ku he*
 1-REF-pintar-pintar COMP FOC 1
 ‘eu me pinto freqüentemente’

1013) *u-wahẽ-wahẽ h-eka h-upehi-ha*
 3-chegar-chegar R²-estar.em.mov R²-sono-DNAC
 ‘o sono está chegando, chegando’

1014) *a-mujɨ-pamɨ-pamɨ tʃi he reʔa*
 1-fazer-afogar-afogar COMP 1 esse
 ‘eu faço ele se afogar (empurrando-o para dentro d’água várias vezes)’

- 1015) *uru-jeʔẽ-jeʔẽ ure uru-ju Marukaʔhi r-ehe*
 13-falar-falar 13 13-estar.deitado *Marukaʔhi* R¹-CR
 ‘nós estamos falando continuamente com a Marukaʔihi’
- 1016) *pawẽ ipiũ he Ø-kuru-kuru u-tʃĩ*
 muito piũ 1 R¹-ferrar-ferrar 3-ferrar
 ‘tem muito piũ me ferrando (vários piuns e muitas ferradas)’

Também como em Tupinambá, quando o tema é monossilábico, é considerada na reduplicação a sílaba imediatamente precedente:

- 1017) *u-jĩ-u-jĩ ku*
 3-correr-3-correr FOC
 ‘ele correu muito’ ou ‘ele corre frequentemente’
- 1018) *uru-jĩ-ru-jĩ ku ure*
 13-correr-13-correr FOC 13
 ‘nós corremos muito’ ou ‘nós corremos freqüentemente’
- 1019) *mĩde ku u-jĩ-u-jĩ*
 123 FOC 3-correr-3-correr
 ‘nós corremos muito’ ou ‘nós corremos freqüentemente’

- 1020) *u-jĩ-u-jĩ* *puta* *wĩ*
3-correr-3-correr DESI esses
'eles querem correr muito'

12.4 Conclusão

Neste capítulo tratamos dos tipos de reduplicação em Araweté. Mostramos que essa língua apresenta dois tipos de reduplicação, um tipo que é monossilábico e outro que é dissilábico, justamente como ocorre em Tupinambá, como descrito por Rodrigues (1953) para quem se trata de reduplicação silábica. Como o Araweté é uma língua que não possui consoantes em posição de declive silábico, nem sufixos com sílabas pré-tônicas acentuadas, mantém integralmente as seqüências sonoras do tema original, diferentemente do Tupinambá, que por possuir características como aquelas, tinha seqüências sonoras modificadas por processos morfo-fonêmicos ativos na língua, como a queda de consoantes finais de tema nas junturas de temas reduplicados ou na assilabificação de vogais altas finais de temas seguidos do sufixo de gerúndio (cf. RODRIGUES, 1953:138).

Finalmente, os exemplos usados no presente estudo permitem o entendimento de que a definição exata da modalidade aspectual caracterizadora de um predicado, por exemplo, se contribuinte das noções de intensivo ou freqüentativo, depende de vários fatores, os quais vão de fatores pragmáticos a fatores como a semântica do predicado e/ou da natureza dos referentes dos argumentos desses predicados.

CAPÍTULO XIII

13. Hierarquia de pessoa em Araweté

13.1 Introdução

Neste capítulo focalizamos a hierarquia de pessoa vigente na língua Araweté, com base no estudo pioneiro sobre hierarquia referencial em línguas Tupí, por Monserrat e Soares (1983). Mostramos que o Araweté diferencia-se da maioria das línguas Tupí-Guaraní por ter regularizado dois padrões de alinhamento, um nominativo e outro absoluto, mas que só o primeiro manifesta-se em predicados propriamente verbais (cf. RODRIGUES E CABRAL, 2006; CABRAL, RODRIGUES, SOLANO E MONSERRAT, 2009).

13.2 Hierarquia referencial em línguas Tupí

Monserrat e Soares (1983) inauguram, no âmbito dos estudos Tupí, uma discussão sobre Hierarquia Referencial, doravante HR, tomando por base as idéias desenvolvidas por Hawkinson e Hyman (1974), Foley (1976) e Silverstein (1976), para os quais há uma hierarquia natural de tópico, em que o falante tem precedência sobre o ouvinte, o qual, por sua vez, tem precedência sobre nomes próprios; estes têm precedência sobre nomes comuns humanos, os quais têm precedência sobre nomes comuns animados e, ainda, estes, sobre inanimados. A escala hierárquica de pessoa, considerando as diferentes contribuições, é representada por Monserrat e Soares (1983:165) como se segue:

falante > ouvinte > nome próprio > nome comum (humano) > animado > inanimado >

Montserrat e Soares (1983), fundamentadas no estudo da expressão de pessoa em 17 línguas Tupí chegam a conclusões importantes sobre a configuração da distribuição de marcas pessoais nessas línguas, até então não vistas em uma perspectiva tipológica através de um conjunto de línguas geneticamente relacionadas.

Das conclusões a que chegaram as autoras, destacamos as seguintes:

...A forma particular de que se reveste a HR característica das línguas Tupí, manifestada por “morfemas de caso” (ao marcar o verbo transitivo, a função correspondente ao referente mais alto da oração na HR), insere esse grupo de línguas entre as menos comuns e seu estudo, por conseguinte, no âmbito dos menos triviais (p. 165-166).

...No que diz respeito ao funcionamento da hierarquia referencial na família tupí-guaraní, constatamos que a maior parte das línguas apresenta um hierarquia referencial nas formas verbais transitivas, que recebem, quase sempre, o prefixo referente ao papel desempenhado pelo referente hierarquicamente superior; constatamos ainda que o funcionamento de tal hierarquia é integral ou parcial conforme seja resolvida nessas línguas a relação sujeito ‘eu’/objeto ‘você’. Em outras palavras, na maior parte das línguas a hierarquia se mantém em todas as relações exceto naquelas em que se tem sujeito ‘eu’/objeto ‘você(s)’ e sujeito ‘nós’/objeto ‘vocês’, constituindo-se em possível situação de quebra da mencionada HR o fato de o verbo apresentar um prefixo cuja forma não corresponde à esperada, ou seja, não aparece o prefixo correspondente ao sujeito de 1ª. pessoa do singular ou do plural (p. 166-167).

Montserrat e Soares (p. 167), em função dos seus achados relativos à distribuição de marcas pessoais nos verbos de línguas Tupí-Guaraní agrupam essas línguas como a seguir:

I) prefixo tomado pelo verbo, em todas as relações transitivas é o correspondente à função desempenhada pelo referente e hierarquicamente superior, o que é dizer, a HR funciona integralmente. Estão neste caso as línguas Kajabí e Awetí;

II) nas relações sujeito ‘eu’/objeto ‘você’ e sujeito ‘eu’/objeto ‘vocês’, o prefixo tomado pelo verbo é uma aglutinação do prefixo subjetivo da primeira pessoa e do objetivo de segunda pessoa. O Sateré representa tal situação;

III) nas relações sujeito ‘eu’/objeto ‘você’ e sujeito ‘eu’/objeto ‘vocês’, o prefixo tomado pelo verbo coincide formalmente com o de sujeito da primeira pessoa do plural, rompendo-se aparentemente a HR que, no entanto, mantêm-se nas demais relações. Estão nesta situação o Asuriní e o Oyampí;

IV) na relação sujeito 'eu'/objeto você', o prefixo que ocorre junto ao verbo possui a forma do subjetivo de primeira pessoa do plural e, na relação sujeito 'eu'/objeto 'vocês', o prefixo apresentado pela forma verbal é opo-, sem relação formal transparente com os demais prefixos da série relativos à primeira e segunda pessoas. Está nesse caso o Kamaiurá;

V) na relação 'eu'/objeto você', o prefixo tomado pelo verbo coincide com o do subjetivo de primeira pessoa do plural e, na relação sujeito 'eu'/objeto 'vocês', o prefixo apresentado é ãpa- ou apo-, aparecendo também este último prefixo quando se trata da relação sujeito 'nós'/ objeto 'vocês'. Desse casoconstituem exemplos as línguas Tapirapé (ãpa-) e Parintintim e Tupinambá (opo-);

VI) na relação sujeito 'eu'/objeto 'você', aparece junto ao verbo o prefixo com forma de sujeito de primeira pessoa do plural; na relação sujeito 'eu'/objeto 'vocês', ocorre o prefixo –apo ou apu-; e quando se trata da relação sujeito nós/ objeto 'vocês', ocorre oropo- ou urupu-. Nessa situação se encontram o Guajajára, o Tembê e o Kaiwá.

As autoras observam ainda (p. 168) que o Tupinambá apresenta uma quebra adicional às elencadas, especificamente na relação entre sujeito 'eu' ou 'você'/objeto 'ele', "...ao expressar no verbo simultaneamente o prefixo subjetivo e objetivo correspondente." Observam, por outro lado, "...que a hierarquia se mantém, no entanto, quando se trata de terceira pessoa como sujeito, caso em que ocorrem os prefixos objetivos de primeira ou segunda pessoa."

Monserrat e Soares (1983) consideram a HR vigente em línguas de outras quatro famílias Tupí, mas para a o presente estudo, foram focalizadas as considerações das autoras fundamentalmente sobre HR em línguas Tupí-Guaraní.

13.3 A HR vigente no Araweté

A distribuição das marcas pessoais na língua Araweté fundamenta a caracterização de uma HR em que a primeira pessoa tem a mesma posição hierárquica que a segunda pessoa, de forma que nos predicados transitivos, quando o sujeito (agente) é uma terceira pessoa e o objeto uma primeira ou segunda pessoa, o que é associado morfossintaticamente ao verbo é o objeto. Isto independentemente do fato de o sujeito ser nome próprio, um nome comum de referente animado ou um nome de referente inanimado. O objeto é, então, relacionado ao verbo por meio de flexão relacional, formando com este uma unidade sintática, e o sujeito só é expresso sintaticamente quando há necessidade de esclarecer a sua identidade, ou por ênfase. Exemplos:

1021) *he* *∅-nupĩ* *ku*
1 R¹-bater FOC
'ele me bateu'

1022) *ure* *∅-nupĩ* *ku*
13 R¹-bater FOC
'ele nos bateu'

1023) *ne* *∅-nupĩ* *ku*
2 R¹-bater FOC
'ele bateu em você'

1024) *pẽ* *∅-nupĩ* *ku*
23 R¹-bater FOC
'ele bateu em vocês'

1025) *ne r-etfa ku*
2 R¹-bater FOC
'ele viu você'

1026) *ure r-etfa ku*
13 R¹-bater FOC
'ele nos viu'

1027) *pẽ n-etfa ku*
23 R¹-bater FOC
'ele viu vocês'

Quando o sujeito (agente) é de primeira pessoa e o objeto de segunda pessoa, a língua faz uso de padrão análogo, o objeto é relacionado ao verbo por meio de flexão relacional, formando com este uma unidade sintática:

1028) *he ku ne Ø-nupĩ*
1 FOC 2 R¹-bater
'eu bati em você'

1029) *pẽ Ø-nupĩ ku he*
23 R¹-bater FOC 1
'eu bati em vocês'

1030) *ne r-etfa ku he*
2 R¹-ver FOC 1
'eu vi você'

1031) *ure ku ne Ø-pĩĩĩ*
13 FOC 2 R¹-beliscar
'nós beliscamos você'

1032) *ure ku pẽ Ø-pĩĩĩ*
13 FOC 23 R¹-beliscar
'nós beliscamos vocês'

Note-se que o mesmo padrão é usado quando uma segunda pessoa é sujeito e uma primeira pessoa é objeto:

1033) *pẽ ku he Ø-nupĩ*
23 FOC 1 R¹-bater
'vocês bateram em mim'

1034) *pẽ ku ure Ø-nupĩ*
23 FOC 13 R¹-bater
'vocês bateram em nós'

1035) *he r-etfa ku ne*
1 R¹-ver FOC 2
'você me viu'

1036) *he r-etfa ku pẽ*
1 R¹-ver FOC 23
'vocês me viu'

1037) *ure r-etfa ku pẽ*
13 R¹-ver FOC 23
'vocês nos viram'

1038) *ne ku ure Ø-piĩĩ*
2 FOC 13 R¹-beliscar
'você nos beliscou'

1039) *ne ku he Ø-piĩĩ*
2 FOC 1 R¹-beliscar
'você me beliscou'

1040) *pẽ ku he Ø-piĩĩ*
23 FOC 1 R¹-beliscar
'vocês me beliscaram'

1041) *pẽ ku ure Ø-piĩĩ*
23 FOC 13 R¹-beliscar
'vocês nos beliscaram'

A distribuição de marcas pessoais em verbos transitivos, descrita até este ponto, evidencia uma hierarquia em que primeira pessoa e a segunda pessoa têm a mesma posição na hierarquia, de forma que, quando uma delas é agente e a outra é paciente, o agente nunca é marcado no verbo. Da mesma forma que, quando uma terceira pessoa é sujeito de verbo transitivo e uma primeira ou uma segunda pessoa é seu objeto, é este objeto que forma com o

verbo um constituinte. Entretanto, quando o objeto é uma terceira pessoa, o verbo é flexionado por prefixos pessoais que codificam o agente:

1042) *u-mune ku madetfaka he Ø-memi*
3-benzer FOC pajé 1 R¹-filho
'o pajé benzeu meu filho'

1043) *a-meni ku he tata*
1-acender FOC 1 fogo
'eu acendi o fogo'

1044) *a-ʔuʔu ku he mejurai*
1-mastigar FOC 1 bolacha
'eu mastiguei bolacha'

1045) *u-ʔa ku he r-ereku iwahu*
3-tirar FOC 1 R¹-marido mel
'meu marido tirou mel'

1046) *ere-ru ku ne awatfĩ*
2-trazer FOC 2 milho
'você trouxe o milho'

1047) *pe-ru ku pẽ awatfĩ*
23-trazer FOC 23 milho
'vocês trouxeram milho'

- 1048) *a-nupĩ ku he*
 1-bater FOC 1
 ‘eu bati nele’
- 1049) *ere-nupĩ ku ne*
 2-bater FOC 2
 ‘você bateu nele’
- 1050) *ere-nupĩ ku ne kumeʔe*
 2-bater FOC 2 homem
 ‘você bateu no homem’
- 1051) *ere-nupĩ ku ne wĩ*
 2-bater FOC 2 esses
 ‘você bateu neles’
- 1052) *pẽ ku pẽ-nupĩ*
 23 FOC 23-bater
 ‘vocês bateram neles’
- 1053) *a-etfa ku he*
 1-ver FOC 1
 ‘eu o vi’
- 1054) *ere-etfa ku ne*
 2-ver FOC 2
 ‘você o viu’

- 1055) *a-nupĩ ku he te-atfĩ*
 1-bater FOC 1 1CORR-cabeça
 ‘eu bati minha cabeça’

Os exemplos apresentados evidenciam a vigência de uma HR no modo indicativo I. Reforçamos a nossa interpretação, exposta em outras partes deste estudo, de que não há diferença formal entre a estrutura morfossintática de predicados transitivos nos modos indicativo I, quando o objeto é de primeira e de segunda pessoa, e a forma morfossintática dos verbos nos modos indicativo II, no imperativo e no gerúndio, quando também o objeto é uma primeira ou uma segunda pessoa. É verdade que no indicativo II e no gerúndio, quando o objeto é de terceira pessoa, o verbo também não recebe prefixos de sujeito, mas flexão relacional, como é o caso das situações em que o objeto é de primeira ou de segunda pessoa. Mas a igualdade estrutural é a base para associar esses padrões ao modo indicativo II.

Modo Indicativo II

- 1056) *pe r-upi ne r-etfa*
 caminho R¹-CA 2 R¹-ver
 ‘pelo caminho, eu vi você’

- 1057) *te-a-we he r-eka me ne he r-etfa*
 1corr-casa-LP 1 R¹-estar.em.mov quando/se 2 1 R¹-ver
 ‘quando eu estava na minha casa, você me viu (não em outro lugar)’

- 1058) *pe r-upi ne r-eka me tapiʔi ne Ø-pihi*
 caminho R¹-CA 2 R¹-estar.em.mov quando/se anta 2 R¹-pegar
 ‘no caminho se ficares, a anta te pega’

Modo Gerúndio

- 1059) *uru-ha ku ure uru-ata*
 13-chegar FOC 13 13-andar
 nós vamos para a nossa andata

- 1060) *a-wahẽ ku he pẽ n-et/fa*
 1-chegar FOC 1 23 R¹-ver
 ‘eu cheguei para ver vocês’

- 1061) *ere-ja ku he ure Ø-pihi*
 2-vir FOC 1 13 R¹-pintar
 ‘você veio para nos pintar’

- 1062) *awa pa u-ha mĩde Ø-mujurukarakatu*
 quem P 3-ir 123 R¹-ensinar.Araweté
 ‘quem vai nos ensinar Araweté?’

Passemos agora ao sistema de alinhamento predominante em Araweté. Vimos que apenas no modo indicativo I e no imperativo, verbos intransitivos se combinam com prefixos

personais nominativos. Esses prefixos também se combinam com verbos transitivos, mas, apenas nas situações em que o objeto é de terceira pessoa.

No gerúndio, verbos intransitivos recebem prefixos correferenciais de sujeito, mostrando aqui também um padrão nominativo. Nos demais casos, os verbos tanto transitivos quanto intransitivos se combinam com flexão relacional e com argumentos sintáticos pronominais ou referenciais, mas, tratando-se da terceira pessoa sujeito de intransitivo ou objeto de transitivo, não forma um constituinte sintático com o núcleo de predicado, então este núcleo combina-se com o prefixo relacional de não-contigüidade (cf. capítulo IV e V).

Alinhamento *nominativo*: o núcleo do predicado combina-se com flexão pessoal nominativa, mas no caso dos verbos transitivos, o sujeito tem que ser maior na hierarquia referencial do que o objeto.

Exemplos:

1063) *u-wahẽ ku kunĩ*
3-chegar FOC mulher
'a mulher chegou'

1064) *u-nupĩ pane ku ara*
3-bater FRUS FOC arara
'ela quase bateu na arara'

Alinhamento *absolutivo*: ocorre nas demais situações, ou seja, nos modos indicativo II e no modo subjuntivo e no gerúndio, mas neste último, apenas quando o predicado tem por núcleo um verbo transitivo. Neste modo, como visto no cap. VII, os verbos intransitivos combinam-se com prefixos correferenciais.

Exemplos:

1065) *tapɨɨi* *∅-juka* *ime* *mide* *tatu* *r-etfa*
 anta R¹-matar quando/se 123 tatu R¹-ver
 ‘se nós matarmos anta, ele procurará tatu’

1066) *ɨ-tfe* *ime* *he* *∅-tfe*
 R²-dormir quando/se 1 R¹-dormir
 ‘se ele dormir, eu durmo’

Nos dois exemplos precedentes, a primeira oração está no subjuntivo, mas a segunda no indicativo II. No exemplo seguinte o verbo no gerúndio é um verbo intransitivo, portanto, recebe prefixo correferencial.

1067) *a-ha* *te-karu*
 1-ir 1CORR-comer
 ‘eu vou (para) comer’

1068) *pe-ja* *pe-jija*
 23-ir 23CORR-cantar
 ‘vocês vieram (para) cantar’

1069) *ere-ha* *ku* *ne* *e-puhu-puhu*
 2-ir FOC 2 2CORR-passear
 ‘você vai (para) passear’

13.4 Conclusão

Os dados do Araweté evidenciam, dessa forma, que a primeira e a segunda pessoa ocupam a mesma posição na escala hierárquica de tópico, ambos são superior ao objeto de terceira pessoa, mas quando eles são objeto, são sempre mais tópicos, independentemente do sujeito ser de primeira ou terceira, no caso da segunda pessoa, ou dela ser de segunda ou terceira, no caso da primeira pessoa. Resumindo, em Araweté, a escala hierárquica referencial é $1 = 2$ e $1 e 2 > 3$.

Quanto ao sistema de alinhamento observado no Araweté, os dados mostram que se trata de uma língua que apresenta um padrão nominativo quando o objeto é de terceira pessoa, mas um padrão absoluto quando um objeto é de terceira pessoa, assim como nos modos indicativo II e no modo subjuntivo.

14. Referência alternada

14.1 Introdução

Este capítulo trata da manifestação da *referência alternada* em Araweté. *Referência alternada* é uma das traduções para o português da expressão *switch-reference* cunhada por Jakobsen (1967) e que se pauta em um princípio de co-referencialidade, e se manifesta pela marcação da alternância de co-referência indicativa de mesmo sujeito ou da não co-referência entre sujeitos de duas ou mais orações. Mostraremos como a referência alternada é marcada em Araweté, qual o seu escopo e quais as restrições que inibem sua manifestação.

A co-referencialidade é fundamental na formação da estrutura morfossintática de orações intra-sentenciais do Araweté, em várias situações, independentemente das relações lógicas que possam ser estabelecidas entre elas, como ocorre em outras línguas Tupí-Guaraní (cf. CABRAL, 1997). É também fundamental para a forma morfossintática dos sintagmas nominais genitivos. Trata-se de um tipo de co-referência gramaticalizada, que é também encontrada em outras línguas de várias partes do mundo – América do Sul (WIESEMANN, 1989), da América do Norte (JACOBSEN, 1983), da Austrália (AUSTIN, 1980, 1981, 1988), na Papua Nova Guiné (LONGACRE, 1972) e da África (WIESEMANN, 1982; COMRIE, 1983) (cf. CABRAL, 1997).

Co-referencialidade entre possuidor e sujeito, assim como entre sujeitos, por meio de marcas pessoais, como é o caso do Araweté e de outras línguas Tupí-Guaraní, é também encontrada em outras línguas do tronco Tupí, como na família Mondé (VAN DER MEER, 1985) e na família Ramaráma (Gabas Jr.). Entretanto, nessas últimas a distribuição das marcas co-referenciais difere da distribuição das marcas correferenciais da família Tupí-Guaraní (cf. RODRIGUES, 1999; RODRIGUES e CABRAL, 2008).

14.2 Referência alternada

A referência alternada em Araweté é acionada quando há co-referência ou referência disjunta envolvendo possuidor e sujeito, complemento de posposição e sujeito e dois ou mais sujeitos de orações distintas de uma mesma sentença ou de orações adjacentes de sentenças distintas (cf. CABRAL, 2007).

Caracteriza-se formalmente como o exposto em seguida:

(a) por prefixos pessoais que marcam o determinante de um nome (possuidor) ou de um verbo intransitivo (sujeito) quando há co-referência entre estes e o sujeito da oração principal;

(b) pela codificação do determinante de um nome (possuidor) ou de um verbo intransitivo (sujeito) por meio de pronomes pessoais, quando não há co-referência com o sujeito da oração principal. Neste último caso, o tema nominal ou verbal combina-se com flexão relacional;

(c) quando se trata de um tema transitivo, a estrutura do predicado é uma mesma, independentemente do seu sujeito ser ou não co-referente com o sujeito da oração principal. O tema recebe flexão relacional e o objeto corresponde a um nome ou elemento pronominal – um pronome pessoal ou um demonstrativo. A única diferença é a presença de uma conjunção *me* seguindo o predicado nas situações em que não há co-referência entre sujeitos.

14.2.2 Correferência entre o possuidor e o sujeito

Em toda oração Araweté, se o referente de um possuidor for o mesmo referente do sujeito, é marcado pela série de prefixos co-referenciais.

GLOSSA	PREFIXOS CORREFERENCIAIS
1	te-/tej-
2	e-/ej-
123/3	u-/uj-
13	uru-/uruj
23	pe-/pej

Comparem-se os seguintes exemplos:

1070) *u-nupĩ ku í-atfĩ*
3-bater FOC R²-cabeça
'ele bateu a cabeça de outro'

1071) *u-nupĩ ku u-atfĩ*
3-bater FOC 3CORR-cabeça
'ele bateu a própria cabeça'

No primeiro exemplo, o possuidor é diferente do sujeito, logo se combina com flexão relacional, já no segundo exemplo, o possuidor é co-referente com o sujeito, de forma que essa co-referência é marcada por meio do prefixo pessoal co-referencial.

Nos exemplos seguintes são contextualizados os demais prefixos co-referenciais combinados com temas nominais:

Exemplos

1072) *a-nupĩ ku he te-atfĩ*
1-bater FOC 1 1CORR-cabeça
'eu bati minha cabeça'

1073) *ere-nupĩ ku ne e-atfĩ*
2-bater FOC 2 2CORR-cabeça
'você bateu tua (própria) cabeça'

- 1074) *u-nupĩ ku mĩde u-atfĩ*
 3-bater FOC 123 3CORR-cabeça
 ‘nós batemos nossa cabeça’
- 1075) *uru-nupĩ ku ure uru-atfĩ*
 13-bater FOC 13 13CORR-cabeça
 ‘nós batemos nossa cabeça’
- 1076) *pe-nupĩ ku pẽ pe-atfĩ*
 23-bater FOC 23 23CORR-cabeça
 ‘vocês bateram a cabeça de vocês’
- 1077) *a-mu-pẽ ku he te-pa*
 1-CAUS-quebrar FOC 1 1CORR-mão
 ‘eu quebrei minha própria mão’
- 1078) *ere-mu-pẽ ku ne e-pa*
 2-CAUS-quebrar FOC 2 2CORR-mão
 ‘você quebrou tua (própria) mão’
- 1079) *u-mu-pẽ ku mĩde u-pa*
 3-CAUS-quebrar FOC 123 3CORR-mão
 ‘nós quebramos nossas mãos’
- 1080) *uru-mu-pẽ ku ure uru-pa*
 13-CAUS-quebrar FOC 13 13CORR-mão
 ‘nós quebramos nossas mãos’

- 1081) *pe-mu-pẽ* *ku* *pẽ* *pe-pa*
 23-CAUS-quebrar FOC 23 23CORR-mão
 ‘vocês quebraram as mãos de vocês’

Nos exemplos anteriores, o possuidor é determinante de um nome que é núcleo de um sintagma nominal em função de objeto direto. Nos exemplos seguintes o possuidor é determinante de uma expressão nominal com função adverbial, em que é ou flexionado por morfologia casual ou modificado por posposição:

- 1082) *te-páda* *he* *a-hi* *ne* *r-ata-we*
 1CORR-peixe 1 1-assar 2 R¹-fogo-LP
 ‘eu asso meu peixe no teu fogo’

- 1083) *te-páda* *he* *a-hi* *te-ata-we*
 1CORR-peixe 1 1-assar 1CORR-fogo-LP
 ‘eu asso meu peixe no meu fogo’

- 1084) *he* *ku* *a-iwĩ* *te-uʔĩ* *∅-iwe*
 1 FOC 1-furar 1CORR-flecha R¹-CI
 ‘eu furei ele com minha (própria) flecha’

- 1085) *he* *ku* *pẽ* *∅-iwĩ* *te-uʔĩ* *∅-iwe*
 1 FOC 23 R¹-furar 1CORR-flecha R¹-CI
 ‘eu furei vocês com minha (própria) flecha’

1086) *ne ku he Ø-iwĩ e-uʔĩ Ø-iwe*
 2 FOC 1 R¹-furar 2CORR-flecha R¹-CI
 ‘você me furou com tua (própria) flecha’

1087) *kumeʔe ku ure Ø-iwĩ u-uʔĩ Ø-iwe*
 homem FOC 13 R¹-furar 3CORR-flecha R¹-CINS
 ‘o homem nos furou com a sua (própria) flecha’

1088) *ne ku ure Ø-iwĩ e-uʔĩ Ø-iwe*
 2 FOC 13 R¹-furar 2CORR-flecha R¹-CI
 ‘você nos furou com tua (própria) flecha’

1089) *mĩde ku u-iwĩ u-(u)ʔĩ Ø-iwe*
 123 FOC u-furar 3CORR-flecha R¹-CI
 ‘nós o furamos com nossa flecha’

14.2.3 Correferencialidade entre sujeitos

A co-referencialidade entre sujeitos é marcada por meio de prefixos co-referenciais em núcleos de predicados intransitivos dependentes, como mostram os seguintes exemplos:

1090) *a-he te-tfe*
 1-ir 1CORR-dormir
 ‘eu vou dormir’ ‘eu vou para a minha dormida’

- 1091) *ere-ha e-karu*
 2-ir 2CORR-comer
 ‘você vai comer’
- 1092) *ure uru-ha uru-karu*
 13 13-ir 13CORR-comer
 ‘nós vamos comer’
- 1093) *pẽ pe-wahẽ pe-purahe*
 23 23-chegar 23CORR-dançar
 ‘vocês chegaram dançando’

Verbos posicionais que marcam a posição do falante e contribuem com a idéia de andamento do evento ou ação também ocorrem marcados com prefixos co-referenciais:

- 1094) *a-kanĩ ku he te-ka*
 1-perder FOC 1 1CORR-estar.em.mov
 ‘eu estou (em mov.) perdido’
- 1095) *ere-kanĩ ku ne e-ka*
 2-perder FOC 2 2CORR-estar.em.mov
 ‘você está (em mov.) perdido’
- 1096) *uru-kanĩ ku ure uru-ka*
 13-perder FOC 13 13CORR-estar.em.mov
 ‘nós estamos (em mov.) perdidos’

- 1097) *u-kanĩ ku wĩ u-ka re?e*
 3-perder FOC esses 3CORR-estar.em.mov AT.OUTRO
 ‘eles estão (em mov.) perdidos’
- 1098) *pe-kanĩ ku pẽ pe-ka re?e*
 23-perder FOC 2 23CORR-estar.em.mov AT.OUTRO
 ‘vocês estão (em mov.) perdidos’
- 1099) *ĩ-ruima nupe u-ju*
 R²-fome esse 3CORR-estar.deitado
 ‘ele está com fome’
- 1100) *ure r-upehi ure uru-ju*
 13 R¹-sono 13 13CORR-estar.deitado
 ‘nós estamos com sono’
- 1101) *a-jĩ-muka?a ku he te-?ẽ*
 1-REFL-CAUS-pensar FOC 1 1CORR-estar.sentado
 ‘eu estou preocupado’
- 1102) *ere-jĩ-muka?a ku ne e-?ẽ*
 2-REFL-CAUS-pensar FOC 2 2CORR-estar.sentado
 ‘você está preocupado’
- 1103) *u-jĩ-muka?a ku u-?ẽ*
 3-REFL-CAUS-pensar FOC 3CORR-estar.sentado
 ‘ele está preocupado’

- 1104) *uru-jĩ-mukaʔa* *ku* *ure* *uru-ʔẽ*
 13-REFL-CAUS-pensar FOC 13 13CORR-estar.sentado
 ‘nós estamos preocupados’
- 1105) *u-jĩ-mukaʔa* *pete* *meme* *wĩ* *u-ju*
 3-REFL-CAUS-pensar ENF ENF esses 3CORR-estar.deitado
 ‘eles estão muito preocupados’
- 1106) *he* *r-uirũ* *he* *te-ka*
 1 R¹-saudade 1 1CORR-estar.em.mov.
 ‘eu estou com saudade’
- 1107) *ne* *r-uirũ* *ne* *e-ka*
 2 R¹-saudade 2 2CORR-estar.em.mov.
 ‘você está com saudade’
- 1108) *h-uirũ* *u-ka*
 R²-saudade 3CORR-estar.em.mov.
 ‘ele está com saudade’
- 1109) *h-uirũ* *mĩde* *u-ka*
 R²-saudade 123 3CORR-estar.em.mov.
 ‘nós estamos com saudade’

Em línguas Tupí-Guaraní mais conservadoras do que o Araweté, como o Tupinambá e o Asuriní do Tocantins (cf. RODRIGUES e CABRAL, 2005), a co-referência entre sujeitos de verbos intransitivos é marcada simultaneamente por meio de prefixos co-referenciais e por meio de sufixo que corresponde a marca de sujeitos idênticos. Este mesmo sufixo ocorre em temas transitivos também quando o agente é co-referente com o sujeito da oração principal. Estas marcas sufixais são analisadas como sufixo de gerúndio desde Anchieta (1595).

As orações que, diferentemente das orações do gerúndio, têm sujeitos diferentes são ditas estarem no modo subjuntivo, expressão usada por Rodrigues (1953) em lugar da expressão futuro do conjuntivo empregada por Anchieta (1595:26) ao referir-se a esse tipo de estrutura. O Araweté não manteve os reflexos do sufixo de gerúndio, mas manteve o do subjuntivo. O fato de o Araweté manter o modo gerúndio sem o sufixo deste modo justifica-se pela presença nessa língua de prefixos co-referenciais, o que significa que, historicamente o Araweté apenas eliminou um elemento redundante.

Vejamos alguns exemplos de orações do Araweté com agente idêntico ao sujeito da oração principal:

1110) *a-he pída a-mumuja*
 1-ir peixe 1-CAUS-pegar
 ‘eu vou pegar peixe’

1111) *uru-ha ure pídanař*
 13-ir 13 pescar/mariscar
 ‘nós vamos mariscar, pegar peixe’

1112) *ne ku ere-mara í-pitiwa*
 2 FOC 2-mandar R²-ajudar
 ‘você mandou ajudá-la’

- 1113) *ere-ja jupe pa ne e-jíwi ne Ø-mu?e nehe*
 2-vir de.novo P 2 2CORR-voltar 2 R¹-ensinar INT
 ‘você vai voltar de novo para me ensinar?’

A perda do sufixo de gerúndio em Araweté deixou a língua sem uma construção diferenciada de gerúndio de verbos transitivos, já que não há diferença entre construções no indicativo II e construções no gerúndio, quando o verbo é transitivo. Comparem-se os seguintes exemplos:

- 1114) *ne ku ere-mara í-pitiwa*
 2 FOC 2-mandar R²-ajudar
 ‘você mandou ajudá-lo’

- 1115) *ka?a-we í-pitiwa*
 mato-LP R²-ajudar
 ‘no mato o ajudou’

14.3 Predicados seriais

Foley e Van Valin (1984) observam que nas línguas que manifestam o fenômeno da referência alternada, é comum a existência de sentenças complexas com uma oração nuclear ou principal e uma série de orações dependentes. Em Araweté isso também se dá, sobretudo quando se quer reforçar o aspecto continuativo, processual e /ou repetitivo de um processo faz-se uso redundante de formas no gerúndio, dentre as quais formas posicionais, como mostram os seguintes exemplos:

- 1116) *ere-mĩ ku ne e-jija e-ju*
 2-acordar FOC 2 2CORR-cantar 2CORR-estar.deitado
 ‘você acorda cantando’
- 1117) *a-mĩ ku he te-j#ta-mu-je?ẽ te-ju*
 1-acordar FOC 1 1CORR-REFL-PROJ-CAUS-falar 1CORR-estar.deitado
 ‘eu acordo assobiando’
- 1118) *pe-mĩ ku pẽ pe-je?ẽ pe-ju*
 23-acordar FOC 23 23CORR-falar 23CORR-estar.deitado
 ‘vocês acordam falando’
- 1119) *a-mĩ ku he te-ju te-ja*
 1-acordar FOC 1 1CORR- estar.deitado 1CORR-vir
- temũ te-ju*
 embalar 1CORR-estar.deitado
 ‘eu estou acordando e estou me embalando’

Construções como as que incluem seja um ou mais predicados com sujeito co-referente com o sujeito da oração principal é o que chamamos aqui de predicados seriais.

14.4 Conclusão

Neste capítulo descrevemos importantes aspectos do sistema de referência alternada ativo em Araweté. Destacamos que nessa língua a referência alternada é acionada quando há co-referência ou referência disjunta envolvendo possuidor e sujeito, complemento de posposição e sujeito e dois ou mais sujeitos de orações distintas de uma mesma sentença ou

de orações adjacentes de sentenças distintas, como ocorre no Asuriní do Tocantins (cf. CABRAL, 1997). Destacamos também que os prefixos co-referenciais se combinam com nomes, com verbos e com posições, mas que só se combinam com verbos no modo gerúndio e neste apenas com verbos intransitivos.

Mostramos que os verbos transitivos no gerúndio não se diferenciam de predicados transitivos no modo indicativo II. Finalmente, mostramos que a língua Araweté faz uso de várias construções no gerúndio em uma mesma sentença, quando se quer acentuar a continuidade de um processo. A este tipo de predicados em série chamamos de “construções seriais”, o que difere da utilização da expressão ‘serial verbs’ para designar o modo gerúndio em si (cf. JENSEN, 1990).

15. Focalização/topicalização em Araweté

15.1. Introdução

Neste capítulo apresentamos novos dados para a discussão sobre as estratégias identificadas em Araweté para topicalizar e focalizar constituintes. Adotamos aqui a idéia de topicalização como o meio que uma dada língua tem para tornar parte do seu enunciado mais saliente *vis-à-vis* da atenção do ouvinte.

Em Araweté a forma de topicalizar parte de um enunciado é localizá-lo na periferia esquerda de uma sentença. Normalmente, trata-se de uma informação nova ou que deve ser reintroduzida por necessidade de clareza discursiva, ou, ainda, quando se quer contrastar informações.

As construções que correspondem a topicalização/focalização em Araweté são aquelas que se situam na periferia esquerda da sentença, posição que corresponde àquilo em torno de que a sentença é construída. Os elementos topicalizados/focalizados em Araweté são constituintes sintáticos, logo têm uma função na sentença.

15.2 Topicalização/focalização de constituintes de natureza nominal

No capítulo IX mostramos os dois nomes interrogativos do Araweté, o nome referente a humanos *awa* ‘quem/pessoa’ e o nome referente a não humanos em geral *me?e* ‘o que/coisa’. Esses dois nomes servem para questionar argumentos (nas funções de sujeito, de objeto direto, de complemento de posposição e de possuidor). Repetimos alguns dos exemplos ilustrativos da topicalização de nomes interrogativos do Araweté:

15.2.1 Topicalização/focalização de constituintes de natureza adverbial

A topicalização de constituintes de natureza adverbial foi tratada no capítulo V, na discussão sobre o modo indicativo II e no capítulo sobre perguntas (cap. IX). Para facilitar a contextualização das diferentes estratégias de topicalização em Araweté acrescentamos mais exemplos desses tipos de topicalização:

Perguntas

1120) *ne pu ku miniju ere-puwĩ*
2 P FOC algodão 2-fiar
'foi você que fiou algodão?'

1121) *pẽ pu ku meju pe-ʔu*
23 P FOC beiju 23-comer
'foram vocês que comeram beiju?'

1122) *meʔe n-ehe pa ne Ø-ĩ e-di-mukaʔa ku*
o que R¹-CR P 2 R¹-estar.sentado 2-REFL-pensar FOC
'com o que você está pensando?'

Indicativo II

1123) *a-iwe ure n-u-j*
casa-LP 13 R¹-estar.deitado
'em casa, nós estamos'

- 1124) *a-iwe pẽ n-u-j*
 casa-LP 23 R¹-estar.deitado
 ‘em casa vocês estão’
- 1125) *ta-we ku he r-udĩ*
 R⁴-aldeia-LP FOC 1 R¹-voltar
 ‘na aldeia, eu voltei’
- 1126) *Ø-tupe Ø-uhe he Ø-ĩẽ*
 R⁴-esteira R⁴-sobre 1 R¹-estar.sentado
 ‘na esteira eu fiquei sentado’
- 1127) *paranĩ-we ku he Ø-ĩ*
 rio-LP FOC 1 R¹-estar.em.pé
 ‘dentro do rio eu estou fiquei’
- 1128) *mututapi-uhu-iwe ku he Ø-ĩ*
 motor-INTS-LP FOC 1 R¹-estar.em.pé
 ‘dentro do barco eu fiquei’
- 1129) *atamira Ø-upi ku he r-eka*
 Altamira R¹-CP FOC 1 R¹-estar.em.mov
 ‘em Altamira eu fiquei’
- 1130) *ikut/faha-nĩru-iwe ku he Ø-ĩ*
 escola-recv-LP FOC 1 R¹-estar.em.pé
 ‘na escola eu fiquei/estou’

1131) *ikutfahaníru-iwe ku ne Ø-ʔẽ*
 escola-recipient-LP FOC 2 R¹-estar.sentado
 ‘na escola você ficou’

1132) *fahmasia-iwe tuha hetĩ*
 farmácia-LP remédio muito
 ‘na farmácia tem muito remédio’

15.3 A partícula *ku*

O Araweté possui uma partícula *ku* que, como observado por Vieira e Leite (1998:15-16), não foi encontrada em outras línguas da família Tupí-Guaraní. Essa partícula na visão das autoras “... à primeira vista parece ser indicadora de tempo passado, uma vez que pode ser traduzida pelo passado em português:...”. Exemplos dados por essas autoras são os seguintes, em que são preservadas as numerações originais:

(10) a-y **ky** he pəran “eu comi peixe”
 1^asg-comer *ky* eu peixe

(11) Eryary **ky** he-nypin “o Eduardo me bateu”
 Eduardo *ky* 1^asg-bater

Vieira e Leite acrescentam à sua discussão o seguinte: “Cumprer notar, porém que *ky* também pode ser empregado em sentenças que não possuem uma interpretação de tempo passado:...”, o que exemplificam com os seguintes exemplos (a numeração original é preservada):

- (12) nan **ky** maj nype we “não há cobras no caminho”
neg. *ky* cobra caminho-pelo
- (13) a-kary **ky** he te-ja “eu já vou comer”
1^asg comer *ky* eu 1^asg.-ir
- (14) he-ryiman **ky** he “Eu estou com fome”
1^a sg-fome *ky* eu
- (15) a-pitykan **ky** he typãy “Eu lavo a roupa”
1^a sg-lavar *ky* eu roupa

Segundo as autoras, *ky* adquire um sentido existencial em (12), de aspecto inceptivo em (13), de tempo presente com verbos não-ativos em (14), e de aspecto habitual em (15).

Finalmente, as autoras consideram que,

a ocorrência de *ky* em estruturas com interpretações temporal e aspectual tão distintas possibilita a interpretação dessa partícula como um evidencial, cuja subespecificação não se pode ainda determinar, por serem os dados disponíveis compostos apenas de frases descontextualizadas. Assim, não se sabe se *ky* indica se a informação resulta de experiência direta ou indireta, ou se traduz uma suposição, inferência, etc. É provável, então, que *ky* tenha um valor modal, uma vez que parece expressar a atitude ou crença do falante em relação à proposição (p.16).

Atualmente, de mão de um número relativamente significativo de dados, podemos contribuir para a o aprofundamento da discussão sobre a função da partícula *ku* do Araweté iniciada por Vieira e Leite. Um exame dos dados evidencia que *ku* é uma marca de foco¹⁷, a qual delimita o escopo da proposição que deve ser tomado pelo ouvinte como o relevante do ponto de vista do falante. Vejamos os seguintes exemplos:

¹⁷ Vieira e Leite (1998:21) já haviam sugerido que a partícula *ku*, além de partícula evidencial, fosse também um marcador de foco.

1133) *he Ø-nupĩ ku*
1 R¹-bater FOC
'ele me bateu'

1134) *ure Ø-nupĩ ku*
13 R¹-bater FOC
'ele nos bateu'

1135) *u-pẽ ku he Ø-jiete*
3-quebrar FOC 1 R¹-machado
'ele quebrou meu machado'

Nos dois primeiros exemplos a partícula *ku* segue o predicado, em posição que corresponde ao mesmo tempo ao final da sentença. No último exemplo, a partícula *ku* destaca o processo verbal como o centro do discurso. Nos exemplos seguintes, o sujeito é o constituinte focalizado, ou seja, ele deve ser tomado como informação central da proposição enunciada pelo falante:

1136) *kumeʔe ku he Ø-pi-ika*
homem FOC 1 R¹-pé-cortar
'o homem (enfermeiro) cortou o meu pé'

1137) *he ku ne Ø-uʔu*
1 FOC 2 R¹-morder
'eu mordi você'

1138) *ne ku he Ø-iwĩ e-uĩ Ø-iwe*
 2 FOC 1 R¹-furar 2CORR-flecha R¹-CINS
 ‘você me furou com tua (própria) flecha’

Em todos esses exemplos, o elemento focalizado é o sujeito. Nos exemplos seguintes, o elemento focalizado é o objeto direto, ou seja, é este que deve ser tomado como elemento relevante no contexto informacional do que é predicado. Note-se que o falante está aqui apresentando uma informação desconhecida do ouvinte:

1139) *abura ku ure uru-eti kaʔarume*
 bola FOC 13 13-jogar ontem
 ‘bola’ nós jogamos ontem’

1140) *pehi ku he a-mujĩ te-ĩĩ kaʔarume aĩĩ*
 cesto FOC 1 1-fazer 1CORR-estar.sentado ontem REIT
 ‘cesto’ eu estava fazendo ontem’

1141) *t-upaĩĩ ku u-pĩja u-ĩĩ*
 R⁴-roupa FOC 3-costurar 3CORR-estar.sentado
 ‘saia’ ela ficou costurando’

1142) *t-upaĩĩ ku uru-pĩja uru-ju*
 R⁴-roupa FOC 13-costurar 3CORR-estar.deitado
 ‘roupa’ nós ficamos costurando’

1143) *arapuha ku he a-ũu*
 veado FOC 1 1-comer
 ‘veado’ eu comi’

- 1144) *a-ʔu ku he tuha jara-meʔe r-ahi nehe*
 1-comer FOC 1 remédio dono-NP R¹-doença INT
 ‘eu tomei remédio com a intenção de curar a doença’

Os exemplos acima sugerem que o constituinte marcado por *ku* ocupa a primeira posição à esquerda da sentença, como ocorre com os elementos topicalizados em perguntas e no modo indicativo II. Embora essa possibilidade não seja descartada, ressaltamos que a partícula *ku* também marca constituintes topicalizados como mostram os seguintes exemplos:

Modo indicativo II

- 1145) *tfitfeʔi Ø-iwe ku wĩ jĩ-aika reʔe*
 faca-ATEN R¹-CI FOC esses REFL-cortar AT.OUTRO
 ‘com a facinha, eles se cortaram’

- 1146) *kaʔa Ø-iwe ku he Ø-tfe*
 mato R¹-CI FOC 1 R¹-dormir
 ‘dentro do mato, eu dormi’

- 1147) *jarutfu Ø-iwe ku pẽ n-uĩ pida Ø-ʔu*
 canoa R¹-CI FOC 23 R¹-estar/ficar peixe R¹-comer
 ‘na canoa, vocês ficaram comendo-peixe’

- 1148) *haʔiwe ku akaju u-tĩ*
 amanhã FOC caju 3-plantar
 ‘amanhã, eu plantarei caju’

1149) *pẽ n-etfa ku he r-ujĩ*
 23 R¹-ver FOC 1 R¹-voltar
 ‘eu voltei para ver vocês’

Este último exemplo contém um predicado no modo gerúndio precedendo a oração principal e, como uma oração no modo gerúndio corresponde a uma expressão adverbial, aciona o modo indicativo II, quando precede a oração principal (cf. CABRAL E RODRIGUES, 2005:52-57).

A co-ocorrência da partícula *ku* com elementos topicalizados mostra que, nesses contextos, acentua o escopo do que é topicalizado. Nos demais contextos, a partícula *ku* marca o escopo da topicalização/focalização.

O exemplo seguinte mostra a ordem SOV, que é a ordem básica das sentenças em Araweté. Nele o sujeito, que é o elemento mais tópico, vem naturalmente na posição inicial da sentença, mas sem a partícula *ku*. Exemplos como esse, que são comuns, mostram por um lado que o uso da partícula *ku* é pragmaticamente condicionado, e que o fato de seguir também constituintes sujeito em primeira posição, pode significar que este também está em posição de tópico extra-sentencial.

1150) *Neura atfa?ĩ u-tfaĩ*
 Neura açai 3-amassar
 ‘Neura amassou o açai’

1151) *Ikaire pida u-me?ẽ a?ĩ Eliete r-e*
 Ikaire peixe 3-dar REIT Eliete R¹-CR
 ‘Ikaire deu peixe para a Eliete’

Os exemplos seguintes coletados em situações naturais de fala mostram que o sujeito da oração principal *Ikaire*, vem seguido por *ku*, que foi usada para fazer sobressair a informação de que as presenças de *Ikaire* e de *Marukairu* nos contextos discursivos respectivos deviam-se ao fato de estarem ali com respeito a Eliete.

1152) *Ikaire ku u-ja Eliete i-muje?ẽ a?i*
 Ikaire FOC 3-vir Eliete R²-chamar REIT
 ‘Ikaire vem chamar a Eliete’

1153) *Muikatuhi ku Eliete Ø-karahi h-eru u-?ẽ a?i*
 Muikatuhi FOC Eliete R¹-relógio R²-trazer 3-estar.sentada REIT
 ‘Muikatuhi está trazendo o relógio da Eliete’

Finalmente, nos exemplos seguintes, fica evidente que o marcador *ku* tem por função marcar foco contrastivo:

1154) *Neura ku atfa?i u-tfaí u-tfaí ja Eliete*
 Neura FOC açai 3-amassar 3-amassar NEG Eliete
 ‘foi a Neura que amassou o açai, não foi a Eliete’

1155) *u-manu ja gatu r-eka marakaja ku u-manu ne?e*
 3-morrer NEG gatu R¹-ESTAR.EM.MOV. cachorro FOC 3-morrer AT.OUTRO
 ‘o gato não morreu, cachorro foi que morreu’

- 1156) *Kamarati ku iwahu u-ʔu u-ʔu ja Ajajuru*
Kamarati FOC mel 3-comer 3-comer NEG Ajajuru
'foi a Kamarati que comeu o mel, não foi o Ajajuru'

15.4 Conclusão

Neste capítulo mostramos que a língua Araweté faz uso de duas estratégias principais para topicalizar e focalizar constituintes do discurso: o posicionamento do constituinte topicalizado na periferia esquerda da sentença e o uso da partícula *ku*.

Nos dois casos, o constituinte topicalizado/focalizado é o centro de atenção do discurso. Os exemplos indicam que a partícula *ku* pode marcar um constituinte em posição de tópico, quando este elemento é uma expressão adverbial, mas ocorre obrigatoriamente com os demais constituintes topicalizados/focalizados.

CAPÍTULO XVI

16. Modalidade

16.1 Introdução

Neste capítulo, tratamos das expressões de modalidade em Araweté. O conceito de modalidade aqui adotado corresponde às sinalizações no discurso de posições tomadas pelo falante com respeito à verdade contida na proposição. Neste capítulo consideramos fundamentalmente os estudos sobre modalidade na família Tupí-Guaraní, como a *Morfologia do verbo Tupí* por Rodrigues (1953), em especial na descrição que faz sobre modalidade em Tupinambá; o estudo sobre modalidades *alética* e *epistêmica* na família Tupí-Guaraní (CABRAL, 2000, 2007), e o capítulo da tese de doutorado sobre o Anambé (JULIÃO, 2005), que é a língua aparentemente mais próxima do Araweté.

16.2 Modalidade em Araweté

O Araweté distingue formalmente modalidade de propósito, intencional, desiderativa, alética e epistêmica.

16.2.1 Modalidade de propósito

A modalidade de propósito é expressa por meio da partícula *t ~ t(a)* precedendo o predicado:

1157) *pẽ ku pida te pe-?u re?e*
23 FOC peixe PROJ 23-comer AT.OUTRO
'você(s) assaram peixe para comerem'

1158) *ere-meʔẽ ja ne nĩma t- a-pĩja nehe t-upaʔĩ*
 2-dar NEG 2 linha PROJ 1-costurar INT R⁴-roupa
 ‘você não deu linha para eu costurar roupa’

1159) *a-meʔẽ ja he madiʔa t- ere-pida*
 1-dar NEG 1 mandioca PROJ 2-descascar
 ‘eu não dei mandioca para você descascar’

1160) *eʔe rupe ku meʔe r-aʔa u-meʔẽ te pe-ʔu*
 esse esse FOC coisa R¹-carne 3-dar PROJ 23-comer
 ‘ele deu comida para vocês comerem’

1161) *uru-mupirĩrĩ ku ure pĩda t- uru-ʔu ne*
 13-fritar FOC 13 peixe PROJ 13-comer INT
 ‘nós fritamos peixe para comermos’

16.2.2 Modalidade intencional

A modalidade intencional é expressa por meio da combinação da partícula de propósito *ta* e da partícula *ne ~ nehe* seguindo o predicado¹⁸:

1162) *ere-meʔẽ ja ne pape t- u-kutʃa nehe*
 2-dar NEG 2 papel PROJ estudar INT
 ‘você não deu papel para ele estudar’

¹⁸ Vieira e Leite (1998:17) consideram que a partícula *ne* é encontrada em orações de propósito e indica o compromisso do falante com a realização da ação expressa pelo verbo.

1163) *ere-meʔẽ ja ne tacunere t- a-mupirĩrĩ nehe*
 2-dar NEG 2 tucunaré PROJ 1-fritar INT
 ‘você não deu tucunaré para eu fritar’

1164) *ne he Ø-nupĩ t- a-jeʔa nehe*
 2 1 R¹-bater PROJ 1-chorar INT
 ‘você me bate, para eu chorar’

1165) *ne Ø-nupĩ he t- ere-jeʔa nehe*
 2 R¹-bater 1 PROJ 2-chorar INT
 ‘eu te bati, para você chorar’

16.2.3 Modalidade intencional real

A partícula *nete* é usada principalmente em comandos quando o falante pretende que seu comando corresponda a uma intenção real da pessoa a quem o comando é endereçado:

1166) *e-ja he awitfĩ r-et/fa nete*
 2-ir 1 piolho R¹-ver IR
 ‘você vai ver meu piolho’

1167) *e-ja nete e-puranũ r-ehe*
 2-ir IR 2-conversar R¹-CR
 ‘vem para conversar!’

16.2.4 Modalidade restritiva

A modalidade restritiva é expressa pela partícula *ajete* posicionada no início da oração e contribui com o significado de restrição com respeito ao que é negado:

1168) *ajete ne Ø-piku?e imi*
RESTR 2 R¹-remar PROIB
‘você não pode remar’

1169) *ajete pẽ Ø-ita imi*
RESTR 23 R¹-nadar PROIB
‘vocês não podem nadar’

1170) *ajete ne Ø-mihĩ imi*
RESTR 2 R¹-acordar PROIB
‘você não pode acordar’

1171) *ajete pẽ Ø-je?a imi*
RESTR 23 R¹-chorar PROIB
‘vocês não podem chorar’

1172) *ajete pẽ Ø-jija imi*
RESTR 23 R¹-cantar PROIB
‘vocês não podem cantar’

1173) *ajete ne Ø-purahe imi*
RESTR 2 R¹-dançar PROIB
‘você não pode dançar’

1174) *ajete pẽ Ø-tfe imi*
 RESTR 23 R¹-dormir PROIB
 ‘vocês não podem dormir’

1175) *ajete pẽ Ø-pa-pe-pa imi*
 RESTR 23 R¹-pular-23-pular PROIB
 ‘vocês não podem pular’

1176) *ajete ne Ø-tfere imi*
 RESTR 2 R¹-sonhar PROIB
 ‘você não pode sonhar’

16.2.5 Modalidade desiderativa

Quando o falante quer manifestar o seu desejo relativo à realização do conteúdo proposicional, faz uso da partícula *puta*, que tem como origem o verbo *–puta querer/poder*’:

1177) *ere-ja jupe puta pa ne*
 2-ir outra.vez DESI P 2
 ‘você quer vir outra vez?’

1178) *ere-ja jupe puta pa ne e-díwi*
 2-ir outra.vez DESI P 2 2-voltar
 ‘você quer vir de novo pra cá?’

- 1179) *a-jarũ* *puta* *he* *te-ka*
 2-brigar DESI 1 1CORR-estar.em.mov
 ‘eu estou querendo brigar’ (eu estou nervoso)
- 1180) *u-jarũ* *puta* *te-ka*
 3-brigar DESI 1CORR-estar.em.mov
 ‘ele está querendo brigar’
- 1181) *u-jarũ* *puta* *mide* *u-ju*
 3-brigar DESI 123 3CORR-estar.deitado
 ‘nós estamos querendo brigar’
- 1182) *a-jarũ* *puta* *ja* *he*
 2-brigar DESI NEG 1
 ‘eu não quero brigar’ (eu não estou nervoso)
- 1183) *ere-jarũ* *puta* *ja* *ne*
 2-brigar DESI NEG 2
 ‘você não quer brigar’
- 1184) *ure* *r-upehi* *puta* *ure*
 13 R¹-sono DESI 13
 ‘nós queremos dormir’
- 1185) *pẽ* *n-upehi* *puta* *pa* *pẽ*
 23 R¹-sono DESI P 23
 ‘vocês querem dormir?’

1186) *a-ha puta ja herĩ Ø-ʔa-hĩ*
 1-ir DESI NEG DUB R⁴-casa-CAB
 ‘parece que eu não quero ir da casa’

16.3 Modalidade *alética* e *epistêmica*

Cabral (2007) em seu estudo comparativo das expressões de modalidade *alética* e *epistêmica* através das línguas da família Tupí-Guaraní, reúne partículas cognatas partículas que assinalam na frase diferentes posições do locutor com respeito ao conteúdo informacional do enunciado (cf. GUENTCHÉVA, 1996:12), como o seu grau de certeza, assim como partículas que especificam a fonte de informação do conteúdo informacional. Cabral mostra que as línguas da família Tupí-Guaraní apresentam partículas que distinguem fundamentalmente informações:

- a) baseadas na experiência pessoal do locutor;
- b) obtidas de um terceiro e fundamentadas sobre sua experiência pessoal;
- c) conhecidas por ouvir dizer;
- d) vistas em sonhos;
- e) proveniente de um mito;
- f) sentidas como possíveis.

Vejamos agora como as modalidades *aléticas* e *epistêmicas* são expressas semanticamente em Araweté.

16.3.1 Modalidade *alética*

A partícula *pa* sinaliza na sentenças o desconhecimento do falante quanto à informação contida na proposição ou em parte desta. (cf. cap. IX)

Por meio das partícula *herĩ* ‘dubitativo’ e *nupa* ~ *rupa* ‘probabilidade’, os Araweté exprimem a idéia simultânea de dúvida e probabilidade com respeito ao conteúdo da proposição. A partícula *herĩ* pode ser traduzida como ‘será’, tão usada nas perguntas em Português ‘será?’

1187) *u-ja ja we herĩ karahi*
 3-vir NEG TOP DUB sol
 ‘parece que não vem sol’

1188) *pĩdanaĩ herĩ ne Ø-ha rupa*
 pescar DUB 2 R¹-ir PROB
 ‘talvez você vá mariscar’

1189) *kumete herĩ Eliete Ø-ha pĩdanaĩ*
 hoje DUB Eliete R¹-ir pescar
 ‘hoje parece que a Eliete vai mariscar’

1190) *pĩdanaĩ herĩ pe Ø-ha*
 pescar DUB 23 R¹-ir
 ‘será que vocês vão pegar peixe’

1191) *ĩ-duhĩ herĩ he r-e*
 R²-frio DUB 1 R¹-CR
 ‘será que há frio pra mim’ ‘parece que estou com febre’

- 1192) *u-pe herĩ nuku uĩ*
 3-quebrar DUB esta flecha
 ‘será que esta flecha quebrou’
- 1193) *ere-ha puta ja herĩ Ø-ta Ø-hĩ*
 2-ir DESI NEG DUB R⁴-aldeia R¹-CA
 ‘será que você não quer ir da aldeia’
- 1194) *u-tfe ja herĩ ku Jere?eru*
 3-dormir NEG DUB FOC *Jere?eru*
 ‘será que o Jere?eru não dormiu’
- 1195) *u-pa herĩ afita*
 3-acabar DUB afita
 ‘será que a fita vai acabar’

Como já mencionamos no capítulo IX, a partícula *nahu* seguindo a palavra *awa* e a palavra *rupa* ~ *nupa* no final da sentença contribuem para sinalizar ao mesmo tempo a expectativa do falante em relação à certeza ou falsidade do conteúdo informacional:

- 1196) *awa nahu me?era?a u-mupipu rupa*
 quem SUP comida 3-cozinhar PROB
 ‘quem será que vai cozinhar comida?’(eu sei provavelmente quem cozinhará)

1197) *awa nahu mutu u-mujeʔẽ rupa*
 quem SUP motor 3-ligar PROB
 ‘quem será que ligará o motor?’

1198) *awa nahu tuha Ø-ʔu rupa*
 quem SUP remédio R¹-tomar PROB
 ‘quem será que vai tomar remédio?’

rutfe

A partícula *rutfe* ‘inferencial’ é usada para sinalizar que o conteúdo proposicional pode ser inferido do contexto pragmático.

1199) *maj ku he Ø-ʔuʔu huwiha ku rutfe*
 cobra FOC 1 R¹-morder grande FOC INF
 ‘a cobra que me mordeu parecia grande’

1200) *Iwapajuru herĩ tajuʔĩ Ø-na rutfe*
Iwapajuru DUB anzol R¹-dono INF
 ‘parece que Iwapajuru é o dono do anzol’

1201) *meʔe r-ahi apa tuha rutfe*
 o que R¹-dor MD remédio INF
 ‘parece o remédio do doente’

1202) *Nivaldo rutfe h-eka atamira r-upi*
Nivaldo INF R²-estar.em.mov Altamira R¹-CP
 ‘parece que Nivaldo ficou por Altamira’

1203) *a-ha puta ja rutfe Ø-ʔa-hi*
 1-ir DESI NEG INF R⁴-casa-CA
 ‘parece que eu não quero ir da casa’

16.4 Modalidade epistêmica

Foram identificadas até o presente três expressões de modalidade epistêmica em Araweté: *aʔi* ‘reiterativa’, *teje* ‘disque’ e o *reʔe* ‘atestado por outro’

aʔi

A partícula *aʔi* ‘reiterativa’ sinaliza no discurso que o falante reitera seu conhecimento sobre a verdade da proposição. No exemplo seguinte, o falante quer saber o porquê da pessoa ter voltado, mas deixa claro que sabe que a pessoa voltou:

1204) *marĩma pu ku ne r-udĩ kaʔarume aʔi*
 por que P FOC 2 R¹-voltar ontem REIT
 ‘por que você voltou ontem?’

1205) *a-ja ku he altamira Ø-hĩ aʔi*
 1-vir FOC 1 Altamira R¹-CA REIT
 ‘eu vim de Altamira’

1206) *uru-ja ku ure rupe Ø-ta Ø-hĩ a?ĩ*
 13-vir FOC 13 aquele R⁴-aldeia R¹-CAB REIT
 ‘nós viemos daquela aldeia’

1207) *uru-ja ku ure kaʔa Ø-hĩ a?ĩ*
 13-vir FOC 13 mato R¹-CAB REIT
 ‘nós viemos do mato’

1208) *pawẽ a?ĩ ipiʔĩ ne Ø-ʔa-we*
muito REIT piũ 2 R¹-casa-LP
 ‘tem muito piũ na tua casa’

1209) *pawẽ a?ĩ tarawe Ø-ta-we*
muito REIT barata R⁴-aldeia-LP
 ‘nessa aldeia tem muita barata’

1210) *h-aku a?ĩ*
 R²-quente REIT
 ‘está quente’

teje

A partícula *teje* sinaliza que a fonte de informação é a coletividade, ou seja, a fonte exata da informação não é identificada e corresponde à expressão ‘dizem que’ (disque) do português e às expressões *hearsay* do Inglês e do *oiii dire* do Francês:

- 1211) *a-tʃe pitui he teje ku he kaʔarume aʔi*
 1-dormir pouco 1 DISQUE FOC 1 ontem REIT
 ‘ontem, eu dormi só um pouquinho, disque’

reʔe

A partícula *reʔe* sinaliza que o conteúdo informacional foi atestado por outro:

- 1212) *ne ku tata ere-mu-ʔe reʔe*
 2 FOC fogo 2-fazer.apagar AT.OUTRO
 ‘você apagou o fogo’

- 1213) *e te ku u-ʔe reʔe*
 esse VDR FOC 3-apagar AT.OUTRO
 ‘ele mesmo (o fogo) apagou’

- 1214) *he Ø-mue pa ne reʔe*
 1 R¹-ensinar P 2 AT.OUTRO
 ‘você me ensinou?’

- 1215) *ɨ-nʔha-we ku t u-tʃe reʔe*
 R²-rede-LP FOC PROJ 3-dormir AT.OUTRO
 ‘na rede dele, (deitou) para dormir’

- 1216) *ere-juka ku ne jatɨ t ere-ru he r-e reʔe*
 2-matar FOC 2 jabuti PROJ 2-trazer 1 R¹-CR AT.OUTRO
 ‘você matou jabuti para trazer para mim’

1217) *pẽ-kanĩ ku pẽ pe-ka reʔe*
 23-perder FOC 23 23-estar.em.mov AT.OUTRO
 ‘vocês estão perdidos’

1218) *u-mu ku pape ure r-e reʔe*
 3-fez FOC papel 13 R¹-CR AT.OUTRO
 ‘ela fez carta pra nós’

16.5 Conclusão

No presente capítulo, descrevemos as expressões de modalidade identificadas até o presente na língua Araweté, modalidades de propósito, intencional, desiderativa, *alética*, e *epistêmica*. Mostramos que a modalidade *alética* distingue o que é dúvida ‘dubitativo’, o que é provável ‘probabilidade’ e que pode ser inferido ‘inferencial’. Quanto à modalidade *epistêmica*, a língua distingue o que é do conhecimento coletivo, do que é do conhecimento de outro e o que foi reportado por alguém específico.

CAPÍTULO XVII

17. Considerações finais

Nesta tese de doutorado apresentamos uma primeira descrição gramatical aprofundada da língua Araweté. Transcorremos sobre os trabalhos lingüísticos do Araweté, com ênfase no estudo pioneiro de Vieira e Leite (1998) sobre a fonologia e morfossintaxe dessa língua. Apresentamos de forma resumida algumas das importantes informações etnográficas sobre os Araweté, contidas no trabalho seminal de Berta Ribeiro (1983) “Araweté: a índia vestida”. Incluímos, também, igualmente de forma resumida, importantes informações dadas por Eduardo Batalha Viveiros de Castro (1986) sobre a origem e sobre a onomástica Araweté.

Apresentamos uma visão geral da fonologia segmental da língua Araweté. Ressaltamos os avanços no conhecimento da fonologia Araweté desde Viveiros de Castro (1986), Vieira e Leite (1998), Zorzette (1998), Cabral (1998), Leite *et alii* (1999), Cabral e Rodrigues (1999), Solano (2004) e Alves (2008), mas também o que a nossa experiência pessoal com essa língua nos tem ensinado durante os últimos cinco anos que dedicamos ao seu estudo. Mostramos que a língua Araweté distingue 12 fonemas consonantais, cinco fonemas vocálicos orais e quatro fonemas vocálicos nasais, e que o seu padrão silábico é $(C_1)V(C_2)$, mas que (C_2) corresponde unicamente a /j/, e que CVC é um padrão de ocorrência restrita. Mostramos também que o acento do Araweté caracteriza-se como um acento lexical, associado à última sílaba dos temas. Os casos de acento associado à penúltima ou à antepenúltima sílaba de uma palavra fonológica é decorrente de sufixação de morfemas átonos. Finalmente mostramos que nasalização em Araweté caracteriza-se como sendo localizada e originária de fonemas nasais ou de silêncio.

Apresentamos as propostas de classificação genética do Araweté na família Tupí-Guaraní, assim como alguns dos principais traços tipológicos que caracterizam essa língua. Mostramos que os estudos histórico-comparativos têm contribuído com resultados que comprovam a proximidade do Araweté com as línguas Asuriní do Xingu, com o Anambé do Cairari, e com o Amanajé e o Ararandewára, mas que a identifica como mais próxima do Anambé do Cairari.

Dos traços tipológicos do Araweté, destacamos a ordem determinante/determinado, em que o segundo segue o primeiro, e a marcação de dependência entre eles no núcleo

dependente. Ressaltamos que o Araweté apresenta sufixos e prefixos, tanto derivacionais quanto flexionais, que demonstrativos e quantificadores não formam com o nome um constituinte sintático, e que expressões adverbiais ao precederem um predicado acionam mudanças morfossintáticas no núcleo destes.

Observamos que a língua Araweté apresenta as ordens de palavras SOV, VSO e OVS, mas que SOV é a mais freqüente e a menos marcada. Observamos ainda que a língua faz uso de morfologia derivacional, de composição e de reduplicação e que apresenta um sistema de referência alternada.

Apresentamos uma introdução à descrição de classes de palavras da língua Araweté, focalizando as suas principais características morfológicas, morfossintáticas e semânticas. Vimos que, há em Araweté, três classes flexionáveis de palavras: verbos, nomes e posposições. Há também oito classes de palavras não flexionáveis: quantificador, advérbio, conjunção, palavras modalizadoras, palavras aspectuais, palavras focalizadoras/topicalizadoras, ideofones e interjeições.

Reunimos os principais traços distintivos da morfologia do nome, da morfologia do verbo e da morfologia das posposições, que são as três classes flexionáveis. Descrevemos também as oito classes de palavras não flexionáveis. Embora as classes não-flexionáveis sejam todas integradas por partículas, preferimos distingui-las enquanto classes funcionais ao invés de tratá-las como membros de uma classe de partículas.

Mostramos que a morfologia do nome é distinta da morfologia do verbo e que ambos compartilham da categoria chamada de flexão relacional (RODRIGUES, 1953, 1981, 1996). Mostramos que os nomes do Araweté dividem-se em relativos e absolutos e que entre estes últimos são nomes inerentemente referenciais e nomes que adquirem referência no discurso. Dentre os primeiros estão os que expressam entidades concretas e os que expressam entidades como qualidades e sensações. Mostramos quais as categorias que se manifestam nos nomes e qual a estrutura do sintagma nominal. Mostramos que a função de adjetivo pode ser expressa por um nome ou por um verbo que entra em composição com o nome que modificam. Mostramos que apenas o determinante que corresponde ao possuidor forma com o nome determinado uma unidade sintática, e que quantificadores, demonstrativos e numerais não são determinantes nominais.

Quanto aos verbos, mostramos que são transitivos e intransitivos e que entre eles há os que têm um complemento a mais, encabeçado pela posposição *-ehé*. Apresentamos uma descrição da estrutura interna dos verbos, focalizando as categorias que são expressas em seus

temas, e tratamos de suas subclasses semânticas, cujos elementos têm funções particulares na gramática Araweté, como as de expressar noções aspectuais.

Ao descrevermos o sintagma verbal, ressaltamos que a sua estrutura não deve ser confundida com a estrutura de sintagmas nominais que têm como base temática um verbo. Esta última estrutura é a mais difundida no discurso Araweté por cobrir um número muito maior de situações e contextos pragmáticos de fala, quando comparada às construções que requerem um predicado verbal (processual).

Descrevemos as classes de palavras não flexionáveis, entre as quais há aquelas que têm ou funções adverbiais, ou aspectuais, ou modais, mas também as que correspondem a marcas pragmáticas e as que são expressões de fatos paralingüísticos.

A descrição da classe de palavras Araweté mostrou que essa língua é uma língua aglutinante, que usa a técnica fusional de construção de palavras com parcimônia. Mostrou que tende a equilibrar estratégias morfológicas de sufixação e prefixação.

Mostramos que a língua Araweté possui um sistema de alinhamento condicionado pelas relações entre agente e paciente, ou seja, por quem age sobre quem, mas também pela topicalização de constituintes adverbiais, e pela natureza mais nominal de predicados. Isso mostra que alinhamento em Tupí-Guaraní não deve ser reduzido a caracterizações correntes descritas para as línguas Tupí-Guaraní como as que reduzem o alinhamento das línguas a um sistema ativo-estativo ou a um sistema inverso.

Descrevemos aspectos da predicação em Araweté. Mostramos que, nesta língua, elementos das duas classes abertas de palavras – nomes e verbos – predicam, como ocorre em várias outras línguas da família Tupí-Guaraní, de acordo com as análises de lingüistas com experiência na descrição de diversas línguas Tupí-Guaraní (cf. RODRIGUES, 1996, 2001; DIETRICH, 1977, 2000, 2001; CABRAL, 2000, 2001, 2007, 2009).

Tratamos da diferença fundamental entre dois tipos de predicados principais existentes na língua Araweté, predicados verbais e predicados nominais, em termos morfossintáticos e em termos semântico-funcionais, com base no artigo “Argumento e Predicado em Tupinambá” de autoria de Aryon D. Rodrigues (1996). Este artigo desenvolve pioneiramente a discussão sobre as diferenças entre as expressões de nomes e de verbos como argumento e como predicado, distinguindo ao mesmo tempo essas duas classes abertas de palavras em línguas Tupí-Guaraní.

Mostramos que a língua Araweté faz uso de estratégias distintas para combinar orações, mas que essas estratégias são orientadas pelo princípio da *co-referencialidade* ativo

na língua, segundo o qual há que ser considerado tudo o que é co-referente com o sujeito da oração principal e tudo o que tem co-referência disjunta, ou seja, tudo o que é não co-referente com o sujeito da oração principal. Mostramos que no Araweté, quando há co-referência entre sujeitos, um dos predicados é tratado como predicado dependente.

Mostramos que as orações no gerúndio seguem o mesmo padrão independentemente de o núcleo do predicado ser verbal ou menos verbal. Nos dois casos, recebem prefixos co-referenciais quando núcleos de orações dependentes.

Reunimos exemplos que ilustram as diferentes estratégias de combinar orações por justaposição ou subordinando uma a outra. Este último modo de combinação expressa o que em português equivaleria às orações de gerúndio e de subjuntivo de sucessividade e de condição.

Descrevemos as estratégias da língua Araweté identificadas até o presente para negar o conteúdo informacional de constituintes discursivos - argumentos, predicados, circunstâncias e sentenças. Mostramos que o Araweté possui três partículas que podem ser analisadas como sendo marcadores de negação de predicados ou de sentenças, sendo que uma delas, a partícula *ja ~ ja we* nega também constituintes menores. Seguindo Solano e Cabral (2007), dada a alta frequência desta partícula, assim como a possibilidade de negar vários tipos de constituintes e de ser também a estratégia usada para negar constituintes topicalizados, consideramos essa partícula a expressão da negação padrão da língua Araweté.

Quanto às partículas *imi* e *hana*, vimos que têm distribuição mais restrita do que a partícula *ina ~ na*. Demonstramos que *imi* é usada em comandos com um significado proibitivo, mas que em enunciados no modo indicativo tem um significado de privativo; e que a partícula *hana* tem uma função *coibitiva* e que é própria de comandos (cf. SOLANO E CABRAL, 2007).

Observamos que o sufixo *-ime?e* embora tenha uma função privativa, é usada para negar predicados nominalizados que podem funcionar como predicados estativos ou como argumento.

Descrevemos os diferentes tipos de perguntas identificadas até o presente na língua Araweté. Mostramos que perguntas polares e perguntas informacionais exigem que o constituinte questionado seja seguido da partícula *pa*, que é uma das expressões de modalidade 'alética' nessa língua. Apresentamos vários exemplos contendo as diferentes partículas modalizadoras de perguntas e ressaltamos que uma oração declarativa pode ser usada retoricamente para fazer perguntas. Observamos que a variedade de partículas usadas

em perguntas na língua Araweté corresponde às distinções culturais que fazem os Araweté, como as de *estático* versus *dinâmico* com respeito ao conceito de *onde*, ou a não distinção de *quanto* versus *quando*.

Os dados apresentados mostram que a posição periférica à esquerda da sentença, é a posição dos constituintes questionados, ou seja, é uma posição de tópico/foco.

Tratamos de derivações de nomes e de verbos em Araweté. Mostramos que essa língua possui três nominalizadores propriamente ditos, os nominalizadores *-meʔe/-imeʔe* ‘derivador de predicados’, *-mire* ‘nominalizador de nome de paciente’ e *emí-* nominalizador de ‘nome de objeto’. Demonstramos que o nominalizador de paciente tem características peculiares, como o fato de ser base de derivações por meio do prefixo *mu-* ‘causativo’, assim como o fato de incluir em seu significado o de entidade de existência retrospectiva. Mostramos que o nominalizador *meʔe/-imeʔe* nominaliza predicados de núcleos de várias naturezas e que os nomes resultantes podem funcionar como argumentos e como predicados, mas que, quando funcionam como predicados são sempre de natureza nominal.

Tratamos também do morfema derivacional *-ha* que deriva nomes de verbos, mas também de nomes de sensações e de nomes de qualidades, razão pela qual optamos por chamá-lo de “derivador de nome de agente/circunstância”. Argumentamos ainda que o fato deste morfema se combinar com nomes dessa natureza e não com nomes concretos, é conseqüência da natureza dos nomes de qualidade e de sensações. Só estes podem ser a base de nomes que exprimem circunstância, como a circunstância de ‘estar alegre’, de ‘estar triste’, de ‘estar cansado’, o que não é normal quando se trata de nomes com referentes como ‘mão’, ‘faca’, ‘pai’.

Descrevemos a combinação do morfema *mu-* com nomes de sensação e de qualidade. Mostramos que essa combinação faz do morfema *mu-* um derivador de verbos transitivos, a partir de verbos e a partir de nomes. Com verbos intransitivos o objeto do verbo derivado é um agente, mas com nomes, o resultado é um paciente.

Mostramos que Araweté possui dois tipos de composição, a composição propriamente dita e a incorporação. A primeira pode ser determinativa e atributiva. A determinativa é aquela resultante da combinação de dois nomes concretos, ou de dois verbos, um determinando o outro, em que o primeiro determina o segundo, enquanto que a composição atributiva ocorre com a união de um nome concreto e um nome de qualidade ou sensação, um nome concreto e um verbo intransitivo, ou dois verbos. Mostramos também que a incorporação de um substantivo ao verbo é um processo tão lexical quanto os demais

processos de composição, como exemplificam as nominalizações de agente e de circunstância obtidas a partir da composição nome+verbo transitivo.

Tratamos dos tipos de reduplicação em Araweté. Mostramos que essa língua apresenta dois tipos de reduplicação, um tipo que é monossilábico e outro que é dissilábico, justamente como ocorre em Tupinambá, como descrito por Rodrigues (1953). Como o Araweté é uma língua que não possui consoantes em posição de declive silábico, nem sufixos com sílabas pré-tônicas acentuadas, mantém integralmente as seqüências sonoras do tema original, diferentemente do Tupinambá, que por possuir características como aquelas, tinha seqüências sonoras modificadas por processos morfo-fonêmicos ativos na língua, como a queda de consoantes finais de tema nas junturas de temas reduplicados ou na assilabificação de vogais altas finais de temas seguidos do sufixo de gerúndio (cf. RODRIGUES, 1953:138).

Mostramos que a primeira e a segunda pessoa ocupam a mesma posição na escala hierárquica de tópico, ambos são superior ao objeto de terceira pessoa, mas quando eles são objeto, são sempre mais tópicos, independentemente do sujeito ser de primeira ou terceira, no caso da segunda pessoa, ou dela ser de segunda ou terceira, no caso da primeira pessoa. Resumindo, em Araweté, a escala hierárquica referencial é $1 = 2$, e $1 e 2 > 3$.

Quanto ao sistema de alinhamento observado no Araweté, os dados mostram que se trata de uma língua que apresenta um padrão nominativo quando o objeto é de terceira pessoa, mas um padrão absolutivo quando o objeto não é de terceira pessoa, assim como nos modos indicativo II e no modo subjuntivo.

Descrevemos também importantes aspectos do sistema de referência alternada ativo em Araweté. Destacamos que nessa língua a referência alternada é acionada quando há co-referência ou referência disjunta envolvendo possuidor e sujeito, complemento de posposição e sujeito e dois ou mais sujeitos de orações distintas de uma mesma sentença ou de orações adjacentes de sentenças distintas, como ocorre no Asuriní do Tocantins (cf. CABRAL, 1997). Destacamos também que os prefixos co-referenciais se combinam com nomes, com verbos e com posposições, mas que só se combinam com verbos no modo gerúndio e neste apenas com verbos intransitivos.

Mostramos que os verbos transitivos no gerúndio não se diferenciam de predicados transitivos no modo indicativo II. Finalmente, mostramos que a língua Araweté faz uso de várias construções no gerúndio em uma mesma sentença, quando se quer acentuar a continuidade de um processo. A este tipo de predicados em série chamamos de “construções

seriais”, o que difere da utilização da expressão ‘serial verbs’, usada por Jensen (1990), para designar o modo gerúndio em si.

Mostramos que a língua Araweté faz uso de duas estratégias principais para topicalizar e focalizar constituintes do discurso: o posicionamento do constituinte topicalizado na periferia esquerda da sentença e o uso da partícula *ku*. Nos dois casos, o constituinte topicalizado/focalizado é o centro de atenção do discurso. Os exemplos indicam que a partícula *ku* pode marcar um constituinte em posição de tópico, quando este elemento é uma expressão adverbial, mas ocorre obrigatoriamente com os demais constituintes topicalizados/focalizados.

Finalmente descrevemos as expressões de modalidade identificadas até o presente na língua Araweté, modalidades de *propósito*, *intencional*, *desiderativa*, *alética* e *epistêmica*. Mostramos que a modalidade *alética* distingue o que é dúvida (‘dubitativo’), o que é provável (‘probabilidade’) e o que pode ser inferido (‘inferencial’). Quanto à modalidade *epistêmica*, a língua distingue o que é do conhecimento coletivo do que é do conhecimento de outro e estes do que foi reportado por alguém específico.

Pretendemos dar continuidade a este estudo gramatical, aprofundar vários dos temas desenvolvidos nesta tese, apresentar um primeiro dicionário para a língua Araweté e continuar a documentação lingüística desta língua, buscando também a aplicação do conhecimento alcançado em benefício do ensino da língua Araweté nas escolas das aldeias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. *et alii*. *A Língua Tapirapé*. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil (*Série Biblioteca Reprográfica Xerox*), 1983.
- ALVES, Juliana Ferreira. 2008. *Fonética e fonologia da língua Araweté: uma nova contribuição* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, UnB: Brasília, 2008.
- ANCHIETA, José de. *Arte de grammatica da língua mais usada na costa do Brasil*. Coimbra, 1595.
- BAKER, C. Mark. *The mirror principle and morphosyntactic explanation*. In: *Linguistic Inquiry* 1985 16, 373-415.
- BROWN, P. & LEVINSON, S. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale I*. Paris: Gallimard, 1966.
- _____. *Problemas de lingüística geral I*. Trad. de Maria da Glória Novak e Luiza Neri; Rev. do Prof. Isaac Salum. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- CABRAL, Ana Suelly A. Câmara. *Algumas evidências lingüísticas de parentesco genético do Jo'é com as línguas Tupí-Guaraní*. Moara, Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras 4:47-76. Belém, UFPA, 1996.
- _____. Prefixos relacionais no Asuriní do Tocantins. Moara, Revista dos cursos de Pós-Graduação em Letras 8:7-24, Belém, UFPA, 1997.
- _____. *Prefixos relacionais na família Tupí-Guaraní*. In: SOARES, Marília E. (Org). Boletim da ABRALIN 25:213-262. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC.
- _____. *Aspectos da marcação de caso no Asuriní do Tocantins*. In *Anais do XIII Congresso da Abralín*, CD-ROM, 2000.
- _____. 'O desenvolvimento da marca de objeto de 2a. pessoa plural em Tupí-Guaraní'. In: CABRAL, Ana Suelly A.C. & RODRIGUES, Aryon D. (Orgs.), *Estudos sobre Línguas Indígenas I*. Belém: UFPA, 2001, p. 117-145.
- _____. *L'Épistémique et l'Aléthique dans la Famille Tupí-Guaraní*. In: Zlatka Guentchéva e Jon Landaburu. (Org.). *L'Énonciatio Médiatisée II. Le traitement épistémologique de L'Information: illustration amérindiennes et caucasiennes*. Louvain-Paris: Éditions Peeters, 2007, v. II, p. 267-292.

_____. As Categorias Nome e Verbo em Zo'é. In: Cabral, Ana Suelly A. C.; Rodrigues, Aryon D.. (Org.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2007, v. I, p. 241-257.

_____. *La lengua Assuriní du Tocantins (no prelo)*. In: Queixalós, F. (resp.) Amérique, dans Peyraube, A. & Bonvini, E. (resps.), *Dictionnaire des langues du monde*, in: Auroux, S. (resp.) *Encyclopédie des sciences du langage*,. (Org.). *Dictionnaire des langues du monde*. Paris : PressesUniversitaires de France (no prelo).. Paris: Press Univarsitaire, 2009.

_____ & JULIÃO, Maria Risoleta & MAGALHÃES Marina. *Linguistic Diffusion in the Tocantins-Mearin*. I Encontro Internacional Sobre Línguas e Culturas dos Povos Tupí. UNB/LALI, 2004.

_____ & RODRIGUES, Aryon Dalligna . O desenvolvimento do gerúndio e do subjuntivo em Tupí-Guaraní. In: Aryon Dall'Igna Rodrigues; Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. (Org.). *Novos estudos sobre Línguas Indígenas*. Brasília: Editora da UnB, 2005, v. 1, p. 47-58.

_____ & RODRIGUES, Aryon Dall' Igna . *Uma abordagem histórico comparativa de expressões dêiticas no tronco lingüístico Tupí*. 2008. (no prelo)

_____ & SOLANO, Eliete de Jesus B. *Sobre as línguas Tupí-Guaraní do Xingu e os seus deslocamentos pré-históricos*. In: SIMÕES, Maria do Socorro (org). *Sob o signo do Xingu*. Belém: UFPA/IFNOPAP, 2003, p. 17-36.

_____ & SOLANO, Eliete de Jesus B. *Mais fundamentos para a hipótese de proximidade genética do Araweté com línguas do sub-ramo V da Família Tupí-Guaraní*. Trabalho apresentado no XXI Encontro Nacional da ANPOLL - GT- línguas indígenas, 03-06 de julho, São Paulo, 2006.

_____ & SOLANO, E. J. B. *Um Estudo Preliminar sobre a Negação em Araweté*. In: Maria do Socorro Simões. (Org.). *Encontro IFNOPAP: Ensino, Pesquisa e Extensão: reflexões e práticas científico-acadêmicas*. Belém: Universitária-UFPA, 2007.

CABRAL, Ana S. A. C., RODRIGUES, Aryon D., SOLANO, Eliete J. B. MONSERRAT, Ruth. M. F. *Apontamentos históricos das línguas do subramo V da família Tupí-Guaraní* (em preparação), 2009.

CALDAS, Raimunda Benedita Cristina. *Aspecto, Modo de Ação e Modalidade em Ka'apor*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Pará, 2001.

CAMPBELL, Lyle. *Historical Linguistics: an Introduction*. Edinburgh: [Edinburgh University Press](http://www.edinburghuniversitypress.com), 1998

- CARREIRA, Genne E. da Silva & LIMA, Orivaldo Pedro. *Expressões de Caso em Línguas Tupí-Guaraní*. Trabalho de Conclusão de Curso: Universidade Federal do Pará, 2002.
- CARVALHO, Márcia Goretti Pereira. *Sinais de morte ou vitalidade? Mudanças estruturais na língua Tembé*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Pará, 2001.
- CASTRO, Eduardo B. Viveiros de. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.
- COMRIE, B. *Switch-reference in Huichol: a typological study*. In HAIMAN, J. & MUNRO P. (orgs.), *Switch-reference and universal grammar* Typological Studies in language, John Benjamins, Amsterdam, 1983.
- _____. *Language universals and linguistic typology*. 2ª edição. Chicago: University of Chicago, 1989.
- COSERIU, Eugenio. *Sobre Las Categorías Verbales ("Partes de la oracion")*. In *Revista de Lingüística Teórico y Aplicada*. vol.10, 1972
- COUDREAU, H. *Viagem ao Xingu*. São Paulo: Itatiaia: EDUSP, 1977.
- CROFT, William. *Typology and universals*. Cambridge Textsbooks in: Linguistics, Cambridge University Press, Cambridge, 1990.
- DIETRICH, W. *El idioma chiriguano. Gramática, textos, vocabulario*. Madrid: Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1986.
- _____. *Categorías Lexicais nas Línguas Tupí-Guaraní (visão comparativa)*. In: Queixalós, F. (org.), *Des noms et des verbes en tupi-guarani*, p. 20-37. Munique: Lincon Europa, 2001.
- DOOLEY, Robert A. *Vocabulário do guarani: Vocabulário básico do guarani contemporâneo (dialeto Mbüá do Brasil)*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1982 322.
- FOLEY, William A e VAN VALIN Jr, Robert D. *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge University Press, Cambridge, 1984.
- GABAS JR, Nilson. *A Grammar of Karo (Tupi, Brazil)*. Tese de Doutorado em Lingüística. University of California, U.C.:Estados Unidos, 1999.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. *Migração, guerra e comércio: os Waiãpi na Guiana* (Dissertação de Mestrado em Ciência Social (Antropologia Social). Universidade de São Paulo, USP, Brasil, 1980.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax a Functional-typological Introduction*. 2 vol. John Benjamins, Amsterdam, 1984.

- GUENTCHÉVA, Zlatka (ed.). *L'Énonciation médiatisée*. Louvain: Peeters, 1996 pp 287-298.
- HALLE, Morris, Phonology in Relation to Phonetics. In: L. Kaiser, Editor, *Manual of Phonetics*, North-Holland Publishing Co, Amsterdam, 1957 pp. 215–251.
- HARRISON, Carl H.. *Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara*. In: Desmond C. Derbyshire and Geoffrey K. Pullum (eds.), *Handbook of Amazonian languages*, vol. 1. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986 pp. 407-39.
- HAWKINSON, A. K. & HYMAN, Larry M. Hierarchies of natural topic in Shona. *Studies in African Linguistics* 5: 1974 pp. 147–170.
- JACOBSEN JR., William H. *Typological and genetic notes on switch-reference systems in North American Indian Languages*. In: HAIMAN, John & MUNRO, Pamela (eds.) *Switch Reference and Universal Grammar*. Typological Studies in language, John Benjamins, Amsterdam, 1983.
- JAKOBSON, R. *On language*. Waugh, Linda R. e Monville-Burston, Mônica (org.), Cambridge, Harvard University Press, 1990.
- JENSEN, Cheryl Joyce S. *O desenvolvimento histórico da língua Wayampi*. (Série Línguas Indígenas). 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. LEHMANN, W. P. *Syntactic Typology* (ed.) Austin: University of Texas Press, 1981 463 p
- JULIÃO, Maria Risoleta Silva. *Aspects morphosyntaxiques de l'anmbe*. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciências da linguagem, Universidade de Toulouse, Mirail, Toulouse, 2005 215 f.
- KAKUMASU, J. *Urubú-Ka'apor*. In Derbyshire, D. C. and Pullum G. K. (eds.), *Handbook of Amazonian Languages*, v. I, p.326-403. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1986.
- KAUFMAN, Terrence. *Language History in South of America: what we know and how to know more*. In: PAYNE, D. L. *Amazonian Linguistics- studies in lowland South American Languages*. university of Texas Press, Austin. 1990.
- LARAIA, Roque de B. & MATTA da, Roberto A. *Índios e Castanheiros*. Difusão Européia do Livro. Coleção Corpo e Alma do Brasil. São Paulo, 1967.
- LEITE, Y. F. *Aspectos da Fonologia e Morfofonologia Tapirapé*. Boletim do Museu Nacional. Zoologia, Rio de Janeiro, v. 8, p. 1-17, 1977.
- _____ *A Classificação do Tapirapé na Família Tupi-Guarani*. Ensaio de Lingüística Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 25-32, 1982.
- _____ *Para uma tipologia ativa do Tapirapé: os clíticos referenciais de pessoa*. Cadernos de Estudos Lingüísticos (UNICAMP), Campinas, v. 18, p. 37-56, 1990.

- _____ *A incorporação nominal em Tapirapé (Tupí-Guaraní)*. X Congresso Internacional de la Asociación de Lengüística y Filología de America Latina Vera Cruz, México, 1993.
- LEITE, Yonne F. et alii. *Fonética Acústica e Representação Fonológica: as vogais do Araweté*. IX Congresso da ASSEL, Faculdade de Letras: UFRJ, 1999.
- LEMLE, Miriam. *Internal classification of the Tupi-Guarani linguistic family*. In: David Bendor-Samuel (ed.), *Tupi studies I*, 107-29. Summer Institute of Linguistics Publications in Linguistics and Related Fields, 29, 1971.
- LYONS, John. *Introduction to theoretical linguistics*. Cambridge, England: Cambridge University, 1968.
- LONGACRE, Robert E. *Hierarchy and universality of discourse constituents in New Guinea languages: Discussion*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1972 xviii, 176 p.
- _____ *Comparative study: tupi-guarani*. In: DERBYSHIRE, Desmond C. & PULLUM, Geoffrey K. (editores). 1998. *Handbook of Amazonian languages, vol. 4*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter. 646 pp.
- MAROUZEAU, J. *Lexique de la terminologie linguistique*. Paris: Goutliner, 1943.
- MAGALHÃES, M. M. S. *Sobre a morfologia e a sintaxe da língua guajá (família Tupí-Guaraní)*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- _____ *O gerúndio em Guajá*. In: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral; Aryon Dall'igna Rodrigues. (Org.). *Línguas e culturas Tupí*. 1 ed. Campinas: Curt Nimuendajú, 2007, v. 1, p. 349-355.
- MEILLET, Antoine (1915). "Le renouvellement des conjonctions." *Annuaire de l'École Pratique des Hautes Études, section historique et philologique*. Reimpr.: Meillet, 1921.
- MITHUN, Mariane. *The evolution of noun incorporation*. *Language* 60 (4): 1984, pp. 847-894
- MONSERRAT, Ruth Maria Fonini & Irmãzinhas de Jesus. *Língua Asuriní do Xingu: Observações gramaticais*. Altamira (Pará): Conselho Indigenista Missionário, 1998.
- MONSERRAT, Ruth & SOARES, M. L. C. F. *Hierarquia Referencial em Línguas Tupi*. *Ensaio de Lingüística. Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura*, Belo Horizonte, v. 9, p. 164-187, 1983.
- MONTOYA, Antonio Ruiz de [1639]. *Vocabulario y Tesoro de la lengua guarani (ó mas bien tupi)*. Publicado nuevamente sin alteración alguna por Julio Platzmann. Leipzig: Imprenta W. Drugulin, 1876.

MULLER, Regina Polo et alii. *Eleição das áreas indígenas Koatinemo – Ipixuna – Bacajá/Grupos indígenas Asuriní – Araweté – Xikrin*. Relatório de grupo de trabalho (Portaria 627/E de 15.10.79). MINTER/FUNAI, Brasília, 1979.

NIMUENDAJÚ, Curt. Little-known tribes of the lower Tocantins river region. In: J. H. Steward (org.). *Handbook of Southamerican Indians*, vol. 3: The Tropical Forest Tribes. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143. Washington D.C.: Government Printing Office, 1948, p. 203-208.

_____. Tribes of the lower and middle Xingu river. In: J. H. Steward (org.), *Handbook of South American Indians*, vol. 3: The Tropical Forest Tribes. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143). Washington, D. C.: Government Printing Office, 1948, p. 213-243.

QUIRK, R. *et al.* *A comprehensive grammar of the english language*. London/New York, Longman, 1985.

RIBEIRO, Berta. *Araweté: a índia vestida*. Revista de Antropologia, Vol. XXVI. São Paulo: 1983.

RODRIGUES, Aryon. *A composição em Tupi*. In: Separata de *Logos*, ano VI, n. 14. Curitiba, 1951

_____. *Análise morfológica de um texto Tupi*. In: *Logos* vol. VII 15:56-77. Curitiba, 1952.

_____. *Morfologia do verbo tupi*. In: *Letras* 1:121-152. Curitiba, 1953.

_____. *Classificação do tronco lingüístico tupi*. REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SAO PAULO, v. 12, 1964.

_____. *Estrutura do Tupinambá* (ms), 1981.

_____. *A obra científica de Mattoso Camara Jr.* In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 6, p. 83-94, 1984.

_____. *Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní*. Revista de Antropologia 27/28:33-53. São Paulo, 1985.

_____. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. *Argumento e predicado em Tupinambá*. Boletim da Associação Brasileira de Lingüística. 19: 6-18, Maceió, 1996.

_____. *Casos de Gramaticalização em Línguas Tupí-Guaraní*. Trabalho apresentado durante a 20a. Sessão do *Seminário Permanente de Línguas Indígenas da UFPA*, em 4 de outubro de 1998, Laboratório da Linguagem, UFPA.

- _____. *Alguns Casos de Regramaticalização em línguas da família Tupí-Guaraní*. Comunicação feita no Seminário Permanente de Línguas Indígenas, UFPA, Belém. 1998.
- _____. *Caso em Tupí-Guaraní*. Trabalho apresentado no XIII Encontro Nacional da ANPOLL - GT- línguas indígenas, 10-12 de junho, Campinas, 1998.
- _____. *Tupí*. In Dixon, R. M. W., e Aikhenvald, Alexandra Y. (orgs.), *The Amazonian Languages*, p. 107-124. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- _____. *Caso em Tupí-Guaraní, particularmente em Tupinambá*. In: XIII Congresso da ANPOLL, 2000.
- _____. *Flexão relacional no tronco lingüístico Macro-Jê*. Abralín – Boletim da Associação Brasileira de Lingüística, 25:219-31. Fortaleza, 2000.
- _____. Sobre a natureza do caso argumentativo. In: Queixalós, F. (org.), *Des noms et des verbes en tupi-guarani*, p. 103-114. Munique: LINCOM Europa, 2001a.
- _____. Alguns problemas em torno da categoria gramatical verbo em Tupí-Guaraní. In Cabral, Ana Suelly A. C.; Rodrigues Aryon D. (orgs.) *Estudos sobre línguas indígenas I*, p. 87-100. Belém: Gráfica da UFPA, 2001b.
- _____. & CABRAL, Ana Suelly A. C. *Reverendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní*. In: Ana Suelly A. C. Cabral & Aryon D. Rodrigues (Orgs.), *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática, história*. vol. I:327-337. Belém: EDUFPA, 2002.
- _____. *As vogais orais do Proto-Tupí*. In: Aryon Dall'Igna Rodrigues; Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. (Org.). *Novos estudos sobre línguas indígenas*. 1 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005, v. , p. 35-46.
- ROSE, F. 2003. *Morphosyntaxe de l'emerillon – langue tupi-guarani de Guyane française*. Tese de doutorado, Université Lumière Lyon 2.
- SAPIR, Edward. *Language*. New York:Harcourt, 1921.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Repr.1968.Hildesheim: Olms.(excerpts in Engl.transl. In Lehmann (ed.) 1967).1879.
- _____. *Cours de Linguistique Générale*. Paris:Payot.
- SEKI, L. *Marcadores de Pessoa no Verbo Kamaiura*. In: Cadernos de Estudos Lingüísticos (UNICAMP), Campinas, v. 3, p. 22-40, 1982.
- _____. *Kamaiurá (Tupi-Guarani) as active-stative language*. In: Doris L. Payne. (Org.). *Amazonian Linguistics Studies In Lowland South American Languages*. 1 ed. Austin: University of Texas Press, 1990, v. , p. 367-391.

_____. *Gramática Kamaiurá - Língua Tupi-Guaraní do Alto Xingu*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

SGALL, P., HAJICOVA, E. & BENESOVA, E. *Topic, Forms, and Generative Semantics*. Krönberg: Scriptor, 1973.

_____. HAJIČOV, E. *Focus on focus*. In: The Prague Bulletin of Mathematical Linguistics, 28, 1977 pp. 5–54

SILVA, Tabita Fernandes. *Classes verbais e algumas questões pragmáticas em Ka'apór*. 79f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, 2001.

[SILVERSTEIN, Michael](#). *Hierarchy of features and ergativity*. In: Dixon, R.M.W. (ed.) *Grammatical categories in Australian languages*. New Jersey: Humanities Press, 1976 pp. 112-171.

SOARES, Marília F. & LEITE, Yonne. Vowel shift in the Tupi-Guarani language family: a typological approach. In: Mary Ritchie Key (org.), *Language Change in South American Indian Languages*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 36-53, 1991, pp. 36-53.

SOLANO, Eliete de J. B. *A posição do Araweté na Família Tupi-Guarani: contribuições lingüísticas e históricas*. 113 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, 2004.

_____. Análise Comparativa de Aspectos Fonológicos das Línguas Asuriní do Xingu, Araweté e Wayampí. In: SIMÕES, Maria do Socorro (org). *Revisitando o Marajó: um arquipélago sob a ótica da ciência, educação e biodiversidade*. Belém: NUMA/UFPA/IFNOPAP, 2005, p. 11-27.

SHOPEN, Timothy (ed.) *Language Typology and Syntactic Description- Complex Constructions*. 3 vol. Cambridge University Press. Cambridge, 1985.

STIRLING, Lesley. *Switch-reference and discourse representation*. Cambridge University Press, Cambridge, 1993.

TALMY, Leonard. 1985. Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms. In: SHOPEN, Timothy (editor). *Language typology and syntactic description: Grammatical categories and the lexicon*. Volume 3. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1985 pp. 57–149.

TESNIERE, Lucien. *Éléments de syntaxe Structurale*. Paris. Éditions Klincksieck, 1969.

THOMASON, S. G. Analogic change as grammar complication. In: Christie (ed.) 1976: 401-409.

_____.Language Contact; An Introduction. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

THOMASON, S.G. & KAUFMAN, T. Language Contact, creolization and Genetic Linguistics. Berkeley: University of California Press, 1986.

VAN VALIN, R. D. “Review article – Pragmatics, ergativity and grammatical relations”. In: *Journal of Pragmatics*. 7: 63-88, 1983.

VAN DER MEER, Tine H. *Case marking in Suruí*. In: FORTUNE, David L. (ed.). *Workpapers*. Porto Velho: 1985. pp. 208-30. Brasília: Summer Institute of Linguistics.

VIEIRA, Márcia Maria Damaso. *Hierarquia referencial de pessoa e mudança morfológica: uma comparação Tupinambá-Asurini*. In: II Encontro Nacional da ANPOLL, 1987, Rio de Janeiro. *Anais do II Encontro Nacional da ANPOLL*, 1987.

_____. *O problema da não-configuracionalidade na língua Asurini do Trocará: um fenômeno derivado da projeção dos argumentos verbais*. Tese de Doutorado em Lingüística. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP: Campinas, 1993.

_____. *As construções relativas em Asurini do Trocará*. In: I Congreso Internacional da ABRALIN, 1996, Salvador. *Atas do I Congreso Internacional da ABRALIN*. Salvador, 1995.

_____. *As construções com concordância múltipla em Guaraní (dialeto Mbyá)*. In: Ana Suelly A. C. Cabral & Aryon D. Rodrigues (Orgs.), *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática, história*. vol. I:425-433. Belém: EDUFPA, 2002.

_____. *Categorias Funcionais e a derivação das construções relativas em algumas línguas da família Tupi-Guarani*. In: XI Encontro Nacional da ANPOLL, 1996, João Pessoa. *Resumos do XI Encontro Nacional da ANPOLL*, 1996.

_____. *The categorial status of lexical itens in Mbyá-Guarani*. *Memorias de El V Encuentro Internacional de Lingüística de El Noroeste Série Lingüística*, Hermosillo, México- Editora Uni, v. 2, 2000.

_____. *A negação sentencial em línguas da família Tupi-Guarani*. In: Ana Sueli Cabral e Aryon Rodrigues (orgs.). (Org.). *Línguas e Culturas Tupí*. 1 ed. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2007, v. 1, p. 1-20.

_____. & LEITE, Yonne F. *Observações Preliminares sobre a Língua Araweté. Moara – Rev. dos Cursos de Pós-Grad. em Letras da UFPA* 9:7-31. Belém, 1998.

WIESEMANN, Ursula. *Switch reference in Bantu languages*. In: *Journal of West African Languages* 12(2): 1982 pp. 42-57

_____. "Verb combinations within a verb phrase." *Notes on Linguistics*: 47, 1989 pp. 25-28.

VIDAL, Lux B. *Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira*. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1977.

ZORZETTI, Solange Amâncio. *Classificação da Língua Araweté*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará-Campus de Altamira-Pa, 1998.

ANEXO A

Consultante: *Tatuavin Araweté*

Idade: 36 anos

Data do registro sonoro: 19 de outubro de 2005

Local do registro: **Aeroporto Internacional Juscelino Kubitschek**, Brasília, DF

Local do arquivamento: **Banco de dados de Línguas Indígenas do Laboratório de Línguas Indígenas** da Universidade de Brasília (LALI)

Despedida

1) *a-wahẽ ku he peahu ʔe a-he te-ta-we*
2-dar FOC a aeroporto esse.aqui 1-vou 1CORR-aldeia-LP
'eu cheguei aqui no aeroporto; eu vou para minha aldeia'

2) *a-ha te he r-eja a-he te-ta-we*
1-ir VDR 1 R¹-deixar 1-ir 1CORR-aldeia-LP
'eu cheguei (aqui), (você) me deixou (no aeroporto); eu vou para minha aldeia'

3) *a-ha te he r-eja he Ø-ta-we reʔa aʔi*
1-ir VDR 1 R¹-deixar 1 R¹-aldeia-LP esse.aqui REIT
'eu vou embora mesmo, não levarei essa aqui na minha aldeia'

4) *a-ha rete reʔa hejri reʔa h-a Ø-hi*
1-ir VDR esse.aqui sozinho daqui R²-casa R¹-CAB
'eu vou de fato daqui, sozinho, de tua casa'

- 5) *a-ja jepe he Ø-ta te-jíwí*
 1-vir depois 1 R¹-ALDEIA 1CORR-voltar
 ‘eu vou voltar para minha aldeia depois’
- 6) *a-ja jepe he Ø-ta te-jíwí*
 1-vir depois 1 R¹-ALDEIA 1CORR-voltar
 ‘eu vou voltar para minha aldeia depois’
- 7) *imi Ø-katu dídí*
 tempo.pass BOM depois
 ‘depois do bom tempo’
- 8) *imi Ø-katu dídí*
 tempo.pass R⁴-BOM depois
 ‘depois do bom tempo’
- 9) *a-ha te te-ka rutfe ta amute-we*
 1-ir VDR 1CORR-estar.em.mov INF aldeia outra-LP
 ‘eu vou mesmo para ficar na outra aldeia’
- 10) *ta amute-we*
 aldeia outra-LP
 ‘na outra aldeia’
- 11) *tfi rete he kumete a-he te-dímjĩka-pi*
 longe IR 1 hoje 1-ir 1CORR-esposa-CA
 ‘eu vou muito longe, hoje para minha esposa’

- 12) *a-he te-dimjika-pi*
 1-ir 1CORR-esposa-CA
 ‘eu vou para minha esposa’
- 13) *a-he te-dimjika-pi*
 1-ir 1CORR-esposa-CA
 ‘eu vou para minha esposa’
- 14) *a-puta nete-me?e re?a Brasília-pi*
 1-gostar muito essa/aqui BRASÍLIA-LA
 ‘eu gostei muito daqui de Brasília’
- 15) *a-puta nete-me?e*
 1-gostar muito
 ‘eu gostei muito’
- 16) *a-ha puta ja he Ø-tfije he a?i*
 1-ir DESI NEG 1 R¹-medo 1 REIT
 ‘eu não quero; eu estou com medo’
- 17) *a-ha puta ja he Ø-tfije he a?i*
 1-ir DESI NEG 1 R¹-medo 1 REIT
 ‘eu não quero; eu estou com medo’
- 18) *a-he*
 1-ir
 ‘eu vou’

- 19) *a-puta nete-meʔe reʔa-we*
 1-gostar muito esse-LP
 ‘eu gostei muito das coisas daqui’
- 20) *a-diwi jepe he Ø-ta te-puta*
 1-voltar depois 1 R¹-aldeia 1CORR-querer
 ‘depois eu quero voltar para minha aldeia’
- 21) *Eliete r-uiru he r-ehe he Ø-ha didi*
 Eliete R¹-saudade 1 R¹-CR 1 R¹-ir depois
 ‘depois que eu for, Eliete terá saudade de mim’
- 22) *a-puta nete-meʔe Ø-puhupuhu-ha*
 1-gostar muito R⁴-passear-passear-DNAC
 ‘eu gostei muito do passeio’
- 23) *a-puta rete Ø-puhupuhu-ha*
 1-gostar IR R⁴-passear-passear-DNAC
 ‘eu gostei mesmo do passeio’
- 24) *a-puta nete-meʔe he wi*
 1-gostar muito 1 esses
 ‘eu gostei muito deles (Aryon e Ana Suelly)’
- 25) *ere-reha h-e reʔa*
 2-levar R²-CR esse/daqui
 ‘você leva o pessoal daqui’

26) *u-ha didi he he Ø-jí-mu-karakatu*
3-ir depois 1 1 R²-REFL-CAUS-fala.araweté
'depois que ela for (Eliete for para a aldeia), eu lhe ensinarei'

27) *a-je ku*
1-ir FOC
'eu vou'

28) *a-he*
1-ir
'eu vou' (tchau)

Consultante: *Jere?eru Araweté*

Idade: 32 anos

Data do registro sonoro: 10 de setembro de 2006

Local do registro: **Aldeia Pakaja, rio Ipixuna**

Local do arquivamento: **Banco de dados de Línguas Indígenas do Laboratório de Línguas Indígenas** da Universidade de Brasília (LALI)

História da Cobra

1) *amute* \emptyset -*puru?a* *me* *ku*
outra R¹-grávida quando/se FOC
'outra (mulher) quando está grávida'

2) *maj* \emptyset -*ha* *mide* *r-e* *?e* *we* *a?i* *na*
cobra R¹-ir gente R¹-CR esse TOP REIT
'a cobra vai (lá onde) está a pessoa'

3) *amute* \emptyset -*mu-puru?a* *didí*
outra R¹-CAUS-engravidar quando/se
'(que é) o outro que faz ficar grávida (a mulher que não é dele)'

4) *maj-ahu* \emptyset -*ha* *mide* *r-e* *?e* *we* *mide* \emptyset -*?u*
cobra-INTS R¹-ir gente R¹-CR esse TOP gente R¹-comer
'a cobra grande vai comer essa pessoa'

5) *amute* \emptyset -*mu-puru?a* *didí*
outra R¹-CAUS-engravidar depois
'depois que essa pessoa engravida a mulher'

- 6) *maj-ahu mɨde Ø-ʔu te*
 cobra-INTS gente R¹-comer VDR
 ‘a cobra grande come a pessoa, mesmo’
- 7) *e kuwĩ aʔĩ na*
 esse essa.sentada REIT
 ‘essa mesmo’
- 8) *mɨde Ø-ʔu te maj-ahu*
 gente R¹-comer VDR cobra-INTS
 ‘come gente mesmo, a cobra grande’
- 9) *amute Ø-mu-puruʔa didĩ*
 outra R¹-CAUS-engravidar quando/se
 ‘depois que (o homem) engravida a outra (que não é sua esposa)’
- 10) *maj-ahu mɨde Ø-ʔu te*
 cobra-INTS gente R¹-comer VDR
 ‘a cobra grande come gente, mesmo’
- 11) *e kuwĩ aʔĩ na*
 esse essa.sentada REIT
 ‘essa mesmo’
- 12) *nunĩ me ku aʔĩ i-memuʔu*
 assim quando/se FOC REIT R²-contar
 ‘assim contam’

- 13) *a-ja ku h-enu aʔi*
 1-vir FOC R¹-ouvir REIT
 ‘eu vou ouvir (isso) mesmo’
- 14) *nunĩ mē mĩ amute í-puruʔa-ha*
 assim quando/se ? outro R²-engravidar-DNAC
 ‘assim que a outra fica grávida’
- 15) *e kuwĩ aʔi na*
 saber essa.sentada REIT
 ‘essa (a cobra) sabe’
- 16) *piʔa maj-ahu mide Ø-ʔu te*
 fígado cobra-INTS gente R¹-comer VDR
 ‘fígado, a cobra grande come gente, mesmo’
- 17) *ajete h-emʔiʔka te imi*
 REST R²-esposa VDR PROIB
 ‘não pode ser esposa de outro (homem)’
- 18) *mide Ø-ʔu u-ka*
 gente R¹-comer 2-passar
 ‘ela (a cobra grande) vai comer gente’
- 19) *e kuwĩ aʔi na*
 esse essa.sentada REIT
 ‘essa mesmo’

- 20) *piʔa mɨde amute*
 fígado gente OUTRO
 ‘nosso tio, outro’
- 21) *te ɨpuruʔa*
 VDR R²-engravidar
 ‘ela engravidou mesmo’
- 22) *pira maj-ahu mɨde Ø-kũ*
 ? cobra-INTS gente R¹-engolir
 ‘cobra grande engole gente’
- 23) *pira maj-ahu mɨde Ø-kũ*
 ? cobra-INTS gente R¹-engolir
 ‘cobra grande, engole gente’
- 24) *piʔa u-puʔe u-mara ku ruku*
 tio 3-disse 3-manda FOC esse
 ‘o tio disse, ele manda’
- 25) *maj-ahu ɨkũ-ha-pa amute*
 cobra-INTS R²-engolir-DNAC-COMP outro
 ‘a cobra grande é engolidora fatal do outro’
- 26) *ɨpuruʔa dɨdi*
 R²-engravidar quando/se
 ‘depois que ela (a mulher) fica grávida’

27) *e kuwĩ aʔi na*
esse essa.sentada REIT
'essa mesmo'

28) *a-je ku*
1-ir FOC
'eu vou' (obrigado)

ANEXO B

A

a- [a] pref.pess de 1ps ‘eu’

aha ku he ‘eu vou’

a-jeʔa ku he ‘eu chorei’

a-poʔi he te-ʔi ‘eu estou levantando’

a-ʔu ku he padidi ‘eu comi banana’

a-api hu ke ‘eu sentei’

a-dinũ he te-ju tupe Ø-uhe ‘eu estou deitado na esteira’

a-ha puta te-karu ‘eu quero ir para comer’

-a [-a] n. Ia ‘casa’

mide Ø-a ‘nossa casa’

a-maʔẽ ku he a-iwe] ‘eu olhei para dentro da casa’

he a-rĩ ‘vai ser minha casa’

a-meʔe-ha ‘fazedor de casa’

-adi [-a'dʔi] n.IIb ‘filha (de homem)’

ne r-adi ‘tua filha’

mide apa mide r-adi ‘nossa filha mesmo’

-aʔi [-aʔi] n. IIb ‘filho (de homem)’

he r-aʔi ‘meu filho’

kumeʔe r-aʔi ‘filho de homem’

-aʔaʔa [-aʔaʔa] v. trans. ‘arranhar’

he ku ne r-aʔaʔa ‘eu te arranhei’

pẽ ku pe-ʔaʔa ‘vocês o arranharam’

-ahi [-ahi] v.intr. ‘ter dor’ ‘doença’

h-ahi ‘dor dele’

ne r-ahi ja ne ‘você não tem doença’
h-ewe r-ahi jawe mide ‘nós não estamos com dor de barriga’

-aika v.intr. ‘pendurar’

u-aika maka u-ka ‘a manga está pendurada’
kunĩ u-ka u-aika ‘a mulher está pendurada (no galho)’
u-aika u-ka ‘está pendurado’
he ku te-jupãĩ a-maika ‘eu pendurei minha saia’

-ajiri [-adziri] n. Ib ‘pesçoço’

ne ajiri ‘teu pesçoço’
ure ajiri ‘nosso pesçoço’

ajuru n. III ‘espécie de papagaio’

ajuru heĩ ku ‘parece papagaio’
mide apa ajuru ‘o papagaio nos pertence’
uru-eha-mũmũ ja ure ajuru ‘nós não furamos olho de papagaio’
ajuru u-ĩ iwirã-we ‘o papagaio está na árvore’

akaju [aka'dzu] n. III ‘caju’

ere-?u-he akaju ‘eu desejo comer caju’
pẽ ku akaju pe-ĩ ‘vocês plantaram caju’
acaju u-ja ku u?a re?e ‘o caju vai cair’
akaju?i ‘pé de caju’ ‘cajueiro’

aka?u n.III ‘cacau’

u-?a aka?u-?i ‘o cacaueiro caiu’
aka?u ure ku uru-mupẽ ‘nós derrubamos cacau’
aka?u ikawihe rete me?e ‘o cacau está muito gostoso’

-akũj [-akũj] n.IIa ‘pênis’

t-akũj ‘pênis’
h-akũj ‘pênis dele’

kume?e n-akũj ‘pênis do homem’

-aku [-aku] n.IIa ‘quente’

i haku heti ‘a água está quente’

he r-aku ‘minha quentura’

e-mu h-aku i ‘faz esquentar água’

h-aku hefi ‘(o dia) está muito quente’

karahi h-aku hefi ‘o sol está muito quente’

akuti n III ‘cotia’

akuti r-a?i ‘filhote de cotia’

akuti ku u-ha u-ji ‘a cotia corre’

pẽ-karu ja pe akuti ‘vocês não comem cotia’

-a?a n IIa ‘carne’

ha?a ‘carne dele’

me?e r-a?a ‘carne de bicho’

a-ka ne ra?a r-ahi-ha ‘eu sei da dor de tua carne’

-ama n IIa ‘vagina’

t-ama ‘a vagina (de mulher)’

kuñi r-ama-uhu ‘a vagina da mulher é grande’

-amuĵ n IIa ‘avô’

ure r-amũĵ ‘nosso avô’

Kunirikuti r-amuĵ ‘avó da Kunirikuti’

a-tĩfi?u ku he te-jamuĵ ‘eu beijeí meu avô’

amute dem. ‘esse outro’

amute te ara ‘outra arara mesmo’

amũte apa ‘é de outro’(o arco)’

te-ad mohi ĵiĵi he amũte mẽ ‘depois que minha filha crescer, eu faço outro’

amĩ n III ‘chuva’

amĩ ‘chuva’

u-ja heĩ amĩ ‘parece que vai chover’

[amĩ pa u-dʒa] ‘vai chover?’

[amĩ n-ɔdʒĩ ðĩđĩ, nẽ ha] ‘depois que voltar a chuva, você vai’

-amĩ n. IIc ‘orelha’

he ramikũ ‘meu brinco’ (buraco da orelha)

h-amĩ ‘orelha dela’

a-muti ku he te-memi r-amĩ ‘eu puxei a orelha do meu filho’

-amira n. IIb ‘mão de pilão’

ina amira ‘não é mão de pilão’

-anira n III ‘morcego’

anira ‘morcego’

anira pepa ‘asa de morcego’

ina anira neʔa we ‘não tem morcego aqui’

-apa n IIa ‘raiz’

h-apa ‘raiz dela (árvore)’

madiʔa rapa ‘raiz de mandioca’

-apa n.IIb ‘ovo’

hapa-hu ‘ovo grande’

jati rapa ‘ovo de jabuti’

-apeku n Ia ‘língua’

ne apekũ ‘tua língua’

pe apekũ ‘língua de vocês’

api v.intr. ‘sentar’

a-api ku he iwira-uhe ‘eu sentei na árvore’

e-api ‘sente!’

e?e rupe u-api u-?ẽ ‘esse está sentando’

apiari n.Ib ‘catarro’ ‘gripe’

he apiari ‘meu catarro’

ne apiari ku ne re?e ‘*você está gripada*’

-api?a n.IIa ‘pessoa idosa’ ‘velho’

tapi?a ‘velho’

tapi?a Tudi ‘Tudi está velho’

-apiha n. Ia ‘ouvido’

ne apiha ‘teu ouvido’

he apihã n-ahi ku he ‘meu ouvido tem dor’

h-apihã n-ahi me?e ‘o que tem dor de ouvido’

-apitu?ume n Ib ‘caveira’, ‘crânio’

h-apitu?ume ‘caveira dele’

uru-et?a ja ure hapitu?ume ‘nós não vimos caveira dele’

-apa n Ia ‘pertences’

ne apa ne memi ‘é tua filha mesmo’

he apa t?it?e-?i ‘a faca me pertence, é minha’

ure apa kat?eriru ‘a garrafa de café é nossa’

Ajajuru n III ‘nome próprio’

u-wahẽ ku Ajajuru ‘Ajajuru chegou’

Ajajuru peti ‘fumo do Ajajuru’

u-t?e ku Ajajuru ‘Ajajuru dormiu’

ara n.III ‘arara’

pawē ara ‘tem muita arara’

u-nupĩ pane ku ara ‘ela quase bateu na arara’

arapuha n.III ‘veado’

ere-juka pu ku ne arapuha ‘você matou veado?’

kaʔarume he arapuha ʔu ‘ontem eu comi veado’

ure ku arapuha uru-dzuka pe re ‘nós matamos veado para vocês’

arai n.III ‘maracá’

madetjaka ku u-jija arai-we ‘o pajé cantou com o maracá’

mukũj ne arai ‘você tem dois maracás’

u-pě ku he arai ‘ele quebrou meu maracá’

arakuri n III ‘galinha’

ere-ʔu ku ne arakuri ‘você comeu galinha’

ure ku arakuĩ uru-mara ʔa-iwe ‘nós colocamos as galinhas dentro da casa’

u-ʔu puta ja he arakuĩ reʔe ‘a onça não quer comer minhas galinhas’

araraʔi n.III ‘macaxeira’

haʔiwe ku mide ha araraʔi ti ‘amanhã, nós plantaremos macaxeira’

arewudi n.III ‘curimatá’

ere-ʔu ku ne arewudi i-hi mire ‘você comeu curimatá assado’

huwiha arewudi ‘curimatá gordo’

-ata n Ila ‘fogo’

tata ‘fogo’

he ku tata a-mu-ʔe ‘eu fiz apagar fogo’

awa pa tata hapi reʔe ‘quem acendeu fogo?’

a-hi ku he tatetu t-ata-we ‘eu assei caitetu no fogo’

u-e ku tata ‘o fogo apagou’

tata nĩ nēʔã ‘isso vai ser fogo’

-ata vint r Ia ‘andar’, ‘caçar’

ere-ata ku ne kaʔapite-we ‘você andou na roça’

u-ha ku kumeʔe u-ata ‘o homem foi caçar’

e-api eʔe u-ata jawe ‘senta! não vai andar’

-atafi n IIa ‘fumaça’

iwa r-atafi ‘fumaça do céu’ ‘nuvem’

atʃitʃi n III ‘guariba’

atʃitʃi meʔe raʔa ‘carne de guariba’

pẽ-juka ja pẽ atʃitʃi ‘vocês não matam guariba’

-atʃi n Ib ‘cabeça’

ne Ø-atʃi r-ahi ‘tua cabeça está doendo’

inã witʃi mide ʔã nehe ‘não tem piolho na nossa cabeça’

ne atʃi n-ahi pa ne ‘tua cabeça está doendo?’

atʃaʔi n.III ‘açai’

uru-eru jã ure atʃaʔi ‘nós não trouxemos açai’

a-meʔẽ ku he atʃaʔi hupe ‘eu dei açai para ele’

pawẽ nete me’e atʃa’i ka’a-iwe tem muito açai no mato’

-ati n IIa ‘sogro’

he r-ati ‘meu sogro’

ne r-ati ja we ‘não é teu sobro’

-atipi n IIa ‘bochecha’

h-atipi ‘bochecha dele’

he r-atipi ‘minha bochecha’

ne r-atipi ‘tua bochecha’

t-atipi ‘bochecha de gente’

-awaj n.Ia ‘calda’ ‘rabo’
marakaja r-awaj ‘rabo do cachorro’

awati n.III ‘milho’
awati-ti-ha ‘plantador de milho’
h-eru ku awatjĩ ‘ele trouxe milho’
kunĩ awatjĩ u-iti ‘a mulher debulhou milho’

-awati?i n.III ‘milho pequeno’ ‘arroz’
pe-?u hana awatjĩ?i] ‘parem de comer arroz’
mide u-ha awati?i u-ti ‘nós vamos plantar arroz’
h-eru ku mide awati?i ‘nós trouxemos arroz’

-awe n.IIa ‘folha’ ‘raiz’
h-awe ‘folha dela (da árvore)’
padidi-i r-awe ‘folha de bananeira’
h-apa-pe ‘foi raiz’

awĩ n. Ia ‘inimigo’
awĩ rete ‘inimigo verdadeiro’
awĩkuni ‘mulher branca’

awitji n. III ‘piolho’
ne awitji ‘teu piolho’
pawĩ nete me’e awitji he ?a n-ehe ‘tem muito piolho na minha cabeça’
e-ja he awitjĩ r-etja rete ‘vem me catar’ ‘vem ver meu piolho’

D

deme adv. ‘agora’, ‘já’, ‘nesse momento’

deme he te-ẽ te-karu ‘já estou comendo’

a-he demeʔi ‘eu vou embora agorinha’

deme ure uru-mĩhĩ ‘nós acabamos de acordar’

deme he tapiʔi juka ‘agora é minha matança da onça’

uru-karu ku ure deme ‘nós comemos agora’

u-jija madejtʃaka demeʔi ‘o pajé cantou agorinha’

điđi [dʒiđi] ~ [điđi] ‘depois’

ne pida mujã điđi, he ne pida n-ehi ‘depois que tu pegares peixe, eu asso teu peixe’

te-jupãi-piʔa điđi he ha ikutʃa ‘depois de fazer-saia, eu vou estudar’

h-urihuri ku Eli awia nudĩ điđi ‘quando o avião chegar, Eli ficará alegre’

te-jahu điđi ku e-ha te-tʃe ‘depois de tomar banho, eu vou dormir’

a-ha jepe he iwahẽ điđi ‘depois da chegada dele, eu irei’

điti [điti] ~ [ðiʔiti] ~ [dʒiti] n.III ‘batata doce’

a-ha ku he điti iti ‘eu vou buscar batata-doce’

u-jehi ku điti ‘batata doce está assada’

haʔa rewu meʔe điti ‘carne/massa da batata-doce tem açúcar’

ne ku điti ere-fi ‘você plantou batata-doce’

dinũ [di'nũ] v.intrans. ‘deitar’

a-dinũ ku he ‘eu deitei’

tairuhu ku u-dinũ ‘o menino deitou’

u-dinũ ja marakaja iwi ‘o cachorro não deitou no chão’

e-dinũ ‘deite!’

duhĩ n. Ia ‘frio’ ‘febre’ ‘malária’

inã duhĩ neʔa we ‘aqui não tem frio’

i-duhĩ nete me?e ku Eliete r-e ‘Eliete teve muita febre’
u-pihi pane ku kunirikuti i-duhĩ ‘quase que a Kunirikuti pega febre’
i-duhĩ he r-ahi r-e ‘tem frio pra mim’

E

e- pref.pess ‘você’ suj. (usado em comandos no modo imperativo)’

e-ja he a ‘venha para minha casa!’

e-api ‘sente!’

e-je?e ‘fale!’

e-ja a-we ‘venha para casa!’

e-ĩ ‘corra!’

e-juka tatetu ‘mate caitetu!’

e- pref.corr ‘tu/você’, ‘teu’

pitumue ne ha e-ĩ e-ĩ ‘de manhã, você vai caminhar’

ere-ha ku e-purahe ‘você veio para dançar

ere-ru ku he e-dimidika ‘você trouxe tua mulher’

ere-ĩja ne e-ka ‘você está cantando’

ere-ja ku e-diwi Atamira-hi ‘você vinha voltando de Altamira’

ere-mumu ku he e-jeme ‘você furou seu próprio lábio’

ere-he e-puhupuhu ‘você vai para passear’

-e posp Ila ‘em relação a’, ‘sobre’, ‘com respeito a’, ‘por’ → **-ehe**

u-?a niha n-ehe ‘ela caiu da rede’

ne tĩiri?ĩ Tĩimira r-e ‘você tem tristeza em relação à Tĩimira’

tata ja we pe r-e ‘não tem fogo para vocês’

u-ʔa ku iwi r-ehe ‘ela caiu no chão’

-eha n IIa ‘olho’

h-eha ‘olho dele’

tuʔi r-eha ‘olho do periquito’

he r-ehahu ‘meu olho é grande’

ne r-eha mumu ku he a’i] ‘eu furei teu olho’

-eheneha n IIa ‘óculos’

t-ehaneha ‘óculos’

he rehaneha ‘meus óculos’

pẽ r-ehaneha ‘óculos de vocês’

-e posp II a ‘à/para’ → **-ehe**

ere-meʔẽ ku ure petini Taruaru r-e ‘nós demos fumo para o Tatuaru’

pẽ-mara ku pẽ pape ure r-ehe ‘vocês mandaram carta para nós’

ure ku arapuha uru-juka pe-re ‘nós matamos veado para vocês’

e-rũ paratu e-mũ he re ‘traz panela para mim’

-ehi vtr IIa ‘assar’

ure pida muja ðiði, he pida n-ehi ‘depois que nós pegamos peixe, eu o asso’

ajete ne hi imi ‘você não pode assar’

ere-ʔu ku ne pida i-hi mire ‘você comeu peixe assado’

a-mopiriĩ ja hẽ pida a-ehi ja he ‘eu não fritei peixe e não assei’

-eka vint IIa ‘ser’, ‘estar em movimento’ → **-ka**

u-jeʔa ku u-ka pitumũ ‘o menino está chorando de noite’

pe r-upi ne r-eka mẽ tapiʔi ne pihi ‘no caminho se ficares, a anta te pega’

ne r-ahi ne e-ka ‘você está doente’

kaʔarume ku ure r-eka uru-puhupuhu a ‘ontem nós passeamos na aldeia’

-eka v.intr IIa ‘morar’ → **-ka**

mihinije pa ne nereka belem-ipi ‘quanto tempo você vai ficar em Belém?’

atamira-upi h-eka ‘em Altamira, ela mora’

-ekuj n IIa ‘cuia’

he r-ekuj ‘minha cuia’

a-pihi puta ku ekuj ‘eu quero pintar cuia’

-ewu n. Ia ‘doce’ ‘açúcar’

hewu me?e ‘o que é doce’ ‘açúcar’

he r-emidika ku u-muewu re?e] ‘minha esposa adoçou (tornou doce)’

h-ewu me?e ikatje ‘o café está doce’

-eti v.trans.II ‘jogar’

pe-ti jepe abora ‘depois vocês jogarão bola’

a-mara ku he ita heti parani-we ‘eu mandei jogar pedra no rio’

awa pa ku abura heti ‘quem vai jogar bola?’

-e?i v.intr IIa ‘coçar’

u-e?i ‘ele coça’

a-e?i ‘eu coço’

a-t?i n-e?i ku he ‘eu coçei minha cabeça’

ure uru-dzu uru-jiwa r-e?i ‘nós coçamos.braço’

-eme n IIa ‘lábio’

h-eme ‘lábio dele’

jeme-pihi-ha ‘batom’

a-jeme-?u ku he ‘eu mordi meus lábios’

-ewe n IIa ‘barriga’

ure rewe ‘nossas barrigas’

ure r-ewe r-ahi ja we ure ‘nós não estamos com dor de barriga’

kuñi n-ewe ja we ‘não é barriga da mulher’

ne r-ewe n-ahi pa ne ‘você está com dor na barriga?’

emi- nominalizador de objeto

he r-emi-upuihi ja he ‘eu não tive vômito’

u-muĵi ku pida h-emiĵumu ‘ele pegou peixe para sua comida’

h-emi-upuihi u-ka ‘esse (bebê) está vomitando’

Siwana h-emi-arũ-me?e ‘Silvana é esperada’

h-emi-puta ‘querido’ ‘namorado’

-emijika n IIa ‘a que a gente faz estar consigo’

t-emijika-pe ‘foi esposa’ viúva’

h-emijika amute ‘a outra esposa dele’

t-emidika-hi he r-udi ‘eu voltei de perto de minha esposa’

he r-emijika pehi muĵi u-api ‘minha esposa sentou para fazer cesto’

-erekũ n IIa ‘marido’ ‘esposo’

he rerekũři ‘meu futuro marido’

u-?a ku he r-erekũ iwahu ‘meu marido tirou mel’

ere-enu ku ne e-dideku jě?ě ‘você escutou a voz de teu marido’

-ena n IIa ‘lugar de sentar’, ‘banco’, ‘assento’

t-ena ‘lugar de sentar (de gente)’

he r-ena ‘meu assento’ ‘meu banco’

ere- pref.pess ‘você’ suj. (usado em comandos no modo indicativo I)

ere-je?a ‘você chorou’

ere-tĵe rete me?e ‘você dormiu muito’

ere-karu ku ne pajiji ‘você comeu banana’

ere-ĵĵã ku ne e-ja ‘você vem cantando’

-enu vtr IIa ‘escutar’, ‘ouvir’

a-enu he hadiw u-jě?ě ‘eu escutei a fala do rádio’

a-ha u-ĵĵã me?e r-enu ‘eu vou para ouvir o que canta’

ne ku hẽ jẽ'ẽ ere-enu vocês escutou a minha voz'

-eni n Ila 'irmã do homem'
he r-eni 'minha irmã'
h-eni ku a-etja 'eu vi a irmã dele'
ure eni ja 'não é nossa irmã'

-eniwa n Ila 'queixo'
he r-eniwa 'meu queixo'
h-eniwa 'queixo dele'
t-eniwa 'queixo humano'

-eni vintr Ila 'acender'
u-eni 'acendeu'
awa pu ku tata u-meni 'quem acendeu o fogo?'

eʔe dem 'esse', 'aí' (próximo ao ouvinte)
eʔe tja ku he ja 'esse viu onça'
eʔe jati r-apa pa 'isso é ovo de jabuti?'
eʔe ku u-ha puhupuhu 'essa foi passear'

-eputi n Ila 'fezes' ; defecar'
ne r-eputi 'tuas fezes'
h-eputi 'fezes dele'
a-he te-puti 'eu vou cagar'
tairuhu r-eputi 'fezes do menino'

-eputiha n Ila 'lugar de defecar'
he r-eputiha 'meu lugar de defecar'
ne r-eputiha 'teu lugar de defecar'

-ereha vtr Ila 'levar'
ne ku ere-ereha 'você o levou'

kume?e ku h-ereha ‘o homem o levou’
pe ku pe-ereha ‘vocês o levaram’
a-raha ku he miniju ‘eu levei algodão’
ere-reha ku ne miniju ‘você levou algodão’

er- pref.causativo-comitativo → **eru-, ru-, ere-, r-**

pe-eru-pu?i ja pẽ ‘você não o fizeram levantar com vocês’
e-ru-je ku a iwe ‘faça-o entrar dentro da casa’
a-eru-wa he ‘eu o fiz virar comigo’
kume?e h-eru-wa ‘o homem o fez virar consigo’

-eru vtr IIa ‘trazer’

ure ku uru-eru ‘nós o trouxemos’
tamu? ku h-eru ‘o velho o trouxe’
a-ru ku he pi?a ‘eu trouxe sandália’
pe-eru ‘tragam vocês!’
ajete ne h-eru imi ‘não pode trazê-lo’

-etja vtr IIa ‘ver’

he r-etja ku Je?eruru ‘Je?eruru me viu’
he r-etja ku ne ‘você me viu’
uru-etja ku ure ‘nós o vimos’
pe-etja ku pe maj ‘vocês viram cobra’
a-etja ku he ku?i jati juka ‘eu vi a mulher matando jabuti’

H

h- pref.rel classe Ib ‘determinante, que é diferente do falante e do ouvinte, não forma com o determinado uma unidade sintática’.

h-apiha ‘ouvido dele’

h-etʃa ‘vê-lo’

h-atʃi h-ahi ‘a cabeça dele dói’

he ku piðã a-meʔẽ h-upe ‘eu dei peixe para ele’

h-ehi ku wĩ jati ‘eles assaram jabuti’

h-upehi u-ẽ ‘ela está com sono’

a-he ʔa-iwe ‘eu vou em casa’

-ha vintr Ia ‘ir’

e-ha ‘vai!’

ajete e-ha imi te-puhu kumete ‘não posso ir passear, hoje’

ere-ha jepe ne e-jahu ‘depois você vai tomar banho’

braziʃa-pi ku Eliete ha ‘em Brasília que a Eliete foi’

amĩ n-udi ðiði, kumeʔe ha ‘depois que a chuva voltar, o homem vai’

-ha n. IIa ‘azedo’

iha ‘ele é azedo’

iha rete meʔe nimãw ‘o limão é muito azedo’

iha atʃaʔi ‘o açaí está azedo’

haʔiwe adv. ‘amanhã’

haʔiwe ‘amanhã’

haʔiwe Nivaldo u-wahẽ ‘amanhã, Nivaldo chegará’

haʔiwe ure iripa muti ‘amanhã, nós puxaremos corda’

ajete he karu imi haʔiwe ‘eu não comerei amanhã’

he ‘pronomo pessoal 1 pessoa do singular

tʃi me’e he ‘eu sou bonita’

he r-uima he ‘eu estou com fome’

he nuɸi ku pẽ ‘vocês me bateram’

he r-uiru he te-ka ‘eu estou com saudade’

a-juka ku he ‘eu o matei’

-he sufixo que exprime o ‘aspecto desiderativo’

uru-ʔu-he rete-meʔe ure awati ‘nós gostamos muito de milho’

awa pa i-ka ʔu-he-meʔe ‘quem é o que deseja beber cauim dele?’

pe-ʔu-he pa pẽ jati ‘vocês desejam comer jabuti?’

hewu’i n III ‘minhoca’

hewuʔi ‘minhoca’

a-ʔu ja we ewuʔi ‘eu não como minhoca’

hi n.Ia ‘mãe’

he hi ‘minha mãe’

a-ka he ne hi r-ahi-ha ‘eu sei da doença da tua mãe’

ina i-hi ‘ele não tem mãe’

ne hi ʔa ruwĩ ‘aquela casa é da tua mãe’

hi v.trans. ‘amolar’

a-hĩ meʔe ku he jiete ‘eu amolei machado’

ne ku tʃitʃe-uhu ere-hĩ meʔe ‘você amolou terçado’

pe-hĩ meʔe ‘amolem vocês’

huwiha n Ib ‘grande’ ‘gordo’

huwiha pa ne ‘você foi gordo?’

maj ku he u-ʔu huwiha ku rutʃe ‘a cobra que me mordeu parecia grande’

h-uwiha iwira ‘árvore grande’

-hi posp Ia ‘caso ablativo: afastando-se de’, ‘de’

pe-ja ku pē atamira-hi ‘vocês vieram de Altamira’

i-tʃije maj hi ‘existe medo de cobra’

kuni u-wahē kaʔapite hi ‘a mulher chegou da roça’

ere-pida ku ne madiʔa i hi ‘você tirou mandioca da água’

a-ja ku he Nivaldo a hi ‘eu venho da casa do Nivaldo’

I

i n. III ‘água’

i haku hefi ‘a água está muito quente’

i duhi meʔe ‘água fria’

Tatuaru ku i u-meʔē he re ‘Tatuaru deu água para mim’

ika v.intr ‘cortar’

ne pa ika ja he ‘eu não cortei teu dedo’

pe-di-ika ku pē tʃitʃeʔi-iwe]’vocês se cortaram com fala’

awa pu ku u-di-pa-ika ‘quem se cortou dedo?’

ime part. ‘modo subjuntivo de contemporaneidade e condição’ ...me

ne jija ime he tʃe ‘se você cantar, eu durmo’

i-je?a ime he je?a ‘se ele chorar, eu choro’

tapi?i juka ime mide tatu ret?a ‘se nos matarmos anta, ele procurará tatu

ne puranũ me he ruriruri he ‘se você dançar, eu fico alegre’

imi n. III ‘faz tempo’ ‘antigamente’, ‘velho’ (marca de passado)

imi ku jari reme u-ka ja’ẽ mu?i a?i ‘antigamente, as avós faziam-panela de barro’

imi nete kũ u-manũ a?i ‘antigamente, muitos (Ar.) morreram (de catapora)

imi he pia-hu ‘meu sapato está velho’

imi mide ?a ‘nossa casa é velha’

itu?ũ n.III ‘barro da cachoeira’, ‘lama’

ina itu?ũ ta-we ‘não tem (mais) lama na aldeia’

itji?i n.Ia ‘pimenta’

a-ru ja we he itji?i pe re ‘eu não trouxe pimenta para vocês’

u-puta he hi nete me?e itji?i ‘minha mãe gosta muito de pimenta’

irapa n.Ia ‘arco’

he irapa ‘meu arco’

ne irapa ‘teu arco’

irapa i-jahu ‘arco novo’

irikũ n. III ‘urucum’

pẽ ku iriku pe-tĩ ‘vocês plantaram urucum’

ne apa irikũ ‘o urucum te pertence, é teu’

irikũ ja we re?a ‘isso não é urucum’

iwa n.III ‘céu’

iwa i-hu me’e ‘o céu é azul’

iwa?i [iβa’tĩ~iβã’tĩ] n. III ‘nuvem’

iwa?i ‘nuvem’

iwahu [iβa'hu~iwa'hɔ] n.Ia 'mel'

iwahu hewu meʔe 'o mel é doce'

u-ʔa ku he r-erekũ iwahu 'meu marido tirou mel'

ajete e-ha imi iwahu ʔa 'não vai tirar.mel'

iwe posp. 'dentro de' (caso inessivo) e 'com' (caso instrumental)

e-a iwe 'dentro da tua casa'

i-mara jarutʃu iwe 'coloquei (mandioca) dentro da canoa'

ere-di-aika ku ne tʃitʃeʔi iwe 'eu me cortei com a faca'

uru-di-nupĩ ku ure iwira iwe 'nós nos batemos com pau'

e-ajuwa tajahu tupãhĩ iwe] 'amarre o porcão com corda'

a-nupĩ ku he pia iwe]'eu bati com a sandália'

iwi n. III 'terra' 'chão'

u-dĩnu ja marakaja iwi 'o cachorro não deitou no chão'

iwi ku u-jere jere 'ele rolou no chão'

pe-jere jere ja pẽ iwi 'vocês não rolaram no chão'

iwikũ [iβĩ'kõ] n.Ia 'buraco no chão'

a-karu ku he iwikũ 'eu cavei buraco no chão'

uru-karu ku ure iwikũ 'nós cavamos buraco no chão'

iwira [iβĩ'rã] n.Ia 'madeira', 'árvore'

iwira r-awe 'folha da árvore'

iwira u-ʔa 'a árvore caiu, tombou'

iwira-uhu 'árvore grande/grossa'

iwiti [iβit'i~iβiti] n.III 'morro'

ajete e-ha imi iwiti we 'não vai para o morro'

iwũ [iβõ~iβũ ~iβtũ ~iβʃ] v.intr 'furar', 'flechar'

ajete he iwũ imi 'ele não me furou'

ne ere-iwũ ta 'você vai flechar'

u-iwũ puta ‘ela quer flechar’

i

i- pref. rel classe Ia ‘determinante, que é diferente do falante e do ouvinte, não forma com o determinado uma unidade sintática’.

i-tfjirima nupe u-ju ‘esse está cansado’

i-pa-tʃe nupe ‘mão cortada dele’

i-ʔa ‘cabelo dela’

ina i-mupẽ mire tʃipẽ não tem nenhum pau quebrado

h-enu ku i-jija ‘ela escutou o canto dele’

i-tʃe puta ‘ela quer o sono dela’ ‘está com sono’

ne ha didi, i-jeʔa ‘quando você for, haverá choro dele’

ita n.III ‘pedra’

ne ku ita ere-mara h-eti parañi-we ‘você mandou jogar pedra no rio’

ita uhe ku he te-api ‘eu sentei encima da pedra’

uru-pihi ku ure ita ‘nós pegamos pedras’

ita ʔi ‘pedrinha’

idaʔi n.III ‘passarinho’

u-pihi ku idaʔi ‘ele pegou o passarinho’

idaʔi ku u-wewe ‘o passarinho voou’

J

ja [ɲã] ~ [ɲã̃] n. III ‘onça’

uru-juka ja ku ure ja ‘nós não matamos onça’

u-ja ja ku u-wahẽ ‘a onça vai chegar’

ja r-aʔi ‘filhote de onça’

uru-tʃa ku ure ja pe rupi ‘nós vimos onça pelo caminho’

ja [ɲã] morfema de negação ‘não’

ere-karu arapuha te ne ‘você não come veado mesmo’

ere-meʔẽ ja ne papew ta kutʃa ‘você não deu papel para eu estudar’

uru-dʒi-mue ja ure ‘nós não aprendemos’

a-enu ja he te-ʔẽ ‘eu não estou escutando’

t-ereku ja ‘não tem marido’

mide r-uirũ ja we ‘não estamos com saudade’

u-puranu ja ‘ela não dançou’

ja [dʒa] v.intr. ‘vir’

a-ja ku te-tʃe ‘eu venho para dormir’

e-ja ‘vem’

ere-ja uru-a iwe ‘nós vamos para nossa casa’

awa nehe pa pe ja ‘com quem vocês vem?’

jahi [ɲahi] n. III ‘lua’

jahiuhu ‘lua cheia’

kumete jahi-uhu ‘hoje tem lua cheia’

mĩjĩje pa jahi ne ja mẽ quantas luas para tua vinda?

jahitata [ja'hita'tã~na'hitã'tã~nⁱ'atã] n. III 'estrela'

h-et'fa ku wĩ jahitata] 'eles viram estrelas'

jakamĩ [jaka'mĩ] n. III 'jacamim'

jakamĩ ku ha u-manu 'o jacamim morreu'

ina jakamĩ 'não é jacamim'

jaku [ja'ku] n. III 'jacu'

kaʔawe ne t'fa ku jacu 'no mato você viu jacu'

huwiha jacu 'jacu gordo'

ere-reha ku jaku mukõ] 'você levou dois jacu'

jaʔẽ [nã'ʔẽ] n. Ia 'panela de barro'

he apa ruwĩ jaʔẽ 'aquela panela é minha'

uru-ru ku ure uru-jaʔẽ reʔa-we 'nós trouxemos panela para aqui'

jaʔẽ i-mũjĩha he 'eu sou fazedora de panela'

jahu [dʒahu] v.intr 'tomar banho'

e-jahu hina 'não tome banho'

pẽ-ha pu ku pẽ pe-jahu parañi-we 'vocês vão tomar banho no rio?'

a-jahu ja he te-ʔẽ 'eu não estou banhando'

janu [nã'nõ] ~ [nã'nu] n. III 'aranha'

januʔi 'araninha'

he ku janu a-juka 'eu matei aranha'

jari [jari~dʒari~dʒa'ri] n. Ia 'tua avó'

he jari 'minha avó'

i-jari 'avó dele'

jarutʃu [jarotʃo] n.Ia ‘canoa’

he jarutʃuʃi ‘vai ser minha canoa’

Ikaire jarutʃu ja we ‘não é canoa do Ikaire’

imi te ruku jarutʃu ‘essa canoa é velha’

a-puĩ ku he te-ʔi jarutʃu-iwe ‘eu estou em pé dentro da canoa’

jatara [ɲatarã] n.III ‘ariranha’

jatara juka imẽ ure pe jati retʃa ‘se nós matarmos ariranha, vocês procuram jabuti’

jati [ɲati] n.III ‘jabuti’

jati r-apa ‘ovo de jabuti’

mihinije pa ne jati r-ui ‘quantos jabuti você tem?’

he ku jati a-ehi ‘eu assei jabuti’

jati piʔa ‘fígado de jabuti’

jatikatu ‘carumbé (espécie de jabuti)’

jaʔẽ [ɲaʔẽ] n.III ‘panela de barro’

u-pa ku jaʔẽ ‘a panela de barro acabou’

jatiʔi [ɲatsiʔi] n.III ‘carapanã’

jatipiʔi heʃi ta-we ‘tem muito carapanã na aldeia’

jawewi [jaβeβi] ~ [jaweβi] n.III ‘arraia’

a-ʔu ja we jawewi ‘eu não como arraia’

ne ku jawewi ere-mẽẽ h-upe ‘você deu arraia para ela’

jeʔa [adzeʔa] v.intr ‘eu chorei’

kaʔarume he jeʔa rete meʔe ‘ontem eu chorei muito’

uru-jeʔa ‘nós choramos’

pe-jeʔa hana ‘parem de chorar’

ne jeʔa mẽ he tʃiriʔi he jepe ‘se você chorar, eu ficarei triste também’

jeʔẽ [jẽʔẽ] v.intr ‘falar’

u-jeʔẽ ‘ele falou’

ajete e-jeʔẽ imi ‘não fale’

ere-jeʔẽ ku he e-ja e-ʒi ‘você fala e vem correndo’

mide ku u-jeʔẽ pe r-ehe] ‘nós falamos com vocês’

jetʃere [jetʃere] n.III ‘jacaré

a-etʃa ku he jetʃere parani-pite-we ‘eu vi jacaré no meio do rio’

jiete [jie'te] ~ [nie'te] ~ [dzie'te] n. Ia ‘machado’

u-hĩmeʔe ku jiete ‘ele amolou machado’

Tatuaru jiete ‘machado do Tatuaru’

jiwa [dziβã] n.Ia ‘braço’

ne jiwa r-ahi ‘teu braço está doendo’

tairuhu jiwa ja we ‘não é braço do menino’

a-di-jiwa-mupẽ ku he ‘eu me quebrei braço’

he jiwa nehe karahi r-eka] ‘o relógio está no meu braço’

ji [ji] v.intr ‘correr’

marakaja ku u-ha u-ji ‘o cachorro correu’

pitumue e-ha te-ji te-ji ‘de manhã, eu vou correr’

e-ji hina ‘não corra!’

jija [jiɲã ~ jiɲa] v.intr ‘cantar’

te-wahẽ didi ku he jija ‘quando eu cheguei, eu cantei’

u-jija ku madetʃaka pitumu ‘o pajé canta pela noite’

deme ure uru-jija hana ‘agora nós paramos de cantar’

ne ku ere-je e-jija ‘você foi cantando’

juka [ju'kã ~ ju'kã~dzu'kã] v.trans ‘matar’

ere-juka ‘ele matou’

pe-juka ‘matem-no!!!’

awa pu ku u-juka ‘quem matou o bicho?’

juʔi [joʔi] n.III ‘rã’

teju ja we juʔi] ‘não é calango, é rã’

juru [juʔru] ~ [dʒʁʁʁ] n Ia ‘boca’

he juru ‘minha boca’

ne juru ‘tua boca’

i-juru ‘boca dela’

K

-ka vintr IIa ‘ser’, ‘estar em movimento’, ‘morar’ → **-eka**

he r-ahi he te-ka ‘eu estou doente’

ne r-ahi ne e-ka ‘você está doente’

hahi u-ka ‘ele está doente’

akuti ruku h-eka kaʔa-iwe ‘a cotia mora no mato’

-kã vtr Ia ‘quebrar em pedaços pequenos’

ne ku e-kã ‘você quebrou’

mide ku u-kã ‘nós quebramos’

ne ku jatʃi ere-kã ‘você quebrou jabuti’

ere-ka ku ne jati te ere-ʔu ‘você quebrou jabuti para comer’

uka puta ‘ele quer quebrar (algo em pedaços pequenos)’

u-ka ku Irawadi natã ‘Irawadi quebrou coquinho de babaçu’

awa pu ku emupẽ ‘quem o fez quebrar?’

ka n III ‘cauim’

te-ka he a-mujĩ eu faço meu cauim’

ne pa e-ka ka n-ehe ‘você está com cauim?’

kadine n III ‘esp. de arara’

kadine r-ai ‘filhote de arara’

kadine-i arara pequena’

-kãj vintr Ia ‘queimar’

u-kãj pane ku pida ne?e ‘o peixe quase queimou’

pe-kãj ‘queimem!’

ka?a n III ‘mato’

ina ku me?e ka?awe a?ina ‘no mato não tem nada’

ere-ha ku ka?awe ‘você estava no mato’

ja nuku heka ka?awe ‘a onça fica no mato’

ka?apite n Ia ‘roça’

u-ipũ ku u-ka?apite re?e ‘ele roçou a roça dele mesmo’

mide ku u-ka?apite u-ipũ ‘nós roçamos a nossa própria roça’

ka?arume n III ‘ontem’

a-karu ja he ka?arume ‘ontem eu não comi’

ajete ure rui hetete miniju imi ka?arume ‘nós não ficamos plantando algodão ontem’

ha?iwe ure ha uru-ta-we ‘amanhã, nós iremos para a nossa aldeia’

ka?arutjime n III ‘tarde’

ka?arutjime he awafinepi jarũ ‘mais tarde, eu esperarei fubá’

ne ku ere-puhu ka?arutjime ‘você passeou de tarde’

kañi v.intr ‘perder’

ere-kañi ku ne eka ‘tu estás perdido’

u-kañi ku re?e ‘ele está perdido’

kamara?i n III ‘feijão’

kamara?itiha ‘o plantador de feijão’

Kamarati n III ‘nome próprio’

tuhame?ëha ja Kamarati ‘Kamarati não é enfermeiro’

-kamu v.intr Ia ‘mamar’

ere-kamu ku ne ‘você mamou’

u-kamu ku u-ju ‘ele está mamando’

a-mukamu ku he ‘eu faço mamar’ ‘eu dou de mamar’

kapiwara n III ‘capivara’

kapiwara ‘capivara’

kara n III ‘cará (gen.)’

u-?u ku kara ‘ele come cará’

karauhu ‘cara grande’

karahi n III ‘sol’

u-maika ku he tupã?i karahi-we ‘ela deixou minha roupa no sol’

he jïwa nehe karahi reka ‘o relógio está no meu braço’

ajete e-ha imi karahi-we t?jemũ he reha nahi ‘não vai para o sol, senão meu olho dói’

karakatu vtr Ia ‘saber bem’

u-juru karakatu ina ‘ela não sabe bem a língua’

i-karakatu jawe ‘ela não sabe bem (andar)’

-karu v.intr Ia ‘comer’
pẽ-karu ‘comam’
u-karu ku u-ja ‘ela veio para comer’

katu n.des Ia ‘bom’, ‘bem’
katu rete ‘tudo bem’
kuji katu ‘mulher boa’

-kati posp ‘em direção a’ → **ti**
awa kati pu ku i-ʔi ‘em direção de quem ele está?’
mihi ti pu ku u-ha ‘em direção de quem ele foi?’
awa kati pu ku haʔa u-ita ‘em direção de quem ele nadou?’
e reka ti pa mide ha ‘vamos para este lado?’

kawu v.intr ‘lixar’ ‘polir’
u-mu-kawu ku papũj u-irapa ‘o papai lixou o arco dele’
pẽ-mu-kawu ku pẽ pe-irapa ‘vocês não lixaram o arco de vocês’

kawihe n.des Ia ‘gostoso’
a-muʔi ku he ne mi̯kau i-kawihe rete meʔe ‘eu fiz mingau muito gostoso’
i-kawihe padidi ‘a banana está gostosa’

ku part. foc
he nupĩ ku ‘ele me bateu’
ure nupĩ ku ‘ele nos bateu’
u-pẽ ku he jiete ‘ele quebrou meu machado’
arapuha ku he a-ʔu ‘veado, eu comi’
kaʔa-iwe ku he tʃe ‘dentro do mato, eu dormi’

-kũ v.intr Ia ‘cair’
ere-kũ pane ku ne ‘você quase caiu’
u-ja ku mãka u-kũ iwira deʔe ‘a manga vai cair’
u-kũ ku reʔa ‘esse caiu’

kuji n III ‘mulher’, ‘fêmea’

kuji hete ‘mulher de verdade’

Kujimeje n III ‘nome próprio’

mĩ pa Kunirikuti e?e ‘cadê a Kunirikuti?’

Kujirikuti n III ‘nome próprio’

ja Maria u-mu-pariri ‘a onça assustou a Kunirikuti’

ku?atfije n Ia ‘coluna vertebral’

ne ku?atfije ‘tua coluna vertebral’

i-ku?atfije ‘coluna vertebral dele’

kumete n III ‘hoje’

kumete ku ne wahẽ Pakajã-pi ‘hoje você chegou no Pakajã’

a-karu ja he kumete ‘eu não comi ontem’

a-puta ja he madi?a tĩ he kumete ‘eu não quero plantar-mandioca, hoje’

kume?e n III ‘homem branco’

kume?e r-adi-re ‘foi a filha (morta) do homem’

kume?e ku ?u i?u u-pawe ‘o homem bebeu água na mão dele’

kupe n Ia ‘costa’

pẽ kupe ‘costa de vocês’

kume?e-wĩ kupe ‘costa dos homens’

kupi n III ‘cupuaçu’

i-da?aj i-kupi ‘o cupuaçu está amargo’

kupi?i n III ‘cupim’

kupi?i ‘cupim’

-kuru v.intr Ia ‘urinar’
pẽ-karu ku pẽ ‘vocês mijaram’
u-karu ‘mijou’
u-kuru ku kumeʔe-wĩ ‘os homens mijaram’
u-kuru ku mide ‘nós mijamos’

kutja v.tran ‘desenhar, escrever’
uru-mara ja ure ikutjaha ne re ‘nós não escrevemos carta para você’
a-kutja ja he ikutjaha-iwe ‘eu não escrevi com lápis’
u-ɲẽʔẽ ina a-kutja ku he teʔẽ ‘não fale porque estou estudando’
i-kutjaha-meʔẽha ja he ‘eu não sou professora’

-kũ n Ia ‘buraco’
ikũ ‘buraco dele’
ne namiku ‘buraco da tua orelha’, ‘teu brinco’
ne iwikumujiha ‘você é cavador de buraco no chão’

-kiti v.intr ‘ralar’
ere-kiti ku ne araraʔi ‘você ralou macaxeira’
e-kiti ‘rale!’

?

-ʔa n Ia ‘cabelo’
i-ʔa ‘cabelo dele’
ne ʔa ‘teu cabelo’

pawĩ nete meʔe awitʃi he ʔa n-ehe ‘tem muito piolho no meu cabelo’
u-ika ku he ʔa hadzimoti-iwe ‘ele cortou meu cabelo com a tesoura’

-ʔaʔi [ʔaʔi] ~ [ʔaʔə] n Ia ‘fiozinho de cabelo’
ne ʔaʔi ‘meu cabelo’
u-pihi hina he ʔaʔi ‘não puxe meu fiozinho de cabelo’
he ʔa-pe heʔi he ‘parece o cabelo que foi meu’

-ʔaʔi n Ia ‘cabelo branco’
i-ʔaʔi ‘cabelo branco dele’
puku meʔe jawe he ʔaʔi ‘meu cabelo branco não é comprido’
i-ʔaʔi he hi ‘cabelo branco de minha mãe’

-ʔi n. atenuativo ‘atenuação pode relacionar-se a propriedades físicas ou emocionais.’
anira-ʔi ‘morceguinho’
meju-ʔi ‘bolachinha’
-ori-ʔi ‘alegriazinha’
-uperi-ʔi ‘soninho’

-ʔa vintr Ia ‘cair’ ‘nascer’
uru-ʔa ‘nós caímos’
deme u-ja u-ʔa ‘agora ele caiu’
u-ha ku u-ʔa iwiku-iwe re’e ‘o menino caiu no buraco’
u-ʔa ku ‘ele nasceu’
u-kũ kũ ka’a r-awe u-ʔa ‘a folha da árvore caiu’

-ʔe vintr Ia ‘apagar’
he ku tata a-muʔe ‘eu fiz apagar fogo’ ‘eu apaguei fogo’
ne ku tata ere-mu-ʔe reʔe ‘tu apagaste o fogo’
Maria ku u-muʔe reʔe ‘Maria o apagou’
awa pu ku tata u-muʔe ‘quem apagou o fogo?’

-ʔu vintr Ia ‘ingerir’, ‘comer’

ure ʔu pane ku ja ‘onça quase nos comeu’

eʔe rupe ku meʔeraʔa u-meʔe te pe ʔu ‘ele deu comida para vocês comerem’

a-ʔu jepe he ‘eu comerei depois’

meʔe raha ku mide ʔu kumete ‘o que nós levaremos para comer hoje?’

ere-ʔu ku ne tatetu ‘você comeu caitetu’

pẽ pu ku medʒu pe-ʔu ‘foram vocês que comeram beiju?’

pida ku pẽ pe-ru te pe-ʔu reʔe ‘vocês trouxeram peixe para comer’

a-ʔu he rete meʔe he ka ‘eu bebi muito cauim’

-ʔuʔu vintr ‘morder’

maj h-uwiha ku he ʔuʔu ‘a cobra que me mordeu era grande’

he ʔuʔu puta tatetu ‘o porcão quer me morder’

u-di-ʔuʔu ku marakaja ‘os cachorros se morderam’

-ʔuʔu vintr ‘tossir’

a-ʔuʔu rete meʔe ku he pitomũ ‘eu tossi muito de noite’

u-ʔuʔu ku he r-ahi reʔe ‘meu filho está tossindo’

M

madetjaka n Ia ‘pajé’

madetjaka ku he ‘eu sou pajé’

madejtjaka n-eha ‘olho do pajé’

u-jija ku madejtjaka pitu-mu ‘o pajé canta pela noite’

-madi?a n Ia ‘mandioca’

ere-ru pu ku ne madi?a mũ h-upe ‘você trouxe mandioca para ela?’
pawe nete me?e ku madi?a i-we ‘tem muita mandioca na água’
h-ehi ja madi?a ‘ela não assou mandioca’
i-tudzũ-t?e madi?a a mandioca está podre’

maj n III ‘cobra’

a-et?a ja he maj pe r-upi ‘eu não vi cobra pelo caminho’
maj heriha ‘parece com cobra’
he tije he rete me’e he maj-hi ‘eu tenho muito medo de cobra’

Mai n III ‘entidade mítica’

pe ru Mai ‘Mai é o pai de vocês’
u-ipepu Mai ‘Mai está bravo’ ‘está trovejando’

ma?e n Ia ‘caça’ ‘comida’

marimũ pu ku ne me?e er-eru ja he r-e ‘por que tu não trouxeste comida pra mim?’
me?emujiha ‘a que faz caça, comida’
u-mupipu ku u-me?e ‘ele cozinhou a comida’

-ma?ẽ vintr Ia ‘olhar’

uru-ma?ẽ ku ure ‘nós olhamos’
u-ma?ẽ ma?ẽ u-ẽ ne rehe ‘ele está olhando muito para você’

-mara vtr Ia ‘jogar’, ‘atirar’, ‘colocar’

paranĩ-we ku he ita a-mara h-eti ‘foi no rio que eu joguei pedra’
e-mara ina ita ‘não jogue pedra!’
pe-mana ‘atirem!’
u-ha ku madi?a mara i-iwe ‘ele colocou mandioca na água’

-mara vtr Ia ‘mandar’, ‘enviar’

he ku a-mara me?era?a muji ‘eu mandei fazer-comida’
ne ku ere-mara ?a jahu mẽ ‘você mandou fazer casa nova’

a-mara ku he pape ne r-e ‘eu enviei carta para vocês’

-manũ vtr Ia ‘morrer’

parañi-we ku tairuhu u-manũ neʔe ‘foi no rio que o menino morreu’

u-manũ ja ‘ele não morreu’

a-manũ pane ku he i-duĩ ‘eu quase morri de malária’

-mapuku n III ‘arco-íris’

ere-tʃa pu ku ne mapuku ‘você viu o arco-íris?’

marakaja n III ‘cachorro’

marakaja naʔi ‘filhote de cachorro’

Tatuaru ku marakaja u-wajiwá ‘foi o Tatuaru que amarrou o cachorro’

maĩ perg. ‘como’, ‘o que’

maĩ pu ku ne iwi kũ karu ‘como tu cavaste buraco’

maĩ pu ku pẽ ‘o que vocês têm?’

maĩma perg. ‘por que’ ~ **maĩmũ**

maĩma pu ku ne maka meʔe ja we ha he r-e ‘por que você não vai dar manga para mim?’

maĩmũ pa ne tʃiriʔi aʔi ‘por que você está triste?’

-marara vtr Ia ‘rasgar’

ajete u-marara imi ‘não pode rasgar’

u-marara ku pape ‘ela rasgou o papel’

meʔe n Ia ‘o que’, ‘qual’

meʔe ʔẽ apa ne ‘qual é teu nome?’

meʔe pu ku ne r-eʔu ‘o que tu comeste?’

meʔe rehe he pa pẽ-ja ‘com que vocês desejam ir?’

meʔe rehe pa neʔĩ ‘o que você quer?’

memi n Ia ‘filho de mulher’
he memi r-ahi ‘a dor de meu filho’
a-raha ku he te-memi ‘eu levei meu filho’

meru n III ‘esp. de mosca varejeira’
u-ʔu ja we meru ‘não come mosca’

Marukaihi n III ‘nome próprio’
Marukaihi he madiʔa ʔu-ami ‘Marukaihi prensou a minha mandioca’

meju n III ‘beiju’
u-karu ku meju ‘eu comi beiju’
a-muʃi jepe he meju] ‘depois eu farei beiju’
meju jawe reʔa] ‘isso não é beiju’

mejuraʔi n III ‘bolacha’, ‘biscoito’
pe-ru ku pee mejuaraʔi ‘vocês trouxeram bolachas’
a-ʔuʔu ku he mejuraiʔi ‘eu mastiguei bolacha’

-memuʔu vtr Ia ‘contar’
a-memuʔu ku ne re ‘eu contei para você’
u-memuʔu ‘ela contou’

-meni vtr Ia ‘acender’
awa pu ku tata u-meni ‘quem o acendeu?’
e-meni ‘acenda!’

mī part.perg ‘onde’ → mīhī
mīhī pa jarutʃu eʔe ‘cadê a canoa?’
mīhīti pu ku u-iwū ‘em que direção ele flechou?’

-mīhī vtr Ia ‘acordar’
ere-mīhī ku ne ‘você acordou’

u-mĩhĩ ku ‘ele acordou’
uru-mĩ te ku ure pitomue ‘nós acordamos cedo mesmo’

mide pron ‘nós incl.’ ‘a gente’ ‘nosso’
mide ru ‘nosso pai’
u-juka ku mide arapuha ‘nós matamos veado’
mide ku jatfĩ u-ka ‘nós quebramos jabuti’

midĩ n Ia ‘mentira’
imidĩ ‘é mentira’
ure mĩdĩ ure ‘nós somos mentirosos’

-mitu n III ‘mutum’
u-juka ku mide mitu ‘nós matamos mutum’
mitu u-?ẽ iwira-ne ‘o mutum está sentado no pau’
mitu -pĩ?a ‘fígado de mutum’

mu- pref.caus ‘fazer alguém ou alguma coisa’
e-mara i-mu-?a ‘mande o fazer cair’
ne ku ere-reha e-mu-ata ‘você o levou fazendo andar’
he ku a-mu-ewu ‘eu o fiz doce (o café)’
u?i i-mu-pẽ ‘fazer quebrar flecha’

-mu suf.loc difuso ‘por’ ‘pela’
a-jija ku he pitu-mu ‘eu canto pela noite’
u-ata ku ka?amu ‘ele anda pelo mato’

-mu vtr Ia ‘dar’, ‘buscar’, ‘fazer vir’,
e-ru paratu e-mu he re ‘traz! faz vir panela para mim’
pe-ru pi?a pe-mu ure re ‘busquem sandália para nós!’

-mũ suf.transl ‘na qualidade de’
he hi-mũ he r-ehe ‘está na qualidade de minha mãe’

he ku tapi?a a-muji meju-mũ ‘eu fiz tapioca virar beiju’

-mũ vtr Ia ‘dar’, ‘buscar’, ‘fazer vir’,
e-ru paratu e-mũ he re ‘traz! faz vir panela para mim’
pe-ru pi?a pe-mũ ure re ‘busquem sandália para nós!’

-muata vtr Ia ‘fazer andar’
a-muata ‘eu o faço andar!’

-mue vtr Ia ‘ensinar’
he mue pa ne re?e ‘você me ensinou mesmo’
he mue ja pẽ ‘vocês não me ensinaram’
ikutjame?ẽha ku u-mue ‘a professora ensinou’
a-ji-mue ku he tupa?ĩ pi?ã ne?e ‘eu aprendi a costurar saia’

Muikatuhi n III ‘nome próprio’
petini ku he a-ru Muikatuhi re ‘eu trouxe café para a Maikatuhi’
ikutjame?ẽha ku Muikatuhi ‘Muikatuhi é professora’

muhu v.tran ‘molhar’
pe-ji-muhu ku pe i-we ‘vocês se molharam com água’
u-ji-muhu ku wĩ i-we ‘eles se molharam com água’

muji v.trans ‘fazer’
a-ji-mue ku he tupe mũji ne?e ‘eu aprendi a fazer-esteira mesmo’
me?e mujiha ‘o que faz comida, cozinheiro’
ha?iwe ipukieha u-muji ‘amanhã, ele fará remo’

mukuj n III ‘dois’
mide mukuj ipide?ĩ me?e ‘nós dois somos magros’
ara mukuj ‘duas araras’

-mukamu vtr Ia ‘amamentar’

ere-mukamu ku e-memi ‘você amamentou teu filho’

e-mukamu ‘amamente!’

mukañi v.tran ‘fazer esquecer’

u-mukañi je re?e ‘ele esqueceu’

a-mukañi ku he te-karu-ha ne?e ‘eu esqueci de comer’ ‘eu esqueci minha comida’

ere-mukañi ne e-tapekũ ne?e ‘você se esqueceu de teu abano’

-mu?e vtr Ia ‘apagar’

pe-mu?e ku pe tata ‘vocês apagaram o fogo’

awa pu ku tata u-mu?e ‘quem apagou o fogo?’

mu?itfi n. III miçanga

he mu?itfi ja we ‘não é minha miçanga’

Awiju?u mu?itfi ja we ‘não é a miçanga do Awiju?u’

mumũ n III ‘mamão’

a-?u ku he mumũ jije ‘eu comi um mamão inteiro’

mumũ hefi ‘tem muito mamão’

mumũ?i n III ‘mamoeiro’

akaju-i r-awe ‘folha de cajueiro’

-muna v.intr Ia ‘roubar’

u-muna ‘ele roubou’

-mune v.intr. ‘benzer’

u-mune ku madejtjaka he memi ‘o pajé benzeu meu filho’

emune ‘benze!’

-mupe vtr Ia ‘quebrar’

awa pu ku irapa u-mupe quem quebrou o arco?

eʔe ku u-mupe ‘esse quebrou’
ne pu ku e-di-pi mupe ‘você se quebrou pé?’

-mupuʔi vtr Ia ‘levantar’
pe-mupuʔi ‘levantem (algo ou alguém)!’

-mupipu vtr Ia ‘cozinhar’ ‘ferver’
a-mupipu jepe he te-meʔe ‘depois eu cozinharei minha comida’
u-mupipu ina ‘não cozinhe’
awa pu ku u-mupipu ‘quem cozinhou?’
pe-mupipu jepe pe i ‘depois vocês fervem água’
he ku araraʔi a-mupipu ‘eu cozinhei macaxeira’

-mupurahẽ vtr Ia ‘fazer dançar’
pe-mupurahẽ ‘vocês fizeram dançar’
a-mupurahẽ ta ‘eu vou fazê-lo dançar’

-mupiriri vtr Ia ‘fritar’
e-mupiriri pida ‘frite peixe!’
ne ku tacunere ere-mu-piriri ‘você fritou tucunaré’

-mura vtr Ia ‘fazer ficar amargo’
ne ku ere-mura reʔe ‘você fez ficar amargo’
he r-emijika ku u-mura reʔe ‘minha mulher fez amargo (o café)’

-muti v. trans. ‘puxar corda’
a-muti ku he ihipa ‘eu puxei corda’
pẽ-muti pu ku pẽ ihipa ‘vocês puxaram corda??’

-mututapi n Ia ‘barco a motor’, ‘navio’
mututapi-iwe ku uru-ha ‘nós vamos no barco’

-mutje vtr Ia ‘fazer dormir’

u-mutje ku u-memi ‘ele fez o filho dela dormir’

ure ku uru-mutje ‘nós fizemos dormir’

ne ku ere-mara mutje ‘você o mandou fazer dormir’

-muwewé vtr Ia ‘fazer voar’

u-muwewe ‘ele fez voar (outro)’

N

nanĩ n III ‘abacaxi

a-tĩ ja he abacaxi ka?arume ‘ontem eu não plantei abacaxi’

nanĩ ikawihe rete me?e ‘o abacaxi está muito gostoso’

mukũj nanĩ ‘dois abacaxis’

ne part. mod ‘intenção’, ‘propósito’ → nehe

ere-me?ẽ ja ne tacunere t- a-mupirĩ nehe ‘você não deu tucunaré para eu fritar’

ere-me?ẽ ja ne pape tukutja nehe ‘você não deu papel para ele estudar’

ne he nupĩ ta-e?a nehe ‘você me bate, para eu chorar’

ne pron.dep ‘teu/tua, você’

ne ruima pa ne ‘você está com fome?’

ne rupehi ne ‘você está com sono

idukĩ nere ‘tem frio pra você’

puku me?e pa ne ‘você é alto?’

ne rami ‘tua orelha’
ne pita ‘teu calcanhar’
ure ku tatu uru-juka ne re ‘nós matamos tatu para você’

Nĕnĕʔa n III ‘nome próprio’

u-ha ku Neneʔa kaʔapite-we ‘na roça, Nĕnĕʔa irá’
Nĕnĕʔa ku u-puranũ ‘Neneʔa conversou’

-nete part.mod ‘intenção real’

e-ja nete epuranũ rehe ‘vem para conversar!’
e-ja he awitʃi retʃa nete ‘você vai ver meu piolho’

niha nIa ‘rede’

ere-tʃi ja ne e-je niha ‘você não está amarrando rede’
awa pu ku u-niha iwe aʔi ‘quem foi que se deitou na rede?’
ne niha reʔa ‘essa é tua rede’
eʔe ku u-ju u-tʃe jĭha-iʃe ‘esse está dormindo na rede’

nĭ n III ‘castanha-do-pará’

pawe nete meʔe jĭ kaʔa-iwe ‘tem muita castanha no mato’
mide u-ha jĭ aika ‘nós vamos quebrar castanhas’
a-ʔu ja ku he jĭ aʔina ‘eu não como castanha’

nĭma n Ia ‘linha’

ne nĭma ‘tua linha’
awa pu ku u-nĭma hereha reʔe ‘quem levou a linha dela?’

-nĭwu vintr Ia ‘cuspir’

peje pedinĭwu ‘podem se cuspirem’
ere-nĭwu ‘você cuspiu’

-nupĩ vtr Ia ‘bater’
ne nupĩ ku he ‘eu te bati’
ajete nupĩ imi ‘não bate’
uru-jĩ-nupĩ ku ure ‘nós nos batemos’
u-jĩ-nupĩ ku wĩ iwira-iwe re?e ‘eles se bateram com pau’
pe-nupĩ ‘batam!’

P

pa par.interr ‘indicação de pergunta’
awa pa h-uiru nete me?e ‘quem está com muita saudade?’
awa pa u-ha ha?iwe ‘quem vai amanhã?’
awa pa t?ĩ me?e ‘quem é bonita?’
awa pa me?e u-mupipu kumete ‘quem é o que vai cozinhar hoje?’
awa pa u-ha pida muja ‘quem vai pegar-peixe?’
ne r-upehi pa ne ‘você está com sono?’
ne r-upehi puta pa ne ‘você quer dormir?’
i-'ahu pa romĩ niha ‘esta rede é nova?’
ere-kati pa mide ha ‘vamos para este lado?’
me?e pa rupe ‘o que é isso’
ma?ĩ pa ne re?e ‘o que você tem?’
mĩ pa kunirikuti e?e ‘cadê a Kunirikuti?’
mĩhĩ iti pa mide ha ‘para que lado nós iremos?’
ma?ĩjje pa siwvãã wahẽ mẽ ‘quando será que a Silvana chegará?’
mĩhĩjje pa Eliete u-ha mẽ nupa ‘quando será que a Eliete vai?’

pa n Ib ‘mão’

i-pa mão dele’

ne pa itʃe ne ‘tua mão cortada’

ere-di-pa ika ja we ne ‘você não cortou tua mão’

pa vint ‘pular’

mide ku u-pa u-pa ‘nós (excl) pulamos’

pẽ ku pe-pa pe-pa ‘vocês pularam’

-pa vint Ia ‘acabar’

u-pa pida ‘o peixe acabou’

u-pa tʃiʔi ‘já vai acabar’

u-pa ku ‘acabou’

u-pa ku pẽ tʃirima ‘o cansado de vocês acabou’

padidi n III ‘espécie de banana do mato’

a-ʔu ku padidiʔi ‘eu comi banana nanica’

u-ʔu ku padidi ‘ele comeu banana’

padidi uhu ‘banana branca’

pane part.mod ‘frustrativo’

a-juka pane ku he arapuha aʔi ‘eu quase matei veado’

a-ka pane ku he jati aʔi ‘eu quase quebrei jabuti’

ere-manu pane ku ure i-duhi ‘nós quase morremos de malária’

a-di-pami pane ku he aʔi ‘eu quase me afoguei’

parani n III ‘rio’

u-ha ku he ru parani-we ‘meu pai foi no rio’

parani-we tairuhu ʔi ‘no rio, o menino está’

paratu n Ia ‘panela’

awa paratu pa reka ‘quem ficou com as panelas?’

he apa ruwi paratu ‘aquela panela é minha’

ure paratu ja we ‘não tem panelas para nós’

pawe quant. ‘muitos’

pawe nete me’e tarawe re’ã we ‘tem muita barata aqui’

pawe mumū’i ‘muito mamoeiros’

pě- pref.pess ‘vocês’ (marca o sujeito no modo indicativo)

pě-juka ku pě tapi?i a?i ‘vocês mataram anta’

pě-jija pě ‘vocês cantaram’

pe-je?a ku pě ‘vocês choraram’

pe-i-?u ku pě ‘vocês beberam água’

pe- pref.pess ‘vocês’ (marca o sujeito no modo imperativo)

pe-t?e ‘vocês durmam!’

pe-jija ‘cantem vocês’

pe-ja pe-karu ‘venham comer’

pe vtr Ia ‘varrer’

ajete he iwi pe imi ‘eu não varri o chão’

ajete ne pe imi ‘tu não varreste’

i-peha ‘vassoura dela’

pě pron.dep ‘vocês’

pě paratu?i ja we ‘não tem copos’

pě nupĩ ku he ‘eu bati em vocês’

ure ku pida uru-me?ě pě ne ‘nós demos peixe para vocês’

pe ruirũ ku pě ‘vocês estão com saudades’

-pě vtr Ia ‘quebrar’, ‘partir’, ‘torcer’ (paus, varas)

u-pě ina ‘não a quebre’

irapa ku u-pě ‘o arco quebrou’

-pe pref.corr ‘vocês’

pe-wahě ku pe-purahě ‘vocês chegaram para dançar’

pe-t]e ku pě pe-ju ‘vocês ficaram dormindo’

pě-nupĩ ku pě pe-at]ĩ ‘vocês bateram a cabeça de vocês’

pe-he pe-aj-we ‘vocês foram para suas casas’

-pehi n.Ia ‘cesto’, ‘bolsa’

pehi i-muj]ha he ‘eu sou fazedora de cesto’

Juriana apa pehi ‘a bolsa é da Juliana’

ne pehi ja we não é teu cesto’

-pepa n Ia ‘asa’, ‘pena da asa’

i-pepa ‘asa dele (do pássaro)’

uru-et]ã ku ure ara pepa pe r-upi ‘nós vimos pena de arara pelo caminho’

pefi n.Ia ‘fumo, cigarro’

u-pa ku he pefi ‘meu fumo acabou’

kume?e pefi ‘cigarro do homem’

petini n.Ia ‘café’

uru-puta nete me?e ure ku petini ‘nós gostamos muito de café’

ere-me?e ku ne petini h-upe ‘você deu café para ele’

-pi suf.cas ‘locativo alativo → **-ipi**

mide u-ha Brasília-ipi ‘nós vamos para Brasília’

u-ha ku Jer?eru Pakaja-ipi ‘Jere?eru vai para o Pakajã’

-pihi vtr Ia ‘pintar’

a-ji-pihi t]ĩ ku he ‘eu já me pintei’

u-pihi pihi t]ĩ ku kupe re?e ‘ele pintou toda a costa’

ure pihi ku ne aʔi ‘você nos pintou’

piʔa n Ib ‘sandália’

he piʔa ‘minha sandália’

mide piʔa ‘nossa sandália’

imi he pia-hu ‘meu sapato é velho/antigo’

pina n Ia ‘anzol’

ure pina ‘nosso anzol’

Pinuhu n III ‘nome próprio’

u-ʔu ja ku Pinuhu jurumũ ‘Pinuhu não comeu jurumu’

pinuwa n III ‘bacaba’ ‘pindoba’

he atʃaʔi ʔu he he ‘eu desejo beber.bacaba’

uru-tĩ ku ure pinuwa ‘nós plantamos bacaba’

pita n Ia ‘calcanhar’

i pita ‘o calcanhar dele’

he pita ‘meu calcanhar’

pitu n Ia ‘noite’

pitumũ ja we ‘não está noite’

u-ja ina u-jahu pitu ‘não vai tomar banho de noite’

pituka v.tran ‘lavar’

uru-pituka ja ure tupaʔi Maria rehe ‘nós não lavamos roupa com a Maria’

ere-ha ja tupaʔi e-pituka ‘você não vai lavar roupa’

he tupaʔi pitukaha ‘eu sou lavadora de roupa’

a-ji-pa pituka ku he ipitukaha-iwe ‘eu lavei minhas mãos com sabão’

-pi n Ia ‘pé’

ne pi ‘teu pé’

i-pi ‘pé dele’

awa pa u-ji-pi tji?a?a ja ‘quem não se valou pé?’

ne pi kuru ‘tem coceira no teu pé’

-pihi vtr Ia ‘pegar’

ajete he pihí imi ‘não me pegue’

u-pihi ina he ?a ‘não pegue no meu cabelo’

a-pihi ku he marukaihi ?ã-we ‘eu pequei no cabelo da Marukaihi’

pikuru n Ib ‘coceira’

he pikuru he ‘eu estou com coceira’, ‘minha coceira’

ne pikuru ne ‘tua coceira’

i-pikuru u-ka ‘ele está coçando’

pi?a n Ib ‘figado’

he pi?a ‘meu figado’

ne pi?a ‘teu figado’

pipa n Ib ‘rastro’, ‘pegada’

i-pipa ‘rastro dele’

tajahu pipa ‘rastro de porcão’

-pipu vintr Ia ‘cozinhar’, ‘ferver’

a-mupipu jepe he te-me?e ‘depois eu cozinharei minha comida’

awã pu ku u-pipu ka’arume a?i ‘quem foi que cozinhou ontem?’

u-mu-pipu ku petini ‘o café ferveu’

u-pipumire ‘cozido’

-piri?i n Ib ‘umbigo’

ne piri?i ‘teu umbigo’

he piri?i ‘meu umbigo’

-pitu?u vintr Ia ‘descansar’

a-pitu?u he te-ju ‘eu estou descansando’

ere-pitu?u jepe ne ‘depois você descansa’

pitiwũ vtr Ia ‘ajudar’

ere-mara ja ne wĩ Nivaldo pitiwũ ‘você não mandou eles ajudarem o Nivaldo’

ajete he ne pitiwũ imi ‘eu não te ajudei’

uru-pitiwũ ja ure ruku kumete hoje nós não a ajudamos’

-pĩ?a vtr Ia ‘tecer rede/ saia de algodão ou de envira’

tupa?ĩ a-pĩ?aha he ‘eu sou tecedora de saia’

i-karakatu ja ku tupã?ĩ i-pĩ?a a?i ‘ela não sabe costurar saia’

u-pĩ?a ja ku ne tupã?ĩ ela não teceu tua saia’

pida n.III ‘peixe’

uru-?u ku ure pida uru-ju ‘nós estamos comendo peixe’

jarut?u-iwe ku he te-pida-?u ‘na canoa, eu comi meu peixe’

mide ku pida u-me?ẽ h-upe ‘nós não demos peixe para ela’

pide n Ia ‘pele’, ‘casca’

pẽ pide ‘pele de vocês’

padidi pide ‘casca de banana’

pidi n.des Ia ‘vermelho’

tawi pidi hefi ‘tem muita formiga vermelha’

pĩ?a pidi ‘sandália é vermelha’

piku?e vintr ‘torrar’

u-piku?e ‘ele a torrou’

a-piku?e ku he ut?ĩ ka?arume ‘eu torrei farinha ontem’

-pĩĩ vtr Ia ‘beliscar’

he pĩĩ hina ‘não me belisca’

peje ure pĩĩ ‘podem nos beliscar’

ne ku he pĩĩ ‘você me beliscou’

pu par.interr ‘indicação de pergunta’

pe-t|je pu ku pẽ ‘vocês estavam dormindo’

marimũ pu ku ne he mu-je?ẽ ja we ‘por que tu não me chamaste?’

mařimu pu ku ne ha ja awati mufi ‘por que tu não foste fazer plantação de milho?’

awa pu ku i h-eru a?i ‘quem trouxe água?’

awa pu ku kũ u-?a ‘quem foi que caiu?’

-puhu vtr Ia ‘passear’

a-puhupuhu ku he te-ka ‘eu estou passeando’

ure uru-ha uru-puhu ne rewe ‘nós vamos passear contigo’

e-puhupuhu ‘passeie você!’

puku n.des Ia ‘comprido’

i-puku ‘ele é grande’

puku me?e he ‘eu sou alto/comprido’

puku me?e ne ‘você é comprido’

tupa?i puku ‘calça comprida’

-pu?i vintr Ia ‘estar em pé’ ‘levantar’

a-pu?i ku he te-?i ‘eu levantei e fiquei em pé’ ‘eu estou em pé’

ere-pu?i ku ne e-?i ‘você levantou’

mide ku u-ju u-pu?i ‘nós estamos em pé’

-purahẽ vintr Ib ‘dançar’

mide purahẽ ‘nós dançamos’

u-purahẽ ja midea ‘nós não dançamos’

u-purahẽ me?e ‘ele é o que dança’

-puranũ vintr Ib ‘conversar’, ‘falar’

ne ku ere-puranu he r-ehe ‘você conversou comigo’

ajete e-puranu imi haʔiwe ‘não converse amanhã’

a-he te-puranũ Ajajuhu n-ehe ‘eu vou conversar com o Ajajuhu’

-puretʃe n III ‘poraquê’

u-juka ku puretʃe ‘o poraquê o matou’

-puruʔa n.des Ib ‘grávida’, ‘prenha’

i-puruʔa kojĩ ‘a mulher está prenha’

i-puruʔa ‘ela está prenha’

e-puruʔa ‘fique prenha!’

ne puruʔa pa ne ‘você engravidou?’

-puta vtr Ia ‘querer’, ‘gostar’

pe-ʔu he puta pa pẽ jati ‘vocês querem comer jabuti?’

u-ata puta ‘ele quer andar’

i-tʃe puta ‘ela quer dormir’

pẽ-ha puta ja pẽ ne a-hi ‘vocês não querem ir da tua aldeia’

-putarete vtr Ia ‘gostar muito’, ‘amar’

a-putarete ‘eu o amo’

uru-putarete ku ure ʃi ‘nós gostamos muito de castanha’

puti n. Ia ‘flor’

mamũʔi puti ‘flor de mamoeiro’

-puti vintr Ia ‘defecar’

ere-puti ‘você defecou’

u-puti ‘ele defecou’

tepotiha ‘lugar de defecar’

tepotidiro ‘vaso sanitário’

-putiʔa n Ia ‘peito’

kumeʔe putiʔa ‘peito do homem’

putiʔa r-ahi ‘dor no peito’

ure putiʔa h-ahi ure ‘nós estamos com dores no peito’

-puwĩ vtr Ia ‘fiar’

a-puwĩ ta ‘eu vou fiar’

miniju-puwĩha ‘fiadora de algodão’

R

r- pref.rel. ‘o determinante, que é a expressão imediatamente precedente, forma uma unidade sintática com o determinado → **r-** [r- ~ n- ~ d-]

kuni r-eme ‘lábio da mulher’

jati r-aʔi filhote de jabuti’

he rĩ ‘meu dente’

kumeʔe r-upehi

ne meʔe r-ahi

ne r-eha ‘teu olho’

ne n-ewe r-ahi pa ne ‘tem dor na tua barriga?’

he tʃirima ja we he ‘eu não estou cansado

pẽ-mũ kũ pẽ tupaʔĩ he r-e vocês mandaram saia para mim’

kara fi dĩdĩ ku ure r-ui uru-pituʔu ‘depois de plantar-cará, nós ficaremos na noite’

te-purahẽ dĩdĩ he r-udi ‘depois de meu dançar, haverá minha volta’

reʔa dem. ‘deitado, redondo, achatado, alongado, próximo do falante’
ere-nu ku ne e-piʔahu reʔawe ‘você deixou teu sapato aqui’
u-purahe reʔa ‘esse dançou’
e-api reʔawe ‘sente aqui’
miniju-afi-ha reʔa ‘essa é a que planta algodão’

ruku dem. ‘suspenso, +/- próximo do falante e do ouvinte’
tʃiriʔi meʔe ruku ‘esse.aí é o que é triste’
ere-pitiwũ ja he ruku kaʔarume ‘ontem você não ajudou esse’
he remijika-pe ruku ‘essa.aí foi minha esposa’
u-pẽ heʔi ruku irapa ‘parece que esse arco vai quebrar’

rupe dem. ‘deitado/em pé, alongado, longe do falante’
jarutʃu rupetu parani-we ‘a canoa está lá no rio’
e-reha rupe he kaʔapite iwe ‘leve lá para minha roça’
u-memi meʔe rupe ‘esse aí é o filho dela’
meʔe pa rupe ‘o que é isso.aí?’

ruʔu dem ‘sentado, alto, próximo do falante’
u-jeʔẽ meʔe ruʔu ‘esta (menina) é a que fala’ ‘faladeira’
pe-dĩnu ku pe ruʔuwe ‘vocês deitaram aqui’
a-api ku he ruʔuwe ‘eu sentei aqui’

ruwĩ dem. ‘sentado, alto, longe do falante’
parani ruwi ‘aquele rio’
he ratʃe ruwĩ ‘aquela foi minha casa’
ne apa ruwĩ paratu ‘aquela panela é tua’
pina ruwĩ ‘aquilo (no alto) é palha’

T

t- pref.rel classe IIb ‘determinante, que é diferente do falante e do ouvinte, não forma com o determinado uma unidade sintática.

tadi ‘filha dele’

taʔi r-etʃa ‘ver filho dele (genérico)’

tu ‘pai dela’

t- pref.rel classes IIa e IIb ‘o determinante é genérico e humano’

tu imeʔe ‘o que não tem pai’

tupaʔi ‘roupa de gente’

teha ‘olho de gente’

turi ‘alegria de gente’

tadi ‘filha de homem (genérico)’

a-ʔa tena nehe ‘eu cai do banco’

tена he te-api d̥i d̥i depois do meu sentar no banco’

he ku a-ju te-tʃe tena uhe ‘eu estou dormindo sobre o banco’

t-, te part.mod ‘propósito’ → **te**

p̃e-hi ku pe takunere te pe-ʔu reʔe ‘vocês assaram tucunaré para comerem’

a-meʔe ja he madiʔa t-ere-pida ‘eu não dei mandioca para você descascar’

uru-mupir̃i r̃i ku ure p̃ida t-uru-ʔu ne ‘nós fritamos peixe para comeremos’

he ku pape a-meʔe te ere-kutʃa ‘eu dei caderno para você estudar’

takunere n III ‘espécie de peixe’ ‘tucunaré’

pe-ha ku p̃e takunere ti vocês foram pegar tucunaré’

ere-ʔu ku ne takuneré utʃi nehe ‘você comeu tucunaré com farinha’

tadimu n III ‘cinza’

tadimu ‘cinza’

tairuhu n III ‘menino’

tairuhu tʃipẽ ‘um menino’

jaku tairuhu u-ʔa ‘o menino caiu’

tairuhu ku u-ha u-ʃi he piʔiwũ ‘o menino vai correr na minha frente’

u-je’ẽ ja ku tairuhu a’inã ‘o menino não falou’

tajahu n III ‘porco do mato’

tajahu atʃi-pe ‘era cabeça de porcão

tajahu pipa ‘rastro de porcão

u-manũ ja tajahu ‘o porcão não morreu’

tañi n III ‘borboleta’

a-etʃa pawe nete meʔe tañi ‘eu vi muitas borboletas’

tʃi nete meʔe tañi ‘as borboletas são muito bonitas

tarawe n III ‘barata’

pawĩ a’i tarawe ne ʔa-we ‘tem muito barata na tua aldeia’

pe tʃije rete me’e pe tarawe-hi ‘vocês tem muito medo de barata’

tamuata n III ‘peixe cascudo’

awa pa u-ha tamuata muja ‘quem vai pegar tamuatá?’

u-hi ku mide u-tamuata ‘nós assamos nosso tamuatá’

tapekũ n III ‘abanador’

ne tapekũ ‘teu abanador’

ure tapekũ ‘nosso abanador’

tapiʔa n III ‘pessoa idosa’ ‘velho’

tapiʔa ‘pessoa idosa’

tapiʔa Patitihĩ ‘Patitihĩ é velha’

tapi?i n III ‘anta’

tapi?i huwiha ‘anta gorda’

ajete ne r-eka tapi?i ?u imi ‘não estou comendo anta’

deme he tapi?i juka ‘agora é minha matança de anta’

tapi?i wahẽ dǎdǎ mǎde tapi?i iwũ] ‘quando a anta chegar, nós a flecharemos’

tapi?itfi n III ‘coelho’

a-juka he tapi?itfi ‘eu matei coelho’

ne ku tapi?itfi ere-reha ‘você levou coelho’

tapi?iuhu n III ‘burro’, ‘boi’, ‘vaca’

tapi?iuhu ‘boi’

tapi?iuhu ku mǎde mu-pariri ‘a vaca nos assustou’

ta?akũ n III ‘taquara’

ne ta?akũ ‘tua taquara’

u-pẽ ku ta?akũ ‘a taquara quebrou’

tatetu n III ‘espécie de porco’ ‘caietu’

ǐ-tfije rete me?e Juliana tatetu-hi “Juliana tem muito medo de caietu’

a-hi ku he tatetu t-ata-we ‘eu assei catetu no fogo’

tatu n III ‘tatu’

tatu-uhu ‘tatu grande’

uru-karu ku ure tatu ‘nós comemos tatu’

Tatuaru n. III ‘nome próprio’

u-wahẽ Tatuaru ka?arume ‘Tatuaru chegou ontem’

Tatuawĩ n. III ‘nome próprio’

e-ja Tatuawĩ ‘vem Tatuawĩ !’

tawĩ n III ‘espécie de formiga’
tawĩ piđĩ ‘formiga-de-fogo’

te- pref.corr ‘eu’, ‘meu’

he pidi?ãj he te-?ẽ ‘eu estou suado’
he ku a-ja te-puranũ pẽ nehe eu vim para conversar com vocês
te-jupãĩ-pi?a đĩđĩ depois de fazer minha saia
a-he te-tjẽ ‘eu vou para dormir’
a-karu he te-?ẽ ‘eu estou comendo’
a-(a)pi he te-?ẽ ‘eu estava sentada’
he ku pẽ iwũ te-u?i-iwe ‘eu furei vocês com minha flecha’

teje part. “sinaliza que a fonte de informação é a coletividade,” ‘disque’

ere-tjẽ pitui ne teje ku ne ka?arume a?i ‘disque você dormiu só um pouquinho, ontem’

teju n III ‘calango’

teju u-ju iwi ‘os calangos estão no chão’
hefĩ teju ‘muito calango’

tipi?a n III ‘tapioca’

mide tipi?a ‘nossa tapioca’
u-pipu ku tipi?a re?e ‘a tapioca cozinhou’
pẽ pu ku tipi?a pe-?u ‘foram vocês que comeram tapioca?’

fi v.tr Ia ‘plantar’, ‘enterrar’

a-ha ku he madi?a fi ‘eu vou plantar mandioca’
ere-fi puta pa ne ‘você quer plantar’
ajete ure r-eka madi?a uru-fi imi ‘nós não estamos plantando mandioca’

fifĩ?u vintr ‘beijar’

ere-fifĩ?u ku ne ‘você beijou’
a-fifĩ?u ku he te-đidekũ ‘eu beijei meu marido’

Tuji n III ‘nome próprio’

u-jija ku Tuji ‘Tuji cantou’

tuha n III ‘remédio, comprimido’

a-ʔu ku he tuha ‘tomei comprimido’

Kunimadu ku tuha u-mara he r-eha-iwe ‘Kunimadu colocou remédio no meu olho’

tukaji n III ‘tucandeira’

tukaji heʔi ‘parece tucandeira’

Tumuhi ‘nome próprio’

kumete u-jeʔa Tumuhi ‘hoje Tumuhi está chorando’

tupaʔi n III ‘tipóia, saia, roupa’

he ku te-jupãʔi a-maika ‘eu pendurei minha roupa’

ne ku katʃe ere-akawa he r-upã uhe ‘você derramou café sobre minha roupa’

tupãʔi he a-ru ‘eu trouxe roupa’

uru-muʔi ja ku ure tupãʔi aʔina ‘nós não fizemos saia’

tupe n III ‘espécie de esteira’

a-dinũ he te-ju tupe uhe ‘eu estou deitando na esteira’

tupe ja we reʔa ‘isso não é esteira’

pẽ ku pẽ-mara tupe muʔi ‘vocês mandaram fazer esteira’

tuʔi n III ‘espécie de periquito’

uru-eha-mũmũ ja ure tuʔi ‘nós não furamos olho do periquito’

Tʃ

tʃe v.intr. ‘dormir’

a-tʃe pane ku he reʔe ‘eu quase dormir’

ere-jeʔẽ ku ne e-ju e-tʃe reʔe ‘você falou estando dormindo’

e-tʃe ‘durma você!’

pẽ-tʃe ‘durmam vocês!!!’

a-iwe kū mĩde tʃe aʔinã ‘dentro de casa, a gente dorme’

tʃerei n. Ia ‘homem branco’

tʃerei ‘homem branco’

tʃi n Ia ‘osso’

ne tʃi ‘teu osso’

ure tʃi ‘nosso osso’

kunĩ tʃi ‘osso da mulher’

tʃi n Ia ‘bonito’

tʃi meʔe ne ‘você é bonita’

tʃi meʔe nete meʔe ne ‘você é muito bonita’

tʃija [tʃiʔnã] ~ [tʃiʔnã] n Ia ‘semente, colar’

mĩde tʃija ‘nossa semente’

kunĩ tʃija ‘colar da mulher’

tʃije n Ia ‘medo, ter medo’

ure tʃije ure uru-ka ‘nós estamos com medo’

he tʃije rete meʔe he ja-hĩ] ‘eu tenho muito medo de onça’

ne tʃije ‘teu medo’

i-tʃije ja we rupe] ‘ele não tem medo’

Tjimira ‘nome próprio’

arapuha ku u-juka Tjimira ‘Tjimira matou veado’
ne tjiřiři Tjimira r-e ‘você tem tristeza em relação à Tjimira’

tjirima n Ia ‘cansado, cansaço’

ure tjirima ja we ure ‘nós não estamos cansados’
ne tjirima pa ne ‘você está cansado?’
i-tjirima nupe u-ju ‘ele está cansado’

tjipě n Ia ‘um’

tjipě ‘um’
tjipě je he memi ‘eu só tenho um filho’
a-pihi ja he tjipě ‘eu não peguei nenhum’
ina nanĩ tjipě ‘não tem um abacaxi’ ‘nenhum abacaxi’
tjipě madĩ me?e ‘três’

tjiřiři n.Ia ‘tristeza’, ‘triste’

mide tjiřiři ‘nós estamos triste’
pě tjiřiři ku pě ‘tristeza de vocês’
ne je?a me ure tjiřiři ure jepe ‘se você chorar, nós ficaremos triste também’
i-tjiřiři Maria ‘tristeza dela, da Maria’

tjitje n Ia ‘faca’

he tjitje ‘minha faca’
tjitje?i ‘faquinha’
ure apa tjitje-uhu ‘o facão é nosso’
Nivawdu tjitje?uhu ja we ‘não é o facão do Nivaldo’

tjiwa n Ia ‘pente de cabelo’

he tjiwa ja we ‘não é meu pente’
hemediw-me?e-ha tjiwa ja we ‘não é o pente da enfermeira’
tjiwa-?i ‘pente fino de tirar piolho’

tʃikũ n. Ia ‘narinas’
kuĩ i-tʃikũ ‘narinas da mulher’
he tʃi-kũ ‘minhas narinas’
ne tʃi-kũ ‘tuas narinas’

tʃurui n.III ‘surubim’
e-mũ tʃurui (e)mũ he re ‘traz surubim pra mim’ ‘dá surubim pra mim’
e-mũ tʃurui e-mu he re ‘me dá surubim’

U

u- pref.pess ‘ele/ela/eles/elas’
u-tʃe ku ‘ela dormiu’
u-jeʔẽ hina ‘ele não falou’
u-meʔẽ ja wĩ petini ‘eles não deram café’
u-ʃi u-ʃi puta wĩ ‘eles querem correr’

u- pref.corr ‘ele/ela/eles/elas’
u-ʃi puta wĩ u-ju ‘eles estão plantando’
h-uima u-ka ‘ele está com fome’
u-jeʔa u-ju ‘eles estão chorando’
u-ta ata ku u-ka ‘ele ficou andando’

-u n Ila ‘pai’

he ru ‘meu pai’

ne ru ‘teu pai’

tu ‘pai de gente’

Awiju?u ru ‘pai de Awiju?u’

-uawi vintr ‘soprar’

e-uawi ‘sobre você!’

a-uawi ku he tata ‘eu soprei o fogo’

pẽ-uawi ku pẽ tata ‘vocês sopraram o fogo’

-udi vintr ‘voltar’

anĩ n-udi didi ne ha ‘quando voltar a chuva, você vai’

ure r-ahi hana didi ne rudi ‘quando parar a nossa doença, você volta’

Maria pituwũ didi he rudi ‘depois de ajudar Maria, eu voltarei’

-uhe posp. ‘sobre’, ‘por cima’

ruwĩ a kupe uhe ‘aqueles (pássaros) estão em cima da casa’

tupe uhe ara pepa re?a ‘pena da arara está sobre a esteira’

-uima n.des ‘ter fome’

h-uima ‘fome dele’

he ruima ja ha kumete ‘hoje eu não estou com fome’

ne ruima pa ne ‘você está com fome?’

-uirũ n.des Ila ‘ter saudade’

he ruirũ ja we he papũj nehe ‘eu não estou com saudade de meu pai’

awa pa huirũ nete me?e ‘quem está com muita saudade?’

pe ruirũ ja we pẽ ‘vocês não estão com saudade’

-u?i vtr Ia ‘embrulhar’, ‘cobrir’

ere-u?i ‘você o embrulhei’

he ku te-jupa?i a-u?i ‘eu embrulhei minha roupa’

uʔi n III ‘flecha’

uʔi maraha he ‘atirador de flecha’

he ku ne iwū te-uʔiwe ‘eu te furei com minha flecha’

u-pē ku uʔi ‘a flecha quebrou’

kumeʔe ruʔi ‘flecha do homem’

-uhu suf. ‘intensivo’ → *-hu*

marakaja-uhu ‘cachorrão’

tapiʔi-uhu ‘cavalo/boi’

pe-juka ku pe arapuha-hu ‘vocês mataram veado grande’

-upaʔi n IIa ‘roupa’

tupaʔi ʔi ku pīʔa u-ʔē ‘roupa, ela está costurando’

he rupaʔi ‘minha saia’

Juliana apa heʔiha he r-upaʔipuku ‘minha calça comprida parece com a da Juliana’

tupaʔi-pe ‘foi saia de gente’

-upe posp ‘para’, ‘a’ (dativo) → **-pe**

ere-meʔē ku ne petini h-upe ‘você deu café para ela’

meʔe raʔa a-raha h-upe ‘eu vou levar caça/comida para ele’

-upi posp ‘por’

pe r-upi ku e-ha ‘vai pelo caminho’

a-jeʔē ku he te-ja pe r-upi ‘eu venho falando pelo caminho’

Iwanehi ku u-ha paraʔi r-upi ‘Iwanehi foi pelo rio’

-upehi n.des IIa ‘ter sono’

he r-upehi he ‘eu estou com sono’

h-upehi ele está com sono’

h-upehi meʔe reʔa ‘esse é o que tem sono’, dorminhoco’

ure pron.dep ‘nós excl.’

ure rewa ‘nossa testa’

u-me?ẽ ja wĩ madi?a ure r-e ‘eles não deram mandioca para nós’

ure ta-pe ‘foi nossa aldeia’

ure tʃirima ku ure ‘nós estamos cansados’

-uru pref.pess ‘nós (excl.)’

uru-ha ‘nos vamos’

uru-juka ku (u)re tapi?i a?i ‘nós matamos anta’

uru-je?a pane ku ure ‘nós quase choramos’

uru- pref.corr ‘nós’, ‘nosso(s)’, ‘nossa(s)’ excl.’

uru-je?ẽ je?ẽ ure uru-ju Irawadi r-ehe ‘nós estamos conversando com Irawadi’

uru-nupĩ ku ure uru-atʃi ‘nós batemos nossas cabeças’

ure uru-ha uru-karu ‘nós vamos para comer’

urukuku n III ‘sucuri’

ina pa urukuku e pe rupi ‘não tem surucucu pelo caminho?’

i-tʃije urukuku hi ‘ela tem medo de sucuri’

urukuku huwiha ‘a surucucu é grande’

uruku?a n III ‘coruja’

Ikaire apa uruku?a ‘a coruja é do Ikaire’

-uri n.des IIa ‘estar, ser alegre’

ina he r-uri ‘eu não estou alegre’

h-urihuri ku Eliete awĩã nudĩ didĩ ‘depois que o avião voltar, E. ficará muito alegre’

-utʃi n Ia ‘farinha’

ere-muʃi ku ne utʃi tere ?u a?i ‘você fez farinha para comer’

a-raha hẽ?ẽte ?ẽte ku he utʃi ‘eu levei só um pouquinho de farinha’

e-ru utʃi ‘traz farinha’

-uwa n Ila ‘rosto’
he ruwa ‘meu rosto’
ne ruwa ja we ‘não tua testa’
huwa ‘testa dele’

W

-we suf. cas ‘locativo pontual’ → *iwe*
pẽ ta-we ‘na aldeia de vocês’
kaʔapite-we ‘na roça’
parañi-we ‘no rio’
a-nu ku he te-piʔa reʔawe ‘eu deixei minha sandália aqui’
te-pida he a-hĩ ne r-ata-we ‘eu asso meu peixe no teu fogo’
pawe nete meʔe maka he a-iwe ‘eu tenho muita manga dentro de minha casa’
he ku hewu meʔe a-mara katʃe-iwe ‘eu coloquei açúcar no café’

-wadiwa vtr Ia ‘amarrar’, ‘prender’
i-wadiwa ku marakaja ‘ele amarrou o cachorro’
Iwaneru ku marakaja u-wadiwa ‘foi o Iwaneru que amarrou o cachorro’

-wahẽ vtr Ia ‘chegar’, ‘achar’, ‘fazer sair’,
a-wahẽ ku he ta-we ‘eu cheguei na aldeia’
u-jija ku u-ja ‘ele vem cantando’
awa pu ku u-wahẽ ‘quem foi que chegou?’
a-wahẽ ku he pe netʃa ‘eu cheguei para ver vocês’

-wapi vtr Ia ‘fechar’, ‘prender’

ere-wapi pu ku ne katʃeriru ‘você fechou a garrafa de café???’

pe-wapi pu ku pẽ aj ‘vocês fecharam a casa???’

pẽ-ji-wapĩ pa pẽ pẽ-ju ‘vocês estão se prendendo?’

a-ji-wapi he tẽi a-iwe ‘eu me prendi dentro da casa’ (eu estou presa dentro da casa)

-wawe vintr Ia ‘boiar’

e-wawe ‘boie!’

u-wawe we u-ka ‘ele está boiando’

-wewe vintr Ia ‘voar’

pidawewe ‘peixe voadora’

u-ha ku ipĩpideahu meʔe u-wewe ‘o pato vai voar’

wi n Ia ‘sangue’

ure wi-pe ‘nosso sangue’

pẽ wi-pe ‘sangue de vocês’

wĩ dem ‘esses de que falamos’

ere-nupĩ ku ne wĩ ‘você bateu neles’

u-meʔẽ ku wĩ madiʔa ‘eles deram mandioca’

kuji wĩ ku u-haʔa iwe ‘essas mulheres vão para (dentro da)casa’

kumeʔe wĩ u-ha u-ata ‘esses homens foram andar/caçar’

h-upehi nupe wĩ ‘eles têm sono’

h-uirũ nupe wĩ u-ka ‘esses estão com saudades’

ANEXO C



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO ADMINISTRAÇÃO EXECUTIVA REGIONAL DE ALTAMIRA
Rua Cel José Porfírio, 2533 UFPA Bairro S. Sebastião Fonefax: 515-1829 Altamira-PA caetano.ventura@gmail.com

CENSO POPULACIONAL MARÇO/2.007

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
APYTEREWA	Parakanã	31	47	108	106	214
ARARA	Arara	12	39	111	105	216
BAKAJÁ	Xikrin	28	46	125	132	259
CURUÁ	Kuruaya	34	37	87	61	148
IPIXUNA	Araweté	77	77	160	158	318
IRIRI	Arara	16	16	35	42	77
KARARAÔ	Kayapó	08	11	19	24	41
KOATINEMO	Assurini	19	25	63	67	130
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	27	35	115	103	218
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	08	08	17	18	35
PAKISAMBA	Juruna	14	14	34	29	63
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	11	14	40	38	78
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	10	11	36	28	64
TERRAWĀNGÃ	Arara/Maia	16	16	42	34	76
TUKAMÃ (aldeia)	Xipayá	17	17	41	33	74
XINGU (aldeia)	Parakanã	26	31	78	87	165
TOTAL GERAL		354	444	1.111	1.065	2.176

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira - até Março/07.

CENSO POPULACIONAL MAIO/2.007

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
APYTEREWA	Parakanã	31	47	108	109	217
ARARA	Arara	12	39	112	106	218
BAKAJÁ	Xikrin	28	46	127	135	262
CURUÁ	Kuruaya	34	37	87	61	148
IPIXUNA	Araweté	77	77	160	160	320
IRIRI	Arara	16	16	36	43	79
KARARAÔ	Kayapó	08	11	19	23	42
KOATINEMO	Assurini	19	25	64	68	132
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	27	35	116	104	220
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	08	08	17	18	35
PAKISAMBA	Juruna	14	14	34	29	63
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	11	14	40	39	79
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	10	11	36	28	64
TERRAWĂNGĂ	Arara/Maia	16	16	43	34	77
TUKAMĂ (aldeia)	Xipaya	17	17	39	33	72
XINGU (aldeia)	Parakanã	26	31	80	91	171
TOTAL GERAL		354	444	1.118	1.081	2.199

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira - até Maio/07.

CENSO POPULACIONAL JULHO/2.007

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
APYTEREWA	Parakanã	31	47	108	110	218
ARARA	Arara	13	40	115	108	223
BAKAJÁ	Xikrin	28	46	128	135	263
CURUÁ	Kuruaya	34	37	87	61	148
IPIXUNA	Araweté	77	77	161	161	322
IRIRI	Arara	16	16	36	43	79
KARARAÔ	Kayapó	09	12	18	22	40
KOATINEMO	Assurini	19	24	64	69	133
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	27	36	118	106	224
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	08	08	17	19	36
PAKISAMBA	Juruna	17	17	38	33	71
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	11	14	41	40	81
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	10	11	36	28	64
TERRAWĀNGÃ	Arara/Maia	16	16	43	35	78
TUKAMÃ (aldeia)	Xipayá	17	17	40	33	73
XINGU (aldeia)	Parakanã	26	31	83	91	174
TOTAL GERAL		354	444	1.118	1.081	2.227

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira – Julho/07.

CENSO POPULACIONAL SETEMBRO/2.007

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
APYTEREWA	Parakanã	31	47	109	110	219
ARARA	Arara	13	40	115	108	223
BAKAJÁ	Xikrin	27	46	124	133	257
CURUÁ	Kuruaya	34	37	88	62	150
IPIXUNA	Araweté	77	77	162	161	323
IRIRI	Arara	16	16	36	43	79
KARARAÔ	Kayapó	09	12	18	22	40
KOATINEMO	Assurini	19	24	65	69	134
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	25	31	113	101	214
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	08	08	17	19	36
PAKISAMBA	Juruna	17	17	38	33	71
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	12	18	52	50	102
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	17	17	36	27	63
TERRAWĀNGĀ	Arara/Maia	15	15	49	37	86
TUKAMĀ (aldeia)	Xipayá	17	17	41	32	73
XINGU (aldeia)	Parakanã	26	31	83	92	175
TOTAL GERAL		354	444	1.118	1.081	2.245

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira - Set/07.

CENSO POPULACIONAL OUTUBRO/2.007

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
APYTEREWA	Parakanã	31	47	109	109	218
ARARA	Arara	13	40	115	109	224
BAKAJÁ	Xikrin	27	46	127	132	259
CURUÁ	Kuruaya	34	37	88	62	150
IPIXUNA	Araweté	77	77	162	162	324
IRIRI	Arara	16	16	36	43	79
KARARAÔ	Kayapó	09	12	18	22	40
KOATINEMO	Assurini	19	24	65	69	134
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	25	31	113	103	216
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	08	08	17	19	36
PAKISAMBA	Juruna	17	17	38	33	71
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	12	18	52	51	103
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	17	17	36	29	65
TERRAWĀNGĀ	Arara/Maia	15	15	49	37	86
TUKAMĀ (aldeia)	Xipaya	17	17	41	32	73
XINGU (aldeia)	Parakanã	26	31	84	93	177
TOTAL GERAL	16	363	453	1.150	1.105	2.255

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira - Out/07.

CENSO POPULACIONAL NOVEMBRO/2.007

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
APYTEREWA	Parakanã	31	47	109	109	218
ARARA	Arara	13	40	115	111	226
BAKAJÁ	Xikrin	27	46	129	133	262
CURUÁ	Kuruaya	34	37	88	62	150
IPIXUNA	Araweté	77	77	162	162	324
IRIRI	Arara	16	16	36	43	79
KARARAÔ	Kayapó	09	12	18	22	40
KOATINEMO	Assurini	19	24	65	70	135
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	25	31	113	103	216
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	08	08	17	19	36
PAKISAMBA	Juruna	18	18	39	35	74
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	12	18	52	51	103
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	17	17	36	29	65
TERRAWĀNGÃ	Arara/Maia	15	15	49	38	87
TUKAMÃ (aldeia)	Xipayá	17	17	41	32	73
XINGU (aldeia)	Parakanã	25	30	84	91	175
TOTAL GERAL	16	363	453	1.153	1.110	2.263

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira - Nov/07.

CENSO POPULACIONAL DEZEMBRO/2.007

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
APYTEREWA	Parakanã	31	47	112	110	222
ARARA	Arara	13	40	117	111	228
BAKAJÁ	Xikrin	27	46	129	134	263
CURUÁ	Kuruaya	34	37	89	62	151
IPIXUNA	Araweté	77	77	162	164	326
IRIRI	Arara	16	16	36	43	79
KARARAÔ	Kayapó	09	12	18	22	40
KOATINEMO	Assurini	19	24	67	70	137
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	25	31	114	104	218
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	08	08	17	19	36
PAKISAMBA	Juruna	18	18	39	35	74
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	12	18	52	52	104
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	16	16	32	26	58
TERRAWĂNGĂ	Arara/Maia	15	15	49	38	87
TUKAMĂ (aldeia)	Xipaya	17	17	41	33	74
XINGU (aldeia)	Parakanã	25	30	83	92	175
TOTAL GERAL	16	362	452	1.157	1.115	2.272

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira - Dez/07.

CENSO POPULACIONAL JANEIRO/2.008

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
APYTEREWA	Parakanã	31	47	112	110	222
ARARA	Arara	13	40	117	111	228
BAKAJÁ	Xikrin	27	47	129	135	264
CURUÁ	Kuruaya	34	37	89	62	151
IPIXUNA	Araweté	77	77	162	164	326
IRIRI	Arara	16	16	36	43	79
KARARAÔ	Kayapó	09	12	18	22	40
KOATINEMO	Assurini	19	24	67	70	137
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	25	31	114	104	218
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	08	08	17	19	36
PAKISAMBA	Juruna	18	18	39	35	74
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	12	18	52	52	104
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	16	16	32	26	58
TERRAWĀNGĀ	Arara/Maia	15	15	49	38	87
TUKAMĀ (aldeia)	Xipayá	17	17	41	33	74
XINGU (aldeia)	Parakanã	25	30	84	92	176
TOTAL GERAL	16	362	453	1.158	1.116	2.274

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira – Jan/08.

CENSO POPULACIONAL FEVEREIRO/2.008

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
APYTEREWA	Parakanã	31	47	112	110	222
ARARA	Arara	13	40	118	111	229
BAKAJÁ	Xikrin	27	47	129	136	265
CURUÁ	Kuruaya	34	37	89	62	151
IPIXUNA	Araweté	77	77	162	164	326
IRIRI	Arara	16	16	36	43	79
KARARAÔ	Kayapó	09	12	18	22	40
KOATINEMO	Assurini	19	24	67	70	137
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	25	31	114	104	218
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	08	08	17	19	36
PAKISAMBA	Juruna	18	18	39	35	74
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	12	18	52	52	104
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	16	16	32	26	58
TERRAWĀNGĀ	Arara/Maia	16	16	50	39	89
TUKAMĀ (aldeia)	Xipaya	17	17	41	33	74
XINGU (aldeia)	Parakanã	25	30	84	92	176
TOTAL GERAL	16	363	454	1.160	1.118	2.278

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira - Fev/08.

CENSO POPULACIONAL MARÇO/2.008

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
APYTEREWA	Parakanã	31	47	112	110	222
ARARA	Arara	13	40	118	111	229
BAKAJÁ	Xikrin	27	46	129	137	266
CURUÁ	Kuruaya	34	37	89	63	152
IPIXUNA	Araweté	77	77	164	166	330
IRIRI	Arara	16	16	36	43	79
KARARAÔ	Kayapó	09	12	18	22	40
KOATINEMO	Assurini	20	24	67	70	137
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	25	31	115	103	218
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	08	08	17	19	36
PAKISAMBA	Juruna	18	18	39	35	74
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	12	18	53	52	105
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	16	16	32	27	59
TERRAWĀNGĀ	Arara/Maia	16	16	50	39	89
TUKAMĀ (aldeia)	Xipayá	17	17	41	34	75
XINGU (aldeia)	Parakanã	25	30	83	93	176
TOTAL GERAL	16	364	453	1.163	1.124	2.287

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira - Mar/08.

CENSO POPULACIONAL ABRIL/2.008

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
APYTEREWA	Parakanã	33	46	112	110	222
ARARA	Arara	13	44	118	111	229
BAKAJÁ	Xikrin	27	46	129	137	266
CURUÁ	Kuruaya	34	37	89	64	153
IPIXUNA	Araweté	79	79	162	167	329
IRIRI	Arara	16	16	37	43	80
KARARAÔ	Kayapó	09	12	18	23	41
KOATINEMO	Assurini	20	24	67	69	136
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	25	31	117	104	221
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	09	09	21	19	40
PAKISAMBA	Juruna	18	18	39	35	74
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	12	18	53	53	106
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	16	16	32	27	59
TERRAWĀNGĀ	Arara/Maia	16	16	50	39	89
TUKAMĀ (aldeia)	Xipayá	17	17	43	35	78
XINGU (aldeia)	Parakanã	25	32	84	91	175
TOTAL GERAL	16	369	461	1.171	1.12	2.298

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira – ABR/08.

CENSO POPULACIONAL MAIO/2.008

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
APYTEREWA	Parakanã	33	46	113	110	223
ARARA	Arara	13	44	118	112	230
BAKAJÁ	Xikrin	27	46	130	137	267
CURUÁ	Kuruaya	34	37	89	64	153
IPIXUNA	Araweté	79	79	162	167	329
IRIRI	Arara	16	16	37	43	80
KARARAÔ	Kayapó	09	12	18	23	41
KOATINEMO	Assurini	20	24	67	69	136
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	25	31	117	105	222
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	09	09	20	19	39
PAKISAMBA	Juruna	18	18	39	35	74
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	12	18	54	53	107
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	16	16	32	27	59
TERRAWĀNGÃ	Arara/Maia	16	16	50	39	89
TUKAMÃ (aldeia)	Xipaya	17	17	43	35	78
XINGU (aldeia)	Parakanã	25	32	84	92	176
TOTAL GERAL 16		369	461	1.173	1.130	2.303

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira - MAI/08.

CENSO POPULACIONAL JUNHO/2.008

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
APYTEREWA	Parakanã	33	46	114	111	225
ARARA	Arara	13	44	118	112	230
BAKAJÁ	Xikrin	27	46	129	138	267
CURUÁ	Kuruaya	34	37	89	64	153
IPIXUNA	Araweté	79	79	162	167	329
IRIRI	Arara	16	16	37	43	80
KARARAÔ	Kayapó	09	12	17	22	39
KOATINEMO	Assurini	20	24	68	69	137
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	25	31	117	106	223
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	09	09	20	19	39
PAKISAMBA	Juruna	18	18	39	35	74
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	14	19	54	58	112
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	17	17	34	30	64
TERRAWĂNGĂ	Arara/Maia	16	16	50	40	90
TUKAMĂ (aldeia)	Xipaya	16	16	42	31	73
XINGU (aldeia)	Parakanã	25	32	84	92	176
TOTAL GERAL 16		371	462	1.174	1.137	2.311

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira - JUN/os.

CENSO POPULACIONAL JULHO/2.008

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
APYTEREWA	Parakanã	33	46	114	111	225
ARARA	Arara	12	43	117	111	228
BAKAJÁ	Xikrin	28	47	137	143	280
CURUÁ	Kuruaya	34	37	89	64	153
IPIXUNA	Araweté	79	79	162	167	329
IRIRI	Arara	16	16	37	43	80
KARARAÔ	Kayapó	09	12	17	22	39
KOATINEMO	Assurini	20	24	68	71	139
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	25	31	117	108	225
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	09	09	20	20	40
PAKISAMBA	Juruna	18	18	39	35	74
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	14	16	48	52	100
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	17	17	34	30	64
TERRAWĂNGĂ	Arara/Maia	16	16	50	40	90
TUKAMĂ (aldeia)	Xipayá	16	16	42	31	73
XINGU (aldeia)	Parakanã	25	32	84	92	176
TOTAL GERAL 16		371	459	1.175	1.140	2.315

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira - JUL/08.

CENSO POPULACIONAL AGOSTO/2.008

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
APYTEREWA	Parakanã	33	47	116	111	227
ARARA	Arara	12	43	117	112	229
BAKAJÁ	Xikrin	28	47	137	143	280
CURUÁ	Kuruaya	34	37	89	65	154
IPIXUNA	Araweté	76	76	156	163	319
IRIRI	Arara	16	16	37	43	80
KARARAÔ	Kayapó	09	12	17	22	39
KOATINEMO	Assurini	20	24	70	72	142
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	25	31	118	108	226
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	12	12	26	24	50
PAKISAMBA	Juruna	18	18	39	35	74
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	14	16	48	52	100
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	17	17	34	30	64
TERRAWĂNGĂ	Arara/Maia	16	16	50	40	90
TUKAMĂ (aldeia)	Xipaya	16	16	44	32	76
XINGU (aldeia)	Parakanã	25	32	85	92	177
TOTAL GERAL 16		371	460	1.183	1.144	2.327

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira - AGO/08.

CENSO POPULACIONAL SETEMBRO/2.008

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
APYTEREWA	Parakanã	33	47	116	112	228
ARARA	Arara	13	44	118	114	232
BAKAJÁ	Xikrin	28	47	135	142	277
CURUÁ	Kuruaya	34	37	89	63	152
IPIXUNA	Araweté	76	76	157	164	321
IRIRI	Arara	17	17	36	44	80
KARARAÔ	Kayapó	09	12	19	23	42
KOATINEMO	Assurini	20	24	70	72	142
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	25	31	118	109	227
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	12	12	26	24	50
PAKISAMBA	Juruna	18	18	39	35	74
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	14	16	47	54	101
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	17	17	34	30	64
TERRAWĂNGĂ	Arara/Maia	16	16	50	40	90
TUKAMĂ (aldeia)	Xipaya	15	17	44	35	79
XINGU (aldeia)	Parakanã	25	32	85	92	177
TOTAL GERAL 16		372	463	1.183	1.153	2.336

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira - SET/08.

CENSO POPULACIONAL OUTUBRO/2.008

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
AJURUTY	Araweté	25	25	56	58	114
APYTEREWA	Parakanã	33	47	117	112	229
ARARA	Arara	13	44	117	115	232
BAKAJÁ	Xikrin	28	47	136	142	278
CURUÁ	Kuruaya	35	38	89	64	153
IPIXUNA	Araweté	52	52	102	106	208
IRIRI	Arara	17	17	36	45	81
KARARAÔ	Kayapó	09	12	19	23	42
KOATINEMO	Assurini	20	24	71	72	143
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	25	31	119	110	229
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	12	12	26	25	51
PAKISAMBA	Juruna	18	18	39	35	74
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	14	16	47	54	101
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	17	17	34	30	64
TERRAWĀNGÃ	Arara/Maia	16	16	50	40	90
TUKAMÃ (aldeia)	Xipayá	15	16	43	35	78
XINGU (aldeia)	Parakanã	25	32	87	92	179
TOTAL GERAL	16	373	464	1.188	1.158	2.346

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira - OUT/08.

CENSO POPULACIONAL NOVEMBRO/2.008

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
AJURUTY	Araweté	25	25	56	58	114
APYTEREWA	Parakanã	33	47	118	112	230
ARARA	Arara	13	44	117	116	233
BAKAJÁ	Xikrin	26	45	132	136	268
CURUÁ	Kuruaya	35	38	89	66	155
IPIXUNA	Araweté	52	52	101	106	207
IRIRI	Arara	17	17	36	45	81
KARARAÔ	Kayapó	09	12	18	23	41
KOATINEMO	Assurini	20	24	71	73	144
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	30	33	123	116	239
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	12	12	27	24	51
PAKISAMBA	Juruna	18	18	41	35	76
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	14	16	47	54	101
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	17	17	34	30	64
TERRAWĀNGÃ	Arara/Maia	16	16	51	41	92
TUKAMÃ (aldeia)	Xipaya	14	16	42	35	77
XINGU (aldeia)	Parakanã	25	32	88	92	180
TOTAL GERAL 17		376	464	1.191	1.162	2.353

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira - NOV/08.

CENSO POPULACIONAL DEZEMBRO/2.008

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMILIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
DJURUĂTI (aldeia)	Araweté	25	25	56	58	114
APYTEREWA (posto indígena)	Parakanã	33	47	118	113	231
ARARA (posto indígena)	Arara	13	44	118	117	235
BAKAJÁ (posto indígena)	Xikrin	26	45	132	136	268
CURUÁ (posto indígena)	Kuruaya	35	38	89	66	155
IPIXUNA (posto indígena)	Araweté	52	52	101	106	207
IRIRI (posto indígena)	Arara	17	17	36	45	81
KARARAÔ (posto indígena)	Kayapó	09	12	18	23	41
KOATINEMO	Assurini	20	24	71	73	144
MROTIDJĂM (aldeia)	Xikrin	30	33	123	117	240
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	12	12	27	24	51
PAKISAMBA (aldeia)	Juruna	18	18	41	36	77
PĂTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	14	16	47	54	101
PYKAYAKĂ (aldeia Tukun)	Xikrin	17	17	34	30	64
TERRAWĂNGĂ (aldeia)	Arara/Maia	16	16	51	42	93
TUKAMĂ (aldeia)	Xipayá	14	16	42	35	77
XINGU (aldeia)	Parakanã	25	32	89	92	181
TOTAL GERAL 17		376	464	1.193	1.167	2.360

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira - DEZ/08.

CONSOLIDADO POPULAÇÃO MENSAL ANO 2.008.

POSTOS/ALDEIAS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	POPULAÇÃO TOTAL
AJURUTY	-	-	-	-	-	-	-	-	-	114	114	114	114
APYTEREWA	222	222	222	222	223	225	225	227	228	229	230	231	231
ARARA	228	229	229	229	230	230	228	229	232	232	233	235	235
BAKAJÁ	264	265	266	266	267	267	280	280	277	278	268	268	268
CURUÁ	151	151	152	153	153	153	153	154	152	153	155	155	155
IPIXUNA	326	326	330	329	329	329	329	319	321	208	207	207	207
IRIRI	79	79	79	80	80	80	80	80	80	81	81	81	81
KARARAÔ	40	40	40	41	41	39	39	39	42	42	41	41	41
KOATINEMO	137	137	137	136	136	137	139	142	142	143	144	144	144
MRÔTIDJÂM	218	218	218	221	222	223	225	226	227	229	239	240	240
PAKAÑA	36	36	36	40	39	39	40	50	50	51	51	51	51
PAKISAMBA	74	74	74	74	74	74	74	74	74	74	76	77	77
PÂT-KRÔ	104	104	105	106	107	112	100	100	101	101	101	101	101
PYKAYAKÀ	58	58	59	59	59	64	64	64	64	64	64	64	64
TERRAWÃNGÃ	87	89	89	89	89	90	90	90	90	90	92	93	93
TUKAMÃ	74	74	75	78	78	73	73	76	79	78	77	77	77
XINGU	176	176	176	175	176	176	176	177	177	179	180	181	181
SUB-TOTAIS	2.274	2.278	2.287	2.298	2.303	2.311	2.315	2.327	2.336	2.346	2.353	2.360	2.360

FONTE: DSEI-FUNASA – JAN/2008

CENSO POPULACIONAL JANEIRO 2009

PIV/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	POPULAÇÃO TOTAL
DJURUĀTI (aldeia)	Araweté	25	25	57	58	115
APYTEREWA (posto indígena)	Parakanã	33	46	118	112	230
ARARA (posto indígena)	Arara	13	44	119	119	238
BAKAJÁ (posto indígena)	Xikrin	26	45	133	136	269
CURUÁ (posto indígena)	Kuruaya	35	38	90	67	157
IPIXUNA (posto indígena)	Araweté	52	52	101	108	209
IRIRI (posto indígena)	Arara	17	17	36	45	81
KARARAÔ (posto indígena)	Kayapó	09	12	18	23	41
KOATINEMO	Assurini	20	24	71	73	144
MROTIDJĀM (aldeia)	Xikrin	30	33	125	119	244
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	12	12	27	24	51
PAKISAMBA (aldeia)	Juruna	18	18	41	37	78
PĀTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	14	16	47	54	101
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	17	17	34	32	66
TERRAWĀNGĀ (aldeia)	Arara/Maia	16	16	51	42	93
TUKAMĀ (aldeia)	Xipaya	14	16	42	35	77
XINGU (aldeia)	Parakanã	25	32	89	92	181
TOTAL GERAL 17	10	376	463	1.199	1.176	2.375

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira – Jan/09.

CENSO POPULACIONAL MARÇO 2009

PIN/ALDEIA	ETNIA	TOTAL RESIDÊNCIAS	TOTAL FAMÍLIAS	TOTAL MASCULINO	TOTAL FEMININO	TOTAL POPULAÇÃO
DJURUÁTI (aldeia)	Araweté	25	25	57	58	115
APYTEREWA (posto indígena)	Parakanã	33	46	119	113	232
ARARA (posto indígena)	Arara	13	44	118	119	237
BAKAJÁ (posto indígena)	Xikrin	26	45	135	140	275
CURUÁ (posto indígena)	Kuruaya	37	41	90	67	157
IPIXUNA (posto indígena)	Araweté	52	52	103	108	211
IRIRI (posto indígena)	Arara	17	17	36	45	81
KARARAÔ (posto indígena)	Kayapó	08	11	19	22	41
KOATINEMO	Assurini	20	24	72	73	145
MROTIDJÂM (aldeia)	Xikrin	30	33	128	121	249
PAKAÑA (aldeia)	Araweté	12	12	27	24	51
PAKISAMBA (aldeia)	Juruna	18	18	40	37	77
PÁTIKRÔ (aldeia)	Xikrin	14	16	48	55	103
PYKAYAKÁ (aldeia Tukun)	Xikrin	17	17	34	33	67
TERRAWĀNGĀ (aldeia)	Arara/Maia	16	16	51	44	95
TUKAMÃ (aldeia)	Xipaya	14	16	42	35	77
XINGU (aldeia)	Parakanã	25	32	90	93	183
TOTAL GERAL 17	10	377	465	1.209	1.187	2.396

Fonte: FUNASA-DSEI-Altamira – Mar/09.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO

R.Cel José Porfírio, 2533 UFPA S. Sebastião Fonefax: 515-1829 Altamira-PA era.atm@funai.gov.br

LOCALIZAÇÃO DAS ALDEIAS INDÍGENAS DE ALTAMIRA/2.009

PIN/ALDEIA	ETNIA POP.	COORDENADAS DA ALDEIA	MUNICÍPIO DA ALDEIA	ACESSO	SITUAÇÃO JURÍDICA	FONE SIVAM ORELHÃO	DISTÂNCIA LINHA RETA
APYTEREWA	231 Parakanã	05° 33' 12,8" S 52° 40' 14,8" W	São Félix do Xingu	Fluvial/Aéreo Rio Xingu/01:20 voo	T.I. APYTEREWA HOMOLOGADA	997345# (94)4400-7295	263,7 Km
ARARA	235 Arara	03° 49' 12,1" S 52° 51' 54,0" W	Brasil Novo	Fluvial Xingu e Iriri	T.I. ARARA REGULARIZADA	977356# (93)4400-7250/3214-0000	98,7 Km
BAKAJÁ	268 Xikrin	04° 54' 35,6" S 51° 25' 25,9" W	Senador José Porfírio	Fluvial/Aéreo Xingu e Bacajá	T.I. TRINCH/BAKAJA HOMOLOGADA	977346# (91) 4400-7807	207,0 Km
CURUÁ	155 Kuruaya	05° 39' 02,2" S 54° 31' 14,9" W	Altamira	Fluvial Xingu/Iriri/Curuá	T.I. CURUÁ HOMOLOGADA	977348#	371,8 Km
DJURU-ÁTI (aldeia)	114 Araweté	04° 33' 12,1" S 52° 40' 00,6" W	Altamira	Fluvial Xingu e Ig. Ipixuna	T.I. IG. IPIXUNA REGULARIZADA		156,0 km
IPIXUNA	207 Araweté	04° 34' 44,5" S 52° 38' 54,1" W	Altamira	Fluvial/Aéreo Xingu/Ipixuna/01:05	T.I. IPIXUNA REGULARIZADA	(93)3502-5301/5302/5303	158,5 Km
IRIRI	81 Arara	04° 32' 07,3" S 54° 15' 42,0" W	Altamira	Fluvial Xingu e Iriri	T.I. CACHOEIRA SECA DECLARADA	977351#	270,4 Km
KARARÃO	41 Kayapó	03° 54' 02,3" S 52° 48' 34,8" W	Altamira	Fluvial Xingu e Iriri	T.I. KARARÃO REGULARIZADA	977354#	100,8 Km
KOATINEMO	144 Assurini	04° 02' 34,3" S 52° 34' 34,7" W	Altamira	Fluvial Xingu	T.I. KOATINEMO HOMOLOGADA	977355# (93)4400-7371	100,2 Km
MRÔTIDJÂM (aldeia)	240 Xikrin	05° 05' 39,8" S 51° 24' 10,2" W	Anapu	Fluvial/Aéreo/ Rodoviário 01:20 h	T.I. TRINCH/BAKAJA HOMOLOGADA	(91)4400-7282	Rod: 560,0 Km 226,5 Km
PAKAÑA (aldeia)	51 Araweté	04° 36' 27,2" S 52° 34' 25,5" W	Altamira	Fluvial Xingu e Ig. Ipixuna	T.I. IPIXUNA REGULARIZADA		163 km
PAKISAMBA	77 Juruna	03° 30' 24,8" S 51° 42' 48,3" W	Vitória do Xingu	Fluvial Xingu	T.I. PAKISAMBA REGULARIZADA		64,2 Km
PÁT-KRÔ (aldeia)	101 Xikrin	03° 58' 36,6" S 51° 23' 21,5" W	Anapu	Fluvial/Rodoviário Xingu e Bacajá	T.I. TRINCH/BAKAJA HOMOLOGADA		124,4 Km
PYKAYAKÁ (Tukun)	64 Xikrin	03° 47' 11,0" S 51° 35' 27,3" W	Senador José Porfírio	Fluvial Xingu e Bacajá	T.I. TRINCH/BAKAJA HOMOLOGADA		93,7 Km
TERRAWÂNGÃ	93 Arara	03° 35' 41,6" S 51° 47' 41,8" W	Senador José Porfírio	Fluvial Xingu	T.I. ARARA V. GRANDE DECLARADA		62,6 Km
TUKAMÃ (aldeia)	77 Xipaya	05° 21' 27,0" S 54° 28' 03,0" W	Altamira	Fluvial Xingu, Iriri	T.I. XIPAYA DEMARCADA		344,7 Km
XINGU (aldeia)	181 Parakanã	05° 36' 21,8" S 52° 41' 20,8" W	São Félix do Xingu	Fluvial Xingu	T.I. APYTEREWA HOMOLOGADA	(94)4400-7211	269,7 Km